STEPHEN
KING
Buick 8

BUICK 8

From a Buick 8

Stephen King

A polícia da Pensilvânia esconde há anos um terrível segredo. Na escuridão do galpão B, atrás da delegacia, um misterioso carro permanece guardado — um Buick Roadmaster.

Julho de 1979. Os policiais Ennis Rafferty e Curtis Wilcox atendem a uma chamada de um posto de gasolina e voltam para a delegacia com um Buick abandonado. Curtis conhecia carros antigos e, desde o início, notara que havia algo de muito errado com aquele. Poucas horas depois, Ennis desapareceria sem deixar rastros e seus colegas perceberiam que o carro era um enigma muito mais perigoso do que imaginavam.

As investigações sobre o Buick, lideradas por Curtis, revelam detalhes cada vez mais estranhos: ele se recuperava sozinho de qualquer avaria, era invulnerável à sujeira e arranhões de toda espécie e seu motor não funcionava. Com o passar dos anos, o Buick torna-se uma espécie de relíquia do departamento de polícia, escondido no galpão B, esperando ser descoberto...

Outono de 2001. Poucos meses depois de Curtis morrer em um brutal acidente automobilístico. Ned, seu filho de 18 anos, começa a aparecer na delegacia, dispondo-se a aparar a grama, lavar janelas, remover a neve da entrada. O sargento Sandy Dearborn entende que esta é a forma que ele encontrou para se sentir próximo do pai e o admite na família. Certo dia, Ned olha pela janela do galpão B e descobre o Buick, entre as sombras. Como seu pai, ele quer respostas, e o segredo mais bem guardado da polícia da Pensilvânia começa a despertar não somente nos corações e mentes dos policiais veteranos, mas também dentro do galpão B.

Buick 8 é um romance sobre a fascinação que todos sentimos pelo sobrenatural, sobre como insistimos em buscar respostas onde não existem, e sobre o terror e a coragem em face do desconhecido.

Para Surendra e Geeta Patel

AGORA: SANDY

No ano depois de ter perdido o pai, o filho de Curt Wilcox ia muito ao quartel, muito mesmo, mas ninguém jamais o mandara embora nem lhe perguntara que diabo vinha fazer ali de novo. Entendíamos o que ele queria: tentar guardar a lembrança do pai. Nós, tiras, sabemos muito sobre psicologia da dor; a maioria, mais até do que gostaria.

Ned Wilcox cursava o último ano do ensino médio da escola de Statler. Deve ter deixado o time de futebol; quando chegou a hora de optar, escolheu o regimento D. É difícil imaginar que um garoto faça isso, que prefira trabalhar de graça e abra mão de todas aquelas partidas das noites de sexta-feira e das festas das noites de sábado, mas foi o que ele fez. Acho que nenhum de nós conversou com ele sobre esta opção, mas o respeitávamos por ela. Ele decidira que chegara a hora de parar de jogar, só isso. Os adultos nem sempre conseguem tomar esse tipo de decisão. Ned tomou a dele quando ainda não tinha idade para comprar bebida. Nem bebida nem cigarro. Acho que seu pai ficaria orgulhoso. Aliás, sei que ficaria.

Já que andava tanto por ali, suponho que era inevitável que visse o que havia no galpão B e perguntasse a alguém o que era e o que fazia ali dentro. Eu era a pessoa a quem ele tinha mais probabilidade de perguntar, porque fui o maior amigo do pai dele. O maior amigo que continuava no regimento, pelo menos. Quem sabe eu até quisesse que isso acontecesse.

Ou cura ou mata, os velhos costumavam dizer. Vamos dar a esse gato curioso uma boa dose de satisfação.

O que aconteceu com Curtis Wilcox foi simples. Um bêbado veterano do condado, que já era conhecido de Curt e tinha sido preso por ele umas seis ou oito vezes, deu cabo dele. O bêbado, Bradley Roach, não tinha intenção de machucar ninguém. E raro um bêbado fazer isso por querer. O que não nos impede de ter vontade de ir lhe chutando o rabo dormente até Rocksburg, claro.

No fim de uma tarde quente de junho do ano zero um, Curtis mandou parar uma daquelas jamantas enormes de 16 rodas que circulam pelas estradas do país. O motorista saíra da autoestrada porque queria comer uma comida caseira e não aquela do Burger King ou do Taco Bell da 1-87. Curt estava estacionado na parte de asfalto do posto Jenny abandonado no cruzamento da rodovia estadual 32 da Pensilvânia com a estrada Humboldt — ou seja, no mesmíssimo lugar onde, tantos anos atrás, o raio daquele velho Buick Roadmaster apareceu em nossa parte do universo conhecido. Pode-se chamar isso de coincidência, mas sou tira e não acredito em coincidências, só em cadeias de acontecimentos que vão se estendendo e ficando cada vez mais frágeis até serem rompidas pelo azar

ou pela maldade humana.

O pai de Ned foi atrás daquela carreta porque ela estava com um pneu avariado. Quando ela passou, ele viu um pedaço de borracha pendurado numa das rodas traseiras, girando feito um cata-vento preto. Muitos caminhoneiros independentes rodam com pneus recauchutados. Com o diesel tão caro, eles quase são obrigados a fazer isso, e, às vezes, a banda de rodagem solta. A gente sempre vê desses pedaços de borracha na interestadual, no meio da pista ou jogados no acostamento como peles de cobras pretas gigantescas. E um perigo estar atrás de um caminhão com um pneu assim, especialmente numa estrada de duas pistas como a RE 32, um trecho bonito, mas sem manutenção da rodovia interestadual que vai de Rocksburg a Statler. Se for grande, um pedaço desses pode quebrar o para-brisa do motorista que vier atrás. Mesmo se não quebrar, pode fazer o infeliz perder a direção e cair numa vala ou bater numa árvore, ou ir parar dentro do riacho Redfern, que acompanha a 32 curva por curva por quase dez quilômetros.

Curt ligou as luzes do teto, e o caminhoneiro parou no acostamento como um bom garoto. Curt parou bem atrás dele e, antes de mais nada, comunicou sua posição e a razão de sua parada, e aguardou o reconhecimento de Shirley. Em seguida, saltou e encaminhou-se para a carreta.

Se tivesse ido direto para onde o motorista estava debruçado, olhando para ele, talvez hoje ainda estivesse no planeta Terra. Mas parou para examinar a borracha que se desprendia do pneu traseiro externo e até deu-lhe um bom puxão para ver se conseguia arrancá-la. O caminhoneiro viu isso tudo e deu esse depoimento em juízo. A parada de Curt para fazer isso foi o penúltimo elo na cadeia que trouxe seu filho para o regimento D e acabou transformando-o em parte do que somos. O último elo mesmo, eu diria, foi Bradley Roach debruçando-se para pegar outra cerveja da caixa de seis no chão do lado do carona de seu velho Buick Regal (não o Buick, mas outro Buick — é engraçado como, quando olhamos os desastres e os casos amorosos já passados, as coisas parecem se alinhar como planetas num mapa astral). Menos de um minuto depois, Ned Wilcox e suas irmãs estavam sem pai e Michelle Wilcox estava sem marido.

Não muito tempo depois do enterro, o filho de Curt começou a aparecer no quartel do regimento D. Naquele outono, eu chegava para o turno de três às 11 (ou às vezes só para ver como andavam as coisas — quando somos o cachorro mais junto do trenó, é difícil ficar longe) e o garoto era a primeira pessoa que eu via. Enquanto seus amigos estavam no campo Floyd B. Clouse nos fundos da escola jogando o futebol deles, acertando os bonecos de treino e levantando os braços para se cumprimentarem com aquele toque de mãos espalmadas, Ned estava sozinho no gramado da frente do quartel, entrouxado naquela jaqueta verde e dourada da escola, juntando montanhas de folhas secas. Ele acenava para mim e eu devolvia o aceno: tudo bem, garoto. As vezes, depois de ter

estacionado o carro, eu ia até lá bater um papo com ele. Ele me contava as bobagens que as irmãs andavam fazendo, mas, mesmo quando ria das meninas, notava-se o afeto que tinha por elas. Outras vezes eu entrava pelos fundos e perguntava a Shirley como estavam as coisas. Sem Shirley Pasternak, a polícia do oeste da Pensilvânia não iria longe. Isso é líquido e certo.

No inverno, Ned era capaz de estar no estacionamento, onde os policiais estaduais guardavam seus carros particulares varrendo a neve com a máquina. Os irmãos Dadler, dois vigaristas locais, são responsáveis por nosso estacionamento, mas o regimento D fica na região rural amish, no limite das Short Hills, e, quando há uma grande tempestade, é a máquina sair e o vento tornar a trazer mais neve para o estacionamento. Aqueles montes de neve me lembram uma enorme caixa torácica branca. Mas Ned tinha estatura para enfrentá-las. Mesmo se estivesse fazendo 13 graus abaixo de zero, com um vendaval soprando das montanhas, ele estava ali com aquele traje de piloto de carrinho de neve, aquela jaqueta verde e dourada por cima, luvas forradas de couro nas mãos e uma máscara de esquiar no rosto. Eu acenava. Ele me dava um adeusinho, depois continuava a engolir os montes de neve com a máquina. Mais tarde, às vezes entrava para tomar um café, ou uma xícara de chocolate quente. O pessoal vinha falar com ele, perguntar sobre a escola, se ele estava mantendo as gêmeas na linha (as meninas tinham dez anos no inverno de zero um, acho eu). Perguntavam se a mãe dele precisava de alguma coisa. As vezes eu me incluía entre estes, se não houvesse ninguém berrando muito ou se a burocracia não estivesse muito pesada. Nunca se falava sobre o pai dele, e só se falava sobre o pai dele. Você entende.

Na verdade, o encarregado de varrer as folhas e garantir que a neve não tomasse conta do estacionamento era Arky Arkanian. Arky era o vigia. Mas também era um de nós e nunca criava caso para defender seu território. Ora, quando se tratava de varrer a neve, aposto que Arky se ajoelhava e agradecia a Deus pelo garoto. Arky devia ter uns 60 anos naquela época, e seus tempos de jogar futebol já iam longe. Como também aqueles em que podia passar uma hora e meia num frio de 12 abaixo de zero (20, contando com o fator vento) quase sem sentir.

Então o garoto começou com Shirley, tecnicamente Agente Policial de Comunicações Pasternak. Quando chegou a primavera, Ned já passava cada vez mais tempo com ela em seu cubículo do atendimento onde ficavam os telefones, o DTS (dispositivo telefônico para surdos), o quadro de localização do agente (também conhecido como mapa D) e a mesa do computador que é o centro quente daquele mundinho de alta pressão. Ela mostrou-lhe os telefones (o mais importante é o vermelho, que é nosso terminal do 911). Explicou que o equipamento de rastreamento tinha que ser testado uma vez por semana e a maneira de se fazer isso. Explicou também que era preciso confirmar diariamente a escala de turnos, para saber quem estava patrulhando as estradas de Statler, Lassburg e Pogus City, quem devia estar no tribunal ou quem não

estava de serviço.

— Meu pesadelo é perder um policial sem saber que ele está perdido — entreouvi-a dizer a Ned um dia.

— Isso já aconteceu alguma vez? — perguntou Ned. — Perder um cara?

— Uma vez — respondeu ela. — Antes da minha época. Olhe aqui, Ned, fiz uma cópia dos códigos de chamada para você. Não precisamos mais usá-los, mas toda a polícia estadual ainda usa. Se quiser tocar o atendimento, você tem que saber estes códigos.

Então, ela voltou aos quatro pontos básicos do trabalho, enumerando-os mais uma vez para ele: saber a localização, saber a natureza do incidente, as características dos ferimentos, se houver algum, e saber qual é a Unidade Disponível Mais Próxima. Localização, incidente, ferimentos, UDMP, este era o mantra dela.

Pensei: Ele vai tocar isso já, já. A intenção dela é deixar com ele. Não importa que perca o emprego, se o coronel Teague ou alguém de Scranton entrar e o vir fazendo isso, ela pretende deixar com ele.

E, caramba, lá estava ele uma semana depois, sentado à mesa da ACP Pasternak no cubículo do atendimento, a princípio só enquanto ela ia ao banheiro, mas, depois, por períodos cada vez maiores enquanto ela ia tomar um café do outro lado da sala ou até saía para fumar.

A primeira vez que percebeu que eu o havia visto ali sozinho, o garoto levou um susto e abriu um sorriso culpado, como um menino flagrado na sala de jogos pela mãe, ainda com a mão nos peitos da namorada. Fiz-lhe um cumprimento de cabeça e fui tratar de minhas coisas. Também não pensei mais no assunto. Shirley entregara o atendimento do regimento D de Statler a um garoto que ainda não precisava se barbear mais que três vezes por semana, havia quase 12 policiais na outra ponta do equipamento daquele cubículo, mas eu nem diminuí o passo. Ainda falávamos sobre o pai dele, sabe. Shirley e Arky, eu e os outros policiais com quem Curtis Wilcox serviu por mais de 20 anos. Nem sempre se fala com a boca. As vezes o que se diz com a boca não tem importância alguma. É preciso comunicar.

Porém, quando ele já não podia mais me ver, parei e fiquei ali ouvindo. Do outro lado da sala, em frente às janelas que davam para a estrada, Shirley Pasternak me olhava com um copo descartável de café na mão. Ao lado dela, estava Phil Candleton, que acabara de encerrar seu expediente e já estava outra vez vestido à paisana; ele também olhava em minha direção.

No cubículo do atendimento, o rádio estalou.

— Statler, aqui é 12 — disse uma voz.

O rádio distorce, mas eu ainda conhecia todos os meus homens. Aquele era Eddie Jacubois.

— Aqui é Statler, prossiga — respondeu Ned. Calmíssimo. Se estava com medo de fazer uma cagada, não deixou transparecer na voz.

— Statler, tem um Volkswagen Jetta, placa 14-0-7-3-9 Foxtrot, da Pensilvânia, parado na estrada municipal 99. Preciso de um 10-28, está me ouvindo?

Shirley começou a atravessar a sala depressa, derramando um pouco de café na sua mão. Segurei seu braço, detendo-a. Eddie Jacubois estava patrulhando uma estrada municipal, acabava de parar um Jetta por alguma infração — excesso de velocidade era a suposição lógica — e queria saber se havia algum problema com a placa ou com o proprietário da placa. Queria saber porque iria saltar do carro e aproximar-se do Jetta. Queria saber porque iria botar o rabo em perigo, assim como botava todos os dias. Será que o Jetta era roubado? Estivera envolvido em algum acidente nos últimos seis meses? Seu proprietário tivera que se apresentar em juízo por maus-tratos conjugais? Atirara em alguém? Era acusado de roubo ou estupro? Havia pelo menos multas por estacionamento proibido não pagas?

Eddie tinha o direito de saber essas informações, se elas estivessem no banco de dados. Mas também tinha o direito de saber por que era um garoto de colégio que acabara de atender *Aqui é Statler, prossiga.* Achei que dependia de Eddie. Se ele respondesse *Cadê Shirley*, eu largaria o braço dela. E se Eddie fosse em frente, eu queria saber o que o garoto faria. E como faria.

— Unidade 12, aguarde resposta.

Se Ned estava suando frio, ainda não transparecia em sua voz. Ele virou para o monitor do computador e acessou o Uniscope, o sistema de busca usado pela polícia estadual da Pensilvânia. Teclou depressa, mas com precisão, depois apertou ENTER.

Seguiu-se um momento de silêncio em que Shirley e eu ficamos lado a lado, sem falar e torcendo totalmente em uníssono. Torcendo para que o garoto não tivesse um bloqueio, torcendo para que, de repente, não afastasse a cadeira e saísse correndo para a porta, torcendo sobretudo para que tivesse enviado o código certo ao lugar certo. Pareceu um momento longo. Lembro que ouvi um pássaro piando lá fora e, muito ao longe, o barulho de um avião. Deu tempo para pensar sobre aquelas cadeias de acontecimentos que algumas pessoas teimam em chamar de coincidência. Uma daquelas cadeias quebrou-se, quando o pai de Ned morreu na rodovia 32, e outra começava a se formar agora. Eddie Jacubois — que nunca fora o mais brilhante da equipe, receio — agora se ligava a Ned Wilcox. Além dele, um elo depois na nova cadeia, havia um Volkswagen Jetta. E quem quer que o estivesse dirigindo.

Então:

— 12, aqui é Statler.

— 12.

— O Jetta está registrado em nome de William Kirk Frady de Pittsburgh. Antes ele... hã... espere...

Foi sua única pausa, e ouvi o ruído de papel manuseado rapidamente, enquanto ele procurava o cartão que Shirley lhe dera, aquele com os códigos. Encontrou-o, olhou-o, jogou-o de lado com um pequeno resmungo impaciente. Durante esse tempo todo, Eddie aguardou pacientemente em seu carro 19 quilômetros a oeste. Quem sabe estaria olhando as carroças dos amish, ou uma casa de fazenda com a cortina em uma das janelas dianteiras puxada na diagonal, indicando que, na família amish que lá morava, havia uma filha em idade casadoura, ou quem sabe olhava as colinas envoltas em névoa para os lados de Ohio. Só que ele não estava vendo realmente nenhuma dessas coisas. A única coisa que Eddie estava vendo naquele momento — vendo claramente — era o Jetta estacionado no acostamento à sua frente, o motorista apenas um vulto ao volante. E o que era aquele motorista? Rico? Pobre? Mendigo? Ladrão?

Finalmente Ned disse aquilo, que foi exatamente a opção certa.

— 12, Frady tem três infrações por dirigir embriagado, copiado? Um bêbado, era isso que o motorista do Jetta era. Talvez não estivesse bêbado naquela hora, mas, se vinha em excesso de velocidade, essa probabilidade era alta.

— Copiado, Statler. — Absolutamente lacônico. — Tem carta em dia? — Queria saber se a carteira de motorista de Frady era válida.

— Ah...

Ned olhava desesperadamente para as letras brancas na tela azul. Bem na sua frente garoto, não vê? Prendi o fôlego.

Então:

— Positivo, 12, ele a recebeu de volta há três meses.

Soltei o ar. Ao meu lado, Shirley fez o mesmo. Isso era boa notícia para Eddie, também. Frady estava dentro da lei, e, assim, tinha menos probabilidade de ser louco. Isto, de qualquer forma, era a regra geral.

— 12 se aproximando — disse Eddie. — Copiado?

— Copiado, 12 se aproximando — respondeu Ned.

Ouvi um dique e depois um grande suspiro trêmulo. Fiz um sinal de cabeça para Shirley, que se pôs de novo em movimento. Então enxuguei a testa, não exatamente surpreso ao constatar que estava molhada de suor.

— Como vai tudo? — perguntou Shirley.

Voz calma e normal, dizendo que, no que lhe dizia respeito, estava tudo calmo.

—Eddie Jacubois chamou — disse-lhe Ned. — Ele está num 10-27.

— Em bom português, trata-se de uma averiguação de motorista. Se é guarda estadual, você sabe que em 90 por cento dos casos significa multar o motorista por algum tipo de infração. Agora a voz de Ned não estava muito calma, mas e daí? Agora já podia tremer um pouco. — Está na 99 com um cara num Jetta. Já atendi.

— Me conte como — disse Shirley. — Explique seu procedimento. Passo a passo, Ned. O mais rápido que puder.

Segui em frente. Phíl Candleton interceptou-me na porta de minha sala. Indicou o cubículo do atendimento.

— Como o garoto se saiu?

— Bem — respondi, e passei por ele para entrar no meu cubículo. Não percebi que minhas pernas estavam bambas até sentar e sentir que tremiam.

As irmãs dele, Joan e Janet, eram idênticas. Elas tinham uma à outra, e, nelas, a mãe tinha um pouco de seu homem falecido: os olhos azuis de Curtis, ligeiramente puxados, seu cabelo louro, seus lábios carnudos (o apelido no anuário de Curt, embaixo de seu nome, era "Elvis"). Michelle também tinha seu homem no filho, em quem a semelhança era ainda mais impressionante. Acrescente alguns pés-de-galinha em volta dos olhos e Ned podia ser o próprio pai quando Curtis entrou na polícia.

Elas tinham isso. Ned tinha a nós.

Um dia, em abril, ele entrou no quartel com um sorriso radiante no rosto. Fazia-o parecer mais moço e mais meigo. Mas lembro-me de pensar que todos nós parecemos mais moços e mais meigos quando sorrimos espontaneamente — aquele sorriso que brota quando estamos genuinamente felizes e não apenas tentando fazer um jogo social idiota. Notei isso pela primeira vez naquele dia porque Ned não era muito de rir, ainda mais de orelha a orelha. Acho que eu não havia percebido isso até aquele dia porque ele era educado, sensível e rápido de raciocínio. Era um prazer estar com ele, em outras palavras. Só dava para perceber quão sério ele era nos poucos dias em que você o via radiante.

Ele chegou no meio da sala, e todas as conversas sem importância foram interrompidas. Tinha um papel na mão, com um selo dourado de aspecto complicado no alto.

— Pitt! — disse ele, levantando o papel com as duas mãos como um juiz de Olimpíada segurando o placar. — Entrei na Universidade de Pittsburgh e me deram uma bolsa! Quase integral!

Todo mundo aplaudiu. Shirley deu-lhe um beijo estalado na boca e o garoto ficou vermelho até o pescoço. Huddie Royer, que não estava de serviço naquele dia e só estava ali estudando um caso em que precisava depor, saiu e voltou com

um saco de bolos L'il Debbie. Arky usou sua chave para abrir a máquina de refrigerantes, e fizemos uma festa. De mais ou menos meia hora, no máximo, mas foi boa. Todo mundo apertou a mão de Ned, a carta de aceitação da Pitt rodou a sala (duas vezes, acho eu), e dois policiais vieram de casa só para falar com ele e dar os parabéns.

Então, claro, o mundo real entrou de novo em cena. O oeste da Pensilvânia é uma região calma, mas não morta. Houve um incêndio numa casa de fazenda em Pogus City (que tem tanto de cidade quanto eu tenho de arquiduque Ferdinando) e uma carroça amish capotada na rodovia 20. Os amish não se misturam, mas aceitam com prazer uma ajudinha externa num caso como esse. O cavalo estava bem, o que era o principal. As piores cagadas com carroças acontecem nas noites de sexta e sábado, quando os mais jovens de preto tendem a se embebedar atrás do celeiro. Às vezes, arranjam uma pessoa "mundana" para lhes comprar uma garrafa ou uma caixa de cerveja Iron City, e outras, bebem as coisas que eles mesmos fazem, uma cachaça de milho realmente assassina que você não desejaria ao seu pior inimigo. Faz parte do cenário; é nosso mundo, e em geral gostamos dele, incluindo os amish com suas fazendas grandes e bem cuidadas e os triângulos laranja na traseira de suas pequenas carroças bem-cuidadas.

E sempre há a papelada, as pilhas costumeiras de documentos em duas e três vias em meu escritório. Cada ano fica pior. Hoje não entendo como fui querer ser chefe. Fiz a prova que me qualificava para ser sargento-chefe por sugestão de Tony Schoondist, portanto devia ter uma razão na época, mas, hoje, essa razão me escapa.

Lá pelas seis, saí para fumar nos fundos. Temos um banco ali de frente para o estacionamento, de onde se tem uma linda vista do poente. Ned Wilcox estava sentado no banco com sua carta de aceitação da Pitt na mão e lágrimas escorrendo pelo rosto. Olhou para mim, depois desviou a vista, esfregando os olhos com a palma da mão.

Sentei ao lado dele, pensei em passar o braço em volta de seu ombro e desisti. Se a gente precisa pensar numa coisa como essa, quando a faz, fica forçado. Eu acho, pelo menos. Nunca fui casado, e o que sei sobre paternidade dá para escrever numa cabeça de alfinete e ainda sobra espaço para o pai-nosso. Acendi um cigarro e fiquei fumando um pouco.

— Tudo bem, Ned — acabei dizendo.

Foi a única coisa que me ocorreu, e eu não tinha ideia do que significava.

— Eu sei — ele logo respondeu com a voz embargada, tentando não chorar, e aí, quase como se fosse parte da mesma frase, uma continuação do mesmo pensamento: — Tá não.

Ouvi-lo dizer aquilo, aquele tá não, me fez perceber o quanto ele estava sofrendo. Algo o acertara no estômago. Aquele era o tipo da expressão que, há muito tempo, ele teria se esforçado para não dizer, para não ser colocado no

mesmo saco que o resto dos caipiras do condado Statler, os paspalhões de caminhões e carrinhos de neve de cidades como Patchin e Pogus City. Até mesmo suas irmãs, oito anos mais moças que ele, já deviam a essa altura ter abandonado o tá não, e mais ou menos pelas mesmas razões. Não diga tá não, senão sua mãe vai chorar e seu pai vai enfartar. Sim, que pai?

Fumei e não disse nada. Do outro lado do estacionamento, junto a um dos montes de sal para as estradas, havia um grupo de construções de madeira que precisava ou de uma reforma ou de ser posto abaixo. Eram os antigos galpões da frota de veículos. Havia dez anos, o condado Statler mudara suas máquinas de desobstruir ruas, suas plainas, seus tratores e seus rolos compressores para uns 1.600 metros mais abaixo, na mesma estrada, para um prédio de tijolos aparentes que parecia uma unidade de isolamento de uma prisão. Tudo o que restava ali era um grande monte de sal (que nós estávamos usando aos poucos — um dia, aquele monte fora uma montanha) e uns galpões de madeira em mau estado. Um deles era o galpão B. As letras pintadas em preto na porta —uma daquelas portas largas de garagem que sobem em trilhos — estavam desbotadas, mas ainda legíveis. Será que eu pensava no Buick Roadmaster lá dentro quando estava ali ao lado do garoto em prantos, querendo passar o braço em volta dele, mas sem saber como? Não sei. Suponho que devia estar, mas acho que não temos conhecimento de tudo que pensamos. Freud podia estar errado sobre um monte de coisas, mas não sobre essa. Não sei se há um inconsciente, mas existe uma pulsação em nossa cabeça, sim, igual à que há em nosso peito, e ela leva pensamentos não formados e não verbais que em geral sequer podem ser decifrados, e que costumam ser os importantes.

Ned sacudiu a carta.

— É a ele que eu quero mesmo mostrar essa carta. Ele é que queria ir para a Pitt quando garoto, mas não tinha dinheiro para isso. Eu me inscrevi por causa dele, pombas. — Uma pausa. Depois quase muito baixo para se ouvir: — É uma merda, Sandy.

— O que sua mãe falou quando você lhe mostrou?

A resposta foi uma risada, chorosa, mas genuína.

— Ela não falou. Ficou gritando como se tivesse acabado de ganhar uma viagem para as Bermudas num programa de auditório. Depois, chorou. — Ned virou-se para mim. Parara de chorar, mas tinha os olhos vermelhos e inchados. Parecia ter muito menos que 18 anos então. O sorriso doce reapareceu rapidamente. — No fundo, a reação dela foi o máximo. Até a das gêmeas foi. Como a de vocês. Shirley me beijando… puxa, fiquei arrepiado.

Ri, pensando que Shirley devia ter ficado arrepiada também. Ela gostava dele, ele tinha boa-pinta, e a ideia de fazer o papel de Sra. Robinson devia ter passado pela cabeça dela. Pode ser que não, mas não era impossível. Seu marido já estava fora do baralho há quase 20 anos então.

O sorriso de Ned se apagou. Ele tornou a sacudir a carta de aceitação.

— Quando tirei o envelope da caixa de correio, eu já sabia que era sim. Não sei como, eu sabia. E comecei a ter saudade dele de novo. Uma saudade danada.

— Eu sei — disse eu, mas obviamente não sabia. Meu pai ainda era vivo, um homem de 75 anos vendendo saúde e cordialmente casca-grossa. Aos 70, minha mãe era tudo isso e o céu também.

Ned suspirou, olhando as montanhas.

— A morte dele foi tão idiota — disse. — Se eu tiver filhos, nunca vou poder contar para eles que vovô foi morto num tiroteio quando impedia a ação dos assaltantes de banco ou da milícia que tentava botar uma bomba no tribunal do condado. Nada disso.

— Não — concordei —, nada disso.

— Nem posso dizer que morreu por ter sido descuidado. Ele só estava… ai veio um bêbado e…

Ned se inclinou, bufando como um velho com cólica, e, desta vez, pelo menos botei a mão nas costas dele. O que me perturbou foi que se esforçava muito para não chorar. Para ser homem, seja lá o que for isso para um garoto de 18 anos.

— Ned. Tudo bem.

Ele abanou a cabeça violentamente.

— Se Deus existisse, haveria uma razão — disse. Olhava para o chão. Minha mão continuava em suas costas, e eu sentia que elas subiam e desciam, como se ele tivesse acabado de participar de uma corrida. — Se Deus existisse, haveria alguma espécie de fio condutor. Mas não há. Pelo menos que eu possa ver.

— Se você tiver filhos, Ned, conte-lhes que o avô deles morreu cumprindo seu dever. Depois traga-os aqui e mostre o nome dele na placa, ao lado de todos os outros.

Ele não parecia me escutar.

— Tenho um sonho. É um sonho ruim. — Ele fez uma pausa, pensando em como falar, depois foi em frente. — Sonho que aquilo tudo foi um sonho. Entende o que estou dizendo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Acordo chorando, olho em volta do meu quarto, e faz sol. Passarinhos cantam. É de manhã. Sinto cheiro de café lá embaixo e penso: ele está bem. Graças a Deus, o velho está bem. Não o escuto falar nem nada, mas simplesmente sei. E penso que não entra na cabeça de ninguém ele estar andando ao lado da jamanta de um cara para lhe fazer uma advertência sobre a capa de um pneu e ser esmagado por um bêbado, porque esse é o tipo da ideia que só pode ocorrer num sonho idiota onde tudo parece muito real… e começo a

balançar as pernas para fora da cama… as vezes vejo o sol bater nos meus tornozelos.., até esquenta… e aí acordo mesmo, e está escuro, e estou todo enrolado nas cobertas, mas continuo com frio, tremendo e com frio, e sei que o sonho foi sonho.

— É horrível — disse eu, lembrando que, em garoto, eu tivera minha versão do mesmo sonho. Era com meu cachorro. Pensei em lhe contar isso, mas desisti. Dor é dor, mas um cachorro não é um pai. — Não seria tão ruim se eu tivesse esse sonho todas as noites. Então acho que eu saberia, mesmo dormindo, que não tem cheiro de café, que nem é de manhã. Mas o sonho não vem.., não vem.., e aí quando afinal vem, me engano de novo. Fico muito feliz e aliviado, até penso em alguma coisa boa que eu faria para ele, como lhe comprar de presente de aniversário aquele taco de golfe que ele queria.., e aí acordo. Sou enganado de novo. — Talvez tenha sido a lembrança do aniversário do pai, que não foi comemorado este ano e nunca mais seria, que o tenha feito chorar de novo. — Odeio ser enganado. Ë como quando o Sr. Jones foi me tirar da aula de história geral para me contar, mas até pior. Porque estou sozinho quando acordo no escuro. O Sr. Grenville, que é o orientador da escola, diz que o tempo cura tudo, mas já se passou quase um ano e continuo tendo esse sonho.

Fiz que sim com a cabeça. Eu estava me lembrando de Cinco-quilos, que levou um tiro de um caçador. Era novembro, e quando o encontrei, ele estava ficando duro numa poça do próprio sangue. Um céu branco prometia uma nevada de inverno. Em meu sonho, era sempre outro cachorro quando eu chegava bem perto para ver, não era Cinco-quilos, e eu tinha a mesma sensação de alívio. Até acordar, pelo menos. E pensar em Cinco-quilos me fez pensar, por um momento, no mascote de nosso quartel naquela época. Mister Dillon, era o nome dele, por causa do xerife do seriado da tevê interpretado por James Arness. Um bom cachorro.

— Conheço essa sensação, Ned.

— Conhece?

Ele me olhou esperançoso.

— Conheço. E melhora. Acredite em mim, melhora. Mas ele era seu pai, não um colega de escola ou um vizinho da rua. Talvez você continue tendo esse sonho ano que vem nesta época. Talvez continue tendo esse sonho de vez em quando durante dez anos.

— Isso é uma coisa horrível.

— Não — disse eu. — E a memória.

— Se houvesse uma razão. — Ele estava sério me olhando. — Um raio de uma raz4o. Entende isso?

— Claro que sim.

— Acha que existe alguma?

Pensei em lhe dizer que não sabia de razões, só de cadeias — como elas se formam, elo por elo, do nada; como se entretecem no mundo. Ás vezes você pode agarrar uma cadeia e usá-la para sair de um lugar escuro. Em geral, porém, acho que você se embaraça nelas. Se tiver sorte, só fica enganchado. Se não, elas o estrangulam, porra.

De novo, eu me vi contemplando o galpão B do outro lado do estacionamento. Vendo-o, pensei que se pude me acostumar com o que estava guardado em seu interior escuro, Ned Wilcox podia se acostumar a viver uma vida sem pai. As pessoas se acostumam a quase tudo. Isso é o que nossas vidas têm de melhor, acho eu. Claro, e de horror, também.

— Sandy? O que acha?

— Acho que você está perguntando à pessoa errada. Entendo de trabalho, e esperança, e de poupar para os DDA.

Ele riu. No regimento D, todo mundo falava com muita seriedade sobre os DDA, como se a sigla fosse uma subdivisão complicada da polícia. Na verdade queria dizer "dias dourados da aposentadoria". Acho que deve ter sido Huddie Royer quem falou pela primeira vez dos DDA.

— Entendo também de preservar a cadeia de provas para que nenhum advogado de defesa esperto possa lhe dar uma rasteira no tribunal e deixar você com cara de idiota. Fora isso, sou apenas mais um americano perplexo.

— Pelo menos você é honesto — disse ele.

Era mesmo? Ou estava fugindo do raio do problema? Eu não me sentia particularmente honesto naquela hora. Me sentia como uma pessoa que não sabe nadar olhando para um garoto se debatendo dentro d'água. E mais uma vez, meu olhar voltou-se para o galpão B. *Está frio aqui dentro?*, perguntou o pai deste menino, um dia. *Está frio aqui dentro, ou sou só eu que estou sentindo?*

Não, não era só ele.

— Em que está pensando, Sandy?

— Nada que valha a pena repetir — respondi. — O que vai fazer este verão?

— Hã?

— O que vai fazer este verão?

Não seria jogar golfe no Maine nem passear de barco no lago Tahoe, isso era certo. Bolsa ou não bolsa, Ned iria precisar de toda a grana que conseguisse arranjar.

— Parques e jardins de novo, suponho — disse ele com uma falta de entusiasmo nítida. — Trabalhei nisso no verão passado até… você sabe.

Até o pai dele. Fiz que sim com a cabeça.

— Recebi uma carta de Tom McClannahan semana passada, dizendo que estava guardando um lugar para mim. Falou alguma coisa sobre ser treinador da Liga Juvenil, mas isso é só a cenoura na ponta da vara. De modo geral, a coisa será usar uma pá e fincar borrifadores, como ano passado. Sei usar uma pá, e não tenho medo de sujar as mãos. Mas Tom… —Ele encolheu os ombros em vez de terminar.

Sei que Ned era muito discreto para falar. Há dois tipos de alcoólatras capazes de trabalhar: aqueles que são ruins demais para cair e aqueles que são tão bonzinhos que as pessoas chegam a cometer loucuras para encobrir suas falhas. Tom era um daqueles ruins, o último rebento de uma árvore genealógica cheia de politiquetes rechonchudos que remontava ao século XIX. Os McClannahans deram um senador, dois deputados federais e meia dúzia de deputados estaduais pela Pensílvânia, e vários empreiteiros corruptos no condado de Statler. Tom era, segundo todos diziam, um chefe mesquinho sem ambição de subir no mastro totêmico político. O que ele gostava era de dizer a garotos como Ned, aqueles que haviam sido educados para serem calados e respeitosos, onde se agachar e fazer força. E obviamente para Tom, eles nunca se agachavam o bastante nem faziam força suficiente.

— Não responda a esta carta ainda — disse eu. — Quero dar um telefonema antes de você responder.

Pensei que fosse ficar curioso, mas ele apenas balançou a cabeça concordando. Vendo-o ali sentado com a carta no colo, achei que ele parecia um menino a quem tivessem recusado uma vaga na faculdade de sua escolha e não um a quem estivessem oferecendo uma generosa bolsa de estudos.

Então, pensei melhor. Talvez a quem tivessem recusado não só uma vaga na faculdade, mas também na própria vida. Isso não era verdade — a carta que ele recebeu da Pitt era só uma das coisas que provavam que não era —, mas não tenho dúvida de que ele se sentia assim naquela hora. Não sei por que, mas a verdade é que o sucesso muitas vezes nos deixa mais desanimados que o fracasso. E é bom lembrar que ele só tinha 18 anos, uma idade de Hamlet, se é que já houve uma.

Olhei para o galpão B do outro lado do estacionamento, pensando no que havia lá dentro. Não que algum de nós realmente soubesse.

Meu telefonema na manhã seguinte foi para o coronel Teague em Butler, que é nosso quartel-general regional. Expliquei a situação, e esperei enquanto ele dava um telefonema, presumivelmente para Scranton, onde ficam os graúdos. Teague não demorou muito a me retornar, e a notícia era boa. Então falei com Shirley, embora isso fosse pouco mais que uma formalidade. Ela gostava bastante do pai, mas adorava o filho.

Quando Ned chegou naquela tarde depois da escola, perguntei-lhe se ele preferiria passar o verão aprendendo a tocar o atendimento — e sendo

remunerado por isso — ou escutando Tom McClannahan resmungar na Secretaria de Parques e Jardins. Por um momento, ele pareceu tonto… quase abatido. Então abriu um sorriso esfuziante de orelha a orelha. Achei que fosse me dar um abraço. Se, na noite anterior, eu o tivesse abraçado de fato, em vez de só ter tido a ideia de fazê-lo, provavelmente ele daria. Mas ele se contentou em cerrar os punhos um de cada lado do rosto e dizer:

— Sssim!

— Shirley concordou em tomá-lo como estagiário, e você tem o assentimento oficial de Butler. Isso não é usar uma pá para McClannahan, claro, mas…

Desta vez, ele me abraçou mesmo, rindo, e gostei. Eu podia me acostumar com manifestações desse tipo.

Quando ele se virou, Shirley estava com dois policiais de cada lado: Huddie Royer e George Stankowski. Todos eles parecendo sérios como um ataque do coração com aqueles uniformes cinzentos. Huddie e George estavam de chapéu, o que os fazia parecer ter uns dois metros de altura.

— Você não se importa? — perguntou Ned a Shirley. — Mesmo?

— Vou ensinar a você tudo o que sei — disse Shirley.

— E? — perguntou Huddie. — O que ele vai fazer depois da primeira semana?

Shirley lhe deu uma cotovelada, que acertou justo acima da coronha da Beretta, no alvo. Huddie deu um ai! exagerado e cambaleou.

— Tenho uma coisa para você, garoto! — disse George. Ele falava baixo e deu a Ned seu melhor olhar de você-ia-a-cem-numa-zona-de-hospital. Tinha uma das mãos atrás das costas.

— O quê? — perguntou Ned, parecendo um pouco nervoso apesar daquela felicidade visível.

Atrás de George, Shirley e Huddie, formara-se um grupinho de outros policiais do regimento D.

— Não perca isso nunca — disse Huddie, falando baixo também, com a mesma seriedade.

— O que, gente, o quê?

Mais nervoso do que nunca.

De trás das costas, George tirou uma caixinha branca. Deu-a ao rapaz. Ned olhou-a, olhou os policiais reunidos em volta dele, depois abriu a caixa. Dentro, havia uma grande estrela de plástico com a legenda DEPUTY DAWG.[1]

— Seja bem-vindo ao regimento D, Ned — disse George.

Ele tentou manter a expressão séria e não conseguiu. Começou a rir, e logo estavam todos às gargalhadas, rodeando Ned para apertar-lhe a mão.

— Muito engraçado, gente — disse ele —, de morrer de rir.

Ele sorria, mas achei que estava quase chorando de novo. Não era nada que se pudesse ver, mas dava para notar. Acho que Shirley Pasternak também percebeu. E quando o garoto pediu licença para ir ao banheiro, imaginei que estivesse indo lá para se recompor, ou para certificar-se de que não estava sonhando de novo, ou ambas as coisas. As vezes, quando algo dá errado, recebe-se mais ajuda do que se esperaria. E às vezes, isso ainda não basta.

Foi maravilhoso ter Ned naquele verão. Todos gostavam dele, e ele sentia-se bem ali. Gostava especialmente das horas passadas com Shirley no atendimento, algumas delas repassando códigos, mas, em geral, aprendendo a dar as respostas corretas e a atender várias chamadas de uma vez. Num instante, dominou o serviço, dando a informação solicitada às unidades da estrada, digitando no teclado do computador como se fosse um piano de botequim, entrando em contato com outros regimentos quando necessário, como foi uma tarde no final de junho, depois que uma série de tempestades violentas castigou o oeste da Pensilvânia. Não houve tornados, graças a Deus, mas houve fortes ventanias, granizo e raios.

A única hora em que ele quase entrou em pânico foi um ou dois dias depois, quando um sujeito levado à presença do juiz do tribunal de Statler de repente endoidou e começou a correr pelo tribunal, tirando a roupa e gritando sobre o Pênis de Jesus. Era assim que o chamava. Tenho isso num relatório em algum lugar. Quatro agentes foram chamados, dois que já se encontravam no local e dois que vinham vindo a toda para chegar. Enquanto Ned tentava imaginar uma maneira de lidar com isso, ligou um agente de Butler, dizendo estar na 99, numa perseguição desenfreada e… clique!, a transmissão foi cortada. Ned presumiu que o cara tinha capotado com o carro, e estava com a razão (o agente de Butler, um novato, escapou ileso, mas o carro foi perda total e o suspeito que ele perseguia fugiu). Ned gritou chamando Shirley, afastando-se do computador, dos telefones e do microfone como se de repente eles estivessem queimando. Ela veio logo, mas fez questão de lhe dar um abraço rápido e um beijo antes de sentar-se na cadeira que ele deixara vaga. Ninguém morreu nem se feriu gravemente, e o Sr. Pênis de Jesus ficou em observação no Statler Memorial. Foi a única vez que vi Ned nervoso, mas ele logo se controlou. E isso lhe serviu de lição.

No cômputo geral, fiquei impressionado.

Shirley adorava ensinar-lhe, também. Isso não era nenhuma surpresa; ela já se mostrara disposta a arriscar o emprego fazendo isso sem permissão oficial. Sabia — todos nós sabíamos — que Ned não tinha intenção alguma de fazer carreira na polícia. Ele nunca nos dera nenhuma pista disso, mas não fazia

diferença para Shirley. E ele gostava de estar por ali. Sabíamos disso também. Gostava da pressão e da tensão, crescia com elas. Houve aquela falha, sim, mas, na verdade, gostei de presenciá-la. Foi bom saber que aquilo não era apenas um jogo de computador para ele. Ele via que estava movendo gente de verdade em seu tabuleiro de xadrez eletrônico. E se a Pitt não desse certo, quem sabe? Ele já era melhor que Matt Babicki, o antecessor de Shirley.

No início de junho — talvez exatamente um ano após a morte do pai dele, ao que eu saiba — o garoto veio me perguntar sobre o galpão B. Ouvi baterem à minha porta, que costumo deixar aberta, e quando olhei, ele estava ali com uma camiseta sem manga dos Steelers e uma calça jeans velha, uma flanela pendurada em cada bolso traseiro. Na mesma hora, vi o que era. Talvez por causa das flanelas, ou talvez pelo olhar dele.

— Pensei que fosse seu dia de folga, Ned.

— E é — disse ele, e deu de ombros. — Eu estava querendo fazer umas tarefas. E… bom… quando você for lá fora fumar, eu queria lhe perguntar uma coisa.

Parecia bastante alvoroçado.

— Ë para já — disse eu, me levantando.

— Tem certeza? Porque se estiver ocupado…

— Não estou — respondi, embora estivesse. — Vamos.

Era um início de tarde de um típico dia de verão da região amish das Short Hills: encoberto e abafado, o calor acentuado por uma umidade pegajosa que turvava o horizonte e fazia nossa parte do mundo, que eu costumo achar grande e generosa, parecer pequena e desbotada, como uma foto antiga que perdeu quase toda a cor. A oeste, ouvia-se a trovoada roncando. Na hora do jantar, talvez houvesse mais temporais —desde o início de junho, tínhamos temporais três vezes por semana, mas agora só havia o calor e a umidade, fazendo a pessoa suar desde que saía do ambiente refrigerado.

Havia dois baldes de plástico em frente à porta do galpão B, um com água e sabão e um com água pura. De um deles, saía o cabo de um rodo. O filho de Curt trabalhava bem. Phil Candleton estava sentado no banco dos fumantes e me olhou com uma cara de quem sabe das coisas quando íamos para o estacionamento e passamos por ele.

— Eu estava limpando as janelas do quartel — explicava Ned — e, quando terminei, trouxe os baldes ali para despejar a água. — Apontou para o depósito de lixo entre o galpão B e o galpão C, onde havia algumas lâminas de plaina enferrujadas, alguns pneus de trator velhos e muito mato. — Então pensei: sabe de uma coisa, vou dar uma guaribada naquelas janelas do galpão antes de

despejar a água. As do galpão C estavam imundas, mas as do B estavam bem limpinhas.

Isso não me surpreendeu. As janelinhas da fachada do galpão B foram cuidadas por duas (talvez três) gerações de policiais estaduais, de Jackie O'Hara a Eddie Jacubois. Eu me lembrava de caras diante daquelas portas de enrolar como garotos diante de um espetáculo de feira de terror. Shirley já aguardara sua vez, como seu antecessor, Matt Babicki. Venham cá, meus queridos, ver o crocodilo vivo. Observem como seus dentes brilham.

O pai de Ned uma vez entrara ali com uma corda na cintura. Eu já havia entrado. Huddie, claro, e Tony Schoondist, o sargento-chefe velho. Tony, cujo sobrenome ninguém sabia escrever por causa de sua pronúncia estranha (Sheindinks), já estava há quatro anos em uma instituição de vida assistida", quando Ned veio oficialmente trabalhar no quartel. Muitos de nós já havíamos entrado no galpão B. Não porque quiséssemos, mas sim porque de vez em quando tínhamos que entrar. Curtis Wilcox e Tony Schoondist ficaram especialistas (formados em Roadmaster em vez de em Rhodes), e foi Curt quem pendurou o termômetro redondo com os números grandes que a pessoa podia ler de fora. Para vê-lo, bastava encostar a testa numa das vidraças que havia na porta de enrolar a mais ou menos 1 ,65m do chão, colocar cada uma das mãos do lado do rosto para tirar o reflexo. Esta era a única faxina que aquelas janelas deviam ter recebido antes que o filho de Curt aparecesse; o polimento dado pelas testas dos que vinham ver o crocodilo vivo. Ou, para ser literal, o vulto enrolado de algo quase parecido com um Buick de oito cilindros. Estava enrolado porque jogamos uma lona por cima, como um lençol por cima de um cadáver. Mas de vez em quando a lona escorregava. Não havia razão para isso acontecer, mas, às vezes, acontecia. Aquilo ali dentro não era nenhum cadáver.

— Olhe ali! — disse Ned quando chegamos. Ele juntava as palavras, como um garotinho entusiasmado. — Que carrão, hein? Melhor até do que o Bel Air do meu pai! É um Buick, reconheço pelas vigias e pela grade. Deve ser de meados dos anos 50, não acha?

De fato, era um 54, segundo Tony Schoondist, Curtis Wilcox e Ennis Rafferty. Mais ou menos 54. Na verdade, não era 1954 coisa alguma. Nem Buick. Nem carro. Era outra coisa, como dizíamos em minha mal aproveitada juventude.

Enquanto isso, Ned continuava falando pelos cotovelos.

— Mas está em ótimo estado, dá para ver daqui. Foi tão estranho, Sandy! Olhei, e primeiro só vi um vulto. Porque estava coberto com a lona. Comecei a lavar as vidraças… — Só que ele falou com o sotaque daquela parte do mundo. —…e, aí, um barulho, ou melhor, dois: um chiado e depois um baque. A lona escorregou do carro enquanto eu lavava as janelas! Como se quisesse que eu visse! Agora, é ou não é estranho?

— É bem estranho, sim.

Encostei a testa no vidro (como já fizera muitas vezes antes), e botei uma das mãos de cada lado do rosto, eliminando o pouco reflexo que havia nesse dia nublado. Sim, parecia um velho Buick, mas quase novo, como o garoto dissera. A grade típica do Buick anos 50, que me parecia a boca de um crocodilo cromado. Pneus com bandas brancas. Saia nos para-lamas traseiros — Uau, garota; costumávamos dizer, muita areia para esse caminhão. Na penumbra do galpão B, dir-se-ia que era preto. Na verdade, era azul-noite.

A Buick realmente fabricou um Roadmaster 1954 em azul-noite — Schoondist verificou —, mas nunca um daquele modelo exato. A pintura tinha uma espécie de textura encaroçada, como de carro de garoto repintado.

Aqui dentro é região de terremoto, disse Curtis Wilcox.

Dei um pulo para trás de susto. Morto há um ano ou não, ele falou direto no meu ouvido esquerdo. Ou algo falou.

— O que foi? — perguntou Ned. — Parece que você viu um fantasma.

Ouvi um, eu ia dizer. Mas o que disse foi:

— Nada.

— Tem certeza? Você deu um pulo.

— Foi um calafrio, eu acho. Mas estou bem.

— Então, qual é a história do carro? De quem é?

Que pergunta era aquela!

— Não sei — disse eu.

— Bem, o que ele está fazendo aí dentro no escuro? Cara, se tivesse um carrão assim tão equipado, e ainda por cima antigo, eu nunca o deixaria dentro de um galpão velho. — Então ocorreu-lhe uma ideia. — Será o carro de algum criminoso? É a prova de algum caso?

— Pode-se dizer que foi confiscado. Roubo de serviços.

Foi o que nós dissemos que tinha sido. Não era muita coisa, mas como o próprio Curtis dissera uma vez, basta um prego para se pendurar o chapéu.

— Que serviços?

— Sete dólares de gasolina.

Não tive coragem de lhe dizer quem havia abastecido.

— Sete dólares? Só isso?

— Bem — disse eu —, basta um prego para se pendurar o chapéu.

Ele me olhou intrigado. Olhei para ele, sem dizer nada.

— Podemos entrar? — perguntou afinal. — Para ver mais de perto?

Encostei a testa no vidro e li o termômetro pendurado na viga, redondo e desenxabido feito à lua. Tony Schoondist comprara-o no TruValue em Statler, com dinheiro do próprio bolso e não com o do caixa do regimento D. E o pai de Ned pendurara-o na viga. Como um chapéu num prego.

Embora onde estávamos ali fora devesse estar fazendo no mínimo 30 graus, e todo mundo sabe que sempre faz mais calor em galpões mal ventilados, o ponteiro vermelho do termômetro estava entre o um e o três do 13.

— Agora não — respondi.

— Por quê? — E aí, como se percebesse que isso soou grosseiro, talvez até malcriado: — Qual é o problema?

— Agora não é seguro.

Ele me estudou uns bons segundos durante os quais o interesse e a curiosidade sumiram de seu rosto, e ele mais uma vez voltou a ser o garoto que eu vira tantas vezes desde que ele começara a vir ao quartel, o que eu vira com mais clareza no dia em que ele foi aceito na Pitt. O garoto sentado no banco dos fumantes com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto, louco para saber o que qualquer garoto no mundo quer saber quando um ente querido, de repente, lhe é arrebatado: por que isso acontece, por que aconteceu comigo, há alguma razão, ou é só uma espécie de roleta desregulada? Se isso tem algum sentido, o que faço a respeito? E se não tem, como aguento?

— Tem alguma coisa a ver com meu pai? — perguntou ele. — Esse era o carro do meu pai?

A intuição dele assustava. Não, não tinha sido o carro do pai dele... Como poderia ser, quando aquilo nem sequer era um carro. Sim, havia sido o carro do pai dele. E meu... de Huddie Royer... de Tony Schoondist... de Ennis Rafferty. Sobretudo de Ennis, talvez. De Ennis, de uma forma que o resto de nós nunca poderia estar à altura. Nunca quis estar à altura. Ned perguntou de quem era o carro, e acho que a resposta verdadeira era do regimento D, Polícia Estadual da Pensilvânia. Pertencia a todos os agentes, passados e presentes, que estavam a par do que guardávamos no galpão B. Mas durante a maior parte do tempo em que esteve sob nossa custódia, o Buick fora propriedade especial de Tony e do pai de Ned. Eles eram seus curadores, os especialistas do Roadmaster.

— Não exatamente do seu pai — disse eu, consciente de ter hesitado demais. — Mas ele sabia a respeito.

— O que há para saber? E minha mãe também sabia?

— Atualmente ninguém sabe a não ser nós — eu disse.

— O regimento D, você quer dizer.

— E. E é assim que vai continuar sendo. — Havia um cigarro em minha mão que eu mal me lembro de ter acendido. Joguei-o no chão e pisei-o. — E assunto nosso.

Respirei fundo.

— Mas se quiser saber mesmo, eu lhe conto. Você é um de nós agora... quase na idade de trabalhar para o governo. — Seu pai costumava dizer isso, também, a toda hora, e coisas assim ficam gravadas. — Você até pode entrar ali e dar uma olhada.

— Quando?

— Quando a temperatura subir.

— Não estou entendendo. O que a temperatura ali dentro tem a ver?

— Hoje, saio às três — disse eu, e apontei para o banco. — Encontre-me ali às três, se não chover. Se chover, vamos lá em cima ou ao restaurante Country WAP, se você estiver com fome. Acho que seu pai gostaria que você soubesse.

Seria verdade? Não sei. Mas meu impulso para lhe contar parecia forte o bastante para merecer ser chamado de intuição, talvez até uma ordem direta do além. Não sou uma pessoa religiosa, mas acredito nessas coisas.

E pensei nos velhos dizendo: ou cura ou mata; vamos dar a esse gato curioso uma dose de satisfação.

Saber satisfaz mesmo? Raramente, que eu saiba. Mas eu não queria que Ned fosse para a Pitt em setembro da maneira que estava em julho, com seu jeito alegre acendendo e apagando como uma lâmpada mal atarraxada. Achei que ele tinha direito a algumas respostas. As vezes, não há nenhuma, sei disso, mas me deu vontade de tentar. Achei que tinha que tentar apesar dos riscos.

Região de terremotos, Curtis Wilcox disse em meu ouvido. Ali é região de terremotos, portanto, cuidado.

— Teve outro calafrio, Sandy? — o rapaz me perguntou.

— Não sei — disse eu. — Mas foi alguma coisa.

Não choveu. Quando saí para encontrar Ned no banco que dá para o estacionamento e o galpão B, Arky Arkanian estava ali, fumando um cigarro e conversando sobre beisebol com o garoto. Arky fez menção de ir embora quando cheguei, mas eu lhe disse para ficar.

— Vou contar a Ned a respeito do Buick que guardamos ali — eu disse, indicando o galpão do outro lado. — Se ele resolver chamar os homens de branco, porque o sargento-chefe do regimento D pirou, você pode me dar apoio. Afinal, você estava aqui.

O sorriso de Arky murchou. O cabelo grisalho voava em volta de sua cabeça com a brisa quente que começara.

— Tem certeza que é uma boa ideia, sargento?

— A curiosidade matou o gato — eu disse —, mas…

— A satisfação o ressuscitou — terminou Shirley atrás de mim. —Uma boa dose de satisfação é o que costumava dizer o agente Curtis Wilcox. Posso ir com vocês? Ou hoje é o Clube do Bolinha?

— Não há discriminação sexual no banco dos fumantes — disse eu.

— Junte-se a nós, por favor.

Como eu, Shirley acabara de terminar seu turno, e Steff Colucci havia tomado seu lugar no atendimento. Ela sentou ao lado de Ned, sorriu para ele e tirou um maço de Parliaments da bolsa. Estávamos em 2002, sabíamos o que estávamos fazendo, havia muito tempo, e continuávamos nos suicidando direto. Incrível. Ou talvez, considerando que vivemos num mundo em que bêbados podem esmagar policiais estaduais de encontro a uma jamanta de 18 rodas e onde de vez em quando aparecem Buicks de mentira em postos de gasolina de verdade, não tão incrível. De qualquer maneira, para mim não tinha importância.

Naquela hora, eu tinha uma história para contar.

ENTÃO

Em 1979, o posto Jenny, no cruzamento da RE 32 com a estrada Humboldt, ainda funcionava, mas ia mal das pernas. A OPEC acabou engolindo todos os pequenos. O mecânico e proprietário era Herbert "Hugh" Bossey, que naquele dia específico estava em Lassburg, tratando dos dentes — era louco por Snickers e refrigerante. NÃO HÁ MECÂNICO DE SERVIÇO DEVIDO À DOR DE DENTE, dizia o cartaz na janela da garagem. O frentista chamava-se Bradley Roach, já largara os estudos e acabara de fazer 20 anos. Este sujeito, 22 anos e incontáveis milhares de cerveja depois, mataria o pai de um garoto que ainda não era nascido, esmagando-o contra a lateral de um reboque Freuhof, fazendo-o girar como um pião, rodando-o como uma catraca, lançando-o quase todo esfolado no meio do mato e deixando suas roupas ensanguentadas viradas do avesso na estrada, como num passe de mágica. Mas isso tudo é no futuro. Agora estamos no passado, na terra mágica do Então.

Por volta das dez horas de uma manhã de julho, Brad Roach estava sentado com os pés para cima no escritório do posto Jenny, lendo a *Inside View*. Na capa, havia uma imagem de um disco voador pairando ameaçadoramente sobre a Casa Branca.

A campainha na garagem tocou quando os pneus de um veículo passaram por cima da mangueira de ar no asfalto. Brad olhou e viu um carro — o mesmo que passaria tantos anos na penumbra do galpão B — parar na segunda das duas bombas do posto. Era a que estava marcando ALTA OCTANAGEM. Era um belo Buick azul-noite, antigo (tinha a grande grade cromada e as vigias nas laterais), mas em ótimo estado. A pintura brilhava, o para-brisa brilhava, a barra cromada da lateral brilhava, e antes mesmo que o motorista abrisse a porta e saltasse, Bradley Roach viu que havia algo errado com o carro. Só não conseguiu identificar o quê.

Largou a revista na mesa (para começar, jamais teria sido autorizado a tirá-la da gaveta, se o chefe não estivesse na cidade pagando pela mania de doces) e levantou-se bem na hora em que o motorista do Roadmaster abriu a porta do lado oposto às bombas e saltou.

Chovera muito à noite e as estradas ainda estavam molhadas (ora, em algumas partes baixas da zona oeste da cidade de Statler ainda estavam alagadas), mas o sol saíra por volta das oito horas e, às dez, o dia estava radioso e quente. Todavia, o homem que saltou do carro estava vestido com uma capa de chuva preta e um chapelão preto. "Parecia um espião de filme antigo", disse Brad a Ennis Rafferty mais ou menos uma hora depois, permitindo-se o que para ele era um rasgo de fantasia poética. A capa de chuva, na verdade, era tão comprida que quase arrastava no asfalto cheio de poças, e enfunou-se atrás do motorista do Buick quando ele se encaminhou para a lateral do posto e o ronco

do riacho Redfern, que corria atrás. O riacho engrossara incrivelmente com os aguaceiros da noite anterior.

Brad, supondo que o homem da capa preta e do chapelão preto dirigia-se ao toalete, gritou:

— A porta do banheiro está aberta, moço... quanto vai desse combustível de avião?

— Complete — disse o cliente.

Falou com uma voz que não agradou muito a Brad Roach. O que ele disse à polícia depois foi que o sujeito parecia falar com a boca cheia de gelatina. Brad estava mesmo com a veia poética acesa. Quem sabe isso tivesse algo a ver com o fato de Hugh não estar trabalhando naquele dia.

— Verifico o óleo? — perguntou Brad.

A essa altura, o cliente chegara à esquina do pequeno posto branco. Pela velocidade em que ia andando, Brad imaginou que estivesse com pressa de descarregar algo.

Mas o homem parou e virou-se um pouco na direção de Brad. O suficiente para que este visse a curva pálida de uma das maçãs do rosto, um olho escuro e amendoado do qual não se via o branco e um cacho de cabelo preto e fino caído ao lado de uma orelha disforme. Brad lembrava-se melhor da orelha, lembrava-se com muita nitidez. Algo nela o perturbou profundamente, mas ele não sabia explicar o quê. Aí, a poesia lhe faltou. *Mais ou menos derretida, como se ele tivesse estado num incêndio*, parecia o máximo de que era capaz.

— O óleo está bom! —disse o homem da capa preta com sua voz abafada e desapareceu na esquina com uma última rabeada morcegal de pano escuro. Além da característica da voz, aquele som desagradável e mucoso, o homem tinha um sotaque que fez Brad Roach pensar no antigo programa de desenhos animados de Rocky e Bullwinkle, onde Bons Badinoff dizia a Natasha: Brecissamos segurar o alce e o esquilo!

Brad chegou até o Buick, passeou pelo lado junto às bombas (o motorista estacionara de qualquer maneira, deixando muito espaço entre o carro e a ilha), passando a mão pelo relevo cromado e a pintura macia. Era um toque mais de admiração que de descaramento, embora talvez tivesse um pouco de descaramento inofensivo. Bradley era um jovem então, com a animação dos jovens. Na traseira, ao inclinar-se sobre a tampa do tanque, parou. A tampa estava ali, mas não havia placa. Não havia nem suporte de placa, nem buracos de parafusos onde normalmente uma placa entraria.

Isso fez Bradley perceber o que lhe pareceu errado quando ouviu o ding-dong da campainha e viu o carro pela primeira vez. Não havia nenhum selo de vistoria. Bem, não era problema dele se não havia placa na traseira nem selo de vistoria no para-brisa; um dos tiras locais ou um guarda estadual do regimento D mais adiante na estrada veria o cara e o seguraria por isso.., ou não. De qualquer

maneira, o trabalho de Brad Roach era apenas botar gasolina.

Ele girou a manivela na lateral da bomba de alta octanagem para zerar o marcador, enfiou o bico no tanque e ligou o automático. A campainha de dentro começou a tocar enquanto Brad completava o circuito pelo lado do motorista. Olhou pelas janelas da esquerda, e ficou impressionado com a simplicidade do interior daquele carro que era quase um carro de luxo nos anos 50. O estofamento era marrom, assim como o tecido do teto. O assento traseiro estava vazio, o da frente também, e não havia nada no chão — nem um papel de chiclete, quanto mais um mapa ou um maço de cigarros amassado. O volante parecia de marchetaria. Bradley se perguntou se esse modelo vinha assim de fábrica ou se aquele volante era algum tipo de opção especial. Dava um ar luxuoso. E por que era tão grande? Se tivesse pinos pregados à roda, poderia ficar bem no iate de um milionário. Para segurá-lo, era preciso separar as mãos até quase a largura do peito. Devia ter sido feito sob medida, e Brad achava que seria desconfortável manobrá-lo em viagens longas. E muito.

No painel, também havia algo estranho. Parecia de raiz de nogueira, com os controles e os pequenos acessórios cromados — calefação, rádio, relógio, pareciam direitos… pelo menos, no lugar certo… e a chave de ignição também estava no lugar certo (Homem confiante, não?, pensou Brad), mas, no conjunto, havia algo que não estava nada certo. Difícil dizer o quê.

Brad deu a volta de novo pela frente do carro, admirou a grade cromada escarninha (aquela grade era inteiramente Buick. Aquela peça, pelo menos, estava certíssima) e verificou que não havia nenhum selo de vistoria, fosse da Pensilvânia ou de qualquer outro lugar. Não havia selo adesivo no para-brisa. O proprietário do Buick aparentemente não era membro de nenhuma associação AAA, do Elks, do Lions nem do Kiwanis. Não apoiava a Pitt nem a Penn State (pelo menos a ponto de colar um adesivo em alguma das janelas do Buick), e seu carro não era protegido pela Mopar nem pelo bom e velho Rusty Jones.

Assim mesmo um carrão… embora o chefe lhe tivesse dito que seu trabalho não era admirar carros, mas apenas encher depressa os tanques.

O Buick bebeu sete dólares de gasolina da boa antes que o automático desarmasse. Isso era gasolina à beça naquela época, quando a de alta octanagem custava 18 centavos o litro. Ou o tanque estava praticamente vazio quando o homem da capa preta saíra de casa, ou ele vinha de muito longe.

Então Bradley decidiu que a segunda hipótese não dava para considerar. Porque as estradas ainda estavam molhadas, cheias de poças, mas não havia um respingo de lama na macia pele azul do Buick. E nem sequer uma sujeira naqueles maravilhosos pneus de banda branca. E Bradley Roach achou isso completamente impossível.

Fosse como fosse, ele não tinha nada com aquilo, óbvio, mas podia mencionar a falta de selo de vistoria válido. Talvez ganhasse uma gorjeta que desse para uma meia dúzia de cervejas. Ainda lhe faltavam de seis a oito meses

para ter idade para comprar bebida alcoólica, mas sempre havia um jeito para quem era esforçado. E já naquela época, Bradley era esforçado.

Voltou ao escritório, sentou-se, pegou sua Inside View e esperou o sujeito da capa preta voltar. Sem dúvida, fazia um calor dos diabos para se usar uma capa comprida como aquela, mas àquela altura Brad julgava já ter entendido esta parte. O homem era um BBQ, só um pouco diferente dos da região de Statler. Pelo visto, de uma seita que permitia dirigir carro. BBQ era como Bradley e seus amigos chamavam os amish. Queria dizer babaquara.

Passados 15 minutos, já tendo lido “Fomos visitados!”, do ufólogo Richard T. Rumsfeld (militar reformado), e olhado com a maior atenção a loura da página quatro que parecia estar pescando num rio de montanha de calcinha e sutiã, Brad percebeu que ainda esperava. Pelo visto, o sujeito não tinha ido fazer nenhum depósito de cacaracá. Aquele cara era nitidamente um milionário do cagatório.

Rindo, imaginando o cara sentado na latrina embaixo dos canos enferrujados, no escuro (a única lâmpada havia queimado um mês atrás, e nem Bradley nem Hugh haviam se dignado a trocá-la), com aquela capa preta chapinhando no chão, raspando os cocôs de rato, Brad tornou a pegar a revista. Foi para a página de humor, que dava para mais dez minutos (algumas das piadas eram tão engraçadas que Brad as leu três e ate quatro vezes). Jogou a revista de volta na mesa e olhou para o relógio em cima da porta. Lá fora, nas bombas, o Buick Roadmaster reluzia ao sol. Quase meia hora se passara desde que seu motorista gritara “O óleo está bom!” por cima do ombro, com aquela voz estranha, e desaparecera pela lateral do prédio num turbilhão de pano preto. Será que ele era um BBQ? Algum deles dirigia carro? Brad achava que não. Os BBQ achavam que tudo que tinha motor era obra de Satanás, não?

Tudo bem, então talvez não fosse. Mas fosse ele o que fosse, por que não voltava?

De repente, a imagem daquele sujeito no trono escuro e sem cor perto da bomba de diesel perdeu a graça. Brad ainda o imaginava ali sentado com aquela capa arrastando no linóleo imundo e as calças abaixadas até os tornozelos, mas agora via-o de cabeça caída, o queixo descansando no peito, o chapelão (que não era nada parecido com chapéu de amish) caído sobre os olhos. Sem se mexer. Sem respirar. Sem cagar, mas sim morto. Ataque cardíaco ou derrame cerebral ou algo semelhante. Era possível. Se o rei do rock and roll pôde bater as botas fazendo número dois, qualquer um podia.

— Não — disse Bradley Roach baixinho. — Não, não pode ser… ele não… não!

Pegou a revista, tentou ler sobre os discos voadores que estavam de olho na gente, e não conseguiu converter as palavras em ideias coerentes. Largou-a e olhou para fora. O Buick continuava lá, reluzindo ao sol.

Nem sinal do motorista.

Meia hora… não, já 35 minutos. Cacilda. Passaram-se mais cinco minutos e ele se viu rasgando tiras da revista e jogando-as no cesto de lixo, onde formavam pilhas de confete nervoso.

— Porra — disse, e se levantou.

Saiu e dobrou a esquina do caixote branco de cimento onde trabalhava desde que largara os estudos. Os banheiros ficavam nos fundos, no lado leste. Brad ainda não sabia se devia usar um registro sério — Moço, o senhor está bem? — ou humorístico — Ei, moço, tenho uma bombinha, se precisar. No fim das contas, não precisou pronunciar nenhuma destas frases bem elaboradas.

A porta do banheiro masculino tinha um trinco solto e corria o risco de abrir com qualquer pé-de-vento se não estivesse trancada por dentro, então, Brad e Hugh sempre botavam um pedaço de papelão dobrado na fenda para manter a porta fechada quando o banheiro não estava em uso. Se o homem do Buick estivesse dentro do toalete, ou o papelão estaria ali com ele (provavelmente deixado ao lado de uma das torneiras da pia enquanto o homem fazia o serviço dele), ou estaria caído ao lado da porta na entradinha de cimento. Normalmente, costumava ser este o caso, disse mais tarde Brad a Ennis Rafferty; ele e Hugh estavam sempre botando aquele pedaço de papelão no lugar, depois que os clientes saíam. Quase sempre, tinham que dar descarga também. As pessoas eram relaxadas quando não estavam em casa.

Agora, aquele pedaço de papelão despontava da fenda entre a porta e o marco, bem acima do trinco, exatamente onde era mais eficaz. Mesmo assim, Brad abriu a porta para verificar, pegando o papelão com habilidade — a mesma com que, no futuro, ele aprenderia a abrir uma garrafa de cerveja no puxador da porta do lado do motorista de seu próprio Buick. O cubículo estava vazio, como, no fundo, ele sabia que estaria. Nem sinal de que o sanitário fora usado, e não se ouvira nenhuma descarga enquanto Brad estava no escritório lendo a revista. Também não havia nenhuma gota d’água nas trilhas de ferrugem dentro do vaso.

Ocorreu a Brad que aquele cara não havia dobrado a esquina do posto para ir ao banheiro, mas sim para dar uma olhada no riacho Redfern, que era bonito o bastante para merecer uma espiada (ou mesmo uma foto com a velha Kodak) de um passante, correndo como corria com os Statler Bluffs a norte e todos aqueles chorões derramando verde sobre ele como cabelos de sereia (havia um poeta no rapaz, um verdadeiro Dylan McYeats). Mas nos fundos também não havia sinal do motorista do Buick, só peças de automóvel jogadas fora e um par de velhos eixos de trator atirado no mato como ossos enferrujados.

O riacho cantava a plenos pulmões, correndo largo e espumoso. Sua cheia era um fenômeno temporário, claro as inundações no oeste da Pensilvânia, em geral ocorrem na primavera—, mas, naquele dia, o Redfern normalmente sonolento era uma torrente e tanto.

Ao ver o quanto a água subira, a cabeça de Bradley Roach começou a

pensar numa possibilidade terrível. Ele mediu o barranco até a água. A relva ainda estava molhada de chuva e provavelmente escorregadia demais, especialmente se um BBQ desavisado fosse passear ali de sapatos de sola de couro. Ao pensar nisso, a possibilidade virou quase certeza em sua cabeça. Nada mais explicava o cagatório sem uso e o carro ainda esperando na bomba de alta octanagem, com o tanque cheio e pronto para partir, chave ainda na ignição. O velho Sr. Buick Roadmaster fora lá atrás dar uma olhadinha no Redfern, se aventurara no barranco para ver melhor… e puf, lá se foi ele. Bradley desceu até a beira d'água, escorregando algumas vezes apesar dos Georgia Giants, mas sem cair, mantendo-se sempre perto de alguma pilha de lixo em que pudesse se agarrar se perdesse o equilíbrio. Não havia sinal do homem na beira d'água, mas, quando olhou rio abaixo, Brad viu algo enganchado perto de uma bétula caída a uns 200 metros de onde ele se encontrava. Subindo e descendo. Preto. Poderia ser a capa do Sr. Buick Roadmaster.

— Merda — disse ele, e correu ao escritório para ligar para o regimento D, que ficava pelo menos três quilômetros mais perto que a delegacia local. E foi assim

— que entramos no caso — disse eu. — O antecessor de Shirley era um cara chamado Matt Babicki. Ele ligou para Ennis Rafferty…

— Por que Ennis, Ned? — perguntou Shirley. — Rápido.

— UDMP — respondeu ele logo. — Unidade disponível mais próxima.

Mas estava pensando em outra coisa, e não olhava para ela. Era a mim que fitava.

— Ennis tinha 55 anos e sonhava com uma aposentadoria que nunca chegou a gozar — disse eu.

— E meu pai estava com ele, não? Eles eram parceiros.

— E — disse eu.

Havia muito mais coisas para contar, mas antes ele precisava superar essa primeira parte. Fiquei calado, deixando-o acostumar-se com a ideia de que seu pai e Roach, o homem que o matara, já haviam se encontrado cara a cara e conversado como seres humanos normais. Lá estivera Curtis, ouvindo Bradley Roach falar, abrindo sua caderneta, começando a anotar uma sequência temporal. A essa altura, Ned já sabia como lidávamos com os casos novos.

Eu tinha uma ideia de que era isso que o garoto gravaria, por mais que eu tivesse para lhe contar, por mais cabeluda que ficasse a narrativa. A imagem do assassino e sua vítima juntos nem a quatro minutos a passo apertado de onde suas vidas tornariam a colidir, desta vez com um impacto mortal, 22 anos depois.

— Quantos anos ele tinha? — Ned quase sussurrava. — Meu pai, quantos anos ele tinha nesse dia aí?

Ele podia ter calculado sozinho, suponho, mas estava muito atordoado.

— Vinte e quatro — respondi. Foi fácil. Com as vidas curtas, a matemática é simples. — Ele estava havia mais ou menos um ano no regimento. Naquela época era como agora, dois agentes por carro só no turno de 11 às sete, sendo os novatos a única exceção à regra. E seu pai ainda era novato. Então andava com Ennis de dia.

— Ned, você está bem? — perguntou Shirley.

A pergunta tinha razão de ser. Toda a cor fora sumindo aos poucos da cara do garoto.

— Estou — respondeu ele. Olhou para ela, depois para Arky, depois para Phil Candleton. O mesmo olhar dirigido a todos os três, entre perplexo e acusador. — O que vocês sabiam?

— Tudo — disse Arky. Ele tinha um leve sotaque nortista que sempre me fazia pensar em Lawrence Welk falando. — Não era segredo. Seu pai e Bradley Roach se davam bem então. Até mesmo depois. Curtis prendeu-o três ou quatro vezes nos anos 80…

— Que isso! Umas cinco ou seis — disse Phil. — Quase sempre era no turno dele. No mínimo, cinco ou seis. Uma vez, ele levou aquele boçal direto para uma reunião dos AA e o obrigou a ficar, mas não adiantou nada.

— O trabalho do seu pai era ser guarda estadual — disse Arky —, e, em meados dos anos 80, o de Brad, em tempo integral, era beber. Em geral enquanto dirigia pelas ruas secundárias. Adorava fazer isso. Muitos gostam. — Arky suspirou. — Então, garoto, em vista do que cada um fazia, era quase certo eles se encontrarem de vez em quando.

—De vez em quando — repetiu Ned, fascinado.

Era como se o conceito de tempo tivesse adquirido uma nova dimensão para ele.

— Mas era uma relação estritamente profissional. Só não foi, talvez, no caso do Buick. Tiveram o carro atravessado entre eles aqueles anos todos. — Apontou com a cabeça na direção do galpão B. — Aquele Buick ficou pendurado entre eles feito roupa na corda. Ninguém jamais fez exatamente segredo do Buick, mas acho que, de qualquer maneira, é um segredo.

Shirley balançava a cabeça afirmativamente. Esticou o braço e pegou a mão de Ned, e ele a deixou fazer isso.

— A maioria das pessoas finge que não vê — disse ela—, como sempre faz com aquilo que não entende… pelo menos enquanto pode.

— As vezes não podemos nos dar ao luxo de fingir — disse Phil. —Sabíamos que assim que… bem, deixemos Sandy contar.

Ele olhou para mim. Todos olharam. O olhar de Ned era o mais vivo.

Acendi um cigarro e comecei a falar de novo.

ENTÃO

Ennis Rafferty encontrou seu binóculo na caixa de pesca que o acompanhava de carro em carro durante a estação de pesca. Uma vez com ele na mão, foi com Curt Wilcox até o riacho Redfern pela mesma razão pela qual o urso subia o morro: para ver o que dava para ver.

— O que quer que eu faça? — perguntou Brad enquanto eles se afastavam.

— Vigie o carro e pense na história que vai contar — disse Ennis.

— História? Por que preciso de uma história? — Reagiu um tanto nervoso. Nem Ennis nem Curt responderam.

Descendo com cuidado o barranco tomado pelo mato, cada um preparado para agarrar o outro, caso este escorregasse, Ennis disse:

— Aquele carro tem algo errado. Até Bradley Roach sabe disso, e ele não é nada bem servido em matéria de QI.

Curt já balançava a cabeça concordando antes que o mais velho tivesse terminado.

— É como um desenho num caderno de atividades que eu tinha quando garoto. DESCUBRA DEZ COISAS ERRADAS NESTE DESENHO.

— Tem mesmo! — Ennis ficou impressionado com essa ideia. Gostava do rapaz que era seu parceiro, e achava que seria um bom policial quando estivesse mais calejado.

Àquela altura, eles já haviam chegado à beira do riacho. Ennis pegou o binóculo, que pendurara ao pescoço.

— Sem selo de vistoria. Sem placa. E o volante! Curtis, você viu que coisa enorme?

Curt fez que sim com a cabeça.

— Sem antena de rádio — prosseguiu Ennis — e sem lama na lataria. Como passou pela 32 sem se sujar? Nós passamos por uma poça atrás da outra. Tem lama até no para-brisa.

— Sei lá. Viu as vigias?

— Hã? Claro, mas todos os Buicks antigos têm vigias.

— Sim, mas estas estão erradas. Há quatro do lado do carona e só três do lado do motorista. Acha que a Buick algum dia fabricou um modelo com um número diferente de vigias de cada lado? Eu não acho.

Ennis olhou pasmo para o companheiro, depois ergueu o binóculo e focalizou o riacho. Logo encontrou aquela coisa preta boiando que fizera Brad correr para o telefone.

— O que é? É uma capa? — Curt estava protegendo a vista, que era bem melhor que a de Bradley Roach. — Não, não é?

— Não — disse Ennis, ainda espiando. — Parece… uma lata de lixo. Uma daquelas latas de lixo pretas como as que vendem no Tru-Value da cidade. Ou vai ver que estou dizendo besteira. Olhe.

Ele passou o binóculo, e não, não estava dizendo besteira. O que Curtis viu era mesmo uma lata de lixo preta de plástico, que provavelmente desceu do camping dos trailers nos Bluffs com a enxurrada da noite anterior. Não era uma capa preta e nenhuma capa preta jamais foi encontrada, nem o chapéu preto, nem o homem de cara branca e o cacho de cabelo preto e fino ao lado de uma orelha disforme. Os guardas estaduais podem ter posto em dúvida a existência de um homem como aquele — Ennis Rafferty não deixara de reparar no exemplar da Impede Veio na mesa quando levou o Sr. Roach para o escritório a fim de interrogá-lo mais —, mas lá estava o Buick. Aquele Buick estranho era irrefutável. Era parte do maldito cenário, bem ao lado das bombas. Só que quando o reboque do condado apareceu para levá-lo embora, nem Ennis Rafferty nem Curtis Wilcox achavam que fosse um Buick.

A essa altura, eles não sabiam o que era.

Os tiras mais velhos têm direito a seus palpites, e Ennis teve um quando voltou com seu jovem parceiro ao encontro de Brad Roach. Brad estava junto do Roadmaster com aquelas três vigias bem cromadas de um lado e quatro do outro. O palpite de Ennis era que as coisas estranhas que haviam notado até então eram apenas o chantilly do sundae. Neste caso, quanto menos o Sr. Roach visse agora, menos poderia contar depois. Por isso, embora estivesse curiosíssimo sobre o carro abandonado e louco por uma grande dose de satisfação, Ennis o deixou com Curtis quando foi com Bradley para o escritório. Uma vez lá dentro, Ennis pediu um reboque para levar o Buick para o regimento D, onde podiam colocá-lo no estacionamento dos fundos, pelo menos por enquanto. Também queria interrogar Bradley enquanto suas lembranças estavam relativamente frescas. Ennis esperava ter sua vez de olhar aquela presa estranha, e com toda a calma, mais tarde.

— Foi um pouco modificado, acho que é só isso — foi o que disse a Curt antes de levar Bradley para o escritório.

Curt pareceu cético. Modificar era uma coisa, mas isso era uma loucura. Eliminar uma das vigias, depois dar um acabamento tão benfeito que a marca nem aparecia? Trocar o volante normal do Buick por algo que parecia feito para um barco? Isso eram modificações?

— Dê uma olhada enquanto faço umas coisas — disse Ennis.

— Posso olhar o motor?

— À vontade. Mas só não ponha as mãos no volante, para podermos tirar impressões digitais se precisarmos. E use o bom senso. Tente não deixar as suas

por toda parte.

Estavam de novo nas bombas. Brad Roach olhava ansioso para os dois policiais, o que ele mataria no século XXI e o que sumiria sem deixar vestígios naquela noite.

— O que acham? — perguntou Brad. — Ele está morto ali no rio? Se afogou? Não foi?

— Não, a menos que tenha se metido naquela lata de lixo encalhada na árvore caída e se afogado ali — disse Ennis.

Brad ficou decepcionado.

— Merda. É só uma lata de lixo?

— Acho que sim. E seria meio apertado para um adulto. Agente Wilcox? Alguma pergunta para este rapaz?

Porque ainda estava aprendendo e Ennis ainda estava ensinando, Curtis fez algumas, principalmente para certificar-se de que Bradley não estava bêbado nem ruim da cabeça. Então fez um sinal para Ennis, que deu um tapinha no ombro de Bradley como se fossem velhos amigos.

— Que tal a gente ir lá dentro? — sugeriu Ennis. — Você me serve um café e a gente vê se consegue esclarecer essa coisa.

E levou Bradley embora. O braço amigável pendurado no ombro de Bradley Roach era muito forte e ia empurrando-o para o escritório, enquanto o agente Rafferty ia falando a mil por hora.

Quanto ao policial Wilcox, ele passou uns 45 minutos com o Buick antes que o reboque do condado aparecesse com a luz laranja piscando. Quarenta e cinco minutos não é muito tempo, mas foi o suficiente para transformar Curtis num especialista em Roadmaster para o resto da vida. O amor verdadeiro sempre acontece num piscar de olhos, dizem.

Voltaram ao quartel com Ennis ao volante atrás do reboque e do Buick, que ia com o nariz empinado e o para-choque traseiro quase arrastando na estrada. Curtis ia no banco do carona, todo alvoroçado, remexendo-se como um garotinho com vontade de fazer pipi. Entre eles, o rádio Motorola, arranhado e maltratado, vítima de sabe Deus quantos banhos de café e refrigerante, mas ainda firme e forte, tagarelava no canal 23. Matt Babicki e os guardas estaduais de serviço envolvidos no chama e atende que era a trilha sonora constante de suas vidas profissionais. Estava lá, mas nem Ennis nem Curt a ouviam mais a não ser quando o número deles era chamado.

— A primeira coisa é o motor — disse Curt. — Não, acho que a primeira coisa é o fecho do capô. Está muito para o lado do motorista e abre ao contrário, quando se empurra para baixo…

— Nunca ouvi falar nisso — resmungou Ennis.

— Espere, espere — disse seu jovem parceiro. — De qualquer maneira, encontrei-o e abri o capô. O motor… cara, que motor…

Ennis olhou para ele com a expressão de quem acaba de ter uma ideia horrível, plausível demais para se negar. O reflexo laranja da luz giratória do reboque lhe dava um tom ictérico.

— Não ouse me dizer que não tinha motor — disse. — Não ouse me dizer que não tem nada senão um cristal radiativo ou alguma coisa de disco voador.

Curtis riu. Era uma risada alegre e ao mesmo tempo louca.

— Não, não, motor tem, mas está todo errado. Tem escrito Bu / dos dois lados do bloco em grandes letras cromadas, como se a ~ o fabricou tivesse medo de esquecer que raio era aquilo. Há oito velas, quatro de cada lado, e isso está certo, oito cilindros, oito velas, mas não tem tampa do distribuidor nem distribuidor que eu tenha visto. Também não tem dínamo nem alternador.

— Pare com isso!

— Ennis, quero morrer se não for verdade.

— Onde entram os cabos das velas?

— Cada um dá uma grande volta e torna a entrar no bloco do motor, até onde eu sei.

— Isso é loucura!

— É! Mas ouça, Ennis, só ouça.

Em outras palavras, pare de interromper e me deixe falar. Curtis Wilcox remexia-se no assento, mas sem tirar os olhos do Buick sendo rebocado na frente dele.

— Tudo bem, Curt, estou ouvindo.

— Tem radiador, mas pelo que vi, sem nada dentro. Não tem água nem anticongelante. Não tem correia de ventilador, o que até faz sentido, porque não tem ventilador.

— Óleo?

— Tem cárter e uma vareta, mas não tem nenhuma marca na vareta. Tem bateria, uma Delco, mas Ennis, sinta essa, não está conectada a nada. Não há cabos de bateria.

— Você está descrevendo um carro que não poderia andar — disse Ennis categoricamente.

— Não me diga! Tirei a chave da ignição. Está numa corrente comum, mas só tem a corrente. Não, nenhuma placa com iniciais nem nada.

— Outras chaves?

— Não. E a da ignição nem chave é. É só uma chapinha de metal, mais ou menos deste tamanho.

Curt deixou uma abertura do tamanho de uma chave entre o polegar e o indicador.

— Uma virgem, é disso que está falando? Uma chave virgem de chaveiro?

— Não. Não tem cara de chave. Parece um palito de aço.

— Você a experimentou?

Curt, que andara falando quase compulsivamente, não respondeu de imediato.

— Ande — disse Ennis. — Sou seu parceiro, pelo amor de Deus. Não vou morder você.

— Tudo bem, experimentei. Queria ver se aquele motor maluco funcionava.

— Claro que funciona. Alguém dirigiu o carro até o posto, correto?

— Roach diz que sim, mas quando olhei debaixo daquele capô, tive que me perguntar se ele mentia ou estava hipnotizado. De qualquer forma, esta ainda é uma pergunta em aberto. Aquele arremedo de chave não gira. Parece que a ignição está trancada.

— Onde está a chave agora?

— Botei de volta na ignição.

Ennis fez que sim com a cabeça.

— Ótimo. Quando você abriu a porta, a luz do teto acendeu? Ou não tem luz?

Curtis fez uma pausa, pensando.

— E. Tinha luz no teto, e acendeu. Eu devia ter notado isso. Mas como pôde acender? Como, quando a bateria não está conectada?

— Poderia ter umas pilhas alimentando a luz do teto, pelo que sabemos. — Mas sentia-se a falta de convicção em sua voz. — O que mais?

— Guardei o melhor para o fim — disse Curtis. — Tive que tocar em algumas coisas lá dentro, mas usei um lenço, e sei onde toquei, então não me encha o saco.

Ennis não disse nada em voz alta, mas seu olhar dizia que encheria o saco de Curt se necessário fosse.

— Os controles do painel são falsos, só servem de enfeite. Os botões de rádio não giram nem o botão do controle da calefação. A alavanca do

desembaçador também não mexe. Parece um poste fincado no cimento.

Ennis seguiu o reboque pelo caminho de entrada que levava aos fundos do regimento D.

— O que mais? Alguma coisa?

— Eu diria tudo. O carro é todo fodido. — Isso impressionou Ennis, porque Curtis não era desbocado. — Sabe aquele volante enorme? Acho que deve ser de mentira, também. Mexi nele (só com os lados das mãos, não vá ter uma hemorragia) e ele vira um pouquinho, esquerda e direita, mas só um pouquinho. Talvez só esteja trancado, feito a ignição, mas…

— Mas você não acha que esteja.

— Não. Não acho.

O reboque estacionou em frente ao galpão B. Ouviu-se um gemido hidráulico e o Buick saiu daquela posição nariz-empinado, traseira-para-baixo, voltando a pousar em seus pneus de banda branca. O motorista do reboque, o velho Johnny Parker, veio desengatá-lo, arfando com um Pall Mall pendurado na boca. Ennis e Curt estavam no carro-patrulha D-19, olhando um para o outro.

— O que a gente tem? — perguntou Ennis afinal. — Um carro que não dá para dirigir, com um volante que não gira, entra no posto Jenny na 32 e vai direto para a bomba de gasolina de alta octanagem. Sem placa, sem selo de vistoria… — Uma ideia lhe ocorreu. — Número de registro? Viu se tinha?

— Não na caixa de marchas — disse Curt, abrindo a porta, impaciente para sair. — Nem no porta-luvas. Tem um puxador e um botão, mas não dá para empurrar o botão nem puxar o puxador, e a portinha não abre. É só decorativo, feito tudo o mais que tem no painel. O próprio painel é fajuto. Os carros não vinham com painéis de madeira nos anos 50. Pelo menos, não os americanos.

Eles saltaram e ficaram olhando a traseira do Buick órfão.

— E o porta-malas? — perguntou Ennis. — O porta-malas abre?

— Abre. Não está trancado. A gente aperta o botão e ele abre feito qualquer porta-malas de carro. Mas tem um cheiro horrível.

— Horrível como?

— De podre.

— Algum corpo ali dentro?

— Nem corpo, nem nada.

— Nem estepe? Nem macaco?

Curtis fez que não com a cabeça. Johnny Parker chegou, tirando as luvas.

— Mais alguma coisa, gente?

Ennis e Curt fizeram que não com a cabeça.

Johnny foi andando, depois parou.

— Afinal, o que é isso? Alguma brincadeira?

— Ainda não sabemos — disse Ennis.

Johnny fez que sim com a cabeça.

— Bem, se descobrirem, me avisem. A curiosidade matou o gato, a satisfação o ressuscitou. Sabem?

— Ótimo — disse Curt automaticamente.

A história da curiosidade e do gato fazia parte da vida do regimento D. Não era bem uma piada interna, apenas algo que entrara no jargão do trabalho.

Ennis e Curt observaram o velho se afastar.

— Tem mais alguma coisa que você queira dizer antes de falarmos com o sargento Schoondist? — perguntou Ennis.

— Tem — respondeu Curtis. — Aqui é região de terremoto.

— Região de terremoto? Que diabo significa isso?

Então Curtis contou a Ennis sobre o programa que ele vira na estação PBS em Pittsburgh na semana anterior. Naquela altura, várias pessoas já haviam se achegado. Entre elas, estava Phil Candleton, Arky Arkanian, Sandy Dearborn e o próprio sargento Schoondist.

O programa era sobre previsão de terremotos. Faltava muito para que os cientistas desenvolvessem uma forma segura de prevê-los, disse Curtis, mas a maioria deles achava que era possível fazer isso no futuro, Porque havia avisos prévios. Os animais sentiam, e as pessoas, muitas vezes, também. Os cães ficavam inquietos e latiam pedindo para sair. O gado se alvoroçava nos estábulos ou derrubava as cercas dos pastos. As galinhas engaioladas às vezes batiam tanto as asas que as quebravam. Algumas pessoas afirmavam escutar um zumbido alto vindo da terra 15 ou 20 minutos antes de um grande tremor (e se algumas podiam escutar este barulho, era óbvio que a maioria dos animais o escutaria de forma mais nítida). Além do mais, esfriava. Nem todo mundo sentia essas bolsas frias pré-terremoto, mas muita gente sentia. Havia até alguns dados meteorológicos que apoiavam as informações subjetivas.

— Você está me sacaneando? — perguntou Tony Schoondist.

Absolutamente, respondeu Curt. Duas horas antes do grande terremoto de 1906, as temperaturas em San Francisco haviam caído quatro graus. Foi um fato registrado. Isso, embora todas as outras condições climáticas permanecessem constantes.

— Fascinante — disse Ennis —, mas o que isso tem a ver com o Buick?

Àquela altura, os policiais presentes já formavam uma rodinha de ouvintes. Curtis olhou para eles, sabendo que podia passar os próximos seis meses sendo chamado de Garoto Terremoto no rádio, mas estava muito embalado para parar. Disse que enquanto Ennis estava no escritório do posto de gasolina interrogando Bradley Roach, ele próprio havia sentado atrás daquele estranho volante grande demais, ainda tendo o cuidado de não tocar em algo a não ser com os lados das mãos. E, enquanto estava ali, começou a ouvir um zumbido, muito alto. Contou-lhes que também havia sentido esse zumbido.

— Veio do nada, aquele zumbido alto e constante. Eu o sentia lá dentro. Acho que se fosse mais forte, faria tilintar as moedas no meu bolso. Tem uma palavra para isso, a gente aprendia em física, acho eu, mas não consigo lembrar de jeito nenhum qual é.

— Harmônico — disse Tony. — E quando duas coisas começam a vibrar juntas, como diapasões ou copos de vinho.

Curtis fazia que sim com a cabeça.

— Sim, é isso. Não sei qual poderia ser a causa disso, mas é muito forte. Parecia se instalar bem no meio da minha cabeça, como faz o barulho das linhas de transmissão nos Bluffs quando a gente está sentado embaixo delas. Isso vai parecer loucura, mas, depois de mais ou menos um minuto, o zumbido quase parecia falar.

— Uma vez, comi uma garota lá nos Bluffs — disse Arky sentimental, falando mais que nunca como Lawrence Welk. — E foi muito harmônico mesmo. Buzz, buzz, buzz.

— Guarde isso para suas memórias, cara — disse Tony. — Continue, Curtis.

— Primeiro pensei que fosse o rádio — disse Curtis —, porque também parecia um pouco isso: um rádio antigo de tubo a vácuo tocando música transmitida de muito longe. Então peguei meu lenço e estiquei o braço para desligar. Foi aí que vi que os botões não giravam, nenhum deles. Aquilo tem tão pouco de rádio de verdade.., bem, quanto Phil Candleton de guarda estadual de verdade.

— Essa foi engraçada, garoto — disse Phil. — Pelo menos tão engraçada quanto uma galinha de borracha, eu acho, ou...

— Cale a boca, quero ouvir isso — disse Tony. — Continue, Curtis. E sem piadas.

— Sim, senhor. Quando experimentei os botões do rádio, vi que estava frio ali dentro. Hoje está quente, e o carro estava no sol, mas lá dentro era frio. Meio úmido, também. Foi quando pensei no programa sobre terremotos. — Curt balançou a cabeça para a frente e para trás. —Senti que tinha que sair do carro, e depressa. Então o zumbido estava diminuindo, mas fazia mais frio que nunca. Parecia uma geladeira.

Tony Schoondist, então o sargento-chefe do regimento D, aproximou-se do Buick. Não tocou nele, só abaixou-se para olhar pela janela. Ficou nessa posição quase um minuto, olhando o interior do carro azul-noite, inclinado, mas com a coluna perfeitamente reta, mãos juntas atrás das costas. Ennis estava atrás dele. O resto dos policiais se amontoou em volta de Curtis, esperando Tony terminar o que quer que ele estivesse fazendo. Para a maioria deles, Tony Schoondist era o melhor SC que haviam tido desde que envergavam o cinza da Pensilvânia. Ele era duro, corajoso, justo, esperto quando tinha que ser. Quando um guarda estadual chegava à patente de sargento-chefe, entrava na política. As reuniões mensais. As ligações de Scranton. Sargento-chefe era um posto muito longe do topo da hierarquia, mas era alto o bastante para envolver uma burocracia acelerada. Schoondist jogava suficientemente bem o jogo para não perder o cargo, mas sabia tanto quanto seus homens que jamais subiria na carreira. Nem queria. Porque, para Tony, seus homens vinham em primeiro lugar… e quando Shirley substituiu Matt Babicki, passou a ser seus homens e sua mulher. Seu regimento, em outras palavras. O regimento D. Não sabiam disso porque ele tivesse dito alguma coisa, mas sim porque ele andava na linha.

Afinal ele voltou até onde seus homens estavam. Tirou o chapéu, passou a mão pelo cabelo cortado à escovinha e tornou a pôr o chapéu. Com a correia atrás, conforme as normas de verão. No inverno, a correia passava embaixo da ponta do queixo. Era a tradição e, como em qualquer organização antiga, há muita tradição na PEP. Até 1962, por exemplo, os policiais precisavam de uma autorização especial do sargento-chefe para se casar (e os SC usavam esse poder para eliminar qualquer novato ou jovem policial que não lhes parecesse talhado para o cargo).

— Não ouvi zumbido nenhum — disse Tony. — E eu diria que a temperatura lá dentro é mais ou menos a que devia ser. Talvez um pouco mais fresca que o ar externo, mas…

Encolheu os ombros.

Curtis corou.

— Sargento, juro…

— Não estou duvidando de você — disse Tony. — Se diz que a coisa zumbia feito um diapasão, eu acredito. De onde acha que vinha esse zumbido? Do motor?

Curtis balançou a cabeça negativamente.

— Da mala?

Outra negativa.

— De baixo?

Uma terceira negativa, e agora, em vez de corados, as bochechas, o pescoço e a testa de Curtis ficaram rubros.

— Onde, então?

— Do ar — disse Curt com relutância. — Sei que parece loucura, mas… é. Do ar.

Olhou em volta, como se esperando que os outros rissem. Ninguém riu.

Mais ou menos nessa hora, Orville Garrett juntou-se ao grupo. Estivera perto da fronteira do condado, numa obra onde, na noite anterior, vândalos haviam destruído diversas peças de equipamento pesado. Atrás dele, calmamente, vinha Mister Dillon, o mascote do regimento D. Era um pastor alemão talvez com um toque de colhe. Orville e Huddie Royer o haviam encontrado quando era filhote, chapinhando no poço raso de uma fazenda abandonada na estrada Sawmill. Pode ser, mas é pouco provável, que o cachorro tenha caído ali por acidente.

Mister D não era um cachorro especial K-9, mas só porque não fora treinado dessa forma. Era espertíssimo e também protetor. Se um marginal levantasse a voz e fizesse menção de esticar o dedo num gesto obsceno para um membro do regimento D, quando Mister Dillon estivesse por perto, corria o risco de passar o resto da vida limpando o nariz com a ponta de um lápis.

— O que estão fazendo, gente? — perguntou Orville, mas antes que alguém pudesse responder, Mister Dillon começou a uivar. Sandy Dearborn, que por acaso estava bem ao lado do cachorro, nunca na vida ouvira nada parecido com aquele uivo. Mister D deu um passo atrás, depois se agachou, olhando para o Buick. Tinha a cabeça empinada e os quartos traseiros abaixados. Parecia na posição em que um cão se coloca para cagar, a não ser pela pelagem. Estava eriçada por todo o corpo, com todos os pelos em pé. Sandy ficou gelado.

— Santo Deus, o que houve com ele? — perguntou Phil num tom de voz baixo e assombrado.

Aí, Mister D soltou outro uivo longo e trêmulo, deu três ou quatro passos na direção do Buick, sem sair daquela postura agachada de cão se espremendo para cagar, o tempo todo com o focinho empinado para cima. Era horrível de ver. Fez mais dois ou três daqueles movimentos estranhos, depois caiu duro no asfalto, arfando e ganindo.

— Que é isso? — disse Orv.

— Ponha uma guia nele — disse Tony. — Faça-o entrar.

Orv fez o que Tony mandou, chegando mesmo a ir correndo buscar a guia de Mister Dillon. Phil Candleton, que sempre tivera um fraco especial pelo cachorro, foi com Orv uma vez colocada a guia, caminhando ao lado de Mister D, abaixando-se de vez em quando para tranquilizá-lo com uma festa e umas palavras amigas. Mais tarde, disse aos outros que o cão tremia todo.

Ninguém disse nada. Não precisava. Todos pensavam a mesma coisa, que Mister Dillon havia comprovado o argumento de Curt. O chão não estava

tremendo e Tony não ouvira nada quando enfiou a cabeça pela janela do Buick, mas havia algo errado com o carro, sim. Muito mais errado que o tamanho do volante ou a estranha chave de ignição sem nenhuma ranhura. Algo pior.

Nos anos 70 e 80, os peritos da Polícia Estadual da Pensilvânia eram funcionários itinerantes. Deslocavam-se pelos vários regimentos de uma determinada área enviados pelo QG do distrito. No caso do regimento D, o QG era Butler. Não havia furgões da perícia. Tais luxos de cidade grande eram um sonho, mas só chegariam à Pensilvânia rural quase no final do século XX. O pessoal da perícia andava em carros de polícia sem identificação, levando seu equipamento no porta-malas ou no banco traseiro, carregando-o para várias cenas de crime em grandes sacolas de lona, com o logotipo PEP nas laterais. A maioria das equipes de perícia era composta de três pessoas: o chefe e dois técnicos. As vezes, havia também um trainee, que, em geral, parecia ainda não ter idade para comprar bebida alcoólica.

Uma equipe dessas apareceu no regimento D aquela tarde. Viera de Shippenville, por solicitação pessoal de Tony Schoondist. Foi uma visita informal engraçada, um exame não exatamente oficial de veículo. O chefe da equipe era Bibi Roth, um veterano (alguns brincavam que Bibi aprendera o ofício no colo de Sherlock Holmes e do Dr. Watson). Ele e Tony Schoondist se davam bem, e Bibi não se importava de fazer um favorzinho ao SC do regimento D. Desde que ninguém soubesse.

Ned interrompeu-me neste ponto para perguntar por que a perícia do Buick foi feita de uma forma tão estranha (pelo menos para ele) e tão atamancada.

— Porque — respondi — a única queixa que nos ocorreu no caso foi roubo de serviços: sete dólares de gasolina de alta octanagem. Isso é uma infração leve que não justifica o trabalho de uma equipe de perícia.

— Eles gastariam quase essa quantidade de gasolina para vir de Shippenville até aqui — ressaltou Arky.

— Sem contar com as horas de trabalho — acrescentou Phil.

Eu disse:

—Tony não queria abrir a ficha. Lembre-se que ainda não havia nenhuma. Só tínhamos o carro. Um carro muito estranho, concordo, sem placa, sem número de registro e, Bibi confirmou isso, sem número de identificação do veículo também.

— Mas Roach tinha razão para acreditar que o proprietário se afogara no riacho atrás do posto de gasolina!

— Ora — disse Shirley. — No fim das contas, a capa do motorista era uma lata de lixo. É melhor esquecer as ideias de Bradley Roach.

— Além do mais — interveio Phil —, Ennis e seu pai não viram pegadas descendo o barranco atrás do posto, e o capim ainda estava molhado. Se tivesse descido por ali, o sujeito teria deixado uma pista.

— Principalmente, Tony queria manter esse assunto entre nós —disse Shirley. — Acha que esta é uma boa interpretação, Sandy?

— Acho. O Buick em si era estranho, mas a forma como lidamos com ele era mais ou menos a mesma com que lidávamos com qualquer coisa fora do comum: a baixa de um policial, como seu pai, ano passado, ou alguém chegar a usar a arma, ou um acidente, como quando George Morgan perseguia aquele imbecil que sequestrou os próprios filhos.

Ficamos todos calados por um momento. Os tiras têm pesadelos, como pode confirmar a mulher de qualquer um, e, em matéria de pesadelo, George Morgan era um dos piores. Aconteceu quando ele estava a 140, prestes a pegar o tal imbecil, que tinha o hábito de espancar os filhos que sequestrava e dizia amar.

George está quase em cima dele e, de repente, uma pessoa idosa atravessa a rua, 70 anos, mais mole que um sapo-boi e, perante a lei, cega. Se ela tivesse começado a atravessar três segundos antes, o imbecil é que a teria atropelado, mas não. Ele tirou um fino dela, quase lhe arrancando o nariz com o espelho do lado do carona. Aí vem George, e pumba. Tinha 12 anos irreprocháveis na

Polícia Estadual, duas menções por bravura, vários prêmios por serviço comunitário. Era bom pai, bom marido, e isso tudo terminou quando uma mulher de Lassburg Cut tentou atravessar a rua na hora errada e ele a matou com o carro D-27 da PEP. George foi exonerado pelo Conselho Estadual de Supervisão e voltou para o regimento num serviço burocrático, qualificado como TLP — trabalho leve permanente —, a seu pedido. Poderia ter voltado a trabalhar em tempo integral, pelo que dependia dos chefões, mas havia um problema: George Morgan não podia mais dirigir. Nem o carro da família para o supermercado. Começava a tremer na hora em que sentava na direção. Seus olhos se enchiam de lágrimas até que começou a sofrer de uma espécie de cegueira histérica. Aquele verão, ele trabalhou à noite, no atendimento. A tarde, treinava o time da liga infantil patrocinado pelo regimento D, e até chegaram ao torneio estadual. Quando a temporada terminou, ele deu aos garotos o troféu e os distintivos, disse-lhes o quanto estava orgulhoso deles, e foi para casa (a mãe de um jogador levou-o), tomou duas cervejas e estourou os miolos na garagem. Não deixou bilhete. Os policiais raramente deixam. Redigi um release a respeito. Lendo-o, ninguém diz que o escrevi chorando. E, de repente, me pareceu importantíssimo explicar parte do porquê ao filho de Curtis Wilcox.

— Somos uma família — eu disse. — Sei que isso parece piegas, mas é verdade. Até Mister Dillon sabia disso, e você também. Não?

O garoto fez que sim com a cabeça. Claro que sabia. No ano que se seguiu à morte de seu pai, éramos a família mais importante para ele, a que ele procurava e a que lhe dava o que ele precisava para tocar sua vida. A mãe e as irmãs o adoravam, e ele as adorava, mas elas estavam tocando a vida delas de uma forma que Ned não podia… pelo menos ainda. Em parte, por ser homem e não mulher. Em parte, por ter 18 anos. Em parte, por todas aquelas perguntas que não calavam.

Eu disse:

— O que as famílias dizem e fazem quando estão dentro de casa com a porta fechada e o que dizem e fazem quando estão no jardim com a porta aberta… podem ser coisas muito diferentes. Ennis sabia que o Buick estava errado, seu pai sabia, Tony sabia, eu sabia. Mister D, com toda a certeza, sabia. O jeito que o cachorro uivava…

Fiquei caiado um momento. Já ouvi esse uivo em sonhos. Aí continuei.

— Mas perante a lei, era só um objeto: uma res como dizem os advogados, sem nenhum crime a ela imputado. Não podíamos segurar o Buick por roubo de serviços, podíamos? E o homem que mandou abastecer já havia desaparecido há muito tempo. O melhor que podíamos fazer era considerá-lo material apreendido.

Ned franzia o cenho como alguém que não entende o que está ouvindo. Era compreensível. Eu não havia sido claro como desejava. Ou talvez só estivesse jogando aquele velho jogo famoso chamado “Não era nossa culpa”.

— Olhe — disse Shirley. — Suponha que uma mulher tivesse parado para ir ao banheiro no posto e deixasse a aliança de brilhantes na pia e Bradley Roach a encontrasse ali. Certo?

— Sim… — disse Ned.

Continuava franzindo o cenho.

— E digamos que Roach nos tivesse trazido a aliança em vez de simplesmente embolsá-la e depois levá-la a uma casa de penhores em Butler. Faríamos um relatório, talvez informássemos a marca e o modelo do carro da mulher aos guardas estaduais que estivessem na área, caso Roach nos pudesse descrevê-lo…, mas não ficaríamos com o anel. Ficaríamos, Sandy?

— Não — eu disse. — Aconselharíamos Roach a botar um anúncio no jornal: Achou-se um anel de mulher, caso ache que seja seu, ligue para este número e descreva-o. Então Roach ficaria se queixando de como era caro botar um anúncio no jornal: três dólares.

— E aí lembraríamos a ele que gente que encontra objetos de valor costuma receber recompensas — disse Phil —, e ele chegaria à conclusão de que finalmente talvez pudesse arranjar três dólares.

— Mas se a mulher nunca telefonasse nem voltasse — disse eu —aquele anel ficaria sendo propriedade de Roach. É a lei mais antiga da história: o que eu acho é meu.

— Então Ennis e meu pai pegaram o Buick.

— Não — eu disse. — O regimento pegou.

— E o roubo de serviços? Chegou-se a abrir um processo por isso?

— Bem — disse eu com um risinho constrangido. — Sete dólares não valia a papelada. Valia, Phil?

— Não — disse Phil. — Mas acertamos isso com Hugh Bossey.

Via-se que Ned começava a entender.

— Vocês pagaram a gasolina com o dinheiro da caixinha.

Phil parecia chocado e divertido.

— Jamais, garoto! O dinheiro da caixinha também é dos contribuintes.

— Passamos o chapéu — disse eu. — Todo mundo que estava presente deu um pouco. Foi fácil.

— Se Roach achasse um anel e ninguém o reclamasse, o anel seria dele — disse Ned. — Então o Buick não seria dele?

— Talvez se ele o guardasse — eu disse. — Mas ele o entregou a nós, não? E ao que nos consta, a coisa acabou aí.

Arky bateu na testa e olhou para Ned com cara de quem sabe das coisas.

— Esse aí não tem nada na cabeça — disse.

Por um momento, achei que Ned fosse ficar ruminando sobre o rapaz que crescera para matar seu pai, mas ele tirou isso da cabeça. Quase deu para vê-lo fazer isso.

— Continue — me disse. — O que aconteceu depois?

Ah, garoto. Quem pode resistir a isso?

ENTÃO

Bibi Roth e seus filhos (era assim que os chamava) só levaram 45 minutos para examinar o Buick de cabo a rabo. Os jovens espanavam, escovavam e fotografavam, Bibi passeava com uma prancheta e, às vezes, apontava com a esferográfica para alguma coisa, sem dizer nada.

Mais ou menos 20 minutos depois de iniciada a perícia, Orv Garrett saiu com Mister Dillon. O cão estava na guia, o que era uma raridade no quartel. Sandy foi até eles. O cão já não uivava mais, parara de tremer e estava sentado com o rabo peludo enroscado em volta das patas, mas tinha os olhos fixos no Buick. Do fundo de seu peito, quase muito baixo para se ouvir, saía um rosnado constante como o ronco de um motor possante.

— Pelo amor de Deus, Orvie, leve-o de volta lá para dentro — disse Sandy Dearborn.

— Está bem. Só pensei que ele talvez já tivesse superado isso. — Fez uma pausa, depois disse: — Já vi cães de caça terem esse comportamento às vezes, quando encontram um corpo. Sei que não há corpo, mas acha que alguém pode ter morrido lá dentro?

— Que a gente saiba, não.

Sandy olhava Tony Schoondist sair da porta lateral do quartel e ir andando calmamente até Bibi Roth. Ennis estava com ele. Curt Wilcox saía de patrulha outra vez, muito a contragosto. Sandy achou que aquela tarde nem mesmo uma menina bonita conseguiria convencê-lo a lhe fazer uma advertência em vez de multá-la. Curt queria estar no quartel, vendo Bibi e sua equipe trabalharem, não na estrada. Se não podia estar, os infratores no oeste da Pensilvânia iriam pagar.

Mister Dillon abriu a boca e emitiu um ganido longo e baixo, como se alguma coisa lhe doesse. Sandy supôs que algo doía. Orville levou-o para dentro. Cinco minutos depois, o próprio Sandy tornava a estar na estrada, com Steve Devoe, indo para a cena de uma colisão de duas viaturas na rodovia 6.

Bibi Roth fez seu relatório para Tony e Ennis, enquanto os membros de sua equipe (eram três naquele dia) comiam sanduíches em volta de uma mesa de piquenique à sombra do galpão B e bebiam o chá gelado que Matt Babicki lhes servira.

— Agradeço a você ter perdido tempo com isso — disse Tony.

— Agradeço seu agradecimento — disse Bibi — e espero que pare por Não quero apresentar papel nenhum sobre este caso, Tony. Ninguém voltaria a confiar em mim. — Olhou para sua equipe e bateu palmas como uma professora. — Vamos querer papel sobre este caso, meus filhos?

Um dos filhos que ajudava naquele dia foi nomeado principal legista da Pensilvânia em 1993.

Eles olharam para ele, dois rapazes e uma moça belíssima. Tinham os sanduíches levantados, o cenho franzido. Nenhum deles sabia ao certo o que devia responder.

— Não, Bibi! — ele lhes deu a dica.

— Não, Bibi — disseram em coro, obedientes.

— Não o quê? — perguntou Bibi.

— Não queremos papel — disse o rapaz número um.

— Nem cópias de ocorrência — disse o rapaz número dois.

— Nem em duas nem em três vias — disse a jovem belíssima. —Nem mesmo numa via única.

— Ótimo! — disse ele. — E com quem vamos discutir isso, Kinder?

Desta vez, não precisaram de dica.

— Com ninguém, Bibi!

— Exatamente — concordou Bibi. — Estou orgulhoso de vocês.

— De qualquer maneira, deve ser uma piada — disse um dos rapazes. — Alguém está lhe pregando uma peça, sargento.

— Tenho essa possibilidade em mente — disse Tony, perguntando-se o que qualquer um deles teria pensado se tivesse visto Mister Dillon uivando e se agachando como um aleijão. Mister D não estava pregando peça em ninguém.

Os filhos continuaram mastigando e bebendo ruidosamente e conversando entre si. Enquanto isso, Bibi olhava para Tony e Ennis Rafferty com um sorrisinho enviesado.

— Eles veem e ao mesmo tempo não veem aquilo que olham com a maravilhosa visão da juventude — disse. — Os jovens são uns idiotas tão maravilhosos. O que é, Tony? Tem alguma ideia? Alguma coisa contada por uma testemunha, talvez?

— Não.

Bibi voltou a atenção para Ennis, que talvez tenha cogitado rapidamente em lhe contar o que sabia da história do Buick, mas achou por bem não contar. Bibi era um homem bom… mas não usava o uniforme.

— Não é um automóvel, isso é garantido — disse Bibi. — Mas uma piada? Não, acho que também não e.

— Tem sangue? — perguntou Tony, sem saber se queria que tivesse ou não.

— Só um exame mais microscópico das amostras que pegamos pode determinar isso com certeza, mas acho que não. Se tiver, serão só vestígios.

— O que viram?

— Numa palavra, nada. Não tiramos amostras dos frisos dos pneus porque não há sujeira, nem lama, nem cascalho, nem vidro, nem capim, nem coisa alguma neles. Eu diria que isso era impossível. Henry — apontou para o rapaz número um — tentou várias vezes enfiar uma pedrinha nos frisos e ela caía toda hora. O que é isso? Por que isso? E será que daria para patentear uma coisa dessas? Se der, Tony, você poderia se aposentar mais cedo.

Tony coçava o rosto com as pontas dos dedos, o gesto de um homem perplexo.

— Veja isso — disse Bibi. — Estamos falando de capachos aqui. Em geral pegam grandes doses de sujeira. Cada qual um estudo geológico. Em geral. Mas aqui não. Algumas manchas de sujeira, uma haste de dente-de-leão. Só isso. — Ele olhou para Ennis. — Dos sapatos de seu parceiro, espero. Você diz que ele se sentou na direção?

— Sim.

— Do lado do motorista. Foi ali que esses poucos artefatos foram encontrados.

Bibi bateu palmas, como quem diz quod erat demonstrandum.

— Tem digitais? — perguntou Tony.

— Três séries. Quero as de seus dois agentes e do frentista para comparar. Concorda?

— Claro — disse Tony. — Daria para você estudar as digitais nas suas horas vagas?

— Com todo o prazer. As amostras de friso também. Mas não venha me irritar pedindo qualquer coisa que tenha a ver com o cromatógrafo de gasolina em Pittsburgh. Vou fazer isso até onde o equipamento que tenho em casa permitir. E já dá para muita coisa.

— Você é um bom sujeito, Bibi.

— Sim e até o melhor sujeito do mundo aceita comer de graça de vez em quando, se um amigo oferece.

— Ele vai oferecer. Enquanto isso, tem mais alguma coisa?

— O vidro é vidro. A madeira é madeira… mas um painel de madeira num carro tão antigo, tão supostamente antigo, é uma aberração. Meu irmão mais velho tinha um Buick do final dos anos 50, um Limited. Aprendi a dirigir nele e me lembro bem. Com medo e carinho. O painel era estofado de vinil. Eu diria que, neste, o forro dos assentos são de vinil, o que estaria correto para esta

marca e este modelo. Vou verificar com a General Motors para ter certeza. O odômetro… estranhíssimo. Você viu o odômetro?

Ennis fez que não com a cabeça. Parecia hipnotizado.

— Está zerado. O que tem cabimento, acho eu. Aquele carro, aquele suposto carro, não andaria nunca. — Olhou de Ennis para Tony e novamente para Ennis. — Me digam que não o viram andar. Que não o viram rodar nem um centímetro movido por seus próprios meios.

— Efetivamente, eu não vi — disse Ennis.

O que era verdade. Não havia necessidade de acrescentar que Bradley Roach afirmou tê-lo visto andar por seus próprios meios, e que Ennis, veterano de muitos interrogatórios, acreditava nele.

— Ótimo. — Bibi pareceu aliviado. Bateu palmas, mais uma vez bancando a professora. — Está na hora de ir embora, meus filhos! Digam o seu obrigado!

— Obrigado, sargento — disseram em coro.

A jovem belíssima terminou seu chá gelado, arrotou e seguiu seus colegas de jaleco branco de volta para o carro em que vieram. Tony ficou fascinado ao perceber que nenhum dos três olhou para o Buick. Para eles, aquele já era um caso encerrado, e havia novos casos pela frente. Para eles, o Buick era apenas um carro velho, envelhecendo mais a cada minuto sob o sol de verão. E daí se as pedrinhas caíam quando colocadas nas ranhuras dos frisos, até mesmo quando colocadas tão para cima na curva do pneu que a gravidade as seguraria? E daí que havia três vigias de um lado em vez de quatro?

Eles veem e ao mesmo tempo não veem, dissera Bibi. Os jovens são uns idiotas tão maravilhosos.

Bibi foi para seu próprio carro atrás de seus idiotas maravilhosos (Bibi gostava de dirigir para as cenas dos crimes em solitário esplendor, sempre que possível), depois parou.

— Eu disse que a madeira é madeira, o vinil é vinil, e o vidro é vidro. Vocês ouviram?

Tony e Ennis fizeram que sim com a cabeça.

— Me parece que o sistema de escape desse suposto carro também é de vidro. Claro, só olhei embaixo de um lado, mas eu tinha uma lanterna. Bem possante. — Por alguns momentos ele ficou ali parado, fitando o Buick estacionado defronte ao galpão B, as mãos no bolso, balançando para a frente e para trás nos calcanhares. — Nunca vi um carro com sistema de escape de vidro — disse afinal, e foi andando até seu carro.

Pouco depois, ele e os filhos haviam ido embora.

Tony estava aflito com o carro ali fora, não só por causa de possíveis tempestades, mas também porque qualquer pessoa que passasse pelos fundos poderia vê-lo. Pensava nas visitas, no Sr. e Sra. Cidadão Comum. A polícia estadual servia o cidadão comum e sua família da melhor maneira possível, em alguns casos pagando com a própria vida. Mas não confiava plenamente neles. A família do cidadão comum não era a família do regimento D. A perspectiva de vazamento de informações — pior ainda, de circulação de boatos — deixava o sargento Schoondist crispado.

Às 15 para as três, ele foi até a salinha de Johnny Parker (naquele tempo, a frota de veículos do condado ainda ficava ao lado do quartel) e com jeitinho pediu a Johnny para tirar uma das plainas do galpão B e botar o Buick. O acordo foi selado com meio litro de uísque, e o Buick foi rebocado para a penumbra cheirando a óleo que passou a ser o seu lar. O galpão B tinha portas de garagem nos dois extremos, e Johnny trouxe o Buick pela dos fundos. Assim, o carro passou todos os anos de sua estada de frente para o quartel do regimento D. Era algo que quase todos os guardas estaduais percebiam com o passar do tempo. Não como um pensamento consciente, mas sim como algo que pairava na cabeça, sem adquirir propriamente uma forma nem desaparecer: a pressão de seu sorriso cromado.

Havia 18 policiais lotados no regimento D em 1979, cumprindo os turnos de hábito: das sete às 15, das 15 às 23, e o da noite alta, quando viajavam dois no carro-patrulha. Às sextas e sábados, o turno de 23 às sete era chamado de Patrulha do Vômito.

Às 16 horas do dia em que o Buick chegou, a maioria dos policiais que não estava de serviço já havia ouvido falar dele e apareceu para dar uma olhada. Sandy Dearborn, que já voltara do acidente na rodovia 6 e datilografava a ocorrência, viu-os sair murmurando em grupos de três e quatro, quase como grupos de turistas. Curt Wilcox não estava de serviço então e serviu de guia a muitos dos grupos, mostrando as vigias assimétricas e o volante descomunal, levantando o capô para os colegas poderem admirar o motor sem pé nem cabeça com a inscrição BUICK 8 gravada dos dois lados do bloco.

Orv Garrett guiou outros grupos, contando várias vezes a história da reação de Mister D. O sargento Schoondist, já fascinado pela coisa (um fascínio que nunca o abandonaria de todo até o mal de Alzheimer lhe apagar a mente), saía todas as vezes que podia. Sandy se lembra de vê-lo uma ocasião junto à porta aberta do galpão B, pé encostado na parede, braços cruzados. Ennis estava ao lado dele, fumando um dos Tiparillos pequenos que apreciava e falando enquanto Tony balançava a cabeça positivamente. Passava das 15 horas, e Ennis mudara de roupa, vestindo jeans e camisa branca. Passava das 15 — foi o máximo que Sandy conseguiu dizer depois. Gostaria de precisar mais, mas não deu.

Os tiras chegavam, olhavam o motor (o capô permanentemente aberto então, como uma boca), agachavam-se para ver o exótico sistema de escape de

vidro. Olhavam tudo sem tocar em nada. O cidadão comum e sua família não saberiam segurar as mãos, mas estes eram policiais. Sabiam que embora o Buick pudesse não ser considerado prova, ainda poderia vir a ser. Especialmente se o homem que o havia deixado no posto Jenny aparecesse morto.

— A não ser que isso ou outra coisa qualquer aconteça, pretendo guardar o carro aqui — disse Tony a Matt Babicki e Phil Candleton.

Já era por volta das cinco da tarde, os três já tinham largado o expediente havia umas duas horas, e Tony começava a pensar em ir para casa. O próprio Sandy fora embora às quatro, querendo cortar o gramado antes de jantar.

— Aqui, por quê? — perguntou Matt. — O que tem de tão importante, sargento?

Tony perguntou a Matt e a Phil se eles sabiam a respeito do gigante de Cardiff. Eles disseram que não, e então Tony lhes contou a história. O gigante havia sido "descoberto" no vale Onondaga, no norte do estado de Nova York. Supôs-se que fosse o corpo fossilizado de um humanoide gigante, talvez um ser de outro mundo ou o elo perdido entre o homem e o macaco. No fim das contas, era apenas uma peça pregada por um fabricante de charutos chamado George Hull.

— Mas antes que Hull confessasse — disse Tony —, quase todo mundo, incluindo P. T. Barnum, veio dar uma olhada. Os campos das fazendas em volta viraram uma papa de tanto serem pisoteados. Casas foram arrombadas. Houve um incêndio florestal provocado por uns imbecis que acampavam no bosque. Mesmo depois que Hull confessou ter esculpido o "homem petrificado" em Chicago e tê-lo despachado pelo Railway Express para o norte do estado de Nova York, continuava a chegar gente. As pessoas não queriam acreditar que a coisa não fosse real. Já ouviram o ditado "A cada minuto nasce um bocó"? Foi cunhado em 1869, a propósito do gigante de Cardiff.

— Aonde você quer chegar? — perguntou Phil.

Tony olhou-o com impaciência.

— Aonde? Acontece que não quero ter nenhum gigante de Cardiff sob a minha guarda. Se eu puder evitar. Nem gigante de Cardiff nem o raio do Buick de Turim.

Quando voltavam ao quartel, Huddie Royer juntou-se a eles (tendo ao lado Mister Dillon, que agora o acompanhava obediente como um cachorro de exposição). Huddie captou a parte do Buick de Turim e riu. Tony olhou sério para ele.

— Nada de gigante de Cardiff no oeste da Pensilvânia. Gravem o que eu digo e passem adiante. Porque vai ser desse jeito: de boca em boca, não vou botar nenhum memorando no quadro de avisos. Sei que vai ter algum falatório, mas isso passa. Não vou tolerar que, em plena época de crescimento da safra, as fazendas amish sejam invadidas por um bando de curiosos, está entendido?

Estava.

Por volta das 19 horas, as coisas haviam mais ou menos voltado ao normal. Sandy Dearborn pôde constatar isso pessoalmente, porque voltara depois do jantar para dar mais uma olhada no carro. Só encontrou três agentes — dois que não estavam de serviço e um de uniforme — passeando em volta do Buick. Buck Flanders, um dos que não estavam de serviço, fotografava com sua Kodak. Isso deixou Sandy um tanto aflito, mas o que mostrariam as fotos? Só um Buick, e nem tão velho para ser considerado antiguidade.

Sandy ficou de quatro e olhou embaixo do carro, usando uma lanterna que havia por perto (provavelmente para isso mesmo). Examinou à vontade o sistema de escape. Para ele, parecia vidro Pyrex. Espiou um pouco pela janela do motorista (nada de zumbido, nada de frio), depois voltou ao quartel para bater um papo com Brian Cole, que, naquele turno, estava no lugar do sargento-chefe. Os dois começaram a falar do Buick, passaram para as respectivas famílias e quando entraram no beisebol, Orville Garrett apareceu na porta.

— Alguém aí viu Ennis? O Dragão está ao telefone, e não parece muito satisfeita.

O Dragão era Edith Hyams, a irmã de Ennis. Tinha mais oito ou nove anos que ele e já era viúva há muito tempo. No regimento D, havia quem achasse que ela matara o marido de aporrinhação. "O que ela tem na boca não é língua, é uma faca Ginsu", observara Dicky-Duck Eliot. Curt, que tinha mais contato com ela que o resto do regimento (Ennis costumava ser seu parceiro, eles se davam bem apesar da diferença de idade), achava que Edith era o motivo pelo qual o policial Rafferty nunca se casara. "Acho que, no fundo, ele tem medo que todas sejam iguais a ela", disse uma vez a Sandy.

Voltar para o trabalho depois que terminou o turno nunca é uma boa ideia, pensou Sandy após passar mais de dez minutos ao telefone com o Dragão. Cadê ele? Prometeu estar em casa às seis e meia no máximo, comprei o assado que ele queria no Pepper's, 89 centavos a libra, agora está uma sola de sapato, mais cinza que água suja, se ele estiver no Country Way ou no Tap, me diga logo, Sandy, para eu ligar e dizer a ele umas verdades. Ela também informou a Sandy que seus diuréticos haviam acabado, e que Ennis ficara de lhe trazer uma caixa nova. Então onde estava? Fazendo hora extra? Se fosse isso, tudo bem, dinheiro vinha sempre a calhar, só que ele deveria ter ligado. Ou teria ido beber? Embora o Dragão não tenha dito claramente, Sandy sentiu que seu parecer recaía na bebida.

Sandy estava sentado à mesa do atendimento, com a mão em cima dos olhos, aguardando uma chance para falar, quando Curtis Wilcox apareceu vestido à paisana, todo fagueiro. Como Sandy, viera para dar mais uma olhada no Roadmaster.

— Espere um segundo, Edith — disse Sandy, e botou o fone no peito. — Me ajude aqui, garoto. Sabe aonde Ennis foi depois que saiu?

— Ele saiu?

— Sim, mas parece que não foi para casa. — Sandy apontou para o fone, que ainda estava em seu peito. — A irmã dele está na linha.

— Se saiu, como é que o carro dele ainda está aqui? — perguntou Curtis.

Os dois se entreolharam. Então, sem dizer uma palavra, chegaram à mesma conclusão.

Sandy livrou-se de Edith — disse-lhe que ligaria depois, ou mandaria Ennis ligar para ela, caso ele aparecesse. Depois, saiu com Curtis pelos fundos.

O carro de Ennis era inconfundível, o Gremlin da American Motors de que todos caçoavam. Não estava muito longe da plaina que Johnny Pirates caído sobre os olhos, mas não havia sinal dele.

Curt deu meia-volta e encaminhou-se para o quartel. Sandy precisou correr para alcançá-lo e agarrar-lhe o braço.

— Aonde pensa que vai? — perguntou.

— Chamar Tony.

— Ainda não — disse Sandy. — Deixe-o jantar. Se for preciso, depois o chamamos. Espero que não seja.

Antes de procurar em qualquer outro lugar, inclusive na sala de estar do andar de cima, Curt e Sandy procuraram no galpão B. Deram a volta no carro, olharam dentro e embaixo. Não havia sinal de Ennis Rafferty em nenhum desses lugares — pelo menos que tivessem visto. Naturalmente, procurar algum sinal dentro e em volta do Buick naquela tarde era o mesmo que procurar as pegadas de um determinado cavalo depois de um estouro da manada. Não havia sinal de Ennis especificamente, mas...

— Está frio aqui, ou só eu que estou sentindo? — perguntou Curtis. Estavam prestes a voltar ao quartel. Curt estivera ajoelhado com a cabeça inclinada, dando uma última olhada embaixo do carro. Agora levantou-se, limpando os joelhos. — Quer dizer, sei que não está um gelo nem nada, mas está mais frio do que deveria, não acha?

Sandy na verdade estava com muito calor — o suor lhe escorria pelo rosto —, mas talvez fosse por causa do nervoso e não da temperatura ambiente. Achou que a sensação de frio de Curt provavelmente era apenas um resquício daquilo que ele sentira, ou julgara sentir, no posto Jenny.

Curt leu isso facilmente na cara dele.

— Talvez seja. Talvez seja da minha cabeça. Porra, sei lá. Vamos procurar no quartel. Talvez ele esteja escondido lá embaixo no almoxarifado. Não seria a primeira vez.

Os dois não haviam entrado no galpão B por nenhuma das duas grandes portas de enrolar, mas sim pela porta normal de maçaneta que havia do lado direito. Curt se deteve ali em vez de sair, olhando para o Buick por cima do ombro.

Seu olhar, quando ele estava ao lado da parede de martelos, tesouras, ancinhos, pás e uma cavadeira pendurados (a sigla AA em vermelho no cabo não era de Alcoólicos Anônimos, mas sim de Arky Arkanian), era zangado. Quase ameaçador.

— Não era da minha cabeça — disse, mais para si mesmo que para Sandy. — Estava frio. Agora não está, mas estava.

Sandy ficou calado.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse Curt. — Se o raio daquele carro for ficar muito tempo por aqui, vou arranjar um termômetro para esse galpão. Pago do meu bolso, se for preciso. E olhe, pomba! Deixaram a mala aberta. Quem terá sido…

Eles haviam olhado dentro e embaixo do Buick, mas haviam ignorado o lugar que era — pelo menos segundo os filmes antigos — o depósito temporário de cadáveres predileto de assassinos amadores e profissionais.

Os dois chegaram até o Buick e ficaram por trás, olhando a fresta escura onde o porta-malas estava aberto.

— Abra você, Sandy — disse Curtis.

Sua voz era baixa, quase um sussurro.

Sandy não queria, mas decidiu que tinha que abrir — afinal de contas, Curtis era ainda um novato. Respirou fundo e levantou a tampa da mala. Ela subiu muito mais depressa do que ele esperara. Ao atingir a abertura máxima, fez um barulho tão alto que os dois levaram um susto. Curtis agarrou Sandy com dedos tão gelados que Sandy quase gritou.

A mente é uma máquina poderosa que nem sempre é de confiança. Sandy tinha tanta certeza de que iam encontrar Ennis Rafferty no porta-malas do Buick que houve um momento em que chegou a ver o corpo: uma forma enroscada em posição fetal, de jeans e camisa branca, parecendo algo que um matador da Máfia poderia deixar na mala de um Lincoln roubado.

Mas os dois policiais só viram um jogo de sombras. O porta-malas do Buick estava vazio. Não havia nada lá dentro senão o forro marrom liso, sem uma única ferramenta ou mancha de graxa. Eles ficaram um instante em silêncio, depois Curt fez um ruído, que seria uma risada ou um bufo de exasperação.

— Vamos sair daqui. E desta vez, vamos fechar bem o raio da mala. Quase morri de susto.

— Eu também — disse Sandy batendo a mala com força.

Ele seguiu Curtis em direção à porta ao lado da parede com as ferramentas penduradas. Curtis olhava de novo para trás.

— Que coisa, hein? — disse baixinho.

— E — concordou Sandy.

— É estranho, não acha?

— Acho, novato, acho mesmo, mas seu parceiro não está ali dentro, Nem em lugar nenhum aqui. Isso é garantido.

Curt não deu bola para a palavra novato. Aquela época estava quase terminada para ele, e ambos sabiam disso. Ele ainda estava olhando para o carro, tão polido, tão tranquilo e tão ali. Seus olhos estavam apertados, mostrando apenas duas riscas azuis.

— Quase parece falar. Quer dizer, tenho certeza que isso é só minha imaginação...

— Claro que é.

— ... mas quase dá para eu ouvir o murmúrio. Hum-hum-hum.

— Pare com isso antes que eu fique nervoso.

— Quer dizer que ainda não está?

Sandy achou melhor não responder.

— Venha, sim?

Saíram, Curt dando uma olhada final antes de fechar a porta.

Os dois procuraram no andar de cima do quartel, onde havia uma sala de estar, e, atrás de uma cortina azul lisa, um dormitório com quatro camas de campanha. Andy Colucci assistia a uma comédia de costumes na televisão e dois policiais que haviam trabalhado no turno da noite dormiam. Sandy ouvia os roncos. Abriu a cortina para verificar. Dois homens, sim, um deles fazia uic-uic pelo nariz — educado — e o outro fazia — ronc ronc-ronc pela boca aberta — grosseiro. Nenhum deles era Ennis. Sandy não esperara realmente encontrá-lo ali; quando queria se esconder, em geral Ennis ia para o almoxarifado do porão e se recostava na velha cadeira giratória que combinava perfeitamente com a escrivaninha de aço da Segunda Guerra Mundial, o velho rádio rachado na prateleira tocando baixinho uma música para dançar. Mas, aquela noite, ele não estava no almoxarifado. O rádio estava desligado e a cadeira giratória com a almofada no assento, desocupada. Ele também não estava em nenhum dos cubículos de depósito, que eram mal iluminados e quase tão fantasmagóricos quanto celas de masmorra.

Ao todo, havia quatro sanitários no prédio, contando com o modelo de inox sem tampa no canto dos marginais. Ennis não estava escondido em nenhum dos três com portas. Nem na quitinete, nem no atendimento, nem no gabinete do

SC, temporariamente vazio, com as portas abertas e as luzes apagadas.

A essa altura, Huddie Royer juntara-se a Sandy e Curt. Orville Garrett fora para casa e só voltaria no dia seguinte (provavelmente com medo de que a irmã de Ennis em pessoa aparecesse), deixou Mister Dillon aos cuidados de Huddie, e então o cão também estava lá. Curt explicou o que estavam fazendo e por quê. Huddie logo captou as implicações. Tinha uma cara franca de camponês, mas estava longe de ser burro. Levou Mister D até o armário de Ennis e deixou-o cheirar o interior, coisa que o cachorro fez com grande interesse. Andy Colucci juntou-se a eles então, com mais uns policiais que não estavam de serviço e passaram para dar uma olhada no Buick. Eles saíram, dividiram-se em dois grupos e deram a volta no prédio, cada grupo por um lado, chamando por Ennis. Ainda estava bem claro, mas o céu já começara a avermelhar.

Curt, Huddie, Mister D e Sandy formavam um grupo. Mister Dillon andava devagar, farejando tudo, mas a única vez em que parou e deu meia-volta, o cheiro que captou levou-o direto ao Gremlin de Ennis. Não adiantou nada.

A princípio chamar por Ennis parecia bobagem, mas, quando eles desistiram e voltaram a entrar no quartel, já não parecia mais. Era isto que assustava: a rapidez com que chamar por ele deixou de parecer ridículo e passou a ser coisa séria.

— Vamos levar Mister D ao galpão e ver o que ele fareja ali — propôs Curt.

— De jeito nenhum — disse Huddie. — Ele não gosta do carro.

— Ora, cara, Ennie é meu parceiro. Além do mais, talvez agora a reação do velho D seja diferente.

Mas o velho D reagiu da mesma forma. Sentia-se bem do lado de fora do galpão, e, de fato, começou a puxar a guia quando os policiais se aproximaram da porta lateral. Tinha a cabeça baixa, o nariz quase roçando o asfalto. Ficou ainda mais interessado quando chegaram à porta propriamente dita. Os policiais não tinham dúvida de que ele captara em cheio o cheiro de Ennis.

Então Curtis abriu a porta, e Mister Dillon esqueceu-se completamente o que andara farejando. Começou logo a uivar, e voltou a se agachar como se estivesse com cólicas. Sua pelagem se arrepiou como um rabo de pavão, e ele respingou de urina a soleira da porta e o piso de concreto do galpão. Pouco depois, ainda uivando, puxava a guia que Huddie segurava, tentando entrar com uma relutância louca. O lugar lhe dava aversão e medo ao mesmo tempo, notava-se isso em todo o seu corpo — e em seus olhos esgazeados também — mas, mesmo assim, tentava entrar.

— Não tem importância! Tire-o daí! — gritou Curt.

Até então, ele se controlara muito bem, mas aquele havia sido um dia longo e estressante, e ele finalmente estava prestes a estourar.

— Não é culpa dele — disse Huddie, e antes que pudesse dizer mais alguma

coisa, Mister Dillon empinou o focinho e tornou a uivar.., só que para Sandy aquilo pareceu mais um grito que um uivo. O cão tornou a avançar naquela posição estranha, puxando o braço de Huddie como se fosse uma bandeira numa ventania. Agora estava lá dentro, uivando e ganindo, tentando avançar e mijando em tudo como se fosse um filhotinho. Mijando de terror.

— Sei que não é — disse Curtis. — Você estava certo, para início de conversa, lhe peço desculpas por escrito, se quiser, mas tire o bicho daqui, porra!

Huddie tentou puxar Mister D para dentro, mas o cão era grande, devia ter uns 40 quilos, e não queria vir. Curt teve que jogar seu corpo sobre o do cão para fazê-lo ir na direção correta. Acabou sendo arrastado de lado, esperneando e uivando e dando bocadas no ar o tempo todo. Era como puxar um saco de doninhas, diria Sandy depois.

Quando o cão afinal passou pela porta, Curtis bateu-a. Na mesma hora, Mister Dillon relaxou e parou de se debater. Foi como se tivessem desligado um botão em sua cabeça. Ele continuou um ou dois minutos deitado de lado, recobrando o fôlego, depois se levantou. Olhou para os policiais com uma expressão perplexa que parecia dizer: "O que aconteceu, gente? Eu estava muito bem, de repente me deu um branco."

— Puta que pariu — disse Huddie em voz baixa.

— Leve-o de volta para o quartel — disse Curt. — Eu não devia ter lhe pedido para deixá-lo entrar ali, mas estou preocupadíssimo com Ennis.

Huddie levou o cão de volta para o quartel. O bicho estava de novo com a cabeça fresca como um milk-shake de morango, e só parou para farejar os sapatos dos policiais que haviam ajudado a revistar o local. Agora havia mais outros que, depois de ouvir o chilique de Mister D, vieram ver o que se passava.

— Vão indo lá para dentro, gente — disse Sandy, acrescentando o que sempre diziam aos curiosos que se aglomeravam em locais de acidente.

— Acabou o espetáculo.

Eles entraram. Curt e Sandy observaram-nos, parados ao lado da porta do galpão. Pouco depois, Huddie voltou sem Mister D. Ao ver Curt esticar o braço para abrir a maçaneta da porta do galpão, sentiu uma onda de pavor e tensão subir-lhe à cabeça. Era a primeira vez que tinha essa sensação em relação ao galpão B, mas não seria a última. Nos 20 anos que se seguiram àquele dia, ele entraria dezenas de vezes no galpão B, mas nunca sem que se levantasse aquela onda mental sinistra e sem a intuição de horrores quase percebidos, de abominações no canto do olho.

Não que todos os horrores tenham passado despercebidos. No fim, perceberam muitos.

Os três entraram, os sapatos rangendo no cimento sujo. Sandy acionou os

interruptores ao lado da porta e, com a claridade ofuscante das lâmpadas nuas, o Buick parecia um elemento deixado num cenário vazio, ou a única peça numa galeria de arte que fora arrumada como uma garagem para a exibição. Como se chamaria uma coisa dessas?, Sandy se perguntou. From a Buick 8 foi o que lhe ocorreu, provavelmente porque havia uma canção de Bob Dylan com um título semelhante.[2] Enquanto estavam ali, tinha o estribilho na cabeça, parecendo iluminar aquela sensação de pavor: *Well, if I go down diyn 'you know she bound to put a blanket on my bed* [Bem, se caio agonizando, você sabe que ela deve botar uma manta em minha cama].

O carro olhava com aqueles faróis e aquela grade de Buick escarninha. Descansava sobre seus pneus gordos e luxuosos de banda branca, e tinha um painel cheio de comandos falsos que não mexiam e um volante tão grande que poderia ser o timão de um navio corsário. Tinha algo que fez o cachorro do quartel uivar de terror e ao mesmo tempo puxar a correia para se aproximar como se atraído por uma espécie de magnetismo estático. Se antes fizera frio lá dentro, já não fazia mais. Sandy via o suor na cara brilhante dos outros dois homens e sentia o seu.

Foi Huddie quem finalmente disse aquilo em voz alta, e Sandy ficou satisfeito. Ele sentia, mas jamais teria sido capaz de traduzir aquela sensação em palavras. Era chocante demais.

— Aquela porra comeu o Ennis — disse Huddie com certeza absoluta. — Não sei como pode ter acontecido, mas acho que ele entrou aqui sozinho para dar mais uma olhada e… sei lá… foi comido.

Curt disse:

— Está nos observando. Vocês sentem?

Sandy olhou os olhos de vidro dos faróis. O sorriso escarninho da boca virada para baixo, cheia de dentes cromados. As volutas decorativas nas laterais, que quase poderiam ser cachos de cabelo lustroso. Ele sentiu algo, sim. Talvez não fosse nada senão assombro infantil diante do desconhecido, o pavor que as crianças sentem na frente de casas que sentem ser mal-assombradas. Ou talvez tenha sido mesmo o que Curt disse. Talvez aquilo os estivesse observando. Medindo a distância.

Olharam o carro, mal respirando. Ele estava ali, e ali permaneceria por todos os anos seguintes, enquanto presidentes entravam e saíam, os CDs substituíam os discos, a bolsa subia e dois arranha-céus caíam, astros de cinema viviam e morriam, e policiais entravam e saíam no quartel D. todos eles sentiram o que Mister Dillon sentira: aquela atração. Nos meses seguintes, passou a ser comum ver tiras lado a lado parados diante do galpão B. Eles tapavam os lados da cara com as mãos para evitar o reflexo, e olhavam pelas vidraças do portão da garagem. Olhavam como curiosos na frente de uma obra. Às vezes, entravam, também (mas nunca sozinhos; em se tratando do galpão B, prevalecia o coleguismo), e quando entravam sempre pareciam mais jovens,

como meninos enfrentando o desafio de visitar o cemitério local.

Curt pigarreou. O ruído assustou os outros dois, que riram nervosamente.

—Vamos lá dentro chamar o sargento — disse, e desta vez

— … e desta vez, eu não disse nada. Só fui atrás, como um bom menino. Minha garganta colava de tão seca. Olhei o relógio e não me admirei muito ao ver que se passara mais de uma hora. Tudo bem, eu não estava de serviço. O dia estava mais escuro que nunca, mas o murmúrio da trovoada afastara-se para o sul.

— Bons tempos — disse alguém entre triste e divertido (um truque que só os judeus e os irlandeses parecem dominar com alguma graça). — Achávamos que viveríamos a vida toda como uns pavões, não?

Dei uma olhada em volta e vi Huddie Royer, agora vestido à paisana, sentado à esquerda de Ned. Não sei quando se juntara a nós. Continuava com aquela cara honesta de caipira desde 1979, mas agora tinha vincos dos lados da boca, seu cabelo estava quase todo grisalho, e recuara como a maré, revelando uma grande superfície brilhante como testa. Tinha, eu imaginava, mais ou menos a idade que Ennis Rafferty teria quando desapareceu. Os planos de aposentadoria de Huddie envolviam uma motocasa e visitas aos filhos e netos. Pelo que eu via, ele os tinha em toda parte, incluindo a província de Manitoba. Se você perguntasse — ou mesmo se não — ele lhe mostraria um mapa com as rotas que pensava fazer marcadas em vermelho.

— É — disse eu. — Acho que sim. Quando chegou, Huddie?

— Ah, eu estava passando e ouvi você falar de Mister Dillon. Era um bom cão, não? Lembra como se deitava de costas e ficava rolando quando alguém dizia "Está preso"?

— Lembro — eu disse, e sorrimos um para o outro, como os homens sorriem do amor ou de uma história.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Ned.

— Esticou as canelas — disse Huddie. — Eddie Jacubois e eu o enterramos bem ali. — Apontou para o campo coberto de mato que subia um morro a norte do quartel. — Deve fazer uns 15 anos. Não acha, Sandy?

Fiz que sim com a cabeça. Na verdade, fazia 14, quase exatamente.

— Devia ser velho, não? — perguntou Ned.

Phil Candleton disse:

— Estava ficando, sim, mas…

— Foi envenenado — disse Huddie com uma voz rouca e indignada, e se calou.

— Se quiser ouvir o resto desta história… — comecei.

— Quero — respondeu Ned de pronto.

— Então tenho que molhar a garganta.

Comecei a me levantar quando Shirley saiu com uma bandeja na mão. Na bandeja, havia um prato de sanduíches grossos — queijo e presunto, rosbife, galinha — e uma jarra de chá gelado Red Zinger.

— Pode ficar sentado, Sandy — disse ela. — Eu cubro você.

— O que você é, adivinha?

Ela sorriu ao pousar a bandeja no banco.

— Não. Só sei que os homens ficam com sede quando falam, e que os homens vivem com fome. Até as mulheres de vez em quando têm fome e sede, acredite ou não. Comam, rapazes, e espero que você trace pelo menos dois destes sanduíches, Ned Wilcox, está magro à beça.

Aquela bandeja carregada me lembrou Bibi Roth, falando com Tony e Ennis enquanto sua equipe — seus filhos, não muito mais velhos do que Ned — bebia chá gelado e devorava sanduíches feitos na mesma quitinete, idêntica, a não ser pela cor dos ladrilhos no chão e o forno de micro-ondas. Acho que o tempo também é seguro por cadeias.

— Sim, senhora.

Ele sorriu para ela, mas achei que fosse mais por obrigação do que espontaneamente. Continuou olhando para o galpão B. Estava enfeitiçado por aquilo, como tantos homens estiveram naqueles anos todos. Sem falar naquele bom cachorro. Enquanto bebia meu primeiro copo de chá, gostoso e gelado descendo-me na garganta seca, cheio de açúcar de verdade e não aquela merda artificial que não satisfaz, tive tempo de me perguntar se estava fazendo algum bem a Ned Wilcox. Ou, se ele acreditaria no resto da história. Ele poderia simplesmente se levantar e ir embora zangado, achando que eu estivesse brincando com ele e com sua dor. Não era impossível. Huddie, Arky e Phil me dariam apoio — e Shirley também, aliás. Ela ainda não estava conosco quando o Buick chegou, mas, desde que assumira o atendimento em meados dos anos 80, vira muita coisa — e fizera muita coisa. O garoto talvez não acreditasse. Era muito para engolir.

Mas era tarde demais para recuar.

— Como ficou o caso do policial Rafferty? — perguntou Ned.

— Não ficou — disse Huddie. — A cara dele nem apareceu numa caixa de leite.

Ned olhou-o sem saber se ele estava brincando ou não.

— Não aconteceu nada — repetiu Huddie, agora com mais calma.

— Isso é que é sinistro nos desaparecimentos, filho. O que aconteceu com seu pai foi terrível, e eu jamais tentaria convencê-lo do contrário. Mas pelo menos você sabe. Já é alguma coisa, não? Tem um lugar aonde você pode levar

flores. Ou a sua carta de aceitação na universidade.

— Você só está se referindo a uma sepultura — disse Ned. Falou com uma paciência estranha que me deixou aflito. — Tem um pedaço de terra com um caixão embaixo, e uma coisa dentro do caixão vestida com o uniforme do meu pai, mas não é meu pai.

— Mas você sabe o que aconteceu com ele — insistiu Huddie. —Com Ennis... — Ele estendeu as mãos viradas para baixo, depois virou-as para cima, como um mágico no fim de um bom truque.

Arky entrara, provavelmente para dar uma mijada. Estava de volta, e sentou-se.

— Tudo calmo? — perguntei.

— Bem, sim e não, sargento. Steff me pediu para lhe dizer que o rádio está de novo com muita interferência, daquelas curtas. Sabe do que estou falando. Também o DSS foi abaixo. Só aparece aquela mensagem na tela da tevê dizendo AGUARDE, PROCURANDO SINAL.

Steff era Stephanie Colucci, substituta de Shirley no atendimento para o segundo turno, e sobrinha do velho Andy Colucci. O DSS era nossa pequena antena parabólica, paga do nosso bolso, como os aparelhos de ginástica num canto do andar de cima (um ano ou dois atrás, pregaram um cartaz na parede ao lado dos pesos, mostrando ciclistas entusiastas se exercitando no pátio da prisão de Shabene — ELES NUNCA TIRAM UM DIA DE FOLGA é a piada embaixo).

Arky e eu nos olhamos, depois olhamos para o galpão B. Se o micro-ondas na quitinete não encrencasse agora, logo encrencaria. Podíamos ficar sem luz e sem telefone também, embora isso já não acontecesse há algum tempo.

— Fizemos uma coleta para aquela megera com quem ele era casado — disse Huddie. — Isso foi um feito e tanto do regimento D, na minha opinião.

— Pensei que fosse para fazê-la calar a boca — disse Phil.

— Nada fazia-a calar-se — comentou Huddie. — Ela tinha que dar a última palavra. Quem a conhecia sabia disso.

— Não foi exatamente uma coleta, e ele não era casado com ela —disse eu. — Ela era irmã dele. Pensei que tivesse deixado isso claro.

— Ele era casado com ela — insistiu Huddie. — Eles eram como qualquer casal de idade, com todas as caduquices e mazelas. Faziam todas as coisas que qualquer casal mais velho faz, menos o velho tira e bota, e pelo que sei...

— Olhe a língua — disse Shirley com doçura.

— É — disse Huddie —, é melhor.

— Tony passou o chapéu, e todos nós contribuímos com o máximo que

podíamos — contei a Ned. — Depois, o irmão de Buck Flanders, que é corretor de bolsa em Pittsburgh, fez um investimento para ela. Isso foi ideia de Tony em vez de apenas lhe entregar um cheque.

Huddie balançava a cabeça.

— Ele propôs isso naquela reunião que convocou, no salão dos fundos do Country Way. Cuidar do Dragão era mais ou menos o último item da agenda.

Huddie virou-se para Ned.

— A essa altura, sabíamos que ninguém ia encontrar Ennis, e que Ennis não iria aparecer numa delegacia em Bakersfield, Califórnia, ou em Nome, Alasca, com amnésia por ter levado uma pancada na cabeça. Ele tinha sumido. Talvez tivesse ido para o mesmo lugar que o cara da capa e do chapéu pretos foi, talvez para algum outro lugar, mas, seja como for, sumiu. Não havia corpo, não havia sinais de violência, nem mesmo roupas, mas Ennie sumira. — Huddie riu. Era um riso amargo. — Ai, aquela jararaca com quem ele vivia ficou tão doida. Claro que ela já era meio biruta...

— Mais que meio — disse Arky complacente, e serviu-se de um sanduíche de queijo e presunto. — Ela ligava para cá a toda hora, três ou quatro vezes por dia. Fez Matt Babicki no atendimento quase arrancar os cabelos. Você devia agradecer aos céus que ela tenha morrido, Shirley. Edith Hyams! Que peça!

— O que ela achou que tinha acontecido? — perguntou Ned.

— Quem pode saber? — disse eu. — Que o matamos por causa de dívidas de pôquer, talvez, e o enterramos no porão.

— Vocês jogavam pôquer no quartel então? — Ned parecia fascinado e ao mesmo tempo horrorizado. — Meu pai jogava?

— Ah, por favor — eu disse. — Tony teria escalpelado qualquer pessoa que encontrasse jogando pôquer no quartel, mesmo apostando palito de fósforo. E eu faria a mesmíssima coisa. Era brincadeira.

— Nós não somos bombeiros, menino. — Huddie falou com tanto desdém que tive que rir. Então, voltou ao tema em questão. — Aquela velha achava que tínhamos alguma coisa a ver com aquilo porque nos odiava. E odiaria qualquer pessoa que distraísse dela a atenção de Ennis. Odiar é uma palavra forte demais, sargento?

— Não — respondi.

Huddie virou-se de novo para Ned.

— Tomávamos o tempo e a energia dele. E acho que a melhor parte da vida de Ennis foi a que passou aqui ou no carro-patrulha. Ela sabia disso, e tinha ódio... "O trabalho, o trabalho, o trabalho", ela dizia. "Ele só se importa com isso, com o raio do trabalho." Na cabeça dela, nós não podíamos deixar de ter tirado a vida dele. E não tiramos mais nada?

Ned parecia perplexo, talvez porque, em sua casa, nunca existiu o sentimento de ódio ao trabalho. Pelo menos, não que ele percebesse. Shirley pousou delicadamente a mão em seu joelho.

— Ela precisava odiar alguém, não entende? Precisava culpar alguém.

Eu disse:

— Edith ligava, nos ameaçava, escrevia para o deputado dela no Congresso e para o procurador-geral, pedindo uma investigação completa. Acho que Tony sabia de tudo o que vinha pela frente, mas levou adiante a reunião que tivemos algumas noites depois, e apresentou a proposta para cuidarmos dela. Se não fizéssemos isso, ninguém faria. Ennis não deixara muito, e sem nossa ajuda ela estaria quase na miséria. Ennis tinha um seguro e tinha direito à aposentadoria, provavelmente 80 por cento do salário total da época, mas ela não veria um centavo de nenhum dos dois por muito tempo. Por que...ele desapareceu — disse Ned.

— Correto. Então fizemos uma subscrição para o Dragão. Uns dois mil dólares, ao todo, com a contribuição de policiais de Lawrence, Beaver e Mercer. O irmão de Buck Flanders investiu isso em ações de informática, e ela acabou ganhando uma pequena fortuna.

“Quanto a Ennis, começou a correr pelos vários regimentos no oeste da Pensilvânia que ele havia fugido para o México. Ele vivia falando sobre o México e lendo reportagens de revistas sobre o México. Em pouco tempo, aquela versão passou a ser considerada indiscutível: Ennis fugira da irmã antes que ela pudesse terminar de cortá-lo com aquela língua-faca Ginsu. Até gente que estava, ou deveria estar, por dentro começou a dar essa versão: gente que estava na sala dos fundos do Country Way, quando Tony Schoondist disse em alto e bom som achar que o Buick no galpão B tinha algo a ver com o desaparecimento de Ennie.”

—Só faltou dizer que era uma unidade de transporte do planeta X

— acrescentou Huddie.

— O sargento estava muito convincente aquela noite — disse Arky, tão igual a Lawrence Welk que tive que tapar a boca com a mão para disfarçar o riso.

— Quando escreveu para o seu deputado, acho que ela não comentou nada sobre isso que vocês tinham aqui na Zona Morta, comentou? —perguntou Ned.

— Como poderia? — perguntei. — Ela não sabia. Foi principalmente por isso que o sargento Schoondist convocou a reunião. Basicamente foi para nos lembrar que falar demais dá m...

— O que foi? — perguntou Ned, semi-erguendo-se do banco.

Nem precisei olhar para saber o que ele estava vendo, mas assim mesmo olhei. Shirley, Arky e Huddie também. Não dava para não olhar, para não ficar

fascinado. Nenhum de nós ficara uivando e se mijando por causa do Roadmaster feito o pobre Mister D, mas, em pelo menos duas ocasiões, eu gritara. Gritara sim. Quase me esgoelara de tanto gritar. E os pesadelos depois disso. Puxa vida.

A tempestade se afastara para o sul, só que, de alguma forma, não tinha se afastado. De alguma forma, ficara presa dentro do galpão B. Do banco dos fumantes onde estávamos sentados, dava para ver as explosões silenciosas e intensas de luz ali dentro. A carreira de janelas na porta de enrolar ficava um breu, depois ganhava um preto-azulado. E com cada clarão, eu sabia, ouvia-se mais um chiado de estática no rádio. Em vez de marcar 1718, no relógio do micro-ondas marcava ERROR.

Mas, no geral, esse não foi dos piores. Os clarões de luz deixavam imagens na retina — quadrados esverdeados pairando na frente dos olhos —, mas podia-se olhar. As primeiras três ou quatro vezes que ocorreu essa tempestade de bolso era impossível olhar, os olhos ficariam fritos.

— Meu Deus! — sussurrou Ned. Estava boquiaberto de tão espantado...

Não, isso é dizer pouco. Foi choque o que vi em seu rosto naquela tarde. E não terminava nisso. Quando os olhos dele clarearam um pouco, vi o mesmo olhar de fascinação que vira no rosto de seu pai. No de Tony, de Huddie, Matt Babicki e Phil Candleton. E não o notara eu em meu próprio rosto? É a expressão que quase todos nós fazemos quando nos deparamos com o desconhecido profundo e autêntico, acho eu — quando vislumbramos aquele lugar em que termina nosso universo familiar e começa o breu absoluto.

Ned virou-se para mim.

— Sandy, Meu Deus, o que é isso? O que é isso?

— Se tiver que chamar isso de alguma coisa, chame de tremor de luz. Um tremor suave. Atualmente, a maioria é suave. Quer ver mais de perto?

Ele não perguntou se era seguro, não perguntou se iria lhe explodir na cara nem fritar a fábrica de esperma lá embaixo. Disse apenas:

—É!

O que não me surpreendeu nada.

Aproximamo-nos, Ned e eu à frente, os outros não muito longe. Os clarões irregulares eram muito nítidos naquele dia escuro, mas se viam até em pleno sol. E quando tomamos posse do Buick Roadmaster (foi na época em que a Three-Mile Island quase explodiu, agora estou pensando), o carro, num de seus ataques, literalmente brilhava mais que o sol.

— Preciso de óculos escuros? — perguntou Ned ao nos aproximarmos da porta do galpão.

Agora eu ouvia o zumbido de dentro, o mesmo que o pai de Ned notara ao sentar-se ao volante gigante do Buick no posto Jenny.

— Não, basta apertar os olhos — disse Huddie. — Em 79, você teria precisado de óculos, isso eu posso lhe dizer.

— Pode apostar — disse Arky quando Ned botava o rosto numa das janelas, apertando os olhos para ver.

Meti-me ao lado de Ned, fascinado como sempre. Vamos chegando, vejam o crocodilo vivo.

O Roadmaster estava totalmente descoberto, de alguma forma, desvencilhara-se da lona que jazia embolada do lado do motorista. A mim, aquilo pareceu mais que nunca um objet d'art — aquele velho e grande dinossauro automotivo de linhas curvas e desenho duro, com suas rodas grandes e sua boca de grade escarninha. Sejam bem-vindos, senhoras e senhores! Sejam bem-vindos à mostra desta noite de From a Buick 8! Mas mantenham uma distância respeitosa, porque esta é a arte que morde!

O carro estava ali, imóvel e morto… imóvel e morto… aí acendeu-se um clarão roxo na cabine. O volante gigante e o retrovisor se destacaram com absoluta nitidez, como objetos no horizonte durante uma descarga de artilharia. Ned ficou sem ar e protegeu o rosto com a mão.

Os relâmpagos não paravam, e cada detonação silenciosa lançava a sombra agitada do carro no chão de cimento e na parede de tábuas, onde estavam penduradas algumas ferramentas. Agora o zumbido era muito claro. Voltei os olhos para o termômetro redondo pendurado na viga que corria sobre o capô do Buick, e quando o clarão tornou a se acender, consegui facilmente ler a temperatura: 12 graus. Nenhuma maravilha, mas também nenhum horror. Em geral, quando a temperatura no galpão B baixava de dez é que era preocupante. Doze não era nada ruim. Mesmo assim, era melhor se precaver. Havíamos chegado a algumas conclusões sobre o Buick com o passar dos anos, estabelecido algumas regras, mas não cairíamos na besteira de confiar demais nelas.

Outro daqueles intensos clarões sem som brilhou dentro do Buick, e passou-se quase um minuto sem mais nada. Ned não se mexia. Não sei se sequer respirava.

— Terminou? — perguntou afinal.

— Espere — disse eu.

Esperamos mais dois minutos e, como nada acontecesse, abri a boca para dizer que seria melhor voltarmos e nos sentarmos, o Buick esgotara seu estoque de fogos de artifício por aquela noite. Antes que eu pudesse falar, houve um tremendo clarão final. Uma instável espiral de luz, como a faísca de um cíclotron gigante, foi disparada do banco traseiro do Buick para fora e para o alto. Subiu ziguezagueando em diagonal para a esquina do fundo do galpão, onde havia uma prateleira alta lotada de caixas velhas, a maioria com peças de ferragem avulsas. Estas emitiam um brilho amarelo pálido um tanto sinistro,

como se nas caixas houvesse velas acesas em vez de porcas, roscas, parafusos e molas. O zumbido aumentou, fazendo-me bater queixo e parecendo vibrar em meu nariz. Aí, parou. A luz também. A nossos olhos deslumbrados, o interior do galpão parecia um breu, em vez de apenas sombrio. O Buick era apenas um vulto de cantos arredondados e reflexos furtivos que marcavam os revestimentos cromados em volta de seus faróis.

Shirley soltou o ar dando um longo suspiro e afastou-se da janela de onde estivera olhando. Tremia. Arky envolveu-lhe os ombros e deu-lhe um abraço tranquilizador.

Phil, que pegara a janela à minha direita, disse:

— Chefe, por mais que eu veja, nunca me acostumo.

— O que é isso? — perguntou Ned. Seu assombro parecia ter-lhe tirado dez ou 12 anos da cara, transformando-o num menino mais moço que suas irmãs. — Porque acontece isso?

— Não sabemos — eu disse.

— Quem mais sabe a respeito?

— Todos os policiais que serviram no regimento D nos últimos vinte e poucos anos. Alguns que trabalham com a frota sabem. O comissário de estradas do condado, acho eu…

— Jamieson? — perguntou Huddie. — É, ele sabe.

— . . .e o chefe de polícia de Statler, Sid Brownell. Além desses, não muitos.

Estávamos voltando para o banco agora, a maioria de nós acendendo um cigarro. Ned parecia estar querendo um cigarro. Ou alguma coisa. Um bom trago de uísque, talvez. Dentro do quartel, as coisas estariam voltando ao normal. Steff Colucci já estaria notando uma melhora na recepção do rádio, e logo a antena parabólica no telhado estaria recebendo novamente todos os placares, todas as guerras e seis canais de televendas. Se isso não o fizesse esquecer o buraco na camada de ozônio, nada faria.

— Como as pessoas podiam não saber? — perguntou Ned. — Uma coisa desta monta, como pôde não ter vazado?

— Não é lá essas coisas — disse Phil. — Quer dizer, é um Buick, filho. Um Cadillac… isso seria importante.

— Algumas famílias não conseguem guardar segredo, e outras conseguem — disse eu. — A nossa consegue. Tony Schoondist convocou aquela reunião no Country Way, duas noites depois que o Buick chegou e Ennis desapareceu, principalmente para deixar isso claro. Tony nos instruiu sobre algumas coisas naquela noite. A irmã de Ennis, claro, como iríamos cuidar dela e como deveríamos lhe responder até ela se acalmar…

— Se algum dia isso aconteceu, eu não percebi — disse Huddie.

— . . .e como deveríamos lidar com os repórteres, caso ela botasse a imprensa nisso.

Naquela noite, estiveram presentes uns 12 policiais e, com a ajuda de Huddie e Phil, consegui lembrar da maioria dos nomes. Ned com certeza não os conhecia pessoalmente, mas já devia ter ouvido o nome deles na mesa de jantar, se seu pai falava do trabalho de vez em quando. A maioria dos policiais fala. Não da parte ruim, claro, não com a família — dos impropérios e dos acidentes sangrentos nas estradas —, mas também havia coisas engraçadas, como a vez em que fomos chamados porque um garoto amish estava patinando pelo centro de Statler segurando o rabo de um cavalo a galope e rindo feito louco. Ou da vez em que tivemos que falar com o sujeito na rodovia Culverton que havia feito uma escultura de neve representando um homem e uma mulher nus numa posição sexualmente explícita. Mas isso é arte!, ele repetia aos gritos. Tentamos explicar que, para os vizinhos, não era arte. Eles ficaram escandalizados. Não fosse por uma onda de calor e um temporal, provavelmente teríamos acabado no tribunal por conta deste episódio.

Contei a Ned que, sem ninguém nos pedir, havíamos arrastado as mesas, formando um quadrado vazio no centro, e que Brian Cole e Dicky Duck Eliot fizeram as garçonetes saírem e fecharam as portas. Nos servimos de comida nas mesas da sala. Mais tarde, rolou cerveja, servida e cobrada pelos policiais que não estavam de serviço, e a sala ficou azulada com a fumaça dos cigarros que subia para o teto. Peter Quinland, o proprietário do restaurante, naquela época, era fã do presidente do Conselho, e um jorro constante de canções de Frank Sinatra baixava sobre nós dos alto-falantes, enquanto comíamos e fumávamos e conversávamos: “Luck Be a Lady”, “Summer Wind”, “New York, New York”, e, obviamente, “My Way”, talvez a canção mais idiota do século XX. Até hoje, não consigo ouvi-la, nem nenhuma canção de Sinatra, sem pensar em The Country Way e no Buick em nosso galpão B.

No que diz respeito ao motorista desaparecido do Buick, devíamos dizer que não tínhamos por que achar que o elemento em questão havia cometido alguma infração. Nenhuma por roubo de serviços, em outras palavras. As indagações sobre Ennis deviam ser levadas a sério e tratadas com honestidade — pelo menos até certo ponto. Sim, estávamos todos intrigados. Sim, estávamos todos preocupados. Sim, havíamos divulgado nossos avisos de busca. Sim, era possível que Ennis tivesse se mandado. De fato, como éramos instruídos a dizer, tudo era possível, e o regimento D estava fazendo tudo que podia para ajudar a irmã do policial Rafferty, uma nobre senhora que estava tão perturbada que era capaz de dizer qualquer coisa.

— E se alguém perguntar pelo Buick, digam que foi apreendido — instruiu Tony. — E mais nada. Se alguém acabar falando mais, vou descobrir e fumar a pessoa feito charuto. — Olhou em volta na sala; seus homens olharam para ele, e nenhum foi idiota de sorrir. Já conviviam com o sargento havia muito tempo para saber que, quando fazia aquela cara, ele não estava brincando. — Estamos claros quanto a isso? Todo mundo captou?

Um murmúrio geral de assentimento abafara temporariamente a interpretação de “It Was a Very Good Year” pelo presidente do Conselho. Tínhamos captado, sim.

Ned levantou a mão, e parei de falar, o que foi, de fato, um prazer. Para começar, eu não estava muito a fim de recordar aquela reunião de tantos anos atrás.

— E os testes que aquele Bibi Roth fez?

— Todos inconclusivos — respondi. — O que parecia vinil não era exatamente vinil: só parecia. As amostras da pintura não batiam com nenhuma amostra das tintas automotivas que Bibi tinha. A madeira era madeira. “Provavelmente carvalho”, disse Bibi, e mais não falou, por mais que Tony o pressionasse. Algo o incomodava, mas ele não quis dizer o quê.

— Vai ver que não podia — disse Shirley. — Vai ver que não sabia.

Fiz que sim com a cabeça.

— O vidro nas janelas e no para-brisa é vidro de segurança mesmo, mas não tem marca. Em outras palavras, não foi instalado em nenhuma linha de montagem de Detroit.

— As digitais?

Contei-as nos dedos.

— Ennis. Seu pai. Bradley Roach. Fim de papo. Nenhuma digital do homem da capa preta.

— Ele devia estar de luvas — disse Ned.

— É, devia sim. Brad não tinha certeza, mas tinha alguma ideia de ter visto as mãos do sujeito e pensado que eram brancas como a cara dele.

— Mas às vezes as pessoas inventam detalhes assim depois — comentou Huddie. — As testemunhas oculares não são tão confiáveis quanto gostaríamos que fossem.

— Já acabou de filosofar? — perguntei.

Huddie fez um gesto pomposo para mim.

— Continue.

— Bibi não encontrou nenhum vestígio de sangue no carro, mas as amostras de tecido tiradas de dentro do porta-malas mostraram vestígios microscópicos de matéria orgânica. Bibi não conseguiu identificar nada, e o material, que ele chamou de “espuma de sabão”, desintegrou-se. Uma semana depois, não havia mais nada nas lâminas, só o reagente que ele usou.

Huddie levantou a mão como um garoto na escola. Balancei a cabeça

afirmativamente para ele.

— Uma semana depois, não se via onde haviam raspado o painel e o volante para tirar as amostras. A madeira se regenerou como pele de uva. O forro do porta malas também. Quando se raspava o para-lama com um canivete ou uma chave, umas seis ou sete horas depois, o arranhão tinha sumido.

— O carro se regenera? — perguntou Ned. — Consegue fazer isso?

— Sim — disse Shirley. Ela havia acendido outro Parliament e o fumava em tragadas rápidas e nervosas. — Seu pai me arrastou para uma dessas experiências uma vez, me fez operar uma filmadora. Fez um grande arranhão na porta do lado do motorista, bem embaixo do friso cromado, e deixamos a câmera rodar. De 15 em 15 minutos, voltávamos ali. Não era nada dramático, como nos filmes, mas era bem incrível. O arranhão ia ficando menos profundo e começava a escurecer pelas beiradas, como se quisesse se igualar à tinta. E, de repente, desaparecia. Completamente.

— E os pneus! — disse Phil Candleton. — Enfiava-se uma chave de fenda num deles e, como era de se esperar, ouvia-se o assobio do ar saindo. Mas então o assobio ia ficando mais fraco e, em segundos, parava. Aí, a chave de fenda saía. — Phil contraiu os lábios e fez tuff — Como cuspir um caroço de melancia.

— Ele tem vida? — perguntou-me Ned. Falou tão baixo que mal pude ouvi-lo. — Quer dizer, se pode se regenerar…

— Tony sempre disse que não — respondi. — Era categórico sobre isso.”É só uma engenhoca”, dizia. “Uma engenhoca que a gente não entende. Seu pai achava o contrário e, no fim, era mais categórico que Tony. Se Curtis não tivesse morrido…

— O quê? Se ele não tivesse morrido, o quê?

— Sei lá — eu disse. De repente, me senti abatido e triste. Havia muito mais a contar, mas, de repente, eu não queria contar. Não me sentia à altura, e estava aflito com esta perspectiva, como se fica aflito quando se tem que fazer um trabalho duro e idiota tipo arrancar tocos antes que o sol se ponha, levar o feno para o celeiro antes da chuva vespertina. — Não sei o que aconteceria se ele não tivesse morrido, e esta é a pura verdade.

Huddie me acudiu.

— Seu pai estava maluco com o carro, Ned. Vidrado nele. Estava ali a cada minuto livre que tinha, rodeando-o, fotografando-o… tocando-o. Era principalmente isso o que fazia. Tocar e tocar, como para ver se era real.

— Como o sargento — interveio Arky.

Mais ou menos, foi o que pensei, mas não disse. Com Curt, fora diferente. No fim o Buick fora dele como nunca havia sido de Tony. E Tony sabia disso.

— Mas e o policial Rafferty, Sandy? Acha que o Buick…?

— Comeu-o — disse Huddie. Falou com convicção. — Foi o que achei na época e o que acho agora. E também o que seu pai achava.

— É mesmo? — perguntou-me Ned.

— E. Comeu-o ou levou-o para algum lugar.

A imagem de um trabalho idiota tornou a me ocorrer — fileiras de camas para fazer, pilhas de pratos para lavar, campos de feno para ceifar e carregar.

— Mas você está me contando — disse Ned — que nenhum cientista foi autorizado a estudar o carro desde que o policial Rafferty e meu pai o encontraram? Jamais? Nenhum físico, nenhum químico? Nunca foi feito um exame espectrográfico?

— Acho que Bibi voltou pelo menos uma vez — disse Phil, parecendo ligeiramente na defensiva. — Mas sozinho, sem aqueles garotos com quem costumava andar. Ele, Tony e seu pai trouxeram uma máquina grande para cá… talvez fosse um espectrógrafo, mas não sei o que mostrou. Você sabe, Sandy?

Fiz que não com a cabeça. Não havia mais ninguém para responder a essa pergunta. Ou a muitas outras. Bibi Roth morreu de câncer em 1998. Curtis Wilcox, que muitas vezes ficava rondando o Buick com um caderno espiral na mão, fazendo anotações (e, às vezes, esboços), também morrera. Tony Schoondist, aliás, o sargento velho, ainda vivia, mas estava com setenta e muitos anos, perdido naquele purgatório crepuscular reservado a quem sofre do mal de Alzheimer. Lembro-me de ir vê-lo, junto com Arky Arkanian, na instituição onde ele vive agora. Isso foi pouco antes do Natal. Arky e eu lhe levamos uma medalha de ouro de São Cristóvão, que alguns de nós veteranos havíamos feito uma vaquinha para comprar. Achei que o sargento velho estava num de seus bons dias. Ele abriu o embrulho sem grandes problemas e pareceu encantado com a medalha. Até abriu o fecho sozinho, embora depois que pôs a medalha Arky tenha tido que ajudá-lo a fechar. Terminada esta função, Tony me olhou com o cenho franzido, os olhos turvos projetando uma paródia do olhar penetrante dos velhos tempos. Foi um momento em que realmente parecia ele mesmo. Depois ficou com os olhos cheios d'água, e a ilusão passou. "Quem são vocês", perguntou. "Estou quase lembrando." Depois, num tom neutro como o de quem dá a previsão do tempo: "Estou no inferno, sabem. Isso é o inferno."

— Olhe, Ned — disse eu. — A reunião no Country WAP se resumiu mesmo numa coisa. Na Califórnia, alguns carros da polícia têm isso escrito nas laterais, talvez porque a memória dos tiras seja meio falha e eles precisem que esteja escrito. Nós não. Sabe do que estou falando?

— Servir e proteger — disse Ned.

— Exatamente. Tony achava que aquela coisa nos caiu nas mãos quase por vontade de Deus. Ele não disse isso de forma tão explícita, mas entendemos. E seu pai era da mesma opinião.

Eu estava contando a Ned Wilcox o que eu julgava que ele precisava ouvir.

O que não lhe contei foi sobre o brilho nos olhos de Tony e do pai de Ned. Tony podia nos fazer sermões sobre nosso compromisso de servir e proteger; podia nos falar de como os homens do regimento D eram os mais bem equipados para tomar conta de uma res tão perigosa; podia até admitir depois que entregássemos a coisa a uma equipe de cientistas cuidadosamente selecionada, talvez sob a chefia de Bibi Roth. Podia nos contar todas estas histórias, e contou. Nenhuma delas queria dizer porra nenhuma. Tony e Curt queriam o Buick porque não suportavam abrir mão dele. O que importava era isso, o resto era frescura. O Roadmaster era estranho e exótico, único, e pertencia a eles. Não aguentariam entregá-lo.

— Ned — perguntei —, sabe se seu pai deixou algum caderno? Desses de espiral, tipo escolar.

Ao ouvir a pergunta, Ned contraiu os lábios. Abaixou a cabeça e falou olhando para os joelhos.

— Deixou, de todo tipo. Minha mãe disse que deviam ser diários. De qualquer forma, no testamento, ele pediu que mamãe queimasse todos os papéis particulares dele, e ela queimou.

— Acho que isso faz sentido — disse Huddie. — Pelo menos, bate com o que sei sobre Curt e o sargento velho.

Ned olhou para ele.

Huddie elaborou.

— Aqueles dois não confiavam em cientistas. Sabe como Tony os chamava? Fumigadores da morte. Dizia que a grande missão deles era espalhar veneno em toda parte, dizendo às pessoas que podiam comer o que quisessem, que aquilo era conhecimento e não lhes faria mal, que os libertaria. — Fez uma pausa. — Havia outra questão também.

— Que questão? — perguntou Ned.

— Discrição — respondeu Huddie. — Os tiras sabem guardar segredo, mas Curt e Tony não acreditavam que os cientistas soubessem. "Vejam a rapidez com que aqueles idiotas fumigaram a bomba atômica pelo mundo", ouvi Tony dizer uma vez. "Fritamos os Rosenberg por causa disso, mas qualquer um com um pouco de cabeça sabe que os russos teriam a bomba em dois anos, de qualquer forma. Por quê? Porque os cientistas gostam de falar. A coisa que temos no galpão B pode ser ou não ser o equivalente da bomba atômica. Uma coisa é certa, enquanto estiver ali dentro coberta com uma lona, não é a bomba de ninguém."

Achei que isso era apenas parte da verdade. De vez em quando, eu me perguntava se Tony e o pai de Ned já haviam tido realmente necessidade de conversar sobre esse assunto, à noite, quando as coisas no quartel estavam mais devagar, com o pessoal cochilando lá em cima, alguns assistindo a um filme no vídeo e comendo pipoca de micro-ondas, só eles dois lá embaixo, na sala de

Tony com a porta fechada. Não digo falar por alto. Digo se chegaram ou não a dizer a verdade com todas as letras: Não existe nada parecido no mundo, e vamos guardar esse negócio. Acho que não. Porque bastaria olhar um nos olhos do outro para ver a mesma ansiedade, o mesmo desejo de ficar mexendo naquilo. Ora, só de ficar rondando o carro, pomba. Era uma coisa secreta, um mistério, uma maravilha. Mas não sei se o menino podia aceitar isso. Sei que ele não estava apenas sentindo falta do pai; estava chateado com ele por ter morrido. Naquele estado de espírito, talvez considerasse roubo o que eles haviam feito, e isso também não era a verdade. Pelo menos a verdade toda.

— A essa altura, já sabíamos dos tremores de luz disse eu. —Tony chamava-os de "fenômenos de decomposição". Achava que o Buick estava se livrando de alguma coisa, descarregando-a como eletricidade estática. À parte questões de discrição e de guarda, no final dos anos 70, o povo da Pensilvânia, e não só nós, mas todo mundo, tinha um motivo muito forte para não confiar nos cientistas e nos técnicos.

— Three-Mile — disse Ned.

— Sim. Além disso, o carro faz mais coisas do que regenerar os arranhões e repelir o pó. Muito mais.

Parei. Parecia muito difícil, muita coisa.

— Vá em frente, conte a ele — disse Arky. Falou num tom quase zangado, um chefe de banda danado da vida no crepúsculo. — Já lhe contou isso tudo que não quer dizer porra nenhuma. Agora conte o resto.

— Olhou para Huddie, depois para Shirley. — Inclusive a parte de 1988. Até essa. — Fez uma pausa, suspirou, olhou para o galpão B. — Tarde demais para parar agora, sargento.

Levantei-me e comecei a atravessar o estacionamento. Atrás de mim, ouvi Phil dizer:

— Não. Deixe que ele vá, garoto, ele volta.

Essa é uma coisa que sentar na cadeira grande acarreta; a pessoa pode dizer essas coisas e quase sempre ter razão. Salvo no caso de um derrame, um ataque cardíaco, um motorista bêbado. Salvo na manifestação do que nós mortais esperamos seja Deus. Quem senta na cadeira grande —que trabalhou para chegar lá e trabalha para continuar onde está — nunca joga tudo para o alto e vai pescar. Não, nós que estamos na cadeira grande continuamos a fazer as camas, a lavar a louça e a enfardar o feno, da melhor forma possível. As pessoas dizem: Puxa, o que faríamos sem você? A resposta é que a maioria delas continuará a fazer o que lhe der na telha, como sempre. Indo para o inferno na mesma cesta velha.

Fiquei diante da porta de enrolar do galpão B, olhando por uma das vidraças para o termômetro. Baixara para 11. Ainda não era ruim, pelo menos não era terrível, mas era frio o bastante para eu achar que o Buick iria dar mais uma ou

duas chacoalhadas antes de descansar para passar a noite. Então, não havia por que cobri-lo de novo com a lona; provavelmente teríamos que tornar a fazer isso mais tarde.

Está perdendo força: em relação ao Roadmaster, esta era a experiência adquirida, o evangelho segundo Schoondist e Wilcox. Andando devagar como um relógio sem corda, bambeando como um pião esgotado, apitando como um detector de fumaça que já não consegue ver o que está quente. Escolha sua metáfora preferida na cesta de ofertas. E podia ser verdade. Ou não. Não sabíamos nada a respeito. Convencer-nos de que sabíamos era só uma estratégia que usamos para poder continuar vivendo ali ao lado sem muitos pesadelos.

Voltei ao banco, acendendo mais um cigarro, sentei-me entre Shirley e Ned e disse:

— Quer ouvir sobre a primeira vez que vimos o que vimos hoje?

A ansiedade que vi em seu semblante tornou um pouco mais fácil continuar.

ENTÃO

Só Sandy estava presente quando aquilo começou. Mais tarde, diria —meio brincando — ser este o único motivo de sua fama. Os outros chegaram logo ao local, mas, no início, só Sander Freemont Dearborn estava ao lado da bomba de gasolina boquiaberto e apertando os olhos, certo de que, dali a poucos segundos, todos eles, sem contar os fazendeiros amish e os poucos não amish da região, seriam poeira radioativa no vento.

Aconteceu algumas semanas depois que o Buick chegou às mãos do regimento D, por volta de 1 de agosto de 1979. Nessa época, a imprensa já estava perdendo o interesse no desaparecimento de Ennis Rafferty. A maioria das matérias sobre o guarda estadual desaparecido saíam no County American de Statler, mas a Pittsburgh Post-Gazette publicou uma reportagem na primeira página da edição de domingo no fim de julho. IRMÃ DE POLICIAL DESAPARECIDO TEM MUITAS PERGUNTAS, dizia a manchete, e embaixo: EDITH HYAMS EXIGE INVESTIGAÇÃO PROFUNDA.

Em linhas gerais, a matéria se desenvolvia exatamente da forma que Tony Schoondist esperara. Edith achava que os homens no regimento D sabiam mais do que estavam dizendo sobre o desaparecimento do irmão. Ambos os jornais citavam suas palavras sobre isso. O que vinha nas entrelinhas era que a pobre mulher estava enlouquecida de dor (e de raiva), procurando alguém para responsabilizar pelo que devia ser culpa sua. Nenhum dos policiais falou sobre sua língua afiada e seu hábito de achar defeitos em tudo, mas Ennis e Edith tinham vizinhos que não foram tão discretos. Os repórteres de ambos os jornais também mencionaram que, com acusações ou não, os homens no regimento de Ennis estavam levando avante o projeto de dar algum apoio financeiro à mulher.

A foto em preto-e-branco de Edith publicada na Post-Gazette também não a favorecia. Deixava-a parecida com Lizzie Borden uns 15 minutos antes de passar a mão no machado.

O primeiro tremor de luz aconteceu quando escurecia. Sandy largara a patrulha às seis naquela tarde para ter uma conversa com Mike Sanders, o promotor do condado. Eles tinham pela frente um julgamento particularmente desagradável de atropelamento com fuga, sendo Sandy a principal testemunha de acusação, e a vítima, uma criança que ficara tetraplégica. Mike queria ter certeza absoluta de que o Sr. Empresário cheirador de pó fugira. Cinco anos era o seu objetivo, mas dez não estavam fora de questão. Tony Schoondist assistiu a esta parte da reunião, realizada num canto da sala de estar do andar de cima, depois foi para sua sala enquanto Mike e Sandy terminavam. Quando acabou a reunião, Sandy resolveu encher o tanque de seu carro-patrulha antes de pegar a estrada por mais umas três horas.

Ao passar pelo atendimento a caminho da porta dos fundos, ouviu Matt

Babicki dizer baixinho, como se estivesse falando sozinho:

— Ai, porra. — Isso foi seguido por um tapa. — Qual é?

Sandy deu uma olhada e perguntou se Matt estava naqueles dias.

Matt não achou graça.

— Ouça isso — disse, e aumentou o volume do rádio.

Sandy viu que o botão já estava todo girado na posição +.

Brian Cole chamou da unidade 7; Herb Avery, da 5 na rodovia Sawmill; George Stankowski, sabe Deus de onde. Este chamado ficou praticamente perdido numa rajada de estática.

— Se piorar muito, não sei como vou localizar os homens, quanto mais lhes passar informações — reclamou Matt. Tornou a bater do lado do rádio, como se enfatizando. — E se alguém ligar com uma queixa? Está armando trovoada lá fora, Sandy?

— Não tinha uma nuvem quando cheguei — disse ele, depois olhou pela janela. — Agora também não tem… como poderia ver, se seu pescoço girasse. O meu gira, está vendo? — Sandy virou a cabeça de um lado para o outro.

— Muito engraçado. Não tem nenhum inocente para prender?

— Boa, Matt. Foi uma resposta muito rápida.

Ao seguir seu caminho, Sandy ouviu alguém lá em cima querendo saber se o raio da antena de tevê havia caído, porque, de repente, a imagem havia sumido durante a reprise de um episódio muito bom de Star Trek, o dos Tribbles.

Sandy saiu. Era uma tarde quente, enevoada, com uma trovoada roncando ao longe, mas sem vento e com céu limpo. A luz começava a cair no poente, e subia da relva uma névoa que já devia estar com um metro e meio de altura.

Ele entrou em seu carro-patrulha (o D-14 naquele turno, o do descanso de cabeça quebrado), foi até a bomba Amoco, saltou, começou a desenroscar a tampa do tanque embaixo da placa e parou. De repente percebera como tudo estava calmo — sem grilos cricrilando na relva, sem pássaros cantando em volta. O único barulho era um zumbido baixo e constante, como o que se ouve quando se está embaixo de uma linha de alta tensão ou perto de uma subestação elétrica.

Sandy começou a dar meia-volta, e, aí, o mundo inteiro ficou branco-arroxeado. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que, céu limpo ou não, ele fora fulminado por um raio. Então viu o galpão B acender-se como…

Mas não havia como terminar o símile. Não havia nada semelhante, que ele já tivesse experimentado.

Se estivesse olhando diretamente para aqueles primeiros clarões, teria ficado cego — talvez temporariamente, talvez para sempre. Felizmente para

ele, a porta dianteira do galpão não dava para a bomba. Mesmo assim, a claridade foi suficiente para ofuscá-lo, e para deixar aquele crepúsculo de verão parecendo meio-dia. E fez o galpão B, uma construção de madeira bastante sólida, parecer inconsistente como uma tenda de gaze. A luz saía por todas as frestas e por todos os orifícios não ocupados por pregos; vazava por baixo dos beirais por um buraquinho que talvez tenha sido roído por um esquilo; chamejava ao nível do chão, onde faltava uma tábua, formando uma grande barra luminosa. Havia uma boca de ventilação no teto lançando aquele fulgor para o alto em explosões irregulares, como sinais de fumaça feitos de pura luz violeta. Os clarões que atravessavam as vidraças nas portas de enrolar, na frente e nos fundos, transformavam a névoa que pairava sobre o chão num vapor elétrico fantasmagórico.

Sandy estava calmo. Estarrecido, porém calmo. Pensou: Acabou-se, a porra está explodindo, vamos todos morrer. Nem lhe passou pela cabeça correr ou entrar no carro. Correr para onde? Ir para onde? Era uma piada.

O que ele queria era loucura: chegar mais perto. O carro o atraía. Ele não sentia medo, como Mister D sentira. Sentia o fascínio, mas não o medo. Loucura ou não, quis se aproximar. Quase o ouvia chamando-o mais para perto.

Com a sensação de estar sonhando (passou-lhe pela cabeça que esta era uma grande possibilidade), voltou para o lado do motorista do D-14 e pegou em cima do painel seus óculos escuros pela janela aberta. Colocou-os e foi se encaminhando para o galpão. De óculos era um pouco melhor, mas não muito. Ele caminhou com a mão levantada na frente, os olhos quase fechados de tão apertados. Em volta, só havia clarões piscando em silêncio e a vibração de um fogo arroxeado. Sandy via sua sombra projetar-se de seus pés, desaparecer e tornar a se projetar. Via a 1uz saltando das vidraças na porta de enrolar e refletindo ofuscante nos fundos do quartel. Via os policiais começarem a sair, empurrando Mau Babicki do atendimento, que estava mais perto e saíra primeiro. Nos clarões do galpão, todo mundo se movia aos trancos, como atores num filme mudo. Os que tinham óculos escuros no bolso os puseram. Alguns dos que não tinham deram meia-volta e tornaram a entrar aos tropeções para buscá-los. Um policial até sacou a arma, olhou para ela como quem diz O que vou fazer com isso, potra?, e tornou a guardá-la no coldre. Todavia, dois dos policiais sem óculos escuros foram tateando corajosamente na direção do galpão, cabeça baixa e olhos fechados, mãos estendidas à frente como sonâmbulos, atraídos como Sandy para os clarões intermitentes e aquele zumbido baixo e enlouquecedor. Como insetos para a luz.

Então, chegou Tony Schoondist, dando-lhes tapas, empurrando-os, dizendo-lhes para recuar e voltar ao quartel, que aquilo era uma ordem. Estava tentando pôr os próprios óculos e não acertava. Só conseguiu botá los no lugar depois de enfiar uma haste na boca e a outra no olho esquerdo.

Sandy não via nem ouvia nada disso. O que ouvia era o zumbido. O que via eram os clarões, transformando a névoa do chão em dragões elétricos. O que via

era a coluna de luz arroxeada intermitente erguendo-se da chaminé cônica, penetrando no ar que escurecia.

Tony agarrou-o, sacudiu-o. Houve outra silenciosa explosão de luz no galpão, transformando as lentes dos óculos escuros de Tony em pequenas bolas de fogo azuis. Ele gritava, embora não houvesse necessidade disso. Sandy podia ouvi-lo perfeitamente. Havia o zumbido, e alguém murmurando Deus todo-poderoso, e mais nada.

— Sandy! Você estava aqui quando isso começou.

— Estava! — viu-se respondendo aos gritos sem querer.

A situação de certa forma exigia que eles gritassem. A luz fulgurava e resplandecia, relâmpago mudo. A cada clarão, o quartel parecia pular como algo vivo, as sombras dos policiais subindo por seu flanco de tábuas.

— O que causou isso? O que desencadeou esses clarões?

— Não sabemos!

Sandy resistiu ao impulso de dizer ao sargento-chefe que queria ficar para ver o que ia acontecer. Da forma mais elementar, a ideia, para começar, era idiota: não dava realmente para ver nada. A claridade era excessiva. Mesmo com óculos escuros, era excessiva. Além do mais, ele sabia reconhecer uma ordem.

Entrou, tropeçando nos degraus (era impossível ter noção de profundidade ou distância com aqueles clarões intermitentes), e foi arrastando os pés para o atendimento, tateando à frente com os braços estendidos. Com aquela visão distorcida e ofuscada, ele via o quartel como meras sombras distorcidas. A única realidade visual para ele naquele momento eram os grandes clarões arroxeados pairando à sua frente. o rádio de Matt Babicki era um chiado de estática interminável onde despontavam algumas vozes como os pés ou os dedos de homens enterrados. Sandy pegou o telefone normal ao lado da linha exclusiva 911, achando que estaria mudo, também, com certeza, mas estava bom. Discou o número de Curtis que figurava na lista presa no quadro de boletins. Até o telefone parecia pular de medo cada vez que aqueles clarões arroxeados iluminavam a sala.

Michelle atendeu e disse que Curt estava no jardim, cortando a grama antes que escurecesse. Ela não queria chamá-lo, percebia-se em sua voz. Mas, quando Sandy tornou a pedir, ela disse:

— Tudo bem, um minuto só, vocês não dão trégua?

A espera pareceu interminável a Sandy. A coisa no galpão B parecia lampejar como um louco apocalipse de néon, e a sala mudava ligeiramente de perspectiva cada vez que isso acontecia. Sandy achou quase impossível acreditar que algo que gerava tamanha luz pudesse não ser destrutivo, mas continuava vivo e respirando. Tocou as faces com a mão livre, para ver se havia

alguma queimadura ou algum edema. Não havia nada.

— Você tem que vir imediatamente — disse-lhe Sandy. — O sargento está mandando.

Curt viu logo o que era.

— O que o carro está fazendo, Sandy?

— Soltando fogos de artifício. Clarões e chispas. Nem se pode olhar para o galpão B.

— O prédio está pegando fogo?

— Acho que não, mas não dá para dizer ao certo. Não dá para ver lá dentro. Venha.

Curtis bateu o telefone sem dizer mais nada, e Sandy tornou a sair. Se ia haver um desastre nuclear, decidiu, queria estar com os amigos quando isso acontecesse.

Dez minutos depois, Curt subia a toda a rampa marcada POLÍCIA ESTADUAL

— ACESSO EXCLUSIVO, sentado ao volante de seu Bel Air lindamente restaurado, aquele que seu filho herdaria 22 anos depois. Ao dobrar a esquina, ainda ia muito depressa, e Sandy passou um mau bocado achando que Curtis iria bater em cinco colegas com seu para-choque. Mas Curt foi rápido no freio (ainda tinha reflexos de garoto), e fez o Chevy estacar embicando para o chão.

Saltou do carro, lembrando-se de desligar o motor, mas não os faróis, tropeçando nos próprios pés e quase se estatelando no chão. Equilibrou-se e saiu correndo para o galpão. Sandy só teve tempo de ver o que tinha pendurado na mão: uns óculos de soldador com uma tira de elástico. Sandy já havia visto gente impaciente — claro, muitos, quase todo mundo que era parado por excesso de velocidade estava impaciente de uma forma ou de outra —, mas nunca vira ninguém tão aflito quanto Curt então. Os olhos pareciam lhe saltar do rosto, e seu cabelo parecia em pé… embora isso pudesse ser uma ilusão causada pela velocidade com que ele estava correndo.

Tony estendeu o braço e agarrou-o quando ele passou, e, de novo, por pouco ele não caiu. Sandy viu Curt cerrar o punho da mão livre e fazer menção de erguê-la. Aí relaxou. Sandy não sabia nem queria saber quão perto o novato estivera de dar um soco no sargento. O importante é que reconheceu Tony (e a autoridade de Tony sobre ele) e desistiu.

Tony quis pegar os óculos.

Curt fez que não com a cabeça.

Tony lhe disse algo.

Curt respondeu, sacudindo violentamente a cabeça.

À luz dos clarões, Sandy assistiu à breve luta interna de Tony Schoondist, querendo simplesmente mandar Curt lhe dar os óculos. Em vez de fazer isso, girou nos calcanhares e olhou para seus policiais reunidos. Na pressa e no alvoroço, o sargento-chefe lhes dera o que poderia se considerar como duas ordens: recuar e voltar ao quartel. A maioria optou por obedecer à primeira e ignorar a segunda. Tony encheu o peito de ar, expirou, depois falou com Dicky-Duck Eliot, que ouviu, fez que sim com a cabeça e entrou de novo no quartel.

O resto viu Curt correr para o galpão B, deixando o boné de beisebol cair no chão e pondo os óculos de soldador. Por mais que gostasse e respeitasse o mais novo membro do regimento D, Sandy não viu nada de heroico em seu avanço, nem mesmo enquanto acontecia. Heroísmo é enfrentar o medo e seguir em frente. Curt Wilcox não sentia um pingo de medo aquela noite. Estava simplesmente num alvoroço doido e numa curiosidade tão profunda que era compulsiva. Muito depois, Sandy chegou à conclusão de que o sargento velho deixara Curtis ir porque viu que não havia possibilidade de detê-lo.

Curt parou a uns três metros da porta de enrolar, levantando as mãos para proteger os olhos quando um clarão especialmente intenso irrompeu de dentro do galpão. Sandy viu a luz passar pelos dedos de Curt em raios arroxeados. Ao mesmo tempo, a sombra de Curt aparecia na névoa como o vulto de um gigante. Então, apagou-se a luz e, através da imagem que ficou na retina, Sandy viu Curt avançar de novo. Ele chegou à porta e olhou para dentro. Ficou assim até o clarão seguinte. Aí, recuou, depois voltou imediatamente para a janela.

Enquanto isso, eis que chegou Dicky-Duck Eliot de sua tarefa, fosse ela qual fosse. Sandy viu o que ele trazia quando passou. O sargento insistia para que todos os seus carros-patrulhas saíssem equipados com câmeras Polaroid, e Dicky-Duck fora correndo pegar uma. Entregou-a a Tony, encolhendo-se instintivamente quando o galpão se iluminou com outra silenciosa descarga de luz.

Tony pegou a câmera e correu para Curtis, que continuava olhando para dentro do galpão e recuando a cada novo clarão (ou a cada série deles). Pelo visto, nem mesmo os óculos de soldador eram proteção suficiente contra o que estava acontecendo ali dentro.

Alguma coisa focinhou a mão de Sandy e ele quase deu um grito antes de olhar e ver o cachorro do quartel. Mister Dillon devia estar dormindo até aquela hora, roncando no linóleo entre a pia e o fogão, seu lugar predileto. Agora aparecia para ver qual era a causa daquele alvoroço todo. Ao vê-lo com os olhos brilhando, as orelhas em pé e a cabeça erguida, Sandy compreendeu que ele sabia que algo estava acontecendo, mas o bicho não demonstrava aquele pavor de antes. Os clarões não pareciam incomodá-lo nem um pouco.

Curtis tentou pegar a Polaroid, mas Tony não a soltava. Ficaram ali parados na porta do galpão B, transformados em vultos que se sobressaltavam a

cada novo clarão. Brigando? Sandy achava que não. Não exatamente, pelo menos. Parecia-lhe que estavam tendo o tipo da discussão acalorada que dois cientistas podem ter enquanto observam algum fenômeno novo. Ou talvez não seja fenômeno nenhum, pensou Sandy. Talvez seja uma experiência, e nós sejamos as cobaias.

Começou a medir a duração dos intervalos de escuridão enquanto ele e os outros ficavam olhando os dois homens na frente do galpão, um com uns óculos muito grandes e o outro com uma câmera Polaroid antiga, ambos delineados como vultos numa pista de dança com iluminação estroboscópica. Os clarões pareciam uma sucessão de relâmpagos quando começaram, mas agora havia pausas significativas. Sandy contou seis segundos entre cada um… dez segundos… 14… 20.

Ao lado dele, Buck Flanders disse:

— Acho que está terminando.

Mister D latiu e agiu como se fosse avançar. Sandy agarrou-o pela coleira e segurou-o. Talvez só quisesse ir até Curt e Tony, mas era possível que o que quisesse era ir até a coisa que estava no galpão. Talvez ela o estivesse chamando de novo. Para Sandy, tanto fazia; queria Mister Dillon ali onde ele estava.

Tony e Curt foram até a porta lateral. Ali, começaram outra discussão acalorada. Afinal, Tony fez que sim com a cabeça — com relutância, achou Sandy — e entregou a câmera. Curt abriu a porta e, aí, a coisa tornou a lampejar, envolvendo-o num clarão de luz radiante. Sandy achava que, quando escurecesse, ele teria desaparecido, desintegrado ou talvez sido teletransportado para uma galáxia muito distante, onde passaria o resto da vida lubrificando caças asa-X ou quem sabe dando brilho no rabo preto de Darth Vader.

Só teve tempo de registrar Curt ainda ali em pé, uma das mãos levantada para proteger os olhos dentro dos óculos de soldador. À sua direita, um pouco para trás, Tony Schoondist foi surpreendido no ato de dar as costas para a claridade, erguendo as mãos para proteger o rosto. Óculos escuros simplesmente não ofereciam proteção; Sandy estava usando os seus e sabia disso. Quando conseguiu enxergar de novo, Curt entrara no galpão.

Naquele momento, toda a atenção de Sandy voltou-se para Mister Dillon, que tentava precipitar-se à frente, embora Sandy o estivesse segurando pela coleira. A antiga calma do cão desaparecera. Ele grunhia e gania, orelhas deitadas para trás, focinho arreganhado mostrando os dentes brancos.

— Socorro, me ajudem aqui! — gritou Sandy.

Buck Flanders e Phil Candleton também agarraram a coleira de Mister D, mas, a princípio, não fez diferença. O cachorro continuava fazendo força, tossindo e babando no chão, olhos fixos na porta lateral. Normalmente era o

cachorro mais meigo do mundo, mas, naquela hora, Sandy desejava ter uma guia e uma mordaça. Se D virasse para morder, um deles era capaz de ficar sem um ou dois dedos.

— Feche a porta! — gritou Sandy para o sargento. — Se não quiser que o cachorro entre, feche a porta!

Tony ficou espantado, depois viu o que estava errado e fechou a porta. Quase na mesma hora, Mister Dillon relaxou. Parou de grunhir, depois de ganir. Deu alguns latidos intrigados, como se não conseguisse se lembrar exatamente do que o andara incomodando. Sandy se perguntou se era o zumbido, que ficava bem mais alto com a porta aberta, ou algum cheiro. Achava que talvez fosse esta hipótese, mas não havia como saber ao certo. Com o Buick, o problema não era o que você sabia, mas o que não sabia.

Tony viu alguns homens se adiantando e lhes disse para ficarem onde estavam. Ouvir com tanta clareza sua voz normal acalmou-o, mas ainda parecia errado. Sandy não podia deixar de sentir que devia ter havido um fundo de gritaria e explosões, como a trilha sonora de um filme, talvez murmúrios escandalizados da própria terra.

Tony voltou para a carreira de janelas da porta de enrolar e olhou para dentro.

— O que ele está fazendo, sargento? — perguntou Matt Babicki. —Ele está bem?

— Está ótimo — disse Tony. — Está andando em volta do carro, tirando fotografias. O que você está fazendo aqui, Matt? Vá para o atendimento, pelo amor de Deus.

— O rádio está ferrado, chefe. Estática.

— Bem, talvez esteja melhorando. Porque isso está melhorando.

Para Sandy, na superfície, a voz dele parecia normal — como a do sargento —, mas, no fundo, ainda se sentia nela uma vibração exaltada. E quando Matt virou as costas, Tony acrescentou:

— Nem uma palavra sobre isso no rádio, está ouvindo? Pelo menos em linguagem normal. Nem agora nem nunca. Se tiver que falar sobre o Buick, é... é código D. Entendido?

— Sim, senhor — respondeu Matt, e subiu a escada dos fundos com os ombros caídos, como se tivesse levado uma surra.

— Sandy — disse Tony —, o que está havendo com o cachorro?

— O cachorro está ótimo. Agora. O que está havendo com o carro?

— O carro também parece ótimo. Não tem nada queimando, e não há sinal de que alguma coisa tenha explodido. O termômetro marca 12 graus. Está frio lá dentro.

— Se o carro está ótimo, por que Curt está tirando fotografias dele?

— perguntou Buck.

— Pau que nasce torto não tem jeito — respondeu o sargento Schoondist como se isso explicasse tudo. Estava de olho em Curtis, que continuava rondando o carro como um fotógrafo de moda rondando uma modelo, fazendo fotos, enfiando no cós da velha bermuda cáqui que estava usando cada polaroide que saía. Enquanto isso se passava, Tony permitiu que o resto dos presentes se aproximasse em grupos de quatro para olhar. Quando chegou sua vez, Sandy ficou impressionado como os tornozelos de Curtis ficavam verdes a cada lampejo do Buick. Radiação!, pensou. Jesus Cristo, ele está com queimaduras de radiação! Então lembrou-se do que Curtis andara fazendo antes e teve que rir. Michelle não queria chama-lo ao telefone porque ele estava cortando grama. E era isso que havia em seus tornozelos — manchas de grama.

— Saia daí — murmurou Phil à esquerda de Sandy. Ele ainda segurava o cão pela coleira, embora agora Mister D parecesse bastante dócil. — Saia daí, não force a sorte.

Curt começou a recuar em direção à porta, como se tivesse ouvido Phil — ou todos eles — pensando a mesma coisa. O mais provável é que tivesse ficado sem filme.

Quando ele apareceu à porta, Tony passou-lhe um braço em volta do ombro e puxou-o de lado. Enquanto conversavam, houve um último lampejo fraco de luz arroxeada. Na verdade, não passou de uma piscadela. Sandy olhou para o relógio. Faltavam dez para as nove. Aquilo tudo não durara uma hora.

Tony e Curt olhavam as polaroides com uma intensidade que Sandy não entendia. Isto é, caso Tony estivesse falando a verdade quando disse que o Buick e as outras coisas no galpão não haviam mudado. E a Sandy não pareciam ter mudado.

Afinal, Tony fez que sim com a cabeça como se algo tivesse ficado combinado e se reuniu ao resto dos policiais. Curt, enquanto isso, foi até a porta de enrolar para uma olhada final. A esta altura, puxara os óculos de soldador para a testa. Tony mandou todo mundo voltar para o quartel com exceção de George Stankowski e Herb. Haver. Herb. voltara da patrulha durante o espetáculo de luzes, provavelmente para dar uma cagada. Era capaz de fazer um desvio de oito quilômetros para ir cagar no quartel; era conhecido por isso, e suportava as gozações com estoicismo. Dizia que se pode contrair doenças em assentos de vasos sanitários estranhos, e quem não acreditava nisso merecia o que lhe acontecesse. Sandy achava que Herb. simplesmente era louco pelas revistas no cagatório de cima. O policial Avery, que dez anos depois morreria num acidente com capotagem, era leitor da American Herítage.

— Vocês dois ficam com o primeiro turno da patrulha — disse Tony.

— Avisem se virem algo estranho. Mesmo se só acharem estranho.

Herb reclamou de fazer o serviço de sentinela e começou a protestar.

— Bico calado — disse Tony, apontando para ele. — Nem mais uma palavra.

Herb notou as manchas vermelhas no rosto de seu sargento e calou o bico imediatamente. Sandy considerou a reação da maior sensatez.

Matt Babicki falava no rádio quando o resto do pessoal atravessou a sala de instruções atrás do sargento Schoondist. Quando Matt mandou a unidade 6 dar sua posição, a resposta de Andy Colucci foi ouvida com clareza. A estática desaparecera de novo.

Eles ocuparam as cadeiras da pequena sala de estar do andar de cima, sendo que os últimos da fila tiveram que se contentar com pedaços de tapete. A sala de baixo era maior e tinha mais cadeiras, mas Sandy considerou acertada a decisão de Tony de mandar o pessoal subir. Isso era assunto de família, não assunto policial.

Pelo menos, no sentido estrito.

Curt Wilcox chegou por último, com as polaroides na mão, óculos de soldador ainda na testa e sandálias de borracha nos pés verdes. Em sua camiseta havia a inscrição DEPARTAMENTO DE ATLETISMO DA UNIVERSIDADE DE HORLICKS.

Aproximou-se do sargento e conferenciaram em voz baixa enquanto o resto esperava. Então, Tony virou-se para os homens.

— Não houve nenhuma explosão, nem Curt nem eu achamos que tenha havido algum tipo de vazamento de radiação.

Grandes suspiros de alívio acolheram esta afirmação, mas vários policiais continuavam com caras desconfiadas. Sandy não sabia como estava a sua, não havia nenhum espelho à mão, mas ele ainda se sentia desconfiado.

— Passem estas fotos, se quiserem — disse Curt entregando seu maço de polaroides dividido em bolos de duas ou três. Algumas haviam sido feitas durante os clarões e não mostravam quase nada: um lampejo de grade, um pedaço do teto do Buick. Outras eram muito mais nítidas. A melhor tinha aquela característica plana e declamatória que só as fotos polaroides têm. Vejo um mundo onde só existe causa e efeito, parecem dizer. Um mundo onde cada objeto é um avatar e não há deuses movimentando-se nos bastidores.

— Como os filmes convencionais, ou os crachás usados por quem trabalha em ambientes de radiação intensa — disse Tony —, a película polaroide vela quando exposta à radiação gama intensa. Em algumas dessas fotos há superexposição, mas nenhuma delas está velada. Em outras palavras, não estamos radioativos.

Phil Candleton disse:

— Com todo o respeito, sargento, mas não me entusiasma a ideia de confiar minhas bolas à empresa Polaroid.

— Amanhã, à primeira hora, vou a Pittsburgh comprar um contador Geiger — disse Curt. Falou num tom calmo e racional, mas ainda se notava a exaltação em sua voz. Por baixo daquele tom neutro de queira-saltar-do-carro-senhor, Curt Wilcox estava prestes a explodir. — Tem à venda na loja de excedentes do Exército na Grand. Deve custar uns 300 dólares. Vou tirar o dinheiro do fundo de contingências, se ninguém fizer objeção.

Ninguém fez.

— Para já — disse Tony —, é mais importante que nunca guardar silêncio sobre este assunto. Acho que, por sorte, ou por obra da previdência, esta coisa caiu nas mãos de gente capaz de fazer isso. Vocês vão guardar?

Houve murmúrios de assentimento.

Dicky-Duck estava sentado de pernas cruzadas no chão, afagando a cabeça de Mister Dillon. D dormia com o focinho em cima das patas. Para o mascote do quartel, o alvoroço definitivamente havia terminado.

— Concordo com isso, desde que o ponteiro no velho contador Geiger não saia do verde — disse Dicky-Duck. — Se sair, voto por chamar os federais.

— Acha que eles podem cuidar disso melhor que a gente? — perguntou Curt irritado. — Nossa, Dicky! O FBI nem dá conta do que tem, e…

— A não ser que tenha planos para forrar de chumbo o galpão B com o dinheiro do fundo de contingências… — começou outro.

— Isso é uma grande burrice… — ia dizendo Curt, então Tony deu-lhe um toque no ombro, calando-o antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa e talvez se machucar.

— Se houver radiação — disse Tony —, nos livramos dele. Prometo.

Curt olhou-o com uma expressão traída. Tony enfrentou o olhar calmamente. Nós sabemos que não é radioativo, dizia aquele olhar, o filme comprova, então por que quer começar a correr em volta do seu próprio rabo?

— De qualquer maneira, acho que devíamos entregá-lo ao governo

— disse Buck. — Talvez eles possam nos ajudar… sabe… ou descobrir alguma coisa… defensiva…

Sua voz foi sumindo à medida que ele sentia a desaprovação muda em volta. Os agentes da PEP trabalhavam com o governo federal de uma forma ou de outra todos os dias — FBI, Fisco, Agência Antidrogas, Secretaria de Saúde e Segurança Ocupacional e, sobretudo, a Comissão Interestadual de Comércio. Não era preciso ter muitos anos de regimento para ficar sabendo que a maioria

dos federais não era mais esperta que qualquer fulano médio. Para Sandy, quando os federais mostravam alguma centelha de inteligência, em geral era em proveito próprio e às vezes com má-fé. Eram escravos do trabalho, adoradores do altar do Procedimento de Rotina. Antes de ingressar na PEP, Sandy havia visto a mesma mentalidade estreita no Exército. Ademais, não era muito mais velho que Curtis, sendo, portanto, jovem o bastante para odiar a ideia de abrir mão do Roadmaster. Se fosse preciso, era melhor entregá-lo a cientistas do setor privado — talvez até a um grupo da universidade anunciada na frente da camiseta de cortar grama de Curtis.

Mas melhor mesmo era o regimento. A família cinza.

Buck ficara calado.

— Acho que não é uma boa ideia — disse.

— Não se preocupe — disse alguém. — Você ganha a Enciclopédia Grolier, e nosso empolgante jogo da casa.

Tony deu tempo para que algumas risadas se propagassem pela sala e morressem antes de prosseguir.

— Quero que todo mundo que trabalha neste quartel saiba o que aconteceu hoje, para saber o que esperar se voltar a acontecer. Espalhem a notícia. Espalhem também o código para o Buick: D de dado. Só D. Certo? E mantenho vocês informados sobre os próximos acontecimentos, começando com o contador Geiger. Aquele teste será feito amanhã antes do segundo turno, prometo. Não vamos contar nem a nossas mulheres, nem a nossas irmãs, nem a nossos irmãos, nem a nossos melhores amigos que não sejam da corporação o que temos aqui, senhores, mas vamos nos manter bem informadíssimos. Esta é a promessa que faço a vocês. Vamos fazer isso à moda antiga, de boca. Até agora não há nenhum documento sobre o veículo ali fora, se é que é um veículo, e é assim que vai ficar. Entendido?

Ouve outro murmúrio de assentimento.

— Não tolerarei uma língua de trapo no regimento D, senhores.

Nada de fofoca e nada de confidências na cama. Entendido também? Pareceu que sim.

— Olhem esta — disse Phil de repente, segurando uma das polaroides.

— A mala está aberta.

Curt fez que sim com a cabeça.

— Mas já está fechada de novo. Abriu durante um dos clarões, e acho que fechou no seguinte.

Sandy pensou em Ennis e teve uma imagem, muito rápida mas muito nítida, do porta-malas do Buick abrindo e fechando como uma boca esfaimada. Vejam o crocodilo vivo, olhem, mas, pelo amor de Deus, não botem os dedos ali.

Curt prosseguiu:

— Acho que os limpadores de para-brisa também funcionaram rapidamente, embora naquela hora eu estivesse com a vista muito ofuscada para ter certeza, e nenhuma das fotografias mostre isso.

— Por quê? — perguntou Phil. — Por que acontece esse tipo de coisa?

— Aumento de eletricidade — aventou Sandy. — A mesma coisa que encrencou o rádio na expedição.

— Limpador de para-brisa, pode ser, mas mala de carro não tem a ver com a parte elétrica. Quando se quer abrir a mala, basta apertar o botão e levantar a tampa.

Sandy não teve resposta para isso.

— A temperatura dentro do galpão baixou mais uns dois graus —disse Curtis. — É bom ficar de olho.

A reunião terminou, e Sandy tornou a sair de patrulha. A toda hora, quando se comunicava com a base, perguntava a Matt Babicki se D estava bem. A resposta era sempre: Positivo, D nos trinques. Anos depois, passaria a ser a forma padrão de comunicação pelo rádio na área de Short Hills em volta de Statler, Pogus City e Patchin. Alguns outros quartéis acabaram adotando o clichê, inclusive dois do outro lado da fronteira de Ohio. Usavam-no significando Está tudo bem em casa? Isso divertia os homens do regimento D, porque era exatamente o que significava: D continua nos trinques?

Na manhã seguinte, todo mundo no regimento D estava inteirado do ocorrido, mas o dia foi de trabalho como de hábito. Curt e Tony foram a Pittsburgh comprar um contador Geiger. Sandy não estava de serviço, mas passou por lá duas ou três vezes para saber do Buick. Estava tudo calmo lá dentro, o carro parado no concreto, parecendo uma peça de arte exposta, mas o ponteiro do grande termômetro vermelho pendurado na viga continuava baixando. Isso pareceu a todos extremamente inquietante, a confirmação muda de que havia algo de errado ali. Algo além da capacidade não só de compreensão, mas também de controle de meros guardas estaduais.

Ninguém entrou de fato no galpão até Curt e Tony voltarem no Bel Air de Curt — ordens do sargento-chefe. Huddie Royer olhava pelas janelas do galpão para o Buick quando os dois apareceram. Foi até eles enquanto Curt abria a caixa pousada no capô de seu carro e tirava o contador Geiger.

— Cadê seus uniformes A ameaça de Andrômeda? — perguntou Huddie.

Curt olhou para ele, sem sorrir.

— Engraçadíssimo — disse.

Curt e o sargento ficaram uma hora ali dentro, passando o contador Geiger

por toda a carroceria do Buick, passando o detector pelo motor, levando-o para dentro da cabine, verificando os bancos e o painel e o volante estranho e grande demais. Curt deitou numa plataforma e enfiou- se embaixo do carro, e o sargento examinou a mala, sendo especialmente cuidadoso nessa operação. Eles abriram a tampa com um dos ancinhos da parede. Em qualquer uma dessas verificações, o ponteiro do contador mal se mexeu. A única vez que o clique-clique constante emitido por seu pequeno alto-falante se intensificou foi quando Tony segurou o detector perto do mostrador de seu relógio, para ver se o aparelho estava funcionando. Estava, mas o Roadmaster não tinha nada a lhe dizer.

Só fizeram um intervalo, para ir pegar agasalhos. Estava quente lá fora, mas dentro do galpão B, o ponteiro do termômetro estacionara um fio de cabelo abaixo do nove. Sandy não gostou disso e, quando os dois saíram, ele sugeriu que abrissem as portas e deixassem entrar um pouco do calor do dia. Mister Dillon dormia na quitinete, disse Sandy. Podiam trancá-lo lá.

—Não — disse Tony, e Sandy viu que Curt estava de acordo.

—Por quê?

—Não sei. Só uma sensação.

Às três da tarde, enquanto Sandy diligentemente escrevia seu nome no livro de escala embaixo de 2 turno/15-23 e preparava-se para sair de patrulha, a temperatura no galpão B baixara para oito. Menos 14 graus que o dia de verão do outro lado daquelas finas paredes de madeira.

Deve ter sido por volta das seis, enquanto Sandy estava estacionado próximo ao restaurante Jimmy's na estrada velha de Statler, tomando café, atento para pegar motoristas em excesso de velocidade, que o Roadmaster deu à luz pela primeira vez.

Arky Arkanian foi a primeira pessoa a ver o que saiu do Buick, embora não soubesse o que estava vendo. A situação estava calma no quartel do regimento D. Não exatamente serena, mas calma. Essa calma era devida em grande parte ao relatório de Curt e Tony sobre a ausência de radioatividade no galpão B. Arky vinha de seu trailer em Dreamland Park no alto dos Bluffs, querendo dar sua olhadinha no carro apreendido enquanto não estava de serviço. Teve-o só para si; o galpão B, naquele momento, estava deserto. A 40 metros dali, reinava uma calma de meio turno no quartel, que era o máximo de calma que se podia ter ali. Matt Babicki já encerrara o expediente do dia e um dos policiais mais jovens estava tocando o atendimento. O sargento fora para casa às cinco horas. Curt, que contara uma história para a mulher explicando o chamado da noite anterior, devia estar de novo de sandálias de borracha terminando de cortar sua grama como um bom menino.

Às sete e cinco, o vigia do regimento D (então muito branco, muito pensativo e muito assustado) passou pelo garoto no atendimento e entrou na quitinete, para ver quem encontrava. Queria alguém que não fosse um novato,

alguém com experiência. Encontrou Huddie Royer, dando os retoques finais num panelão de macarrão com queijo Kraft.

— Então? — pergunta o garoto, e tinha muita coisa do pai naquela hora: o jeito de sentar no banco, o jeito de olhar você nos olhos, o jeito de levantar as sobrancelhas, sobretudo a impaciência. Aquela impaciência era o pai dele escrito e escarrado. — Então?

— Esta não é minha parte da história — disse-lhe Sandy. — Eu não estava. Mas estes dois estavam.

Então, claro, o garoto deixou de prestar atenção em Sandy e concentrou-se em Huddie e em mim.

—Você fala, Hud — digo. — Você está acostumado a fazer relatórios.

— Sem essa, porra — me diz ele —, você chegou primeiro. Viu primeiro. Você começa.

—Ai…

—Bom, um de vocês começa! — diz o garoto, e pafi, dá um tapa na testa com a base da mão, bem no meio dos olhos. Tive que rir com isso.

—Ande, Arky — diz-me o sargento.

— Caramba — digo eu. — Nunca contei isso assim como uma história. Não sei como vai sair.

—Experimente — diz o sargento, e é o que faço.

Foi difícil começar — os olhos do garoto pareciam me furar como pregos, e eu não parava de pensar: Ele não vai acreditar nisso, quem iria? Mas logo ficou mais fácil. Se fala sobre uma coisa que aconteceu há muito tempo, você vê que ela se abre toda de novo para você. Feito uma flor. Isso pode ser bom ou ruim. Sentado ali naquela noite, falando com o filho de Curtis Wilcox, eu tinha as duas impressões.

Pouco depois, Huddie veio e começou a ajudar. Ele se lembrava de todo tipo de pormenor, até de Joan Baez cantando no rádio. A salvação está nos detalhes, dizia o velho sargento (em geral quando alguém deixava de incluir algo importante num relatório). E o tempo todo, o garoto ali sentado no banco, olhando para a gente, os olhos cada vez mais arregalados à medida que escurecia e a noite exalava seus cheiros, como faz no verão, e os morcegos voavam no alto e a trovoada roncava sem parar ao sul. Fiquei triste de ver o quanto ele se parecia com o pai. Não sei por quê.

Ele só me interrompeu uma vez. Virou-se para Sandy, querendo saber se ainda tínhamos o…

— Temos — respondeu-lhe Sandy de pronto. — Ah, sim. Claro. Mais toneladas de fotos. A maioria, polaroide. Se existe uma coisa que os tiras sabem

fazer, garoto, é preservar a cadeia de provas. Agora, fique quieto. Você queria saber; deixe que ele lhe conte.

Sei que está se referindo a mim, então comecei a falar de novo.

ENTÃO

Arky tinha uma picape Ford velha naquela época, uma típica de três marchas (Mas, contando com a ré, eu tenho quatro, brincava) com uma alavanca que rangia. Estacionava-a onde continuava estacionando 23 anos depois, embora a essa altura já a tivesse trocado por uma Doge RAM com câmbio automático e tração nas quatro rodas.

Em 1979, havia um antigo ônibus escolar do condado Statler no fundo do estacionamento, uma banheira amarela toda enferrujada que estava ali, no mínimo, desde a Guerra da Coréia, afundando cada vez mais no mato e no pó com o passar dos anos. Por que ninguém tirou aquilo dali era apenas mais um dos mistérios da vida. Arky estacionou sua picape ao lado do ônibus, atravessou para o galpão B e olhou por uma das janelas da porta de enrolar, pondo as mãos dos lados do rosto para proteger-se da claridade do sol, que estava no poente.

Havia uma luz acesa no teto, e o Buick estava embaixo dela, olhando para Arky como um modelo em exibição, o tipo da unidade que parece tão bonita debaixo das luzes que qualquer pessoa lúcida haveria de querer assinar embaixo e levar aquela maravilha para casa. Tudo parecia nos trinques, exceto a tampa do porta-malas. Estava levantada de novo.

Preciso informar isso a quem está de guarda, pensou Arky. Ele não era um policial, só um vigia, mas, no seu caso, o cinza do uniforme de guarda estadual pegara. Afastou-se da janela e, por acaso, olhou o termômetro que Curt pendurara numa das vigas do teto. A temperatura no galpão tornara a subir, e muito. Estava 16 graus lá dentro. Ocorreu a Arky que o Buick era uma espécie de serpentina de refrigeração que agora desligara sozinha (ou talvez queimara durante o espetáculo dos fogos de artifício).

O aumento súbito da temperatura era outra coisa que ninguém sabia, e Arky ficou aflito. Começou a se virar, afastando-se da porta, com a intenção de ir correndo para o quartel. Foi aí que viu a coisa no canto do galpão.

E só um monte de trapos, pensou, mas algo mais sugeria… bem, algo mais. Voltou para a vidraça, novamente tapando os lados do rosto com as mãos para evitar o reflexo. E, nossa, aquilo ali no canto não era só um monte de trapos.

Arky sentiu uma fraqueza nas juntas dos joelhos e nos músculos da coxa característica dos estados gripais. A sensação lhe subiu para o estômago, embrulhando-o, e passou para o coração, acelerando-o. Houve um momento alarmante em que ele teve quase certeza de que cairia desmaiado.

Ei, seu sueco pateta — por que não tenta respirar de novo? Pode ser que ajude.

Arky sorveu dois grandes tragos secos de ar, sem se importar com o barulho produzido. Seu pai fizera esse barulho ao ter o ataque cardíaco, deitado no sofá aguardando a ambulância.

Afastou-se da porta de enrolar, batendo no meio do peito com o lado do punho.

— Vamos, amor. Calma.

O sol, caindo num caldeirão de sangue, ofuscava-o. Seu estômago continuava embrulhado, deixando-o com vontade de vomitar. De repente, o quartel parecia estar a três quilômetros, talvez cinco. Ele partiu naquela direção, lembrando-se de respirar e se concentrar em dar passos largos e regulares. Uma parte dele queria sair correndo, outra compreendia que, se fizesse isso, poderia mesmo desmaiar.

Arky deixou-se cair numa das cadeiras da cozinha, mãos penduradas entre as coxas. Olhou para Huddie e abriu a boca, mas, a princípio, nada saiu.

—O que foi? — Huddie jogou a panela de macarrão na bancada

—sem olhar. — O Buick?

—Está de plantão, O?

—Estou, até as 11.

—Tem mais quem?

—Uma dupla lá em cima. Talvez. Se está pensando na chefia, esqueça. Agora, sou o que mais se aproxima disso. Então desembuche.

—Saia pelos fundos — disse-lhe Arky. — Veja com seus próprios olhos. E traga um binóculo.

Huddie pegou um binóculo no almoxarifado, mas o instrumento não serviu para nada. A coisa no canto do galpão B estava muito perto — com o binóculo, era só um borrão. Depois de uns dois ou três minutos pelejando com o botão de foco, Huddie desistiu.

— Vou lá dentro.

Arky agarrou-lhe o pulso.

— Não! Chame o sargento! Deixe que ele decida!

Huddie, que podia ser teimoso, fez que não com a cabeça.

—O sargento está dormindo. A mulher dele ligou avisando. Sabe o que significa quando ela faz isso: que é para ele não ser acordado a não ser que tenha começado a Terceira Guerra Mundial.

—E se aquilo lá dentro for a Terceira Guerra Mundial?

—Não estou preocupado — disse Huddie. O que, a julgar por sua cara, era a mentira da década, se não do século. Tornou a olhar para dentro, com uma das mãos de cada lado do rosto, o binóculo inútil deixado no chão ao lado de seu pé esquerdo. — Aquilo está morto.

—Pode ser — disse Arky. — E pode ser que esteja se fazendo de morto.

Huddie olhou para ele.

—Você não está querendo dizer isso. — Uma pausa. — Está?

— Sei lá o que estou ou não estou querendo dizer. Sei lá se aquilo já era ou só está descansando. Você também não sabe. E se aquilo quiser que alguém entre ali? Já pensou nisso? E se estiver esperando por você?

Huddie refletiu, e disse:

— Pois então, vai ter o que quer.

Afastou-se da porta, com a mesma cara de pavor de Arky ao entrar na cozinha, e parecendo igualmente decidido. Falando sério. Um holandês obstinado.

—Arky, escute aqui.

—Sim.

—Carl Brundage está lá em cima na sala de estar. Mark Rushing também, acho eu. Não precisa avisar Loving no atendimento, não confio nele, é muito inexperiente. Mas vá contar aos outros o que está havendo. E não fique com essa cara. Não deve ser nada, mas um pouco de apoio não vai fazer mal.

—Caso seja alguma coisa.

—Correto.

—Porque pode ser.

Huddie fez que sim com a cabeça.

—Tem certeza?

—Hum-hum.

—Tudo bem.

Huddie foi andando junto à porta de enrolar, dobrou a esquina e postou-se diante da porta lateral. Respirou fundo, contou até cinco e soltou o ar. Então soltou a correia da coronha da pistola, naquela época, uma Ruger .357.

— Huddie?

Huddie sobressaltou-se. Se estivesse com o dedo no gatilho e não na guarda, poderia ter estraçalhado o próprio pé. Girou nos calcanhares e viu Arky em pé ali na esquina do galpão, os grandes olhos escuros virando de um lado para o outro no rosto franzido.

—Minha Nossa Senhora! — exclamou Huddie. — Por que você vem andando assim de mansinho atrás de mim?

—Eu não estava andando de mansinho, estava andando normal.

—Vá lá dentro! Chame Carl e Mark, como eu lhe disse.

Arky fez que não balançando a cabeça. Com medo ou não, decidira que queria participar dos acontecimentos. Huddie achou que podia entender. O cinza do uniforme pegava mesmo.

— Tudo bem. Vamos embora.

Huddie abriu a porta e entrou no galpão, onde continuava mais frio que do lado de fora... apesar de nenhum dos dois poder dizer quão mais frio, porque suavam em bicas. Huddie segurava a arma junto à face direita. Arky pegou um ancinho pendurado perto da porta. A ferramenta bateu numa pá e ambos se sobressaltaram. Para Arky, a forma daquelas sombras na parede era até pior que o barulho: elas pareciam andar aos pulos, como sombras de duendes ágeis.

—Huddie... — começou ele.

—Shhh!

—Se aquilo está morto, por que você faz shhh?

—Não se faça de engraçadinho! — respondeu Huddie sussurrando.

Foi andando em direção ao Buick. Arky ia atrás dele, segurando firme o cabo do ancinho com as mãos suadas, o coração aos pulos. Tinha a boca seca, com gosto de queimado. Nunca teve tanto medo na vida, e o fato de não saber exatamente de que só aumentava esse medo.

Huddie chegou à traseira do Buick e espiou dentro da mala aberta. Tinha as costas tão largas que não deixava Arky ver nada.

—O que tem aí dentro, O?

—Nada. Está vazia.

Huddie pegou a tampa do porta-malas, hesitou, depois encolheu os ombros e bateu-a. Os dois se sobressaltaram com o barulho e olharam para aquilo no canto. A coisa não se mexia. Huddie foi se encaminhando para ela, de novo com a arma junto ao rosto. O ruído de seus passos no cimento era muito alto.

A coisa estava morta mesmo, os dois se convenciam disso cada vez mais à medida que se aproximavam, o que não melhorava em nada a situação, porque nenhum deles jamais havia visto nada parecido. Nem nos bosques do oeste da Pensilvânia, nem num zoológico, nem numa revista de vida selvagem. Aquilo simplesmente era diferente. Muito diferente.

Huddie pensou em filmes de terror que já vira, mas a coisa encolhida na esquina do galpão também não se parecia com nada que havia nesses filmes.

Diferentíssimo era o que não lhe saía da cabeça. O que não saía da cabeça

de ambos. Tudo naquela coisa gritava que ela não era daqui, aqui significando não apenas as Short Hills, mas todo o planeta Terra. Quem sabe até o universo inteiro, pelo menos da forma que alunos de ciências medíocres como eles foram entendiam este conceito. Era como se, de repente, tivesse disparado algum circuito de alarme que tinham dentro da cabeça.

Arky pensava em aranhas. Não porque aquilo no canto parecesse uma aranha, mas porque… bem… as aranhas eram diferentes. Aquelas pernas todas — e não se sabia o que podiam estar pensando, nem sequer como podiam existir. Aquilo era assim, só que pior. Dava enjoo só de olhar, de tentar entender o que seus olhos diziam que ele estava vendo. Sua pele ficara melada, seu coração batia descompassado e suas entranhas pareciam mais pesadas. Ele queria correr. Virar as costas e sair ventando.

— Nossa — gemeu Huddie num fio de voz. — Ai, nossa.

Parecia que estava implorando para a coisa ir embora. Sua pistola bambeou até ficar apontando para o chão. Só pesava um quilo e quatrocentos, mas seu braço já não aguentava mais sequer este peso irrisório. Os músculos de seu rosto também estavam bambos, deixando-o de olhos arregalados e queixo caído. Arky jamais esqueceu do brilho dos dentes de Huddie no escuro. Ao mesmo tempo, Huddie começou a tremer todo, e Arky percebeu que também estava tremendo.

A coisa do canto era do tamanho de um morcego muito grande, como os que ficam pendurados nas Miracle Caves em Lassburg ou na chamada Wonder Cavern (visitas guiadas a três dólares por cabeça, com possibilidade de tarifas especiais para famílias) em Pogus City. Suas asas lhe escondiam quase todo o corpo. Não estavam dobradas, mas sim emboladas, como se a criatura tivesse tentado em vão dobrá-las antes de morrer. O que podiam ver de suas costas era um verde mais claro. A região da barriga tinha uma cor esbranquiçada de queijo, como o cerne de um cepo podre ou o talo de um lírio do brejo. A cabeça triangular estava de lado. Uma protuberância ossuda que poderia ter sido um nariz ou um bico projetava-se de uma cara sem olhos. Embaixo dessa protuberância, a boca da criatura estava aberta. Uma tira de tecido amarelada pendia dali, como se a coisa tivesse regurgitado a última refeição enquanto morria. Huddie deu uma olhada e soube que tão cedo não comeria espaguete com queijo.

Embaixo do cadáver, em volta dos quartos traseiros, esparramava-se um visgo preto que começava a endurecer. A ideia de que uma substância dessas pudesse servir de sangue deixou Huddie com vontade de gritar. Ele pensou: Não vou pegar nisso. É mais fácil eu matar a minha mãe do que tocar nesse visgo.

Ainda estava pensando quando um pedaço de pau comprido passou por seu campo visual. Ele deu um gritinho e recuou.

— Arky, não! — berrou, mas já era tarde.

Depois, Arky não soube dizer por que tocara na coisa do canto — foi um

impulso a que cedera antes de se dar conta do que estava fazendo.

Quando a ponta do cabo do ancinho encostou no ponto em que aquelas asas se embolavam uma na outra, ouviu-se um ruído como o de papel farfalhando e veio um fedor como o de cozido de repolho velho. Os dois mal notaram. A parte superior da cara da coisa parecia estar descascando, revelando um olho morto vidrado do tamanho de um rolimã de fábrica.

Arky recuou, deixando o ancinho cair ruidosamente no chão, e tapando a boca com as mãos. Em cima dos dedos abertos, seus olhos haviam começado a produzir lágrimas de terror. Huddie ficou ali parado, grudado no chão.

—Era uma pálpebra — disse baixinho, com uma voz rouca. — Só

—uma pálpebra. Você a mexeu com o ancinho, seu cretino. Aí ela abriu.

—Cruzes, Huddie!

—Está morto.

—Cruz-credo…

—Está morto, sim?

—S… sim — disse Arky com aquele seu sotaque sueco. Estava mais

—forte que nunca. — Vamos cair fora daqui.

—Para um zelador, você é bem esperto.

Os dois se encaminharam de novo para a porta — lentamente, de costas, porque não queriam perder de vista a coisa. E também porque sabiam que, se vissem a porta, perderiam o controle e sairiam correndo. A segurança da porta. A promessa de um mundo sadio do outro lado da porta. Chegar ali demorou uma eternidade.

Arky foi o primeiro a sair de costas e começou a aspirar grandes tragadas do ar fresco da tarde. Huddie saiu depois dele e bateu a porta. Então, por um momento, os dois ficaram só se olhando. Arky já passara do branco e estava amarelo. Para Huddie, parecia um sanduíche de queijo sem o pão.

—Está rindo de quê? — perguntou-lhe Arky. — Qual é a graça?

—Nenhuma — disse Huddie. — Só estou tentando não ficar histérico.

—Vai ligar para o sargento agora?

Huddie fez que sim. Não tirava da ideia como o tampo da cabeça da coisa pareceu descascar quando Arky tocou nela. Ocorreu-lhe que revisitaria esse momento em sonhos futuros, e estava certíssimo quanto a isso.

— E Curtis?

Huddie considerou a hipótese e fez que não com a cabeça. Curt tinha uma mulher jovem. As esposas jovens gostam de ter os maridos em casa e, quando

não tinham o que queriam pelo menos durante algumas noites seguidas, podiam ficar sentidas e fazer perguntas. Era natural. Como era natural os mandos jovens responderem às perguntas delas, mesmo quando sabiam que não deviam.

—Então só o sargento?

—Não — disse Huddie. — Vamos botar Sandy Dearborn nisso

—também. Sandy tem boa cabeça.

Sandy ainda estava no estacionamento do restaurante Jimmys com a pistola radar no colo quando seu rádio chamou.

—Unidade 14, unidade 14.

—14. — Como sempre, Sandy olhara o relógio ao ouvir seu número. Eram 19h20.

—Ah, poderia retornar à base, 14? Temos um código D, copiado?

—3? — perguntou Sandy.

Em quase todos os corpos de polícia americanos, 3 significava emergência.

—Não, negativo, mas uma ajuda pegaria bem.

—Positivo.

Voltou uns dez minutos antes que o sargento chegasse em seu carro particular, que por acaso era uma picape International Harvester mais velha que o Ford de Arky. A essa altura, a notícia já começara a se espalhar, e Sandy viu uma verdadeira convenção diante do galpão B — montes de sujeitos nas janelas, todos olhando. Brundage e Rushing, Cole e Devoe, Huddie Royer. Arky Arkanian caminhava em pequenos círculos atrás deles, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça e rugas lhe subindo pela testa como os degraus de uma escada. Mas não estava esperando uma vaga na janela. Arky já vira tudo o que queria ver, pelo menos por uma noite.

Huddie inteirou Sandy do ocorrido, e então Sandy pôde ver bem a coisa do canto. Também tentou adivinhar o que o sargento poderia querer quando chegasse, e pôs tudo numa caixa de papelão ao lado da porta.

Tony chegou, estacionou de esguelha atrás do ônibus escolar e foi depressa para o galpão B. Empurrou sem cerimônia Carl Brundage da janela mais perto da criatura morta e ficou olhando para ela enquanto Huddie fazia seu relatório. Quando Huddie terminou, Tony chamou Arky e ouviu sua versão da história.

Sandy achou que os métodos de Tony para lidar com o Roadmaster estavam sendo postos à prova naquela noite e mostravam-se adequados. Enquanto ele ouvia Huddie e Arky, foi chegando gente do regimento. A maioria não estava de serviço. Os poucos de uniforme encontravam-se perto o bastante para vir dar uma olhada quando ouviram Huddie dar o código do Buick. No entanto, não houve zunzunzum de conversas, nem disputa por melhores lugares,

nem ninguém se metendo na investigação de Tony ou obstruindo as coisas com um monte de perguntas cretinas. Sobretudo, não houve ataques de fúria nem pânico. Sandy tinha medo de pensar no que poderia acontecer se algum jornalista estivesse ali e experimentasse o poder atávico daquela coisa, que, apesar de obviamente morta, continuava horrível e, não se sabe por quê, ameaçadora. Quando mencionou isso a Schoondist no dia seguinte, o sargento riu.

—O gigante de Cardiff no inferno — disse. — Era isso que poderia acontecer, Sandy.

Ambos, tanto o atual quanto o futuro sargento, sabiam o nome que a imprensa dava a tal administração de informações, pelo menos quando os administradores eram policiais: fascismo. O termo era um pouco pesado, sem dúvida, mas nenhum dos dois realmente questionava o fato de que aconteciam excessos de todo tipo não muito longe dali. (Quer ver tiras descontrolados, observe Los Angeles, disse Tony certa vez. Para três bons, há dois carcamanos da juventude hitlerista de moto.) Mas o do Buick, porém, era um autêntico Caso Especial. Isso também nenhum dos dois punha em dúvida.

Huddie queria saber se acertara em não chamar Curtis. Receava que Curt se sentisse rejeitado, alijado. Se o sargento quisesse, disse Huddie, ele poderia ir ao quartel naquela hora e dar um telefonema. Com prazer.

— Curtis está bem onde está — disse Tony —, e quando lhe explicarem por que não foi chamado, vai entender. Quanto ao resto de vocês…

Tony afastou-se da porta de enrolar. Tinha uma postura tranquila, mas estava muito pálido. Ver aquela coisa do canto também o impressionara, mesmo através de um vidro. Com Sandy, acontecia o mesmo. Mas ele também notava o entusiasmo do sargento Schoondist, a curiosidade aflita que ele compartilhava com Curt. A vibração na voz que dizia: Puta merda, você acredita Sandy notava essa curiosidade e a reconhecia pelo que era, embora dela não compartilhasse em nada, da mesma forma que os outros. Certamente a de Huddie — e Arky — passara logo.

— Vocês que estão de serviço me escutem — disse Tony. Tinha aquele sorrisinho de lado, que, na opinião de Sandy, estava um tanto forçado naquela noite. — Há incêndios em Statler, enchentes em Leesburg e uma onda de assaltos no condado de Pogus. Desconfiamos dos amish.

Ouviram-se algumas risadas.

— Então, o que estão esperando?

Houve um êxodo geral de agentes de serviço seguido pelo ronco de vários Chevrolet V-8 arrancando. Os que não estavam de serviço ficaram por ali mais um pouco, mas ninguém precisou lhes dizer para ir andando, vamos indo, gente, acabou o espetáculo. Sandy perguntou ao sargento se também tinha que pegar o carro e ir embora.

— Não — disse. — Você está comigo.

E foi indo depressa para a porta lateral, detendo-se apenas para poder examinar os objetos que Sandy botara dentro da caixa: uma das polaroides como prova, filme extra, um metro, um kit de recolhimento de provas. Sandy também pegara na quitinete alguns sacos de lixo verdes.

—Bom trabalho, Sandy.

—Obrigado, senhor.

—Preparado para entrar?

—Sim, senhor.

—Com medo?

—Sim, senhor.

—Como eu, ou nem tanto?

—Não sei.

—Nem eu. Mas estou com medo, sim. Se eu desmaiar, você me pega.

—Caia para o meu lado, senhor.

—Ele riu.

—Vamos, entre na minha sala, disse a aranha à mosca.

Com ou sem medo, os dois fizeram uma investigação bastante completa. Fizeram em conjunto um diagrama do interior do galpão, e, mais tarde, ao ser elogiado por Curt pelo trabalho, Sandy balançou a cabeça concordando que havia sido bom. Digno de ser apresentado num tribunal, aliás. Mesmo assim, continha muitas linhas nebulosas. Suas mãos começaram a tremer quase desde o momento em que entraram no galpão, e não pararam até terem tornado a sair.

Eles abriram o porta-malas porque estava aberto na primeira vez em que Arky olhou e, embora estivesse tão vazio como sempre, fotografaram-no. Também fotografaram o termômetro (que então subira para 21 graus), sobretudo porque Tony achou que Curt gostaria que fizessem isso. E fotografaram o cadáver do canto, de todos os ângulos imagináveis. Cada foto mostrava aquele olho indescritível. Brilhava, como piche fresco. Ao se ver refletido nele, Sandy Dearborn teve vontade de gritar. E mais ou menos de dois em dois segundos, um deles olhava por cima do ombro para o Buick Roadmaster.

Quando terminaram com as fotos, algumas delas tiradas com o metro ao lado do cadáver, Tony sacudiu um dos sacos de lixo.

— Vá pegar uma pá — disse.

— Não quer deixá-lo onde está até Curt…

— O agente em teste Wilcox pode vê-lo no almoxarifado — disse Tony. Sua voz estava estranhamente tensa, quase estrangulada, e Sandy percebeu que ele estava se esforçando muito para não vomitar. O próprio Sandy teve um engulho, talvez em solidariedade. — Ele pode olhá-lo ali à vontade. Por sua vez, não precisamos nos preocupar em quebrar a cadeia de provas, porque nenhum promotor distrital vai se envolver nesse caso. Enquanto isso, vamos recolher essa merda.

Ele não estava gritando, mas havia uma ponta de irritação em sua voz.

Sandy pegou uma pá da parede onde estava pendurada e enfiou-a por baixo da criatura. As asas fizeram um ruído terrível como o de papel crepitando. Então, uma delas caiu para trás, revelando um flanco negro e pelado. Pela segunda vez desde que haviam entrado, Sandy teve vontade de gritar. Não poderia dizer exatamente por que, mas algo no fundo de seu cérebro implorava para não lhe mostrarem mais nada.

E o tempo todo, sentiam o cheiro. Aquele fedor de repolho.

Sandy observou as gotículas de suor porejando na testa de Tony Schoondist. Algumas haviam estourado e corriam-lhe pelas faces, deixando rastros como lágrimas.

— Ande — disse, segurando o saco aberto. — Ande, Sandy. Jogue isso aí dentro antes que eu bote minha comida para fora.

Sandy inclinou a pá e sentiu-se um pouco melhor quando o peso escorregou para dentro do saco. Depois que Tony pegara um saco da serragem vermelha usada para absorver derramamentos de óleo e espargiu-a por cima da mancha viscosa do canto, ambos sentiram-se melhor. Tony torceu a boca do saco com a criatura dentro, e deu um nó. Depois, começaram a recuar para a porta.

Antes de chegar nela, Tony parou.

—Faça uma foto daquilo — disse, apontando para um ponto no alto da porta de enrolar atrás do Buick, a porta por onde o reboque de Johnny Parker deixara o carro. Para Tony Schoondist e Sandy Dearborn, parecia que isso fora há muito tempo. — E daquilo também, daquilo ali e daquilo ali embaixo.

A princípio, Sandy não viu para onde o sargento apontava. Desviou a vista, piscou uma ou duas vezes e tornou a olhar. E lá estava aquilo, três ou quatro manchas verdes que fizeram Sandy pensar no pó que sai das asas das mariposas. Quando criança, ele tinha certeza de que pó de mariposa era um veneno mortal. Quem esfregasse os olhos com os dedos sujos desse pó ficava cego.

— Está vendo o que aconteceu, não? — perguntou Tony quando Sandy ergueu a câmera e focalizou na primeira marca. Ela parecia muito pesada e suas mãos ainda tremiam, mas ele fez a foto.

— Não, sargento, acho que não.

— Isso aí, seja lá o que for, pássaro, morcego, algum tipo de zangão robô,

saiu voando da mala quando a tampa abriu. Bateu na porta dos fundos, é a primeira mancha, depois começou a repicar nas paredes. Já viu um pássaro preso dentro de um lugar fechado?

Sandy fez que sim com a cabeça.

— É assim.

Tony limpou o suor da testa e olhou para Sandy. Foi um olhar que este jamais esqueceu. Nunca havia visto os olhos do sargento tão despidos. Era, pensou, o olhar que às vezes se via no rosto de uma criança quando se chegava para apartar uma confusão doméstica.

— Cara — disse Tony devagar. — Porra.

Sandy fez que sim com a cabeça.

Tony olhou para o saco.

— Acha que parece um morcego?

— Acho — disse Sandy, e, em seguida: — Não. — Após outra pausa, acrescentou: — Mentira.

Tony deu uma gargalhada que pareceu um tanto cansada.

—Muito definitivo. Isso, se você estivesse no banco de testemunhas, nenhum advogado de defesa poderia desdizer.

—Eu não sei, Tony. — O que Sandy sabia era que queria deixar logo aquela merda de lado.

—O que você acha?

—Bem, se eu desenhasse, pareceria um morcego — disse Tony. Nas fotos que tiramos, também parece um morcego. Mas… não sei exatamente como dizer isso, mas…

— Não se sente que seja um morcego — disse Sandy.

Tony sorriu desanimado e apontou um dedo para Sandy, parecendo uma pistola.

— Muito zen, gafanhoto. Mas aquelas marcas na parede sugerem que pelo menos agiu como um morcego, ou um pássaro preso. Ficou voando aqui dentro até cair morto no canto. Merda, pelo visto, morreu de medo.

Sandy lembrou-se do olho morto que brilhava, uma coisa quase estranha demais para se olhar, e pensou que, pela primeira vez na vida, entendia realmente o conceito que o sargento Schoondist formulara. Morrer de medo? Sim, isso era possível. Efetivamente. Então, porque o sargento parecia estar aguardando algo, ele disse:

—Ou talvez tenha batido na parede com tanta força que quebrou o pescoço. — Outra ideia lhe ocorreu. — Ou… escute, Tony…, talvez o ar o tenha

matado.

—O quê?

—Talvez…

Mas os olhos de Tony se haviam iluminado e ele balançava a cabeça afirmativamente.

— Claro — disse. — Talvez o ar do outro lado da mala do Buick seja diferente. Talvez, para nós, tivesse sabor de gás venenoso… estourasse nos nossos pulmões…

Para Sandy, já chegava.

— Tenho que sair daqui, Tony, senão eu é que vou vomitar.

Mas o que receava mesmo era sufocar, não vomitar. De repente, sua traqueia, normalmente larga, ficara com o calibre de um buraco de alfinete.

Quando tornaram a sair (já era quase noite e começara a soprar uma brisa de verão incrivelmente suave), Sandy sentiu-se melhor. Teve a impressão de que Tony também sentia-se. Pelo menos, as maçãs do rosto do sargento já haviam recuperado parte das cores. Huddie e alguns outros policiais foram ao encontro dos dois quando Tony fechou a porta lateral, mas ninguém disse nada. Uma pessoa de fora, sem contexto em que se basear, ao ver aquelas caras, poderia achar que o presidente morrera ou que a guerra havia sido declarada.

— Sandy? — disse Tony. — Está melhor?

—Estou. — Com um gesto de cabeça, indicou o saco de lixo, suspenso como um pêndulo com aquele peso estranho no fundo. — Acha mesmo que o nosso ar é que pode ter matado isso?

—É possível. Ou talvez só o choque de se encontrar em nosso mundo. Uma coisa eu lhe digo, acho que eu não poderia viver muito tempo no mundo de onde veio isso. Mesmo que pudesse respirar o… — Tony se interrompeu, porque de repente Sandy pareceu mal de novo. Na verdade,

—péssimo. — Sandy, o que foi? Qual é o problema?

Sandy não tinha muita certeza se queria contar a seu chefe qual era o problema, nem sabia se podia. Pensara foi em Ennis Rafferty. A ideia do agente desaparecido somada ao que haviam acabado de descobrir no galpão B sugeria uma conclusão que Sandy não queria levar em conta. Mas uma vez que lhe ocorrera, era difícil tirá-la da cabeça. Se o Buick era um conduto para outro mundo e a coisa-morcego o havia atravessado numa direção, era praticamente certo que Ennis Rafferty o havia atravessado na outra.

—Sandy, fale comigo.

—Não tem nada, chefe — replicou Sandy, e teve que se abaixar e botar uma das mãos em cada canela. Era um bom recurso para evitar um desmaio,

supondo que se tivesse tempo de empregá-lo. Os outros ficaram volta olhando-o, calados como antes, com aquelas mesmas caras compridas que diziam: o rei está morto, viva o rei.

Finalmente, o mundo voltou a se estabilizar, e Sandy se endireitou.

— Estou bem — disse. — Mesmo.

Tony considerou sua expressão, e balançou a cabeça positivamente. Levantou um pouco o saco verde.

— Isso vai para o armário do almoxarifado, o pequeno onde Andy Colucci guarda suas revistinhas de sacanagem.

A piada foi recebida com algumas risadas nervosas.

— Ficará proibida a entrada naquela sala, a não ser para mim, para Curtis Wilcox e Sandy Dearborn. SCA, gente, entendido?

Fizeram que sim com a cabeça. Só com autorização.

— Sandy, Curtis e eu, agora essa é nossa investigação, assim designada. — Ele estava todo empertigado na noite que caía, quase em posição de sentido, segurando o saco de lixo numa das mãos e as polaroides na outra. — Isso aqui são provas. De que, não faço ideia. Se alguém tiver alguma, venha falar comigo. Se a ideia parecer loucura, venha falar comigo mais depressa ainda. Isso tudo é uma loucura. Mas, loucura ou não, vamos andar com esse caso. Como qualquer outro. Alguma pergunta?

Não houve nenhuma. Ou, olhando as coisas pelo outro lado, refletiu Sandy, só havia perguntas.

—Precisamos ter um homem naquele galpão permanentemente —

—disse Tony.

—Um serviço de guarda, sargento? — perguntou Steve Devoe.

—Vamos chamar de vigilância — disse Tony. — Vamos, Sandy, fique comigo até eu guardar essa coisa. Não quero levá-la lá para baixo sozinho, a verdade é essa.

Enquanto atravessavam o estacionamento, Sandy ouviu Arky Arkanian dizer que Curt ia ficar furioso por não ter sido chamado, vocês vão ver, vai ficar uma arara.

Mas Curtis estava muito aflito para ficar furioso, muito ocupado tentando priorizar as coisas que queria fazer, muito cheio de perguntas. Só fez uma delas antes de descer correndo para ver o cadáver da criatura que eles haviam encontrado no galpão B: onde andara Mister Dillon na tarde anterior? Com Orville, disseram-lhe. Orville Garrett muitas vezes levava Mister D quando tinha uns dias de folga.

Sandy Dearborn foi quem pôs Curtis a par das coisas (com a ajuda eventual

de Arky). Curt ouviu calado, erguendo as sobrancelhas quando Arky descreveu como o tampo da cabeça da coisa parecera ter rolado para trás, deixando o olho à vista. Ergueu-as de novo quando Sandy lhe contou sobre as manchas na porta e nas paredes, e como lhe lembravam pó de mariposa. Fez sua pergunta sobre Mister Dillon, recebeu sua resposta, depois pegou um par de luvas cirúrgicas num kit de provas e desceu praticamente correndo. Sandy foi com ele. Isso parecia ser seu dever, de alguma forma, uma vez que Tony o nomeara coinvestigador, mas ele ficou no almoxarifado enquanto Curt foi até o armário onde Tony deixara o saco de lixo. Sandy ouviu o plástico crepitar quando Curt desfez o nó. Esse barulho deixou-o todo formigando e gelado.

Crepitar, crepitar, crepitar. Pausa. Outro crepitar. Depois, em voz muito baixa:

— Minha Nossa Senhora.

Pouco depois, Curt saiu correndo com a mão na boca. Havia um banheiro no meio do corredor que levava à escada. O policial Wilcox chegou na hora H.

Sandy Dearborn estava sentado à apinhada mesa de trabalho do almoxarifado, ouvindo-o vomitar e sabendo que aquele vômito provavelmente nada significava na ordem mais ampla das coisas. Curtis não iria recuar. O cadáver da coisa-morcego causara-lhe a mesma repugnância que causara a Arky ou Huddie ou a qualquer um deles, mas ele voltara para examiná-lo, mesmo assim. O Buick — e as coisas que vinham do Buick — tornaram-se a sua paixão. Até na hora em que ele saíra do almoxarifado pálido e cheio de engulhos e tapando a boca com a mão, Sandy vira o entusiasmo desesperado em seus olhos, só um pouco atenuado por seu mal-estar físico. A paixão é o pior dos tiranos.

Do corredor, chegou o ruído de água corrente. O ruído parou, e Curt entrou de novo no almoxarifado, secando a boca com uma toalha de papel.

—Um horror, não é? — disse Sandy. — Mesmo morto.

—Um horror — concordou ele, mas, enquanto falava, já se encaminhava para o armário. — Pensei que tivesse entendido, mas fui pego de surpresa.

Sandy levantou-se e foi para a porta. Curt olhava de novo para o saco, mas sem enfiar a mão. Ainda não, pelo menos. Isso era um alívio. Sandy não queria estar por perto quando o garoto tocasse naquilo, mesmo de luvas. Não queria nem imaginá-lo tocando naquilo.

— Acha que houve uma troca? — perguntou Curt.

— Há?

— Uma troca. Ennis por isso.

No primeiro momento, Sandy não respondeu. Não conseguiu. Não porque a ideia fosse horrível (embora fosse), mas sim pela rapidez com que o garoto atinara com ela.

— Não sei.

Curt balançava-se para trás e para a frente nos calcanhares, franzindo o cenho para o saco de lixo.

—Acho que não — disse depois de algum tempo. — Quando se faz uma troca, normalmente a transação é realizada toda de uma vez. Certo?

—Normalmente, sim.

Fechou o saco e (com evidente relutância) tornou a dar o nó.

—Vou dissecá-lo — disse.

—Curtis, não! Cruz-credo!

—Vou. — Virou-se para Sandy, com as feições contraídas e pálidas, os olhos brilhando. — Alguém tem que fazer isso, e não dá para levar o bicho para o Departamento de Biologia de Horlicks. O sargento diz que o assunto não deve sair daqui, e está certo, então sobrou para quem? Para mim. A não ser que eu não esteja notando alguma coisa.

Sandy pensou: Você não o levaria para Horlicks mesmo se Tony não tivesse dito que esse assunto não podia sair daqui. Aceita que a gente esteja por dentro, provavelmente porque Tony é o único que quer mesmo ter algo a ver com isso, mas dividir com alguém de fora? Alguém que não use o cinza da Pensilvânia nem saiba passar a correia do chapéu da nuca para o queixo? Que possa se antecipar a você e lhe tomar isso? Acho que não.

Curt descalçou as luvas.

— O problema é que não disseco nada desde Chauncey, meu feto de porco na cadeira de biologia no ensino médio. Isso foi há nove anos, e passei com C na matéria. Não quero fazer uma cagada com esse bicho, Sandy.

Então não toque nele, para início de conversa.

Sandy pensou, mas não disse. Não adiantaria nada dizer.

— Bom. — O garoto agora falava consigo mesmo. Com mais ninguém. — Vou estudar. Me preparar. Tenho tempo. Não adianta ficar impaciente. A curiosidade matou o gato, mas a satisfação…

—E se for mentira? — perguntou Sandy. Admirava-o ver quão farto estava daquela lengalenga. — E se não houver satisfação? E se nunca conseguir encontrar o x?

Curt olhou para ele, quase chocado. Então, riu.

—O que acha que Ennis diria? Isto é, se a gente pudesse lhe perguntar.

Sandy achou a pergunta condescendente e ao mesmo tempo insensível. Abriu a boca para dizer isso — dizer alguma coisa, pelo menos —, mas desistiu. Curtis Wilcox não queria fazer mal a ninguém; só estava cheio de adrenalina e

possibilidades, num barato tão grande quanto o de qualquer viciado. E era mesmo um garoto. Até Sandy reconhecia isso, embora fossem quase da mesma idade.

—Ennis lhe diria para tomar cuidado — respondeu Sandy. — Tenho certeza disso.

—Vou tomar — concordou Curtis, começando a subir a escada. — Claro que vou.

Mas eram só palavras, como as fórmulas litúrgicas que a pessoa repete correndo para se livrar da igreja nas manhãs de domingo. Sandy sabia que eram, mesmo que o agente em teste Wilcox não soubesse.

Nas semanas subsequentes, tornou-se óbvio para Tony Schoondist (sem falar no resto do pessoal do regimento D) que não havia efetivos suficientes para instituir uma vigilância de 24 horas do Buick no galpão dos fundos. O tempo também não colaborou; a segunda metade daquele mês de agosto foi chuvosa e mais fria do que de hábito.

Os visitantes eram outra dor de cabeça. Afinal de contas, o regimento D não ficava isolado no alto do morro. O depósito da frota era ali ao lado, o Ministério Público do condado (com todos os funcionários) ficava um pouco mais adiante, havia advogados, criminosos de molho no canto dos marginais, um ou outro grupo de escoteiros, o constante pinga-pinga de gente que queria dar queixa (contra os vizinhos, contra o cônjuge, contra os carroceiros amish que tomavam conta da estrada, contra os próprios guardas estaduais), esposas trazendo quentinhas esquecidas ou às vezes caixas de caramelos, e às vezes apenas cidadãos interessados em conferir como estava sendo gasto o dinheiro de seus impostos. Estes em geral se admiravam e se desapontavam com a calma do quartel, a sensação enfadonha de burocracia em ação. Não tinha nada a ver com seus programas de tevê favoritos.

Um dia, no fim daquele mês, o representante de Statler no Congresso apareceu com dez ou 12 de seus maiores amigos da mídia, para apresentar-se e fazer um discurso sobre a lei de apoio à polícia, à ciência e à infraestrutura então tramitando na Câmara, lei essa que, por acaso, era apoiada por este senhor. Como muitos deputados de distritos rurais dos Estados Unidos, este senhor parecia um barbeiro de cidade pequena que tivera um dia de sorte nas pistas de corridas de cães e esperava receber um boquete antes de ir deitar-se. Ao lado de um dos carros-patrulhas (Sandy achou que fosse o do apoio de cabeça quebrado), ele disse a seus amigos da mídia quão importante era a polícia, especialmente os homens e mulheres da Polícia Estadual da Pensilvânia, sobretudo os homens e mulheres do regimento D (o que constituía uma falha na informação, uma vez que, naquela época, não havia agentes do sexo feminino na divisão normal ou de comunicações do regimento D, mas nenhum dos policiais o corrigiu, pelo menos enquanto as câmeras rodavam). Eles eram, disse o deputado, uma tênue linha cinza a dividir os contribuintes das gangues onde imperava o caos e assim por diante, Deus salve a América, que todos os seus filhos possam vir a ser violinistas.

O capitão Diment veio de Butler, presumivelmente porque alguém achou que sua patente daria um realce à ocasião, e depois resmungou baixinho para Tony Schoondist:

— Esse babaca de peruca me pediu para dar um jeitinho na multa da mulher dele por excesso de velocidade.

E enquanto o deputado dizia suas besteiras, enquanto seu séquito percorria o quartel, enquanto os repórteres faziam suas reportagens e as câmeras rodavam, o Buick Roadmaster estava a menos de 50 metros dali, com seu azul-noite e seus luxuosos pneus de banda branca. Encontrava-se embaixo do grande termômetro redondo que Curt pendurara numa das vigas. Tinha o odômetro zerado, e repelia a sujeira. Para os policiais que sabiam de sua existência, aquela joça parecia uma coceira entre as escápulas, bem lá onde… não dá… para alcançar.

Havia o mau tempo para enfrentar, havia todo tipo de cidadão para enfrentar — muitos que vinham elogiar a família, mas não pertenciam à família —, e havia também os oficiais e policiais de outros quartéis em visita. Em alguns aspectos, estes eram os mais perigosos, porque os tiras têm olhos aguçados e espírito abelhudo. O que teriam pensado se vissem um policial de capa de chuva (ou um certo vigia com um sotaque sueco) postado ao lado do galpão B como um daqueles soldados de chapéu comprido que guardam o portão do palácio de Buckingham? Aproximando-se de vez em quando da porta de enrolar e olhando para dentro? Um policial em visita, ao ver isso, poderia ter ficado curioso para saber o que havia lá dentro? Urso caga no mato?

Curt resolveu este assunto da melhor maneira possível. Enviou um memorando a Tony dizendo ser uma pena os guaxinins estarem sempre ruçando e espalhando nosso lixo, e que Phil Candleton e Brian Cole haviam concordado em construir um pequeno depósito para guardar as lixeiras. Curt achava que atrás do galpão B seria um bom lugar para isso, se o sargento-chefe concordasse. O sargento Schoondist escreveu OK no alto do memorando, e este foi efetivamente arquivado. O que o memorando não mencionava era que o quartel não tivera nenhum problema sério com guaxinins, desde que Arky comprara lixeiras de plástico na Sears, daquelas que têm uma tampa articulada.

O depósito foi construído, pintado (de cinza PEP, obviamente) e estava pronto para ser utilizado três dias depois que o memorando aterrissou na mesa de Tony. Pré-fabricado e puramente funcional, nele só cabiam duas lixeiras, três prateleiras e um guarda estadual sentado numa cadeira de cozinha. Tinha a dupla função de manter o policial de guarda (a) abrigado do mau tempo e (b) escondido. A cada dez ou 15 minutos o guarda se levantava, saía do depósito e olhava por uma das janelas da porta dos fundos do galpão B. O depósito estava abastecido com refrigerantes, guloseimas, revistas e um balde galvanizado. O balde tinha uma tira de papel pendurada onde estava escrito NÃO deu mais para segurar. Era o toque de Jackie O'Hara. Os outros chamavam-no de Garoto Maravilha Irlandês, e ele nunca deixava de os fazer rir. Fazia-os rir ainda três

anos depois, deitado em seu quarto, morrendo de um câncer no esôfago, olhos vidrados de morfina, contando, num fio de voz rouca, histórias sobre Padeen, o campônio irlandês, enquanto seus velhos companheiros iam visitá-lo e às vezes lhe davam a mão quando a dor apertava.

Depois, o regimento D ficaria cheio de câmeras de vídeo — em todos os quartéis da PEP —, porque, nos anos 90, todos os carros-patrulhas eram equipados com modelos Panasonic Eyewitness montados no painel.

Sandy sorriu para ele, um sorriso amarelo.

—Acho melhor você começar a procurar ouvir o pop — disse.

—Do que você está falando?

—O pop. Um barulho que se nota logo. Você ouve quando sua cabeça acaba saindo pelo cu.

Curtis olhou para ele, com rodelas cor-de-rosa acesas nas faces.

—Sandy, tem alguma coisa que não estou entendendo?

—Tem.

—O quê? Pelo amor de Deus, o que?.

—Seu trabalho e sua vida — disse Sandy. — Não necessariamente nesta ordem. Você está tendo um problema de perspectiva. Aquele Buick começa a ficar grande demais para você.

—Demais...! — Curt bateu na testa com a palma da mão como costumava fazer. Depois virou-se e olhou para as Short Hills. Finalmente, tornou a virar para Sandy. — É uma coisa de outro mundo, Sandy, de outro mundo. Como algo assim pode parecer grande demais?

—Seu problema é exatamente este — retrucou Sandy. — Seu problema de perspectiva.

Ele imaginava que a próxima coisa que Curtis dissesse daria início a uma discussão, talvez azeda. Então, antes que Curtis pudesse dizer alguma coisa, Sandy foi para dentro. E talvez aquela conversa tenha surtido algum efeito, porque lá para o final de agosto e princípio de setembro terminaram os constantes pedidos de Curt para que a vigilância fosse reforçada. Sandy Dearborn nunca tentou se convencer de que o garoto havia visto a luz, mas parecia entender que havia ido o mais longe possível, pelo menos por ora. O que era bom, mas não ideal. Sandy achava que, para Curtis, o Buick sempre pareceria grande demais. Mas aí sempre houve dois tipos de pessoa no mundo. Curt era do tipo que acreditava que a satisfação realmente trazia os felinos de volta do além.

Começou a aparecer no quartel com livros de biologia em vez de Field and Stream. O que mais se via embaixo de seu braço ou em cima do reservatório de água do vaso no cagatório era Twenty Elementary Dissections, do Dr. John H.

Maturin, Harvard University Press, 1968. Uma noite, quando Buck Flanders e sua mulher foram jantar na casa de Curt, Michelle Wilcox queixou-se do novo hobby bárbaro do marido. Disse que ele começara a trazer espécimes de uma casa de material médico e a área do porão que, no ano anterior, ele designara como futura câmara escura, agora recendia a produtos químicos mortuários.

Curt começou com camundongos e cobaias, depois passou para pássaros e chegou até a uma coruja. Ás vezes, levava espécimes para o trabalho.

— Só sabe mesmo o que é a vida — um dia disse Matt Babicki a Orville Garrett e Steve Devoe — quem já foi lá embaixo pegar uma caixa de canetas esferográficas e encontrou um vidro de formol com um olho de coruja dentro em cima da máquina de xerox. Puxa, isso acorda a gente!

Uma vez conquistada a coruja, Curtis passou para morcegos. Fez oito ou nove destes, cada espécime de uma espécie diferente. Dois, ele mesmo capturou em seu quintal. O resto encomendou numa casa de material de biologia em Pittsburgh. Sandy jamais esqueceu o dia em que Curtis lhe mostrou um vampiro sul-americano espetado numa tábua. O bicho era peludo, com a barriga marrom e as asas membranosas de um preto aveludado. Seus dentes pontiagudos se revelavam num sorriso psicótico. Suas tripas foram postas para fora, em forma de lágrima, graças à técnica cada vez mais aperfeiçoada de Curt. Sandy achava que o professor de biologia de Curt no ensino médio — o que lhe dera conceito C — ficaria surpreso com a rapidez com que seu antigo aluno aprendia.

Naturalmente quando há desejo, qualquer idiota pode ser professor.

Foi na época em que Curt Wilcox aprendia a admirável arte da dissecação com o Dr. Maturin que Jimmy e Rosalynn se instalaram no Buick 8. Eles foram a ideia brilhante que ocorreu a Tony no Tri-Town Mall, enquanto sua mulher provava roupa no Country Casuais. Um cartaz incrível na vitrine de My Pet chamou-lhe a atenção: entre e participe da nossa FESTANÇA DOS GERBOS.

Tony não foi participar da festança dos gerbos naquela hora — sua mulher faria mil perguntas —, mas enviou o grande George Stankowski no dia seguinte com mais dinheiro do fundo de contingência e ordens de comprar um casal de gerbos. E também um hábitat de plástico para eles.

—É para comprar comida para eles também? — perguntou George.

—Não — respondeu Tony. — De jeito nenhum. Vamos comprar

—um casal de gerbos e deixá-los morrer de fome no galpão.

—É mesmo? Que maldade…

—Tony suspirou.

—É, George, é sim. É para comprar comida para eles, sim.

A única especificação que Tony fez no tocante ao hábitat foi que encaixasse

confortavelmente no banco dianteiro do Buick. George arranjou um ótimo, não de primeiríssima, mas quase. Era de plástico amarelo transparente, e consistia num corredor comprido com uma caixa de cada lado. Uma era a sala de jantar dos gerbos e a outra era a versão para gerbos de uma academia de ginástica. A sala de jantar tinha um comedouro e uma garrafa d'água presos do lado; a academia tinha uma roda de exercícios.

—Eles moram melhor do que muita gente — disse Orvie Garrett.

—Phil, que estava vendo Rosalynn cagar no comedor, disse:

—É opinião sua.

Dicky-Duck Eliot, que talvez não fosse o cavalo mais veloz galopando pela grande pista da vida, quis saber por que estávamos guardando gerbos no Buick. Não era meio perigoso?

— Bem, vamos ver, não? — perguntou Tony num tom estranhamente delicado. — Já vamos ver se é ou não.

Poucos dias depois da aquisição de Jimmy e Rosalynn pelo regimento D, Tony Schoondist traiu seus princípios e mentiu para a imprensa.

Não que o representante do Quarto Poder neste caso impressionasse muito, era apenas um ruivinho magricela de seus 20 anos, que estava fazendo um estágio de verão na County American e voltaria para o estado de Ohio em uma ou duas semanas. Tinha um jeito de ficar de boca aberta para ouvir as pessoas o que, nas palavras de Arky, lhe dava um ar de imbecil de pai e mãe. Mas não tinha nada de imbecil, e passou quase toda uma tarde dourada de setembro ouvindo o Sr. Bradley Roach. Brad proporcionou ao jovem repórter muita coisa para ouvir sobre o homem do sotaque russo (a essa altura, Brad tinha certeza de que o sujeito era russo) e o carro que ele deixara para trás. O ruivinho magricela, chamado Homer Oosler, queria fazer uma matéria sobre isso tudo e voltar para a universidade abafando. Sandy achou que o rapaz podia conceber uma manchete com as palavras carro misterioso. Talvez até carro misterioso DE ESPIÃO RUSSO.

Tony não teve um momento de hesitação, e mentiu. Sem dúvida teria feito o mesmo se, naquele dia, o repórter fosse o veterano Trevor Ronnick, o proprietário da County American, que já havia escrito e esquecido mais notícias do que todas as que o ruivinho chegaria a escrever.

—O carro não está aqui — disse Tony. Pronto: mentira dita, Rubicão cruzado.

—Não está aqui? — perguntou Homer Oosler, visivelmente desapontado. Ele tinha uma Minolta grande e antiga no colo. Atrás do estojo, estava colada a inscrição propriedade da County American. — Foi para onde?

—Para a Secretaria Estadual de Apreensões — respondeu Tony, inventando na hora aquela organização de nome pomposo. — Na Filadélfia.

—Por quê?

—Os veículos não reclamados vão a leilão. Após passarem por uma busca por drogas, é óbvio.

—E. Há alguma documentação sobre o assunto?

—Deve haver — disse Tony. — Há sobre tudo o mais. Vou procurar e ligo para você.

—Quanto tempo acha que vai demorar, sargento Schoondist?

Algum, meu filho. — Tony fez um gesto indicando sua cesta de entrada e saída, onde havia uma pilha de papéis. Oosler não precisava saber que a maioria era o lixo semanal de Scranton (tudo, desde a atualização dos benefícios de aposentadoria até a programação da temporada de outono de softball) e estaria na lixeira antes que o sargento fosse para casa. Aquele gesto cansado indicava que, por toda parte, havia pilhas de papéis semelhantes. — É duro ficar em dia com isso tudo, sabe. Dizem que as coisas vão mudar quando começarmos a nos informatizar, mas ainda não vai ser este ano.

— Semana que vem, volto para a faculdade.

Tony inclinou-se na cadeira e olhou com atenção para Oosler.

— E espero que dê duro — disse. — As coisas são difíceis, meu filho, mas se der duro você pode vencer.

Dias depois da visita de Homer Oosler, o Buick produziu mais uma de suas tempestades luminosas. Desta vez, aconteceu num dia ensolarado, mas, mesmo assim, foi bastante espetacular. E todas as preocupações de Curtis quanto a perder a manifestação seguinte demonstraram ser infundadas.

A temperatura do galpão deixou claro que o Buick novamente preparava alguma coisa, caindo dos 25 graus para uns 15 em cinco dias. Todo mundo estava ansioso para estar no depósito; todo mundo queria estar de serviço quando aquilo acontecesse, fosse o que fosse aquilo daquela vez.

Brian Cole ganhou a loteria, mas todos os policiais no quartel compartilharam da experiência pelo menos até certo ponto. Brian entrou no galpão B por volta das 14 horas, para olhar Jimmy e Rosalynn. Os dois estavam ótimos, Rosalynn na sala de jantar do hábitat e Jimmy se exercitando na roda da academia. Mas, quando chegou mais perto do Buick para verificar o reservatório de água, Brian ouviu um zumbido. Era grave e constante, o tipo de ruído que faz seus olhos vibrarem nas órbitas e sacode suas entranhas. Por baixo desse zumbido (ou entrelaçado nele), havia algo muito mais aflitivo, uma espécie de sussurro escamoso, sem palavras. Um brilho arroxeado, muito tênue, derramava-se lentamente pelo painel e pelo volante.

Lembrando-se de Ennis Rafferty, àquela altura já desaparecido há bem mais de um mês, o policial Cole evacuou às pressas as imediações do Buick. Mas agiu sem pânico. Pegou a filmadora no depósito, acoplou-a ao tripé, abasteceu-a

com uma fita virgem, verificou a hora marcada no vídeo (estava correta) e o nível da bateria (no máximo do verde). Antes de sair, ligou o projetor, depois colocou o tripé em frente a uma das janelas, apertou o botão record e procurou certificar-se de que o Buick estava centrado no visor. Estava. Foi em direção ao quartel, aí estalou os dedos e voltou ao depósito. Lá dentro, havia uma bolsinha com acessórios da câmera. Um deles era um filtro de luminosidade. Brian acoplou-o à lente da filmadora sem se dar ao trabalho de apertar o botão pause (por um momento, as formas grandes e escuras de suas mãos tapam a imagem do Buick, e, quando elas tornam a sair do quadro, o Buick reaparece como se no cair da noite). Se houvesse alguém observando-o — talvez um daqueles cidadãos curiosos para saber como eram gastos os dólares de seus impostos — não imaginaria quão depressa batia o coração do policial Cole. Ele estava com medo, e ao mesmo tempo excitado, mas agiu certo. Quando se trata de lidar com o desconhecido, uma boa formação policial vale muito. No cômputo geral, ele só se esqueceu de uma coisa. Por volta das l4h07, meteu a cabeça na sala de Tony e disse:

— Sargento, tenho quase certeza de que alguma coisa está acontecendo com o Buick.

Tony ergueu os olhos do bloco amarelo, onde estava escrevendo o primeiro rascunho de um discurso que deveria fazer naquele outono num simpósio sobre manutenção da lei, e disse:

— O que você tem na mão, Bri?

Brian olhou para baixo e viu que estava segurando o reservatório de água dos gerbos.

— Ora bolas — disse. — De qualquer forma, talvez eles não precisem mais disso.

As duas e vinte, os policiais no quartel ouviam nitidamente o zumbido. Não que houvesse muitos. Estavam quase todos nas janelas das duas portas de enrolar do galpão B, grudados um ao lado do outro. Tony viu isso, questionou se devia ou não mandá-los sair dali e acabou decidindo deixá-los ficar onde estavam. Com uma exceção.

— Arky.

— Sim, sargento.

— Quero que vá cortar o gramado da frente.

— Já cortei na segunda-feira!

—Eu sei. Parecia que você passou uma hora cortando a parte embaixo da janela da minha sala. Quero que corte de novo. Com isso no bolso de trás. — Entregou a Arky um walkie-talkie. — E se aparecer alguém dizendo que não deveria ver dez guardas estaduais da Pensilvânia na frente daquele galpão como se lá dentro estivesse acontecendo uma briga de galos onde rolava muito

dinheiro, me avise. Certo?

— Certíssimo.

— Ótimo. Matt! Matt Babicki, apresente-se!

Matt veio correndo, esbaforido e vermelho de tão alvoroçado. Tony perguntou-lhe onde estava Curt. Matt respondeu que estava patrulhando.

—Diga-lhe para regressar à base, código D, sem alarde. Entendido?

— Código D e sem alarde, afirmativo.

Sem alarde quer dizer sem luzes nem sirene. Curt presumivelmente obedeceu a esta ordem, mas, ainda assim, estava de volta ao quartel às quinze para as três. Ninguém ousou lhe perguntar quantos quilômetros fizera em meia hora. Não importa quantos tenham sido, ele chegou vivo e antes que recomeçassem os fogos de artifício mudos. A primeira coisa que fez foi tirar a filmadora do tripé. Até terminarem os fogos, a gravação visual ficaria por conta de Curtis Wilcox.

A fita (uma das muitas guardadas no armário do almoxarifado) conserva o que se pôde ver e ouvir. O zumbido do Buick é bem audível, parecendo um fio solto num alto-falante estereofônico, e aumenta consideravelmente de volume com o passar do tempo. Curt filmou o termômetro grande com o ponteiro vermelho ligeiramente acima de 12. Ouve-se a voz de Curt, pedindo licença para entrar e ver como estavam Jimmy e Rosalynn, e a voz do sargento Schoondist respondendo licença negada quase imediatamente, firme e incisiva, não admitindo discussão.

Às 15h08min4l, segundo a hora na parte inferior do vídeo, um rubor, como um amanhecer violeta vai surgindo no para-brisa do Buick. A princípio, um espectador poderia considerar este fenômeno uma falha técnica ou uma ilusão de óptica ou talvez algum tipo de reflexo.

Andy Colucci:

—O que é isso? Voz não identificada:

— Uma subida de corrente ou um…

Curtis Wilcox:

— Quem tiver óculos de soldador, é melhor botar. Quem não tiver, é perigoso, eu não chegaria perto. Temos…

Jackie O'Hara (provavelmente):

— Quem pegou…

Phil Candleton (provavelmente):

—Meu Deus!

—Huddie Royer:

—Acho que não devíamos…

Sargento-chefe Schoondist, parecendo calmo como um guia Audubon numa excursão rústica:

— Se eu fosse vocês, eu botaria os óculos, gente. Já, já.

Às 15h09min24, aquela luz violeta deu um salto auroreal em todas as janelas do Buick, transformando-as em luminosos espelhos arroxeados. Passando-se a fita em câmera lenta, quadro a quadro, veem-se autênticos reflexos aparecendo no vidro antes transparente: as ferramentas penduradas nos ganchos, a lâmina da plaina encostada numa parede, os homens lá fora, olhando. Quase todos estão de óculos de soldador e parecem extraterrestres num filme de ficção científica barato. Identifica-se Curt pela filmadora tapando-lhe o lado esquerdo do rosto. O zumbido fica cada vez mais alto. Então, uns cinco minutos antes de o Buick começar a soltar aquelas chispas, para. Quem assiste à fita ouve vozes alvoroçadas, nenhuma delas identificável, todas, aparentemente, fazendo perguntas.

Então, a imagem desaparece pela primeira vez. O Buick e o galpão dissolvem-se na claridade.

— Cruz-credo, vocês viram isso? — grita Huddie Royer.

Há gritos de Para trás, Porra, e o favorito de todo mundo na hora do aperto, Puta merda. Alguém diz Não olhem e outra pessoa diz Está relampejando naquele tom estranhamente neutro que às vezes se ouve em gravações de cabine de comando de avião, quando um piloto fala sem se dar conta de que está sendo gravado, sabendo apenas que só lhe restam dez ou 12 segundos de vida.

Então o Buick volta do país da superexposição, primeiro parecendo um grumo sem sentido, depois tomando sua forma real. Três segundos depois, torna a soltar chispas. O clarão dispara raios grossos por todas as janelas e torna a dissolver a imagem. Ai, Curt diz Precisamos de um filtro melhor, e Tony retruca Quem sabe da próxima vez.

O fenômeno continua pelos 46 minutos seguintes, todo captado na fita. A princípio, o Buick se dissolve e desaparece com cada clarão. Depois, à medida que o fenômeno vai enfraquecendo, o espectador vê a forma vaga de um carro afundar em mudas irrupções luminosas mais arroxeadas que brancas. Às vezes, a imagem treme e aparece uma panorâmica indistinta de caras humanas quando Curtis corre para outro ponto de observação, na esperança de uma revelação (ou talvez, apenas de um ângulo melhor).

Às 15h28min17, pode-se observar uma linha de fogo denteada irromper do porta-malas fechado (ou talvez atravessá-lo). Chega até o teto, parecendo água jorrando de um chafariz.

Voz não identificada:

— Puta merda, alta voltagem, alta voltagem!

Tony:

— É mesmo. — Então, presumivelmente para Curt: — Continue filmando.

Curt:

— Ah, sim. Pode crer.

Há várias outras chispas, algumas saindo das janelas do Buick, algumas irrompendo do teto ou do porta-malas. Uma pula de debaixo do carro e vai coriscando para a porta de enrolar do fundo. Há gritos de surpresa quando os homens recuam desta porta, mas a câmera fica firme. Curt estava muito excitado para ter medo.

Às 15h55min03, há uma última cintilação fraca — vem do banco traseiro, atrás do motorista — e mais nada. Ouve-se Tony Schoondist dizer:

— Por que não poupa a bateria, Curt? Parece que o espetáculo terminou.

Aí, por alguns momentos, a imagem desaparece. Quando volta, às 16h08min16, Curt está na tela. Tem alguma coisa amarela enrolada em volta do diafragma. Acena alegremente e diz:

— Já volto.

Tony Schoondist — é ele que está manejando a câmera então — retruca:

— Espero que sim.

E não parece nada alegre.

Curt queria entrar para ver como estavam os gerbos, supondo que ainda estivessem lá. Tony negou-lhe licença peremptoriamente, no ato. Ninguém iria entrar no galpão B, disse, antes que tivessem certeza de que era seguro. Hesitou, talvez repetindo mentalmente a afirmação e percebendo o seu absurdo — enquanto o Buick Roadmaster estivesse ali, o galpão B jamais seria seguro —, e reformulou-a:

—Ninguém entra até a temperatura voltar a ficar acima de 18 graus.

—Alguém precisa entrar — disse Brian Cole. Falava com paciência, como se discutindo um problema simples de adição com uma pessoa de inteligência limitada.

—Não vejo por quê, policial — disse Tony.

Brian enfiou a mão no bolso e tirou o reservatório de água de Jimmy e Rosalynn.

—Tem bastante daquelas bolinhas que eles comem, mas sem isso, vão morrer de sede.

—Não vão, não. Já não.

—Talvez leve uns dois dias para a temperatura lá dentro voltar a 18, sargento. Gostaria de passar 48 horas sem beber?

—Sei que eu não gostaria — disse Curt.

Tentando não rir (mas, de qualquer forma, rindo um pouco), pegou de Brian o tubo graduado. Então Tony tomou-o dele, antes que ele pudesse sentir-se em casa na mão de Curt. O sargento-chefe não olhou para o colega ao fazer isso. Mantinha os olhos fixos no policial Brian Cole.

— Devo deixar um dos homens sob meu comando arriscar a vida para buscar água para um casal de camundongos com pedigree. É isso o que está me dizendo, policial? Quero apenas esclarecer esse detalhe.

Se esperava que Brian corasse ou brigasse, ficou desapontado. Brian continuou olhando para ele com aquela paciência, como se querendo dizer Sim, sim, chefe, esqueça isso, quanto antes conseguir esquecer, mais cedo vai poder relaxar e fazer o que é certo.

—Não acredito — disse Tony. — Um de nós ficou maluco. Deve ter sido eu.

Eles são só uns bichinhos — disse Brian. Tinha tanta paciência na voz quanto na fisionomia. — E fomos nós que os botamos lá, sargento, eles não se ofereceram propriamente para isso. A responsabilidade é nossa. Agora, se quiser, eu me arrisco, fui eu que me esqueci…

Tony levantou as mãos para o céu, como se pedindo intervenção divina, e tornou a deixá-las cair ao longo do corpo. Uma vermelhidão lhe subia do colarinho pelo pescoço, passando para a mandíbula. Encontrou as manchas coradas em sua face: oi, vizinha.

— Moitas de pentelhos! — resmungou.

Os homens já o haviam ouvido dizer isso, e sabiam que não deviam rir. Aí é que muita gente — talvez até a maioria das pessoas — seria capaz de gritar: Ai, foda-se! Faça o que quiser!, e sair batendo os pés. Mas quando você está na cadeira grande e ganha uma grana para tomar as decisões importantes, não dá para fazer isso. Os policiais do regimento D reunidos diante do galpão sabiam e, obviamente, Tony também. Ficou ali parado, olhando para o chão. Da frente do quartel vinha o ronco constante do velho cortador de grama Briggs Stratton de Arky.

—Sargento… — começou Curtis.

—Garoto, faça um favor para a gente e cale a boca.

—Curt calou.

Pouco depois, Tony levantou a cabeça.

— A corda que lhe pedi para pegar, você pegou?

—Sim, senhor. É da boa. Dá para usar para fazer alpinismo. Pelo menos foi

o que disse o cara da Calling Ali Sports.

—Está lá dentro? — Tony indicou o galpão com um gesto de cabeça.

—Não, na mala do meu carro.

—Bem, a gente tem que agradecer a Deus esses favorezinhos. Traga a corda aqui. E espero que a gente nunca precise descobrir o quanto é forte. — Olhou para Brian Cole. — Talvez você queira passar no Agway ou no Giant Eagle, policial Cole. E trazer umas garrafas de Evian ou Poland

—Spring Water para esses camundongos. Não, Perrier! Que tal umas Perrier?

Brian ficou quieto, apenas olhou para o sargento com aquela cara de paciência. Tony não aguentou isso e desviou a vista.

— Camundongos com pedigree! Moitas de pentelhos!

Curt trouxe a corda, um pedaço de no mínimo 30 metros de cabo de náilon amarelo de três fios. Passou-o em volta da cintura depois de lhe ter dado um nó corrediço e entregou o rolo a Huddie Royer, que pesava 100 quilos e sempre segurava a barra quando o regimento D fazia cabo de guerra com outros octetos da PEP no piquenique do Quatro de Julho.

—Se eu mandar — Tony disse a Huddie —, você o puxa como se ele estivesse em chamas. E não fique com medo de lhe quebrar a clavícula ou o crânio duro ao puxá-lo pela porta. Entendido?

—Sim, sargento.

—Se o vir cair, ou cambalear como se estivesse tonto, não espere eu mandar. Vá puxando. Captou?

—Sim, sargento.

—Ótimo. Fico muito feliz que alguém entenda o que está acontecendo aqui. Isso é uma caçada às moitas de pentelho, caralho. — Passou a mão pelo cabelo cortado à escovinha, depois tornou a virar-se para Curt.

— Será preciso lhe dizer para dar meia-volta e cair fora se sentir alguma coisa errada, por menor que seja?.

— Não.

— E se a mala daquele carro abrir, Curtis, saia voando. Captou? Como se fosse uma ave gorda.

—Tudo bem.

—Me dê a filmadora.

Curtis estendeu-a e Tony pegou-a. Sandy não se encontrava presente — perdeu tudo —, mas quando depois Huddie lhe disse que foi a única vez que vira o sargento com uma cara assustada, Sandy deu graças por ter passado aquela

tarde de patrulha. Certas coisas era melhor não ver.

—Você tem um minuto no galpão, policial Wilcox. Depois disso, eu o arrasto nem que você esteja desmaiado, se peidando ou cantando Columbia, the Gem of the Ocean.

—Noventa segundos.

—Não. E se tentar regatear de novo, seu tempo cai para 30 segundos.

— Curtis Wilcox está parado ao sol diante da porta lateral do galpão B. Tem a corda amarrada na cintura. Parece jovem na fita, mais jovem a cada ano que passa. De vez em quando, passava aquela fita e devia ter a mesma impressão, embora nunca tivesse dito. E não parece assustado. Nem um pouco. Só alvoroçado. Acena para a câmera e diz:

— Já volto.

—Espero que sim — retruca Tony.

Curt dá meia-volta e entra no galpão. Por um momento, parece uma assombração, quase sumindo, depois Tony leva a câmera à frente para tirá-la do sol e torna-se a ver Curt com nitidez. Ele vai reto para o carro, começa a contorná-lo para chegar à traseira.

— Não! — grita Tony. — Não, seu idiota, quer embaraçar a corda? Olhe os gerbos, dê água para eles e se mande! Curt levanta a mão sem se voltar, fazendo-lhe um sinal de positivo com o polegar. A imagem treme quando Tony usa o zoom para aproximá-la. Curtis olha pela janela do motorista, fica rígido e exclama:

—Puta que pariu!

—Sargento, é para puxar… — começa Huddie, então Curt olha por cima do ombro.

Tony torna a fazer a imagem tremer — não tem a delicadeza de Curt com a câmera, e a imagem vai para todos os lados —, mas mesmo assim é fácil ver a arregalada expressão de choque na cara de Curtis.

— Não me puxe! — grita Curt. — Não faça isso! Estou nos trinques! — E com isso, abre a porta do Roadmaster.

— Não entre! — grita Tony de trás da câmera que treme loucamente.

Curt não lhe dá ouvidos e tira do carro a casa de plástico de gerbos, manobrando-a com cuidado para passar pelo volante enorme. Usa o joelho para fechar a porta do Buick e volta à porta do galpão com o hábitat nos braços. Com uma caixa quadrada de cada lado, aquilo parece uma espécie de haltere de plástico.

—Filme! — Curt está gritando, quase fritando de tão aflito. — Filme!

Tony filmou. A imagem dá um zoom para o extremo esquerdo do ambiente

na hora em que Curt sai do galpão para a claridade do sol. E lá está Rosalynn, não mais comendo, mas correndo bastante satisfeita. Ela vê os homens a rodeá-la e vira-se para a câmera, cheirando o plástico amarelo, bigodes tremendo, olhos acesos e interessados. Era uma gracinha, mas os policiais do quartel Statler não queriam saber de gracinha alguma. A câmera se afasta aos pulos da roedora, movimentando-se pelo corredor e passando à academia de ginástica vazia do outro lado. As duas portinholas do ambiente estão bem fechadas, e nada maior que um mosquito poderia passar pela boca do tubo de água, mas, mesmo assim, o gerbo Jimmy desapareceu — da mesma forma que Ennis Rafferty ou o homem com sotaque de Boris Badinoff, que, para começar, trouxera o Buick Roadmaster para a vida deles.

AGORA: SANDY

Parei e engoli um copo do chá gelado de Shirley em quatro longos tragos. Isso me espetou um palito de gelo no meio da testa, e precisei esperar que derretesse. A certa altura, Eddie Jacubois juntara-se a nós. Estava à paisana, sentado na ponta do banco, como se estivesse ali a contragosto e ao mesmo tempo relutasse em ir embora. Meus sentimentos não eram tão divididos. Para mim, era uma alegria estar com ele. Ele poderia contar a sua parte. Caso precisasse de ajuda, Huddie o ajudaria, e Shirley também. Em 1988, fazia dois anos que ela estava conosco, e Matt Babicki era apenas uma lembrança refrescada por um postal eventual mostrando palmeiras na ensolarada Sarasota, onde Matt e a esposa possuíam uma autoescola. De muito sucesso, pelo menos, segundo Matt.

—Sandy, você está bem? — perguntou Ned.

—Estou ótimo. Só estava pensando em como Tony era desajeitado

—com aquela filmadora — eu disse. — Seu pai era ótimo, Ned, um verdadeiro Steven Spielberg, mas…

—Se eu quisesse, eu poderia ver as fitas? — perguntou Ned.

Olhei para Huddie… Arky… Phil… Eddie. Em cada par de olhos, vi a mesma coisa: A decisão é sua. Claro que era. Quando senta na cadeira grande, você toma todas as decisões importantes. Em geral, gosto disso. Verdade seja dita.

— Não vejo por que não — eu disse. — Desde que seja aqui. Eu não me sentiria bem se você as levasse do quartel, têm que ser chamadas de propriedade do regimento D, mas aqui. Certo? Pode passá-las no videocassete na sala de estar lá de cima. Você devia tomar um Dramamine antes de ver o que Tony filmou. Não é, Eddie?

Por um momento, Eddie ficou olhando o estacionamento, mas não na direção em que o Roadmaster estava guardado. Seu olhar parecia pousado no lugar ocupado pelo galpão A até 1982 mais ou menos.

— Não estou muito a par disso — disse. — Não lembro de muita coisa. O grosso já tinha terminado quando cheguei aqui, você sabe.

Até mesmo Ned devia saber que era mentira. Eddie mentia espetacularmente mal.

—Só vim lhe dizer que já paguei as três horas que eu devia desde maio, sargento, lembra, quando fui ajudar meu cunhado a fazer o estúdio novo.

—Ah — disse eu.

Eddie balançou a cabeça rapidamente para cima e para baixo.

— Hã-hã. Meu turno acabou, e deixei na sua mesa o relatório sobre aqueles

pés de maconha que encontramos no quintal de Robbie Rennerts. Então estou indo para casa, se você não tiver nada contra.

Indo para o Tap era o que queria dizer. Seu segundo lar. Quando não estava de uniforme, a vida de Eddie J era uma canção de George Jones. Fez menção de levantar e segurei-lhe o braço.

—Mas eu tenho, Eddie.

—Hã?

—Sou contra você sair agora. Quero que fique mais um pouco.

—Chefe, eu realmente preciso…

— Fique mais um pouco — repeti. — Talvez você deva alguma coisinha a este garoto.

—Não sei o que…

—O pai dele lhe salvou a vida, lembra?

Os ombros de Eddie se ergueram numa espécie de postura defensiva.

— Não sei se eu diria que ele exatamente…

—Ora, pare com isso — interveio Huddie. — Eu estava junto.

—De repente, Ned não estava muito interessado em fitas de vídeo.

Meu pai lhe salvou a vida, Eddie? Como?

Eddie hesitou, depois cedeu.

—Me arrastou para trás de um trator John Deere. Os irmãos O'Day…

—A arrepiante saga dos irmãos O'Day fica para outra hora — eu disse. — A questão, Eddie, é que estamos aqui numa festinha de exumação, e você sabe onde um dos corpos está enterrado. Digo isso num sentido bastante literal.

—Huddie e Shirley estavam lá, eles podem…

—É, estavam. Acho que George Morgan também…

—É, sim — disse Shirley baixinho.

—…mas e daí? — Eu continuava segurando o braço de Eddie, e precisei me conter para não tornar a apertá-lo. Com força. Eu gostava de Eddie, sempre gostara, e às vezes ele era corajoso, mas também tinha um quê de frouxo. Não sei como essas duas coisas podem coexistir na mesma pessoa, mas isso acontece. Já vi várias vezes. Eddie ficou paralisado em 96, no dia em que Travis e Tracy O'Day começaram a atirar da janela da fazenda com aquelas metralhadoras fantásticas que eles tinham. Curt precisou sair e arrastá-lo pela jaqueta para um lugar seguro. E agora ele não estava querendo assumir sua participação na outra história, aquela em que o pai de Ned teve um papel tão importante. Não porque tivesse feito algo errado — não tinha —, mas porque as

recordações eram dolorosas e assustadoras.

—Sandy, eu realmente tenho que ir andando. Tenho um monte de tarefas que ando adiando, e…

—Estávamos contando a esse menino sobre o pai dele — eu disse. — E o que acho que você deve fazer, Eddie, é ficar sentado aqui quietinho, talvez comer um sanduíche, tomar um copo de chá gelado e esperar até ter algo a dizer.

Ele tornou a sentar-se na ponta do banco e olhou para nós. Sei o que viu nos olhos do filho de Curt: perplexidade e curiosidade. Nós havíamos passado a ser uma espécie de pequeno conselho de anciãos em volta do rapaz, cantando-lhe nossos cânticos de guerra do passado. E quando os cânticos terminassem? Se fosse um jovem guerreiro índio, Ned poderia ter sido enviado numa espécie de rito de iniciação — matar o animal certo, ter a visão certa enquanto ainda estivesse com a boca manchada de sangue do coração do animal, voltar transformado em homem. Se, ao cabo disso tudo, pudesse haver algum tipo de prova, refleti, um tipo de prova em que

Ned pudesse demonstrar uma maturidade e uma compreensão novas, tudo poderia ter sido muito mais simples. Mas, hoje, não é assim que as coisas funcionam. Pelo menos de modo geral. Atualmente, é muito mais importante o que se sente do que o que se faz. E acho que isso está errado.

E o que Eddie viu em nossos olhos? Ressentimento? Uma ponta de desprezo? Talvez até mesmo o desejo de que ele é que tivesse parado o caminhão com o pneu rasgado em vez de Curtis Wilcox, ele é que tivesse sido virado pelo avesso por Bradley Roach? Eddie Jacubois, que sempre estava quase acima do peso, que bebia demais e provavelmente iria fazer uma viagenzinha a Scranton para uma estada de duas semanas no Programa de Assistência a Membros se não controlasse logo a bebida? O cara que sempre demorava para fazer seus relatórios e quase nunca entendia uma piada a menos que lhe fosse explicada? Espero que ele não tenha visto nada disso, porque Eddie tem um outro lado — um lado melhor —, mas não posso dizer com certeza que não tenha visto pelo menos algumas dessas coisas. Talvez até todas elas.

— …sobre o contexto geral?

Virei-me para Ned, feliz por ter sido distraído dos meus pensamentos incômodos.

—Como?

—Perguntei se alguma vez vocês conversaram sobre o que o Buick

—efetivamente era, de onde veio, o que significava. Se alguma vez discutiram o contexto geral.

—Bem… houve a reunião no Country Way — eu disse. Não entendia bem aonde ele queria chegar. — Já lhe contei isso…

—É, mas me pareceu uma coisa mais administrativa…

—Você vai se dar bem na faculdade — disse Arky, e deu-lhe uma palmadinha no joelho. — O garoto que diz uma palavra dessas com essa naturalidade vai se dar bem na faculdade.

Ned riu.

— Administrativa. Organizacional. Burocratizada. Compartimentalizada.

— Pare de se mostrar, garoto — disse Huddie. — Você está me dando dor de cabeça.

— De qualquer maneira, aquilo no Country Way não é o tipo de reunião a que estou me referindo. Vocês devem… quer dizer, com o passar do tempo, vocês devem…

Entendi o que ele estava tentando dizer e, ao mesmo tempo, entendi outra coisa: o garoto jamais entenderia bem como fora realmente aquilo tudo. Quão banal fora, pelo menos na maioria dos dias. Na maioria dos dias a gente simplesmente ia levando. Como as pessoas vão levando depois de ver um belo pôr do sol, ou de provar um champanhe maravilhoso, ou de receber más notícias de casa. Tínhamos o milagre do mundo atrás do lugar onde trabalhávamos, mas isso não mudava a quantidade de trabalho burocrático que tínhamos de fazer nem a maneira como escovávamos os dentes ou fazíamos amor com nossas mulheres. Não nos elevava a outros domínios da existência nem a outros planos de percepção. Nossas bundas continuavam comichando, e continuávamos coçando-as quando comichavam.

—Imagino que Tony e seu pai conversavam muito sobre isso — eu disse —, mas, no trabalho, pelo menos para nós, o Buick foi ficando em segundo plano como qualquer outro caso inativo. Ele…

—Inativo! — ele quase gritou, e foi tão parecido com o pai que assustava. Era outra cadeia, pensei, essa semelhança entre pai e filho. A cadeia estava estropiada, mas não quebrada.

—Durante longos períodos, esteve — eu disse. — Enquanto isso, havia colisões, acidentes com fuga, roubos, drogas e um ou outro homicídio.

A cara de desapontamento de Ned fez com que eu me sentisse mal, como se eu o houvesse decepcionado. Ridículo, imagino, mas verdade. Então, algo me ocorreu.

—Estou me lembrando de uma discussão em grupo que tivemos sobre isso. Foi no…

—…piquenique — completou Phil Candleton. — No piquenique do Dia do Trabalho. Era nisso que você está pensando, certo?

Fiz que sim com a cabeça. 1979. O velho campo de futebol da Academia, à beira do riacho Redfern. Todos nós preferíamos mil vezes o piquenique do Dia do

Trabalho ao do Quatro de Julho, em parte porque era bem mais perto de casa e quem tivesse família podia trazê-la, mas principalmente porque era só a gente — só o regimento D. O piquenique do Dia do Trabalho era mesmo um piquenique. Phil encostou a cabeça na parede de tábuas do quartel e riu.

Puxa, eu quase tinha esquecido. Conversamos sobre aquele Buick, garoto, e praticamente mais nada. Quanto mais falávamos, mais bebíamos. Depois, passei dois dias com dor de cabeça.

Huddie disse:

— Esse piquenique é sempre divertido. Ano passado você foi, não, Ned?

— Ano retrasado — disse Ned. — Antes que papai morresse. — Sorria. — Aquele do balanço de pneu que passa por cima da água? Paul Loving caiu e torceu o joelho.

Rimos todos, Eddie tanto quanto qualquer um de nós.

— Muita conversa e nenhuma conclusão — eu disse. — Mas que conclusões poderíamos tirar? Só uma, de fato: quando a temperatura cai dentro daquele galpão, acontecem coisas. Só que, no fim das contas, nem isso era uma regra rigorosa. Às vezes, especialmente com o passar dos anos, a temperatura caía um pouquinho e tornava a subir. Às vezes, aquele zumbido começava... e tornava a parar, de repente, como se se desligasse da tomada um aparelho elétrico. Ennis desapareceu sem espetáculo luminoso e o gerbo Jimmy desapareceu depois de um tremendo espetáculo de luzes, e Rosalynn não desapareceu.

—Vocês a botaram de novo no Buick? — perguntou Ned.

— Não — disse Phil. — Estamos nos Estados Unidos, garoto. Não se é julgado duas vezes pelo mesmo crime.

— Rosalynn viveu o resto da vida lá em cima na sala de estar — eu disse. — Morreu com três ou quatro anos. Tony disse que era uma duração de vida bastante normal para um gerbo.

— Saíram mais coisas do Buick?

— Saíram, mas não se pode relacionar o aspecto dessas coisas com...

— Que tipo de coisas? E o morcego? Meu pai chegou a dissecá-lo? Posso vê-lo? Tem alguma foto, pelo menos? Era...

— Ei, calma — disse eu, levantando a mão. — Coma um sanduíche ou lá o que seja. Esfrie a cabeça.

Ele pegou um sanduíche e começou a mordiscar, olhando para mim por cima do pão. Por um instante, me lembrou o gerbo Rosalynn virando-se para olhar para a lente da filmadora, olhos acesos e bigodes tremendo.

—De vez em quando, apareciam coisas — eu disse — e, de vez em quando,

desapareciam coisas, coisas vivas. Sapos. Uma borboleta. Uma tulipa, arrancada do vaso onde crescia. Mas não se podia relacionar o frio, o zumbido, nem os espetáculos luminosos com os desaparecimentos nem com o que seu pai chamava de abortos do Buick. Nada tem relação com nada. O frio é bastante confiável, nunca houve um daqueles espetáculos de fogos de artifício sem ter havido antes uma queda de temperatura. Mas nem sempre que a temperatura caía havia um espetáculo. Entende?

—Acho que sim — disse Ned. — Quando há nuvens, nem sempre chove, mas não chove se não houver nuvens.

— Eu não poderia ter explicado com mais clareza — aprovei.

Huddie deu um tapinha no joelho de Ned.

—Sabe o ditado Toda regra tem exceção? Bem, no caso do Buick, temos uma regra e umas 12 exceções. O próprio motorista é uma, sabe, o sujeito da capa e do chapéu pretos. Ele desapareceu, mas não de perto do Buick.

—Tem certeza? — perguntou Ned.

Isso me sobressaltou. É normal um filho ser a cara do pai e também ter seu jeito de falar. Mas, por um instante ali, a voz e fisionomia de Ned combinaram-se para produzir algo mais que uma semelhança. Não fui o único a ter esta impressão. Shirley e Arky trocaram um olhar inquieto.

—O que quer dizer? — perguntei.

—Roach estava lendo uma revista, não? E pela descrição que você fez, isso provavelmente absorveu quase toda a concentração dele. Então, como sabe que o cara não voltou para o carro?

Eu tive uns 20 anos para pensar naquele dia e nas consequências daquele dia. Vinte anos, e a ideia de que o motorista do Roadmaster voltara (mesmo disfarçadamente) jamais me ocorrera. Ou, ao que eu soubesse, a mais ninguém. Brad Roach disse que o sujeito não havia voltado, e simplesmente aceitamos isso. Por quê? Porque os tiras têm detectores de mentira internos, e, nesse caso, nenhum dos ponteiros chegara ao vermelho. Nem se mexera, na verdade. Por que se mexeriam? Brad Roach pelo menos achava que estava dizendo a verdade. Mas isso não significava que ele soubesse do que estava falando.

— Acho que é possível — eu disse.

Ned ergueu os ombros, como se para dizer: Está vendo.

— Nunca tivemos Sherlock Holmes ou o tenente Columbo trabalhando no regimento D — eu disse. Achei que falei num tom bastante defensivo. Senti-me bastante defensivo. — No frigir dos ovos, somos apenas a parte mecânica do sistema legal. Operários que se vestem de cinza e têm uma educação ligeiramente acima da média. Podemos operar os telefones, compilar provas se houver provas a compilar, fazer uma ou outra dedução. Em dias bons, podemos fazer deduções bastante brilhantes. Mas com o Buick faltava consistência,

portanto, faltava base para deduções, brilhantes ou não.

— Uns achavam que vinha do espaço — disse Huddie. — Que era… ah, sei lá, uma nave de reconhecimento disfarçada, ou algo por aí. Cismavam que Ennis tinha sido abduzido por um E.T. disfarçado com aquela capa e aquele chapéu pretos para parecer pelo menos passavelmente humano. Essa conversa foi no piquenique, o do Dia do Trabalho, não foi?

— Foi — disse Ned.

— Foi uma reunião estranhíssima, garoto — disse Huddie. — Achei que o pessoal se embebedou mais do que de hábito, e muito mais depressa, mas ninguém ficou querendo briga, nem mesmo os suspeitos de sempre como Jackie O'Hara e Christian Soder. Foi muito mais calmo, sobre tudo depois que terminou a partida de futebol americano.

Lembro que eu estava sentado num banco embaixo de um olmo com um bando de gente, todos nós meio de porre, ouvindo Brian Cole contar sobre aquelas aparições de discos voadores perto das linhas de alta tensão de New Hampshire uns anos antes. Uma mulher dizia que foi abduzida e lhe enfiaram um monte de sondas, tanto pelas vias de entrada quanto pelas de saída.

— Era isso que meu pai achava? Que seu parceiro foi raptado por extraterrestres?

— Não — disse Shirley. —Algo aconteceu aqui em 1988 que foi tão incrivelmente chocante… tão horrível…

— O quê? — perguntou Ned. — Pelo amor de Deus, o que?

Shirley ignorou a pergunta. Acho que nem a ouviu.

— Alguns dias depois, perguntei a seu pai sem rodeios o que ele achava. Ele disse que não tinha importância.

Ned pareceu não ter entendido direito.

— Não tinha importância!

— Foi o que ele disse. Ele achava que, fosse lá o que fosse, o Buick não tinha importância na ordem das coisas. Naquele contexto geral de que você falava. Perguntei-lhe se ele achava que alguém o estava usando, talvez para nos vigiar… se era uma espécie de televisão… e ele disse: Acho que foi esquecido. Ainda me lembro da convicção com que falou isso, como se estivesse se referindo a… sei lá… uma coisa tão importante quanto o tesouro de um rei enterrado no deserto desde antes de Cristo, ou tão sem importância quanto um postal com o endereço errado guardado num arquivo morto de correspondência. Estou me divertindo à beça, gostaria que você estivesse aqui. Deixe para lá, porque isso foi há muito tempo. Eu ficava reconfortada e ao mesmo tempo assustada de pensar que uma coisa tão estranha e terrível pudesse ser esquecida… perdida… pudesse passar despercebida. Eu disse isso, e seu pai riu. Então indicou o horizonte do poente com um movimento do braço e disse:

Shirley, me diga uma coisa. Quantas armas nucleares você acha que há guardadas nesta nossa grande nação entre a divisa da Pensilvânia com Ohio e o oceano Pacífico? E quantas acha que ficarão para trás e esquecidas durante os próximos dois ou três séculos?

Ficamos todos calados por um momento, pensando nisso.

— Pensei em largar o emprego — disse Shirley afinal. — Não conseguia dormir. Ficava pensando no pobre Mister Dillon, e já estava quase decidida a me demitir. Foi Curt quem me convenceu a ficar, e fez isso sem nem se dar conta. Acho que o esqueceram, disse, e isso me bastou. Fiquei, e também nunca me arrependi. Aqui é bom, e a maioria do pessoal que trabalha aqui é bom policial. Isso vale também para quem já se foi.

Como Tony.

—Amo você, Shirley, case comigo — disse Huddie. Passou um braço em volta dela e arregaçou os lábios. Não era um belo espetáculo, no final das contas.

Ela lhe deu uma cotovelada.

— Você já é casado, bobo.

Eddie J então falou:

— Se seu pai acreditava em alguma coisa, era que aquela máquina vinha de outra dimensão.

—Outra dimensão! Está brincando. — Olhou bem para Eddie. — Não. Você não está brincando.

—E ele não achava que houvesse nada planejado — prosseguiu Eddie. — Não como se planeja enviar um navio para o mar ou um satélite para o espaço. Em alguns aspectos, nem tenho certeza de que achava que fosse real.

—Me perdi — disse o garoto.

—Eu também — concordou Shirley.

—Ele disse… — Eddie mudou de posição no banco. Olhou de novo para o matagal onde antes ficava o galpão A. — Foi na fazenda O'Day, sequer saber a verdade. Naquele dia. Você precisa ter em mente que já está vamos lá há quase sete horas, estacionados no milharal, esperando aqueles dois nojentos voltarem. Com frio. Não podíamos ligar o motor, nem a calefação. Falamos de tudo: caça, pesca, boliche, nossas mulheres, nossos planos. Curt disse que ia sair da PEP dentro de cinco anos…

— Ele disse isso? — Ned arregalou os olhos.

Eddie olhou com indulgência para ele.

—De vez em quando, todos nós dizemos isso, garoto. Da mesma forma como todo drogado diz que não vai se picar mais. Eu disse a ele que gostaria de abrir minha empresa de segurança em Pittsburgh, e de comprar uma motocasa

zero quilômetro. Ele me contou que tinha vontade de fazer uns cursos de ciências em Horlicks, e que sua mãe se opunha a isso. Dizia que a responsabilidade deles eram os estudos das crianças, não o dele. Criticava-o muito, mas ele a compreendia. Porque ela não sabia por que ele queria fazer aqueles cursos, o que o interessava, e ele não podia lhe contar. Foi como veio à baila o assunto do Buick. E o que ele disse, lembro isso claro como o céu de uma manhã de verão, era que nós víamos aquilo como um Buick porque tínhamos que vê-lo como alguma coisa.

—Tem que ser visto como alguma coisa — murmurou Ned.

Ele estava debruçado à frente, esfregando o meio da testa com dois dedos, como se estivesse com dor de cabeça.

— Você parece tão confuso quanto eu fiquei, mas eu entendia mais ou menos o que ele queria dizer. Aqui dentro. — Eddie bateu no peito acima do coração.

Ned virou-se para mim.

—Sandy, naquele dia no piquenique, alguém falou sobre… — Deixou a frase por terminar.

—Sobre o quê? — perguntei-lhe.

Ele fez que não com a cabeça, olhou para os restos de seu sanduíche e enfiou a última mordida na boca.

—Deixe para lá. Não tem importância. Meu pai dissecou mesmo aquela coisa-morcego que vocês acharam?

—Dissecou. Depois do segundo espetáculo de luzes, mas antes do piquenique do Dia do Trabalho. Ele…

—Conte ao garoto sobre as folhas — disse Phil. — Você esqueceu esta parte.

E verdade. Caramba, há uns seis ou oito anos, eu nem pensava nas folhas.

—Conte você — eu disse. — Você é que botou as mãos nelas.

Phil fez que sim com a cabeça, ficou algum tempo calado, e começou a falar de forma entrecortada, como se fazendo um relatório a um superior.

AGORA: PHIL

— O segundo espetáculo luminoso aconteceu no meio da tarde. Certo? Quando termina, Curt entra no galpão com a corda na cintura e tira aquele treco dos gerbos. Vemos que um dos bichos desapareceu. Há mais um pouco de conversa. Tiram-se mais fotos. O sargento Schoondist diz tudo bem, cada um no seu lugar, quem está de guarda no depósito. Brian Cole diz: Eu, sargento.

O resto do pessoal volta para o quartel. Certo? E ouço Curtis dizer ao sargento: 'Vou dissecar aquele troço antes que ele desapareça feito o resto. Você me ajuda?' E o sargento diz que sim, naquela noite, se Curt quiser. Curt pergunta 'Por que não já?', e o sargento responde Porque você tem uma patrulha para terminar. Turno e meio. Os cidadãos contam com você, menino, e os infratores tremem ao ouvir seu motor.' Era assim que ele falava, às vezes, como um pregador.

Curt não discute. Sabe que não deve. Sai. Por volta das cinco, Brian Cole vem falar comigo. Pergunta se vigio o galpão enquanto ele vai à casinha. Digo que claro. Vou para lá. Olho lá dentro. Tudo normal, nos trinques. O termômetro subiu um grau. Entro no depósito. Acho que está muito calor lá dentro, certo? Tem um catálogo da L. L. Bean na cadeira. Vou pegá-lo. Quando toco nele, escuto um rangido e um baque. Só uma coisa faz esse barulho: quando se abre a mala do carro e a tampa pula com força. Saio correndo do depósito. Vou para a vidraça do galpão. A mala do Buick está aberta. O que a princípio pensei que fosse papel, pedaços de papel chamuscado, sai voando da mala. Girando como se dentro de um ciclone. Mas a poeira no chão não se mexia. Nada. O único ar que se mexia saía de dentro da mala. Aí eu vi que todos os pedaços de papel pareciam iguais e decidi que eram folhas. E no fim das contas eram isso mesmo.

Peguei o caderno no bolso do peito. Acionei o botão da ponta da minha esferográfica e desenhei isto:

—Parece um sorriso — disse o garoto.

—Escancarado — retruquei. — Só que não havia um só. Eram centenas. Centenas de sorrisos negros rodopiando e girando. Alguns pousavam no teto do Buick. Outros caíam de novo na mala. A maioria foi parar no chão. Corri para chamar Tony. Ele apareceu com a filmadora.

—Estava todo vermelho e murmurava: E agora, o que vai ser, e agora? Assim. Foi meio engraçado, mas só depois, certo? Na hora não teve graça, pode crer.

Olhamos pela janela. Vimos as folhas todas espalhadas pelo chão de cimento. Quase tantas quantas um vendaval de outubro pode deixar no seu gramado. Só que, então, começavam a enrolar nos cantos. Tinham menos cara de sorriso e mais de folha. Graças a Deus. E não continuavam pretas. Iam

adquirindo uma tonalidade cinza esbranquiçada na nossa cara. E afinando. Sandy já tinha chegado então. Não chegou para o espetáculo luminoso, mas chegou para o das folhas.

Sandy disse:

—Tony ligou para minha casa perguntando se eu podia vir às 19 horas. Disse que ele e Curt iam fazer uma coisa que eu talvez quisesse ver. De qualquer forma, não esperei até as 19. Vim logo. Estava curioso.

—A curiosidade matou o gato — disse Ned, tão igual ao pai dele que quase estremeci. Então ele olhava para mim. — Conte o resto.

Não tem muito para contar — eu disse. — As folhas iam afinando. Posso estar errado, mas acho que afinavam a olhos vistos.

—Você não está errado — disse Sandy.

—Eu estava vibrando. Não pensava. Corri para a porta lateral do galpão. E Tony, cara, Tony pula em cima de mim. Me dá uma gravata. Ei, digo. Me solta, me solta, brutalidade policial! E ele manda eu guardar aquilo para meu número de piadas na Comedy Shop em

—Statesboro. Isso não é piada, Phil, diz ele. Tenho bons motivos para acreditar que perdi um policial para o raio dessa coisa. Não vou perder outro.

Disse-lhe que usaria a corda. Estava louco para me mandar. Não lembro exatamente por que, mas estava. Ele disse que não ia voltar para pegar o raio da corda. Eu disse que eu iria. Ele disse: 'Pode esquecer o raio da corda, licença negada.' Então eu digo: 'Segure meus pés, sargento. Quero pegar umas folhas daquelas. Tem umas a menos de um metro e meio da porta. Nem estão perto do carro. O que diz?'

Digo que você deve estar pirado, tudo lá dentro está perto do carro', diz ele, mas uma vez que isso não era exatamente um não, fui em frente e abri a porta. Deu logo para sentir o cheiro. Parecido com hortelã, só que não agradável. Um cheiro por baixo do outro, fazendo o de cima pior ainda. Aquele cheiro de repolho. Embrulhava o estômago, mas eu estava alvoroçado demais para reparar. Eu era mais moço, certo? Deitei no chão. Entrei de rastros. O sargento me segurava pelas barrigas das pernas e, quando eu só tinha entrado um pouco no galpão, ele diz: 'Já chega, Phil. Se conseguir pegar alguma, pegue logo. Se não, saia.'

Havia de todos os tipos que tinham ficado brancas, e peguei mais ou menos uma dúzia destas. Eram lisas e macias, mas de uma forma desagradável. Me fizeram lembrar os tomates quando apodrecem por dentro da pele. Um pouco mais longe, havia duas que continuavam pretas. Estiquei-me e peguei-as, só que, na hora em que as toquei, elas ficaram brancas como as outras. Senti um leve formigamento na ponta dos dedos. Senti um bafo mais forte de hortelã e ouvi um barulho. Pelo menos achei que ouvi. Uma espécie de suspiro, como o chiado que faz uma lata de refrigerante quando se abre o anel em cima.

Comecei a sair de rastros e, a princípio, estava indo direito, mas aí… a sensação daquelas coisas na minha mão… todas lisas e macias como se fossem…

Custei um pouco a poder continuar. Era como se eu tivesse toda aquela sensação de novo. Mas o garoto olhava para mim, e eu sabia que, por dinheiro nenhum, ele deixaria aquilo escapar, então fui em frente. Agora só querendo acabar.

— Entrei em pânico. Certo? Comecei a recuar usando os cotovelos e os pés. Era verão. Eu estava de mangas curtas. Um dos meus cotovelos escorregou e encostou numa das folhas pretas que chiou como… sei lá o quê. Chiou, sabe? E soltou um bafo daquele fedor de hortelã-repolho.

Ficou branca. Como se, ao tocá-la, eu a tivesse congelado e matado. Pensei nisso depois. Na hora, não pensei em nada a não ser dar o fora dali, porra. Perdão, Shirley.

—Tudo bem — disse Shirley, e me deu uns tapinhas no braço.

Boa moça. Sempre foi. Melhor no atendimento que Babicki — de longe — e muito mais agradável aos olhos. Botei a mão em cima da sua, e apertei um pouco. Então, continuei, e foi mais fácil do que achei que seria. Engraçado como as coisas voltam quando se fala sobre elas. Como vão se esclarecendo.

—Olhei para aquele velho Buick. E embora estivesse no meio do galpão, devia estar facilmente a uns quatro metros de mim, de repente, pareceu muito mais perto. Grande como o monte Everest. Brilhante como uma faceta de diamante. Imaginei que os faróis fossem os olhos e os olhos estivessem me olhando. E ouvia-o sussurrar. Não fique com essa cara de surpresa, garoto. Nós todos o ouvimos sussurrar. Não tenho ideia do que diz, se é que diz alguma coisa, mas garanto que dava para ouvir. Só dentro da minha cabeça, de dentro para fora. Como telepatia. Pode ter sido imaginação, mas acho que não. De repente, parecia que eu tinha de novo seis anos. Com medo da coisa embaixo da minha cama. A coisa queria me levar, eu tinha certeza. Me levar para onde quer que tenha levado Ennis. Então, entrei em pânico. Gritei: Puxem, puxem, depressa! E eles puxaram. O sargento e um outro cara…

—O outro cara era eu — disse Sandy. — Você fez a gente se borrar de medo, Phil. A princípio, parecia bem, depois, começou a gritar, a se contorcer e dar pinotes. Achei que você fosse sangrar em algum ponto ou ficar com a cara azul. Mas você só… bem.

Fez um gesto para eu continuar.

— Eu tinha as folhas. Pelo menos o que sobrava delas. Quando tive o ataque, devo ter cerrado os punhos, certo? Com as folhas na mão. E uma vez lá fora de novo, vi que estava com as mãos completamente molhadas. As pessoas gritavam Você está bem? e O que aconteceu lá dentro, Phil? Eu de joelhos, com a camisa quase toda enrolada no pescoço e a barriga assada de tanto me arrastar, e penso Minhas mãos estão sangrando. Por isso estão molhadas. Então

vejo uma gosma branca. Parecia aquela cola que o professor dá para a gente na primeira série. Foi só o que sobrou das folhas.

Parei, pensando sobre isso.

— E agora, vou lhe contar a verdade, certo? Não parecia cola de jeito nenhum. Era como se eu tivesse dois punhados de porra quente de touro. E o cheiro era horrível. Não sei por quê. Você poderia dizer Um pouco de hortelã e repolho, o que tem de mais?, e estaria certo, mas, ao mesmo tempo, errado. Porque realmente aquele cheiro não parecia com nada. Nada que eu já tivesse cheirado, pelo menos.

Limpei a mão nas calças e voltei para o quartel. Desci. Brian Cole saía do cagatório lá embaixo. Julgou ter ouvido uma gritaria, quer saber o que se passava. Não dou a mínima para ele. De fato, quase o derrubo ao entrar no banheiro. Começo a lavar as mãos. Ainda as estou lavando quando, de repente, penso no meu aspecto com aquela nojeira branca das folhas parecendo porra pingando dos punhos, quente e macia, e de certa forma untuosa, formando fios quando abri os dedos. E pronto. Só de pensar em como formava fios entre as palmas das minhas mãos e as pontas dos meus dedos, vomitei. Não foi como quando as entranhas lhe devolvem o jantar via cabo. Foi como se meu estômago me saísse pela garganta, despejando na minha boca tudo o que eu havia engolido recentemente. Do jeito que minha mãe despejava a água suja por cima do parapeito da varanda dos fundos. Não tenho intenção de insistir nesse assunto, mas você precisa saber. É outra forma de tentar entender. Não era como vomitar, era como morrer. A única vez que senti alguma coisa parecida foi com meu primeiro morto na estrada. Chego lá, e a primeira coisa que vejo é uma fôrma de pão Wonder na faixa amarela da velha autoestrada Statler, e a segunda é a parte de cima de um garoto. Um menininho de cabelos louros. Em seguida, vejo que tem uma mosca na língua do garoto. Lavando as patas. Foi a conta. Achei que fosse morrer de tanto vomitar.

— Isso também aconteceu comigo — disse Huddie. — Não é vergonha nenhuma.

— Não tenho vergonha — retruquei. — Só quero fazer com que ele entenda. Certo? — Respirei fundo, sentindo o cheiro do ar doce, e então me dei conta de que o pai do garoto também havia morrido na estrada. Sorri para o garoto. — Bem, a gente tem de agradecer a Deus as pequenas coisas, o vaso era bem ao lado da pia, e não caiu quase nada nos meus sapatos nem no chão.

— E no fim — disse Sandy — as folhas não deram em nada. Literalmente.

Derreteram como a bruxa de O mágico de Oz. Durante algum tempo, viam-se vestígios delas no galpão B, mas, uma semana depois, não havia nada senão umas manchinhas no concreto. Amareladas, bem clarinhas.

— É, e nos meses seguintes, virei uma daquelas pessoas que lavam as mãos compulsivamente — eu disse. — Alguns dias, eu não conseguia tocar em comida. Se minha mulher me preparava sanduíches, eu os segurava com um

guardanapo e os comia assim, deixando o último pedaço cair do guardanapo direto na boca, sem encostar nos dedos. Se estivesse sozinho no meu carro-patrulha, eu era capaz de comer de luvas. E ficava achando que iria enjoar do mesmo jeito. Pensava naquela doença de gengiva em que a pessoa perde todos os dentes. Mas acabei superando. — Olhei para Ned e esperei que ele me olhasse nos olhos. — Superei, filho.

Nossos olhos se encontraram, mas os dele estavam vazios. Engraçado, como se fossem pintados, ou sei lá. Certo?

AGORA: SANDY

Ned olhava para Phil. Tinha a feição bastante tranquila, mas senti uma expressão de rejeição em seu olhar, e acho que Phil também sentiu. Ele suspirou, cruzou os braços no peito e olhou para baixo, como se quisesse dizer que não iria mais falar, que seu depoimento estava encerrado.

Ned virou-se para mim.

— O que aconteceu naquela noite? Quando vocês dissecaram o morcego?

Continuava chamando aquilo de morcego, e morcego aquilo não era. Foi só uma palavra que usei, o que Curtis chamaria de um prego onde pendurar o chapéu. E de repente, fiquei danado com ele. Mais do que danado — uma fera. E também estava furioso comigo mesmo por me sentir daquele jeito, por ousar me sentir daquele jeito. Sabe, o que mais estava me deixando furioso era a atitude do menino. De levantar a cabeça. Me olhar nos olhos. Fazer perguntas. Fazer aquelas suposições idiotas, uma das quais, por acaso, era a de que, quando disse morcego, eu queria dizer morcego, e não uma coisa espantosa, indescritível que saiu de uma fresta no chão do universo e morreu. Mas era principalmente aquela atitude dele de levantar a cabeça e os olhos. Sei que isso não me torna o príncipe do mundo, mas não vou mentir a respeito.

Até então, o que eu mais sentia era pena dele. Tudo o que eu fizera desde que ele começara a aparecer no quartel baseava-se naquela confortável pena. Porque, o tempo todo, quando lavava janelas e varria folhas e passava a máquina de limpar neve nos montes do estacionamento dos fundos, ele mantinha a cabeça baixa. Mansamente. Não era preciso enfrentar seus olhos. Não era preciso se questionar, porque a piedade é confortável. Não é? A piedade deixa a gente por cima. Agora que levantara a cabeça, ele estava usando minhas próprias palavras para falar comigo, e não havia nenhuma mansidão em seus olhos. Ele julgava ter um direito, e isso me deixava danado. Achava que eu tinha uma responsabilidade — que o que estávamos contando não era um favor para ele, mas sim o pagamento de uma dívida —, e isso me deixava mais danado. O fato de ele estar certo era o que mais me enfurecia. Eu tinha vontade de mandar-lhe a mão no queixo e derrubá-lo do banco direto no chão. Ele se achava no direito, e eu queria que ele se arrependesse.

Suponho que, neste aspecto, nossos sentimentos em relação aos jovens nunca mudem muito. Não tenho filhos, nunca me casei — como Shirley, acho que me casei com o regimento D. Mas tenho muita experiência com jovens, dentro e fora do quartel. Tive contato direto com eles muitas vezes. Tenho para mim que quando já não conseguimos mais ter pena deles, quando eles rejeitam nossa pena (não com indignação, mas sim com impaciência), passamos a ter pena de nós mesmos. Queremos saber aonde foram, nossos pequerruchos, nossos passarinhos. Não lhes damos aulas de piano e lhes ensinamos a lançar uma bola com efeito? Não lemos para eles Onde estão as feras e os ajudamos a procurar

Wally? Como se atrevem a nos olhar nos olhos e fazer perguntas malucas e idiotas? Como ousam querer mais do que queremos dar?

—Sandy? O que aconteceu quando vocês dissecaram o…

—Não o que você quer ouvir — eu disse, e quando ele arregalou um pouco os olhos diante da frieza de minha voz, não fiquei propriamente aborrecido. — Não o que seu pai queria ver. Ou Tony. Não uma resposta. Nunca houve resposta. Tudo o que tinha a ver com o Buick era uma miragem, como as que se veem na 1-87 com calor e sol forte. Só que isso também não é bem verdade. Se fosse, acho que acabaríamos não pensando mais no Buick. Como não pensamos mais num assassinato passados seis meses, quando percebemos que não vamos pegar o criminoso, que ele vai escapar. Com o Buick e as coisas que saíam do Buick, havia sempre algo que se podia segurar. Algo que se podia tocar ou ouvir. Ou algo que se podia

ENTÃO

— Ei — disse Sandy Dearborn. — Aquele cheiro.

Levou a mão ao rosto, mas não conseguiu encostar na pele por causa da máscara de plástico que lhe tapava a boca e o nariz — do tipo que os dentistas põem antes de começarem a sondagem. Sandy não sabia como a máscara funcionava com os germes, mas não adiantava nada para deter o cheiro. Era aquele aroma de repolho, e invadiu o ar do almoxarifado tão logo Curt abriu a barriga da coisa-morcego.

— A gente vai se acostumar — disse Curt, a máscara a lhe subir e descer no rosto.

A dele e a de Sandy eram azuis; a do sargento era de um tom bem bonitinho de rosa bombom. Curtis Wilcox era um sujeito esperto, e acertava em muitas coisas, mas errou com relação ao cheiro. Eles não se acostumaram. Ninguém jamais se acostumou.

Mas Sandy não encontrou nenhum defeito na preparação do policial Wilcox. Parecia perfeita. Curt passara em casa quando terminou seu turno e pegara o kit de dissecação. A este, ele havia acrescentado um bom microscópio (emprestado por um amigo na universidade), vários pacotes de luvas cirúrgicas e um par de lâmpadas Tensor fortíssimas. Disse à mulher que tencionava examinar uma raposa que havia sido abatida a tiros no quartel.

— Cuidado — disse ela. — Esses bichos podem ter raiva.

Curt prometeu-lhe que usaria luvas, e essa era uma promessa que tinha intenção de cumprir. E que devia ser cumprida por todos os três.

Porque a coisa-morcego podia ter algo muito pior do que raiva, algo que continuasse virulento muito depois da morte do hospedeiro original. Caso Tony Schoondist e Sandy Dearborn precisassem ser lembrados disso (provavelmente não precisavam), o foram quando Curt fechou a porta no pé da escada e trancou-a.

—Enquanto essa porta estiver fechada, quem manda sou eu — disse Curt. Sua voz era neutra e absolutamente segura de si. Era sobretudo a Tony que ele se dirigia, porque Tony tinha o dobro de sua idade e, se alguém era seu parceiro nisso, era o sargento-chefe. Sandy só estava pegando uma carona, e sabia disso. — Estamos todos entendidos? Porque, do contrário, podemos parar a…

—Estamos entendidos — disse Tony. — Aqui, você é o general.

—Sandy e eu somos apenas dois soldados rasos. Para mim, não tem problema. Mas pelo amor de Deus vamos acabar com isso.

Curt abriu seu kit, que era quase do tamanho de um baú dos que se usam no pé da cama. O interior estava cheio de instrumentos de aço inoxidável

embrulhados em camurça. Em cima dos instrumentos, estavam as máscaras de dentista, cada qual em sua embalagem de plástico selada.

— Acha mesmo que isso é necessário? — perguntou Sandy.

Curt encolheu os ombros.

— Melhor prevenir do que remediar. Não que vão adiantar muito. Talvez devêssemos usar respiradores.

—Acho que seria bom se Bibi Roth estivesse aqui — disse Tony.

Curt não respondeu com palavras, mas o brilho de seus olhos sugeriu que esta era a última coisa no mundo que ele queria. O Buick pertencia ao regimento. E qualquer coisa que saísse dali pertencia ao regimento.

Curt abriu a porta do almoxarifado e entrou, puxando a corrente que acendia a lâmpada de globo verde do quartinho. Tony acompanhou-o. Havia uma mesa não muito maior que uma carteira de aluno do ensino fundamental embaixo da lâmpada. Pequeno como era o armário, mal havia lugar para dois, quanto mais para três. Para Sandy, estava tudo bem; ele não passou da soleira da porta aquela noite toda.

Em três lados, havia prateleiras abarrotadas de arquivos velhos. Curt pôs o microscópio na mesinha e ligou sua fonte de luz na única tomada do armário. Enquanto isso, Sandy montava a filmadora de Huddie Royer no tripé. No vídeo daquela autópsia tão peculiar, às vezes aparece uma mão segurando o instrumento pedido por Curt. É a mão de Sandy Dearborn. E ouve-se nitidamente o barulho de alguém vomitando, no fim da fita. Também é Sandy Dearborn.

— Vamos ver as folhas primeiro — disse Curt, calçando um par de luvas cirúrgicas.

Tony tinha um maço delas numa bolsinha de provas que entregou a Curt. Ele abriu-a e tirou os restos das folhas com uma pinça. Não havia jeito de pegar uma só. Agora elas estavam todas semitransparentes e grudadas. Soltavam filetes de fluido, e eles logo puderam sentir seu aroma — aquela mistura desagradável de repolho e hortelã. Naquele momento, o insuportável ainda estava dez minutos no futuro.

Sandy usou o zoom para conseguir uma boa imagem de Curt separando do todo um fragmento da massa, manejando as pinças com destreza. Ele passara as últimas semanas treinando com afinco, e aí estava a recompensa.

Transferiu o fragmento diretamente para a platina do microscópio, sem tentar fazer uma lâmina. As folhas de Phil Candleton eram o trailer das próximas atrações. Curtis queria chegar ao filme o quanto antes.

Todavia, ficou debruçado um bom tempo sobre os oculares, depois fez sinal a Tony para que viesse olhar.

—O que são as coisas pretas que parecem fios? — perguntou Tony depois de vários segundos de exame. Sua voz saía ligeiramente abafada pela máscara cor-de-rosa.

—Não sei — disse Curt. — Sandy, me dê essa engenhoca que parece um Viewmaster. Tem dois fios enrolados e a inscrição propriedade do

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA DA H.U. colada do lado.

Sandy passou-lhe o aparelho por cima da filmadora, que atravancava bastante a porta. Curt ligou um dos fios na parede e o outro na base do microscópio. Verificou algo, fez um sinal afirmativo com a cabeça e apertou três vezes um botão lateral na máquina tipo Viewmaster, presumivelmente, fotografando os fragmentos de folha na platina do microscópio.

—Aquelas coisas pretas não se mexem — disse Tony. Continuava olhando no microscópio.

— Não.

Tony finalmente levantou a cabeça. Seus olhos tinham uma expressão aturdida, ligeiramente assombrada.

— É... poderia ser, sei lá, DNA?

A máscara de Curt subiu e desceu ligeiramente em seu rosto quando ele sorriu.

—Esse microscópio é ótimo, sargento, mas não daria para ver o DNA com ele. Agora, se quiser ir comigo a Horlicks depois de meia-noite e driblar a segurança, tem um microscópio eletrônico maravilhoso no prédio de física Evelyn Silver, e só quem mexe com ele é uma velhinha, antes de ir para a missa e para a...

—O que é a coisa branca? — perguntou Tony. — Onde flutuam os fios pretos?

—Nutrientes, talvez.

—Mas você não sabe.

—É óbvio que não.

—Os fios pretos, a gosma branca, por que as folhas estão derretendo,

—o que é esse cheiro. Não sabemos porra nenhuma sobre essas coisas.

—Não.

Tony olhou-o placidamente.

—Somos loucos de mexer com isso, não?

—Não — disse Curt. — A curiosidade matou o gato, a satisfação o deixou gordo. Quer vir dar uma olhadinha, Sandy?

—Você fez fotos, não?

—Fiz, se essa coisa funcionou como deve funcionar.

—Então vou dar uma olhada.

—Ótimo, passemos ao principal — disse Curt. — Talvez descubramos mesmo alguma coisa.

O bolo de folhas voltou para a bolsa de provas, e a bolsa de provas voltou para um arquivo no canto. Aquele arquivo verde amassado iria tornar-se um verdadeiro repositório de coisas estranhas nas duas décadas seguintes.

Em outro canto do armário havia uma caixa térmica Eskimo cor de laranja. Dentro, debaixo de duas daquelas bolsas de gelo químico que as pessoas às vezes levam em acampamentos, havia um saco de lixo verde.

Tony tirou-o e esperou Curt terminar os preparativos. Não levou muito tempo. A única coisa que custou para arranjar foi uma extensão para ligar as lâmpadas Tensor sem afetar o microscópio nem a câmera fixa. Sandy foi buscar um fio no armário de peças avulsas no final do corredor. Enquanto isso, Curt colocou seu microscópio emprestado numa prateleira próxima (obviamente, naquele lugar apertado, tudo era perto) e montou um cavalete na mesa. Em cima disso, montou um quadrado de cortiça marrom. Embaixo, colocou uma bandejinha de metal do tipo que vem com os conjuntos de churrasco mais elaborados, onde é usada para colher o que pinga. De um lado, colocou uma tampa de pote cheia de percevejos.

Sandy voltou com a extensão. Curt conectou as lâmpadas para que iluminassem a cortiça dos dois lados, clareando a superfície de trabalho com uma luz forte e homogênea que eliminava qualquer sombra. Era óbvio que ele havia pensado em tudo isso, passo a passo. Sandy se perguntou quantas noites ele ficara acordado ao lado de Michelle já adormecida a seu lado. Deitado, olhando para o teto e repassando mentalmente o processo. Lembrando-se de que só tinha uma tentativa. Ou quantas tardes esteve estacionado perto de uma entrada de fazenda com a pistola radar Gênesis apontada para um trecho de estrada vazio, calculando quantos morcegos precisaria fazer de cobaia antes de ter coragem de atacar a coisa autêntica.

— Sandy, essas luzes estão ofuscando você?

Sandy conferiu o visor.

—Não. Com branco, acho que estariam, mas com marrom está

—ótimo.

—Tudo bem.

Tony desfez o laço amarelo que fechava o saco de lixo. Quando o abriu, o cheiro ficou mais forte.

—Cruz-credo! — disse, abanando com a mão enluvada.

—Depois, enfiou a mão no saco e tirou outra bolsa de provas, esta grande.

Sandy observava por cima da câmera. A coisa dentro do saco parecia uma já gasta monstruosidade de feira de horrores. Uma das asas escuras estava dobrada em cima da barriga, a outra pressionava o plástico claro da bolsa de provas, lembrando-lhe uma mão contra um vidro. As vezes, quando um policial prendia um bêbado e o trancava na parte traseira do carro-patrulha, o homem botava as mãos no vidro e ficava olhando para fora entre elas, uma cara aturdida emoldurada por estrelas-do-mar. Era mais ou menos parecido.

— O fecho está aberto no meio — disse Curt, e balançou a cabeça para a bolsa de provas em sinal de desaprovação. — Isso explica o cheiro.

Nada explicava, na opinião de Sandy.

Curt abriu a bolsa completamente e enfiou a mão lá dentro. Sandy sentiu um embrulho no estômago e se perguntou se poderia ter se obrigado a fazer o que Curt estava fazendo. Achava que não. Mas o policial Wilcox não vacilou um só instante. Quando seus dedos enluvados tocaram o cadáver dentro do saco, Tony recuou um pouco. Manteve os pés firmes no chão, mas jogou o corpo para trás, como para evitar um murro. E fez um involuntário ruído de repulsa por trás da máscara cor-de-rosa bonitinha.

—Você está bem? — perguntou Curt.

—Estou — respondeu Tony.

—Ótimo. Eu monto o bicho. Você espeta.

—Tudo bem.

—Tem certeza que você está bem?

—Tenho, ora essa.

—Porque eu também estou estranho.

Sandy via o suor escorrendo pelo lado do rosto de Curt, molhando o elástico que segurava sua máscara.

— Vamos deixar a sessão de treinamento de sensibilidade para depois e acabar com isso, que tal?

Curt trouxe a coisa-morcego para a cortiça. Sandy ouviu um ruído bastante terrível quando ele fez isso. Pode ter sido apenas a combinação de ouvidos demasiado cansados e o farfalhar de roupas e luvas, mas Sandy não acreditava muito nisso. Era o atrito de pele morta contra pele morta, criando um som semelhante a palavras faladas em voz muito baixa, em uma língua estrangeira. Fez Sandy ter vontade de tapar os ouvidos.

Ao mesmo tempo em que ele percebia aquele farfalhar tenebroso, sua vista parecia se aguçar. O mundo adquiriu uma clareza sobrenatural. Ele via o rosado da pele de Curtis através das luvas finas, e as espirais emaranhadas que eram os

pelos de seus dedos. O branco da luva brilhava muito pensou Sandy. Dessa vez, foi Curtis que fez um ruído involuntário de repulsa por trás da máscara, e limpou a testa com o braço.

—Quem dera que tivéssemos trazido o ventilador — disse.

Sandy, que começava a sentir a cabeça rodar, concordou. Ou o fedor estava piorando, ou tinha um efeito cumulativo.

— Se você ligar mais alguma coisa, provavelmente, o fusível vai queimar — disse Tony. — Então poderíamos ficar no escuro com esse filho da puta horroroso. E presos, porque Cecil B. DeMille está com a câmera montada na porta. Continue, Curt. Se você estiver bem, eu também estou.

Curt deu um passo atrás, respirou uma tragada de ar ligeiramente mais puro, tentou se recompor e voltou a se aproximar da mesa.

—Não estou medindo — disse. — Já medimos no galpão, certo?

—Sim — respondeu Sandy. — Quatorze polegadas de altura. Trinta e seis centímetros, se preferir. O corpo tem mais ou menos um palmo no ponto mais largo. Talvez um pouco menos. Continue, pelo amor de Deus, para podermos sair daqui.

—Me dê os dois escalpelos, mais retratores.

—Quantos retratores?

Curt lhe deu um olhar que dizia: Não seja bobo.

—Todos. — Outro gesto de cabeça rápido. E depois que Sandy passara o material por cima da câmera e Curt o arrumara da melhor maneira possível: — Olhe pelo visor, sim? Use o zoom no máximo. Vamos fazer o melhor registro que pudermos.

—Vão continuar dizendo que é uma montagem — disse-lhe Tony. — Você sabe disso, não?

Curtis então disse algo que Sandy nunca esqueceu. Ele achava que Curtis, já sob forte pressão mental e uma tensão física cada vez mais forte, disse verdadeiramente o que lhe ia na mente nos termos audaciosamente simples que as pessoas quase nunca se atrevem a usar, porque revelam muito do coração de quem fala.

—Foda-se o cidadão — foi o que Curtis disse. — Isso é para a gente.

—Consegui um ótimo enquadramento — disse Sandy. — O cheiro pode estar ruim, mas a luz está maravilhosa.

O código do horário embaixo da telinha de tevê embutida dizia 19h49min01.

— Cortando — disse Curt, e deslizou o escalpelo maior pelo diafragma da criatura.

Suas mãos não tremeram. Se a chegada do grande momento veio acompanhada do medo de entrar em cena, o medo passou logo. Ouviu-se um estouro, como o de uma bolha de um líquido espesso, e logo uma gosma preta começou a pingar na bandeja embaixo do cavalete.

— Ai, cara — disse Sandy. — Isso fede mesmo.

—Se fede — acrescentou Tony, com uma voz fina e desolada.

Curt não fez caso. Abriu o abdômen da coisa e fez as incisões padrão de ambos os lados até as axilas pregadas, criando o corte em Y usado em qualquer autópsia humana. Depois, usou as pinças para puxar novamente o pelo para a área torácica, revelando mais claramente uma massa esponjosa verde-escura embaixo de um estreito arco de osso.

—Cruz-credo, onde estão os pulmões? — perguntou Tony.

—Sandy ouvia-o respirando em pequenos arquejos.

—Essa massa verde poderia ser um pulmão — disse Curt.

—Parece mais um…

— Um cérebro, é, sei que parece. Um cérebro verde. Vamos dar uma olhada.

Curt virou o escalpelo e usou o lado sem fio para tocar no arco branco acima do órgão verde recortado.

— Se a massa verde é um cérebro, a evolução dotou-o de um cinto de castidade para proteção em vez de uma caixa-forte. Passe a tesoura, Sandy. A pequena.

Sandy passou-a e tornou a inclinar-se para o visor da câmera. Estava com o zoom no máximo, conforme as instruções, e tinha uma imagem bem nítida.

— Cortando… agora.

Curt passou a lâmina inferior da tesoura por baixo do arco de osso e cortou-o habilmente, como o barbante de um embrulho. O arco pulou dos dois lados como uma costela, e aí a superfície da esponja verde que havia no peito da coisa ficou branca e começou a chiar como um radiador. O ar ficou impregnado de um forte aroma de hortelã e cravo. Um borbulhar acompanhou o chiado. Era como o ruído de um canudo sondando o fundo quase vazio de um copo de milk-shake.

— Acha que devíamos cair fora? — perguntou Tony.

— Tarde demais.

Curt estava debruçado sobre o peito aberto, onde a coisa esponjosa começara a exsudar gotículas e fios de um líquido verde-esbranquiçado. Mais que interessado, estava hipnotizado. Olhando para ele, Sandy entendeu o sujeito que se contaminou deliberadamente com o vírus da febre amarela ou Mme. Curie, que desenvolveu um câncer de tanto lidar com radiação. Tornei-me o

destruidor de mundos, murmurou Robert Oppenheimer durante a primeira detonação bem-sucedida da bomba atômica no deserto do Novo México, e logo começou a trabalhar na bomba H sem sequer fazer uma pausa para um chá com biscoitos. Porque o negócio pega a pessoa, Sandy pensou. E porque, enquanto a curiosidade é um fato comprovável, a satisfação é mais como um rumor.

—O que isso está fazendo? — perguntou Tony. Sandy achou que, pelo que via por cima da máscara, o sargento já tinha uma ideia bem clara.

—Decompondo-se — respondeu Curt. — Está pegando uma boa imagem, Sandy? Minha cabeça não está atrapalhando?

—Está ótimo, nos trinques — respondeu Sandy com uma voz meio estrangulada. A princípio, a variação hortelã-cravo parecera quase refrescante, mas agora estava no fundo de sua garganta como o travo de óleo de máquina. E o fedor de repolho voltava. A cabeça de Sandy rodava mais do que nunca, e suas entranhas começavam a se revirar. — Mas eu não demoraria muito com isso, porque vamos sufocar aqui.

—Abra a porta no fim do corredor — disse.

—Você tinha dito…

—Ande, faça o que ele está mandando — disse-lhe Tony, e Sandy obedeceu. Quando voltou, Tony perguntava a Curt se ele achava que cortar o arco do osso apressara o processo de decomposição.

—Não — disse Curt. — Acho que o que apressou foi tocar o tecido esponjoso com a ponta da tesoura. As coisas que saem daquele carro não parecem se dar muito bem com a gente, parecem?

Nem Tony nem Sandy estavam a fim de discutir isso. Aquela altura, a esponja verde não parecia um cérebro, nem um pulmão, nem qualquer órgão reconhecível; era apenas um saco purulento, decompondo-se no peito aberto daquilo.

Curt olhou para Sandy.

— Se essa massa verde era o cérebro, o que acha que isso tem na cabeça? Mentes inquisitivas querem saber.

E antes que os outros dois se dessem conta do que ele estava fazendo, Curt usou o escalpelo menor para furar o olho vidrado do bicho.

Ouviu-se um estouro como o produzido ao se puxar de repente o dedo que arregaçava a boca contraída. O olho murchou e escorregou inteiro da órbita, como uma lágrima repulsiva. Tony deixou escapar sem querer um grito de horror. Sandy gritou baixinho. O olho murcho bateu no ombro peludo daquilo, e então caiu na bandeja que recolhia os pingos. Pouco depois, começou a chiar e ficar branco.

— Chega — ouviu-se dizer Sandy. — Isso não tem sentido. Não vamos aprender nada, Curtis. Não há nada para aprender.

Curtis, pelo que Sandy percebia, nem ouviu o que ele disse.

— Puta merda — murmurava. — Puta que pariu.

Da órbita vazia começou a brotar uma substância fibrosa rosada. Parecia algodão-doce, ou o isolamento que as pessoas usam nos sótãos. Saiu, formou um nódulo amorfo, depois ficou branco e começou a se liquefazer, como a coisa branca.

—Essa merda estava viva? — perguntou Tony. — Estava viva quando…

—Não, foi só a despressurização — disse Curt. — Tenho certeza. Isso não é mais vivo que espuma de barbear quando sai da lata. Você filmou, Sandy?

—Filmei, sim. Não sei se vai servir para alguma coisa.

—Tudo bem. Vamos olhar os intestinos, e aí terminamos.

O que saiu em seguida tirou o sono por no mínimo um mês. Para Sandy, sobraram aqueles cochilos curtos dos quais a pessoa acorda, arfando, com a sensação de ter algo que ela não vê agachado em seu peito, roubando-lhe o ar.

Curt puxou a pele da região abdominal e pediu a Tony para fixá-la com percevejos, primeiro à esquerda e depois à direita. Tony conseguiu, embora não sem dificuldade. O trabalho passara a ser muito delicado, e ambos estavam com o rosto junto à incisão. O fedor ali tão perto devia ser tremendo, pensou Sandy.

Sem virar a cabeça, Curt foi tateando até encontrar uma das lâmpadas Tensor e virou-a ligeiramente, iluminando mais a incisão. Sandy viu uma corda escura de um vermelho hepático — intestinos — embolada em cima de um saco cinza-azulado.

— Cortando — murmurou Curt, e passou o fio de seu escalpelo pela superfície encaroçada e saliente.

A superfície abriu-se e um pus preto esguichou em cheio na cara de Curt, tingindo-lhe as faces e salpicando-lhe a máscara. As luvas de Tony também foram respingadas. Os dois recuaram gritando, enquanto Sandy permanecia petrificado atrás da filmadora, boquiaberto. Do saco que murchava rapidamente, saía uma enxurrada de grosseiras bolinhas pretas, cada qual envolta numa membrana cinza. A Sandy, pareciam petiscos de aranha aplicados em mortalhas de teias de aranha. Então, ele viu que cada bolinha tinha um olho vidrado aberto e que cada olho parecia olhar para ele, marcando-o, e foi aí que seus nervos explodiram. Ele afastou-se da câmera, gritando. Os gritos foram substituídos por um ruído de engulho. Em seguida, vomitou no peito da camisa. O próprio Sandy não se lembrava de quase nada disso. Os cerca de cinco minutos que se seguiram à incisão final de Curt foram apagados a fogo de sua memória, e ele considerava isso uma bênção.

A primeira coisa de que se lembrava no outro lado daquela queimadura de cigarro na superfície de sua memória era Tony dizendo:

— Vão logo, estão ouvindo? Voltem lá para cima. Aqui está tudo sob controle.

E, junto à sua orelha esquerda, Curt murmurava outra versão da mesma coisa, dizendo a Sandy que estava bem, tranquilíssimo, nos trinques.

Nos trinques: foi o que atraiu Sandy a voltar de suas breves férias na terra da histeria. Mas, se tudo estava nos trinques, por que Curt respirava tão depressa? E por que a mão no braço de Sandy estava tão fria? Mesmo através da borracha da luva (que ele ainda não pensara em tirar), a mão de Curt estava fria.

—Eu vomitei — disse Sandy, e sentiu o calor lânguido lhe chegar às faces quando o sangue subiu. Não se lembrava de alguma vez ter se senti do tão envergonhado e desmoralizado. — Caramba, me vomitei todo.

—E — disse Curt —, você vomitou como um herói. Não se preocupe.

Sandy respirou e fez uma careta quando seu estômago deu um nó e quase tornou a traí-lo. Estavam no corredor, mas, até mesmo ali, o fedor de repolho era quase insuportável. Ao mesmo tempo, ele se deu conta do ponto exato em que se encontrava no corredor: em frente ao armário de onde pegara a extensão. A porta do armário estava aberta. Sandy não tinha certeza, mas desconfiava que fugira do almoxarifado para lá, talvez com a ideia de enfiar-se no armário, fechar a porta e ficar encolhido no escuro. Achou graça nisso e deu uma única risada aguda.

— Pronto, assim está melhor — disse Curt.

Deu um tapinha em Sandy e pareceu chocado quando este o repeliu.

— Não é você — disse Sandy. — É esse nojo… esse grude…

Não conseguiu terminar; sua garganta se fechara. Apontou para a mão de Curt. As luvas de Curt estavam todas meladas com aquela gosma que saíra do útero morto e prenhe da coisa-morcego, e agora o braço de Sandy também estava um pouco. A máscara de Curt, pendurada em seu pescoço, também estava suja. Havia uma crosta preta em seu rosto.

No outro extremo do corredor, depois da porta aberta do almoxarifado, Tony se encontrava no pé da escada, falando com quatro ou cinco guardas estaduais boquiabertos e nervosos. Fazia gestos para enxotá-los, para que tornassem a subir, mas eles não estavam exatamente prontos para isso.

Sandy voltou pelo corredor até a porta do almoxarifado, parando onde todos pudessem vê-lo bem.

—Estou bem, gente, estou bem, vocês estão bem, todo mundo está bem. Subam e se acalmem. Depois que a gente aprontar tudo, vocês podem ver o

vídeo.

—Será que vamos querer? — perguntou Orville Garrett.

—Provavelmente não — respondeu Sandy.

Os policiais subiram. Tony, a cara branca feito papel, virou-se para Sandy e lhe fez um pequeno sinal de cabeça.

—Obrigado.

—Era o mínimo que eu podia fazer. Entrei em pânico, chefe. Sinto muito.

Dessa vez, Curtis deu-lhe um tapa no ombro, em vez de apenas um tapinha. Sandy quase tornou a repeli-lo antes de ver que o rapaz tirara as luvas sujas. Então estava tudo bem. Pelo menos, melhor.

— Não foi só você — disse Curt. — Tony e eu estávamos bem atrás de você. Você estava transtornado demais para notar. Derrubamos a filmadora de Huddie na correria. Tomara que não tenha quebrado. Se tiver, acho que vamos fazer uma vaquinha para comprar outra. Venha, vamos ver.

Os três voltaram ao almoxarifado com o passo bastante decidido, mas, a princípio, nenhum deles conseguiu entrar. Em parte, por causa do cheiro, como de sopa podre, mas, sobretudo, por saberem que a coisa-morcego continuava lá, pregada na cortiça, esfolada e precisando ser removida como os acidentes rodoviários de fim de semana, em que, ao chegarmos, o cheiro de sangue e tripas arrebentadas, gasolina derramada e borracha queimada era como um velho conhecido horroroso que jamais se mudaria da cidade. Pelo cheiro, já se sabia que havia alguém morto ou quase morrendo, que havia alguém chorando e gritando, que seria encontrado um sapato — não de criança, esperava-se, mas em geral era — no meio da estrada. Para Sandy, a imagem era essa. Encontravam-se sapatos no meio ou na beira da estrada com os corpos que Deus lhes dera dizendo: Tome, passe a vida com ele da melhor forma possível, torturados e deformados: ossos furando calças e camisas, cabeças totalmente viradas para trás, mas ainda falando (e gritando), olhos pendurados, uma mãe ensanguentada com uma criança ensanguentada nos braços como se fosse uma boneca quebrada e dizendo: Ainda está vivo? Por favor, quer ver? Eu não posso, não tenho coragem. Havia sempre sangue nos bancos, poças de sangue e impressões digitais de sangue no que restava das janelas. Quando havia sangue na estrada, era também em poças, e as poças ficavam roxas ao ritmo das luzes vermelhas, e era preciso limpar tudo, o sangue, a merda e os cacos de vidro, lógico, porque o cidadão e sua família não queriam ver aquilo no domingo de manha quando iam a caminho da missa. E o cidadão pagava as contas.

— Temos que cuidar disso — disse o sargento. — Vocês sabem.

Eles sabiam. Mesmo assim, ninguém se mexeu.

E se alguns ainda estiverem vivos? Era o que Sandy estava pensando. Ideia ridícula, já que a coisa-morcego passara seis semanas ou mais dentro de uma

bolsa de provas, dentro de uma caixa térmica Eskimo selada, mas saber que esta era uma ideia ridícula não bastava. A lógica perdera a força, pelo menos por enquanto. Quando se estava lidando com uma coisa de um olho só que tinha o cérebro (cérebro verde) no peito, a própria ideia de lógica parecia ridícula. Sandy podia muito bem imaginar aquelas bolinhas pretas em seus invólucros de gaze começando a pulsar e a pular na mesinha como sementes brotadas à medida que a luz violenta das lâmpadas Tensor as aquecia, fazendo-as reviver. Claro, isso era fácil de imaginar. E ruídos emitidos por elas. Guinchinhos estridentes. Os sons de pássaros e ratos bebês esforçando-se para nascer. Mas ele fora o primeiro a sair, caramba. Poderia ser o primeiro a entrar, pelo menos poderia fazer isso.

—Vamos — disse Sandy, e passou a soleira. — Vamos acabar com isso. Depois vou passar o resto da noite embaixo do chuveiro.

—Vai ter que esperar na fila — disse Tony.

Então limparam a sujeira como haviam limpado tantas na estrada. Levaram uma hora, ao todo, e embora tenha sido difícil começar, quando o trabalho ficou pronto, quase já haviam voltado ao natural. O que mais ajudou a recuperar o equilíbrio foi o ventilador. Com as lâmpadas Tensor apagadas, puderam ligá-lo sem medo de queimar um fusível. Curt também não disse mais uma palavra sobre manter a porta do almoxarifado fechada. Sandy imaginou que ele entendera que qualquer quarentena que pudessem se ter imposto fora totalmente desrespeitada. O ventilador não conseguiu eliminar totalmente aquele fedor de repolho e hortelã amarga, mas o tanto que levou para o corredor bastou para que seus estômagos acalmassem. Tony examinou a filmadora e disse que parecia estar em bom estado.

— Me lembro quando os aparelhos japoneses costumavam quebrar — disse. — Curt, quer olhar alguma coisa no microscópio? Podemos ficar mais um pouco se você ficar. Certo, Sandy?

Embora sem entusiasmo, Sandy fez que sim com a cabeça. Continuava envergonhadíssimo de ter vomitado e saído correndo; achava que ainda não se redimira totalmente por isso.

— Não — disse Curt. Parecia cansado e desanimado. — O raio das bolinhas que saíram eram as crias. A coisa preta devia ser o sangue. O resto? Não sei dizer o que vi.

Não só desânimo, mas algo beirando o desespero, embora tanto Tony como Sandy custassem a se dar conta disso. Sandy percebeu numa daquelas noites de insônia que arranjara. Deitado no quarto de sua casinha em East Statler Heights com as mãos atrás da cabeça, a lâmpada da mesa de cabeceira acesa e o rádio baixinho, o sono a quilômetros de distância. Entendendo com o que Curt havia se deparado pela primeira vez desde que o Buick aparecera, e talvez pela primeira vez na vida: que certamente jamais saberia o que desejava saber. O que dissera a si mesmo que precisava saber. Sua ambição havia sido descobrir e revelar,

mas e daí? Os Estados Unidos estavam cheios de garotos do ensino fundamental dizendo que sua ambição era jogar na NBA. Seu futuro, na maioria dos casos, acabaria sendo mais banal. Chega uma hora em que a maioria das pessoas vê o contexto geral e se dá conta de estar fazendo bico não para beijar o destino sorridente na boca, mas sim porque a vida acaba de lhe enfiar uma pílula na boca, e ela é amarga. Não era nesta situação que se encontrava Curt Wilcox? Sandy achava que sim. Provavelmente, continuaria interessado no Buick, mas, com o passar dos anos, o interesse pareceria cada vez mais o que realmente era — trabalho normal de polícia. Vigilância, escrever relatórios (em diários que sua mulher depois queimaria), limpando a eventual sujeira quando o Buick paria outra monstruosidade que se debateria um pouco e depois morreria.

Ah, e resistir às eventuais noite de insônia. Mas elas eram ossos do ofício, não?

Curt e Tony despregaram a monstruosidade da cortiça. Tornaram a guardá-la na bolsa de provas. Todas as bolinhas pretas, exceto duas, foram para a mesma bolsa, varridas com uma escovinha para impressões digitais. Desta vez, Curt certificou-se de que a bolsa estava hermeticamente fechada.

—Arky ainda está por aí? — perguntou.

—Tony respondeu:

—Não. Ele queria ficar, mas mandei-o para casa.

—Então um de vocês me faz o favor de ir lá em cima e pedir a Orv ou Buck para acender o incinerador dos fundos? E também alguém tem que botar água para ferver no fogão. Um panelão.

—Eu faço — disse Sandy e, após tirar a fita da câmera, foi fazer.

Enquanto isso, Curt colheu amostras da substância preta viscosa que saíra dos intestinos e do útero da coisa. Recolheu também do fluido branco mais fino que saía do órgão do peito. Cobriu cada amostra com papel filme e colocou todas elas em outra bolsa de provas. As duas criaturas não nascidas remanescentes, com suas asas minúsculas enroladas em volta do corpo (e aquele olhar perturbador de um olho só) foram para uma terceira bolsa de provas. Curt trabalhou com competência, mas sem entusiasmo, como teria feito em uma cena de crime qualquer.

Os espécimes e o corpo esfolado da coisa-morcego acabaram no armário verde amassado, que George Morgan começou a chamar de barraca de feira do regimento D. Tony deixou que dois dos policiais do andar de cima descessem quando a água no fogão ferveu. Os cinco calçaram luvas de borracha de cozinha e esfregaram tudo o que alcançavam. As sobras orgânicas indesejadas foram para um saco plástico, juntamente com os esfregões, as luvas cirúrgicas, as máscaras de dentista e as camisas. O saco foi para o incinerador, e a fumaça subiu ao céu, para Deus Pai, por todos os séculos, amém.

Sandy, Curtis e Tony tomaram duchas — suficientemente demoradas e quentes para esvaziar o reservatório do andar de baixo não uma, mas sim duas vezes. Depois disso, corados e bem penteados, vestidos com roupas limpas, acabaram no banco de fumantes.

—Estou quase chiando de tão limpo — disse Sandy.

—Chie para eles — respondeu Curt, mas num tom bastante gentil.

—Por algum tempo, ficaram sentados contemplando o galpão sem falar.

— Um monte dessa merda atingiu a gente — disse Tony afinal. — Um monte.

No céu, uma lua de três quartos pairava como uma pedra polida. Sandy sentia um tremor no ar. Pensou que devia ser a estação preparando-se para a mudança.

—Se ficarmos doentes…

—Acho que se fôssemos ficar doentes, já teríamos ficado — disse Curt. — Tivemos sorte. Sorte à beça. Vocês olharam bem para os seus olhos no espelho do banheiro?

Claro que haviam olhado. Tinham os olhos com o contorno vermelho e injetados de sangue, olhos de homens que haviam tido um dia longo combatendo um incêndio de cerrado.

— Acho que isso vai passar — disse Curt —, mas acho que afinal de contas usar essas máscaras deve ter sido uma ótima ideia. Elas não protegem contra os germes, mas, pelo menos, aquela nojeira preta não entrou na nossa boca. Acho que as consequências de uma coisa dessas teriam sido bem desagradáveis.

Tinha razão.

AGORA: SANDY

Os sanduíches haviam acabado. O chá gelado também. Eu disse a Arky para tirar dez dólares do fundo de contingência (que era guardado num vidro no armário de cima) e ir ao Finns Cash and Carry. Achei que com duas embalagens de meia dúzia de Cocas e uma de soda limonada chegaríamos ao final.

—Se eu for, perco a parte do peixe — disse Arky.

—Arky, você sabe a parte do peixe. Você sabe todas as partes dessa

—história. Vá lá comprar uns refrigerantes para a gente. Por favor.

Ele foi, arrancando com aquela sua caminhonete velha e saindo do estacionamento depressa demais. Alguém dirigindo assim era capaz de levar uma multa.

—Continue — disse Ned. — O que aconteceu depois?

—Bem — disse eu —, vamos ver. O sargento velho foi avô, isso foi uma coisa. Provavelmente aconteceu bem antes do que ele queria, uma menina nascida fora do casamento, o maior bafafá na família, mas todo mundo acabou se acalmando e aquela menina acabou indo para Smith, que não é um mau lugar para uma jovem se formar, ou assim eu entendo. O filho de George Morgan fez um home run incrível no beisebol, e George

—quase explodiu de orgulho. Acho que isso foi uns dois anos antes de ele ter matado a mulher na estrada e se suicidado. A mulher de Orvie Garrett teve uma infecção no pé e perdeu dois dedos. Shirley Pasternak veio trabalhar com a gente em 1984...

—1986 — murmurou ela.

—86, sim — disse eu, e lhe dei um tapinha no joelho. — Mais ou menos nessa época, houve um incêndio feio em Lassburg. Uns garotos brincando com fósforo no porão de um prédio de apartamentos. Estavam à toa, sem ninguém tomando conta. Quando me dizem que os amish são loucos de viver como vivem, penso naquele incêndio em Lassburg. Nove

—mortos, incluindo todos os garotos do sótão menos um. O que se salvou, deve desejar que tivesse morrido. Deve estar com 16 anos agora, exatamente naquela idade em que os meninos começam a se interessar por meninas, e deve parecer o ator principal de uma produção de A bela e a fera realizada numa enfermaria de queimados. Não saiu no noticiário nacional, tenho uma teoria de que incêndios de apartamentos com grande número de vítimas fatais só viram notícia se acontecem no Natal, mas, para essa região, foi bastante grave, muito obrigado, e Jackie O'Hara fez umas queimaduras nas mãos, ajudando. Ah, e tínhamos um agente, James Drockery, chamava-se...

—Docker-fy— disse Phil Candleton. — Com T. Mas está perdoado,

sargento, ele não passou mais que um ou dois meses aqui, depois foi transferido para Lycoming.

Concordei com um gesto de cabeça.

—Pois esse Dockerty ficou em terceiro lugar no concurso de culinária Betty Crocker com uma receita chamada Folhado Dourado de Salsicha. Caçoaram dele até não poder mais, mas ele levou na esportiva.

—Esportiva mesmo — concordou Eddie J. — Devia ter ficado. Ia se dar bem aqui.

— Ganhamos o cabo de guerra no Quatro de Julho daquele ano, e...

Vi a cara do menino e sorri para ele.

— Acha que estou de gozação com você, Ned, mas não estou. Sinceramente. O que quero é fazer você entender. O Buick não era a única coisa que acontecia aqui, certo? De jeito nenhum. Na verdade, às vezes esquecíamos dele completamente. A maioria, pelo menos, esquecia. Por algumas boas temporadas, era fácil esquecer. Tiras entravam e saíam. Dockerty ficou justo o tempo suficiente para ser apelidado de chef

Prudhomme. Paul Loving, o rapaz que torceu o joelho no último Dia do Trabalho, foi transferido e voltou três anos depois. Este trabalho não tem a rotatividade de alguns outros, mas que há um rodízio, há. Talvez tenham passado uns 70 policiais por aqui desde o verão de 1979...

Ah, esse número está muito por baixo — disse Huddie. — Vamos fazer por 100, contando as transferências e os policiais que atualmente estão de serviço. Mais alguns imprestáveis.

—E, alguns imprestáveis, mas a maioria fazia o seu serviço. E Ned, olhe... seu pai e Tony Schoondist aprenderam uma lição na noite em que seu pai abriu aquela coisa-morcego. Eu também. Às vezes não há nada para aprender, ou não há como aprender, ou não há por que tentar. Uma vez, vi um filme onde um sujeito explicava por que acendia uma vela na igreja apesar de já não ser muito bom católico. Com o infinito não se brinca, disse. Talvez essa tenha sido a lição que aprendemos.

De vez em quando, havia outro tremor luminoso no galpão B. Ás vezes, apenas um pequeno abalo, às vezes um poderoso. Mas as pessoas têm uma capacidade realmente incrível de se acostumar com as coisas, mesmo com as que não entendem. Aparece um cometa no céu e meio mundo começa a gritar sobre o final dos tempos e os quatro cavaleiros do Apocalipse, mas se o cometa aparecer todo dia, depois de seis meses, ninguém nem dá bola. É uma chatice. O mesmo aconteceu no fim do século XX, lembram? Todo mundo andava por aí gritando que o céu ia desabar e todos os computadores iam congelar. Uma semana depois, está tudo como era antes. O que estou fazendo é tentando pôr as coisas em perspectiva para você. É...

— Me conte do peixe — disse ele, e tornei a ficar irritado.

Ele não iria ouvir tudo o que eu tinha a dizer, por mais que eu quisesse fazê-lo ouvir. Ouviria as partes que queria ouvir e diria que não precisava de mais. Considere isso o Mal da Adolescência. E o brilho em seus olhos era igual ao do pai quando ele se debruçou sobre a coisa-morcego com o escalpelo na mão enluvada. {Cortando: às vezes sonho com Curtis falando isso.) Mais ou menos igual, porém. Porque o garoto não estava apenas curioso. Também estava irritado. Enfezadíssimo.

O que me dava raiva era ele se negar a aceitar tudo o que eu queria dar, era ele ter o topete de escolher. Mas qual era a causa da raiva dele? O cerne? O fato de que sua mãe também fora enganada, não uma vez, mas várias, durante anos? De que ele mesmo foi enganado, ainda que só por omissão? Estava furioso com o pai por ter guardado um segredo? Furioso com a gente? A gente? Certamente, não acreditava que o Buick matara seu pai, por que acreditaria? Bradley Roach era obviamente responsável por isso, Roach o arrastara contra a lateral de uma jamanta de 16 rodas, deixando um rastro de sangue de três metros de comprimento e da altura de um guarda estadual, mais ou menos l,87m no caso de Curtis Wilcox. E além de lhe arrancar a roupa, deixara-a do avesso numa zoada de freios, enquanto o rádio estava sintonizado na WPND, que se intitulava a Rádio Country do Oeste da Pensilvânia. O que mais poderia ser senão Country um carro de chassi rebaixado com um motorista meio bêbado como Bradley? Papai fazia a voz de baixo e mamãe, a de tenor, enquanto as moedas caíam das calças de Curt Wilcox e seu pênis era arrancado como se fosse erva daninha e seus bagos eram reduzidos a geleia de morango e seu pente e sua carteira aterrissavam na faixa amarela; Bradley Roach foi o culpado de tudo isso, ou talvez você quisesse botar parte da culpa na Dickys Convenience em Statler que lhe vendeu a cerveja, ou na própria companhia de cerveja com seus anúncios atraentes sobre rãs falantes engraçadinhas e bebedores de cerveja engraçados em vez de cadáveres estirados na estrada com as tripas de fora, ou talvez no DNA de Bradley, lacinhos de corda celular que ficavam sussurrando Beba mais, beba mais desde o primeiro gole de Bradley (porque algumas pessoas simplesmente são feitas assim, ou seja, como bombas de mala prontas para explodir, o que não é nenhum consolo para as vítimas). Ou talvez a culpa fosse de Deus, Deus é sempre um bom bode expiatório porque não responde e nunca escreve um artigo na página de opinião. E nem do Buick. Certo? Ele não conseguia ver o Buick envolvido na morte de Curt por mais que procurasse. O Buick estava a quilômetros de distância, no galpão B, forte, todo inocente e imponente com seus pneus de banda branca em cujos frisos não grudava poeira nem a pedrinha mais miúda, pois repeliam tudo, inclusive (até onde sabíamos) o menor grão de areia. O carro estava lá sem se meter com ninguém quando o policial Wilcox se esvaiu em sangue na beira da rodovia estadual 32 da Pensilvânia. E se estava lá o tempo todo envolto naquele eflúvio sinistro de couve, o que é que há? Esse menino achava que...

— Ned, o carro não foi atrás dele, se é o que está pensando — eu disse. —

Ele não faz isso. — Até ri um pouco de mim mesmo, falando com tanta segurança. Como se fosse um fato comprovado. Ou como se o resto fosse um fato comprovado, em se tratando do Roadmaster. — Tem atração, talvez até uma espécie de voz, quando está numa daquelas... sei lá.

—Fases ativas — sugeriu Shirley.

—É. Quando está numa daquelas fases ativas. Pode-se ouvir o zumbido, e às vezes se ouve mentalmente, também... como se estivesse chamando... mas poderia ir até a 32, ao lado do antigo posto Jenny? De jeito nenhum.

Shirley olhava para mim como se eu estivesse com um parafuso solto, e eu me sentia assim. O que eu estava fazendo, exatamente? Tentando me convencer a não ficar mais irritado com esse infeliz menino sem pai?

— Sandy? Só quero saber a história do peixe.

Olhei para Huddie, depois para Phil e Eddie. Os três ofereceram variações do mesmo movimento desolado de encolher os ombros. Garotos! O que vocês vão fazer?

Terminar. Era isso o que eu ia fazer. Deixar a raiva de lado e terminar. Eu tinha sido indiscreto (não sabia tudo que era segredo, garanto) e agora tinha que explicar.

—Tudo bem, Ned. Vou lhe contar o que você quer ouvir. Mas quer fazer o favor de pelo menos ter em mente que isto continua sendo um quartel? Vai tentar se lembrar que, acredite ou não, goste ou não, o Buick acabou se tornando parte de nosso dia, como escrever relatórios ou depor em juízo ou limpar vômito dos tapetes de um carro-patrulha ou as piadas

—de polonês de Steve Devoe? Porque isso é importante.

—Claro. Conte a história do peixe.

Encostei na parede e olhei para a lua. Se pudesse, eu queria lhe devolver a vida. Ou lhe dar estrelas num copo de papel. Essa poesia toda. Tudo que ele queria ouvir era a história do raio do peixe.

Então foda-se, contei-lhe.

ENTÃO

Nenhum rastro de papel: foi a ordem de Tony Schoondist, e foi acatada. As pessoas, porém, ainda sabiam lidar com os assuntos ligados ao Buick, quais eram os canais adequados. Não era difícil. Falava-se com Curt, com o sargento ou com Sandy Dearborn. Eles eram os homens do Buick. Sandy julgava pertencer a esse triunvirato simplesmente por ter assistido à célebre autópsia. Decerto não era por nenhuma curiosidade especial em relação à coisa.

Apesar do édito antipapel de Tony, Sandy tinha quase certeza de que Curt mantinha seus próprios registros — notas e especulações — sobre o Buick. Caso mantivesse, era discreto. Enquanto isso, as quedas de temperatura e as descargas de energia — os tremores luminosos — pareciam estar diminuindo. A vida se esvaía da coisa.

Ou pelo menos todos torciam por isso.

Sandy não tomava notas e nunca poderia fornecer uma sequência confiável de acontecimentos. Os vídeos feitos ao longo dos anos seriam úteis para isso (caso fosse necessário), mas continuaria havendo lacunas e perguntas. Nem todo tremor luminoso foi filmado, e se todos tivessem sido? Eram bem parecidos. Houve talvez uns 12 entre 1979 e 1983. Pequenos, na maioria. Dois foram do tamanho do primeiro, e um foi ainda maior. Este grande — o campeão absoluto — aconteceu em 1983. Os que assistiram a ele às vezes ainda chamam 1983 de o Ano do Peixe, como se fossem chineses.

Curtis fez uma série de experiências entre 79 e 83, deixando várias plantas e animais dentro e por perto do Buick quando a temperatura caía, mas todos os resultados basicamente foram reprises do que aconteceu com Jimmy e Rosalynn. O que vale dizer que às vezes desapareciam coisas e às vezes não. Não havia como prever. Parecia tão aleatório como um cara ou coroa.

Durante uma queda de temperatura, Curt deixou uma cobaia perto do pneu dianteiro esquerdo do Roadmaster. Botou-a dentro de um balde de plástico. Vinte e quatro horas depois de terminados os fogos de artifício arroxeados e a temperatura no galpão ter voltado ao normal, a cobaia continuava dentro do balde, saltitando e razoavelmente satisfeita. Antes de outro espetáculo luminoso, Curt botou uma gaiola contendo duas rãs bem debaixo do Buick. Quando terminou o espetáculo, ainda havia duas rãs na gaiola. Um dia depois, porém, só havia uma.

E, no dia seguinte, a gaiola estava vazia.

Então houve a Famosa Experiência do Porta-malas de 1982. Essa foi ideia de Tony. Ele e Curt colocaram seis baratas numa caixa de plástico e puseram a caixa no porta-malas do Buick. Isso foi logo depois do fim de um dos espetáculos luminosos, e ainda estava bastante frio dentro do Buick, de modo que eles viam que lhes saía vapor da boca quando se debruçaram sobre a mala. Passaram-se

três dias, com um deles indo diariamente verificar a mala (sempre com uma corda amarrada na cintura, e todo mundo se perguntando de que serviria o raio de uma corda contra algo que fora capaz de arrancar Jimmy daquele apartamento de gerbo sem abrir nenhum dos alçapões... ou também as rãs da gaiola fechada). No primeiro dia e no segundo e no terceiro, as baratas ficaram bem. No quarto, Curt e Tony saíram para buscá-las, outra experiência malsucedida, tinham que imaginar outra. Só que as baratas haviam sumido, ou assim pareceu quando abriram a mala.

—Não, espere! — gritou Curt. — Lá estão elas! Correndo feito loucas!

—Quantas? — perguntou Tony. Estava do lado de fora da porta lateral do galpão, segurando a ponta da corda.

— Estão todas aí? Como saíram do raio da caixa, Curtis?Curtis contou só quatro em vez de seis, mas isso não queria dizer muita coisa. As baratas não precisam de um carro enfeitiçado para ajudá-las a sumir; são muito boas nisso por conta própria, como sabe qualquer pessoa que já tenha tentado matar uma com um chinelo. Quanto ao modo como saíram da caixa, isso era óbvio. A caixa continuava fechada, mas agora tinha um buraquinho redondo de um dos lados. O buraco não chegava a ter dois centímetros de diâmetro. Para Curt e o sargento, parecia um buraco de bala de grosso calibre e dali não se irradiavam rachaduras, o que poderia indicar também que o plástico fora perfurado a altíssima velocidade. Ou talvez fora queimado. Nenhuma resposta. Só miragens. A mesma coisa de sempre. E aí veio o peixe, em junho de 1983.

Havia pelo menos dois anos e meio que já não se vigiava o Buick dia e noite, porque, no fim de 1979 ou no início de 1980, ficara decidido que, com razoáveis precauções, não havia muito com que se preocupar. Uma arma carregada é perigosa, não se discute, mas não é necessário deixar um guarda a postos 24 horas por dia ao lado de uma para ter certeza de que não vai disparar sozinha. Em geral, basta você guardá-la numa prateleira alta e manter as crianças longe dali.

Tony comprou uma lona para veículos no intuito de evitar que quem olhasse para o galpão ao passar pelos fundos visse o carro e fizesse perguntas (em 1981, um sujeito que estava há pouco tempo no depósito da frota, um fã de Buicks, fizera uma oferta de compra). A filmadora ficou no depósito, montada em seu tripé e com um saco plástico em cima para não pegar umidade, e a cadeira continuou lá (com uma pilha enorme de revistas embaixo), mas Arky começou a usar o local cada vez mais como depósito de material de jardim. Sacos de turfa e adubo, padiolas de terra e vasos foram tomando conta do espaço até não sobrar mais lugar para o equipamento de vigilância do Buick. A única vez que o cubículo recobrou sua finalidade original foi justo antes, durante e depois de um dos tremores luminosos.

Junho do Ano do Peixe foi um dos mais lindos meses de início de verão que Sandy tinha na memória — a grama viçosa, os passarinhos todos afinados, uma espécie de calor delicado no ar, como o primeiro beijo de verdade de um casal

de adolescentes. Tony Schoondist estava de férias, visitando a filha na Costa Oeste (era aquela cujo bebê causara tanta encrenca). O sargento e sua mulher tentavam remediar as coisas antes que as relações fossem cortadas. Provavelmente não era um mau plano. Na ausência dele, Sandy Dearborn e Huddie Royer eram os que mandavam, mas Curtis Wilcox — que não era mais novato — mandava no Buick, não havia a menor dúvida. E, um dia desse junho esplendoroso, Buck Flanders veio falar com ele nesta qualidade.

—A temperatura está caindo no galpão B — disse.

Curtis ergueu as sobrancelhas.

—Não é bem a primeira vez, é?

— Não — admitiu Buck —, mas nunca vi cair tão rápido. Seis graus desde hoje de manhã.

Essa notícia fez Curt sair correndo para o galpão, com o antigo brilho de entusiasmo nos olhos. Quando botou a cara numa das janelas da porta dianteira, a primeira coisa que notou foi a lona que Tony comprara. Estava embolada no chão do lado do motorista como um tapete velho. Também não era a primeira vez que isso acontecia, era como se às vezes o Buick tremesse (ou desse de ombros) e se livrasse da capa de náilon como uma senhora tirando o xale com um movimento de ombros. O ponteiro do termômetro redondo estava em 16.

—Aqui fora faz 23 — disse Buck. Estava ao lado de Curt. — Olhei o termômetro junto ao comedouro de pássaros antes de vir falar com você.

—Então na verdade caiu sete graus e não seis.

—Bem, lá dentro marcava 17 quando vim chamá-lo. Essa é a velocidade com que está caindo. Feito uma… uma frente fria chegando. Quer que eu chame Huddie?

—Não vamos incomodá-lo. Faça uma escala de guarda. Chame Matt Babicki para ajudá-lo. Escreva… hum… Destacamento de lavagem de carros. Vamos botar duas pessoas vigiando o Buick o resto do dia e à noite também. A não ser que Huddie diga não ou a temperatura volte a subir.

—Certo — disse Buck. — Quer estar no primeiro turno?

Curt queria, e muito — sentia que algo iria acontecer —, mas fez que não com a cabeça.

— Não posso. Tenho tribunal, e tem aquela armadilha de caminhões em Cambria. — Tony teria um ataque se ouvisse Curt chamar a pesagem na rodovia 9 de armadilha de caminhões, mas basicamente era isso. Porque alguém estava passando heroína e cocaína de New Jersey por aquela rota, e a ideia era que a droga era transportada em alguns dos carregamentos de caminhoneiros independentes. — A verdade é que estou mais ocupado que um perneta num concurso de chutar bundas. Droga!

Deu um murro na coxa, depois pôs uma das mãos de cada lado do rosto e tornou a olhar pelo vidro. Não havia nada para ver senão o Roadmaster com duas réstias de sol cruzando-se sobre o comprido capô azul-noite como dois focos de luz opostos.

—Chame Randy Santerre. E Chris Soder não estava por aqui à toa?

—Sim. E, tecnicamente, não está de serviço, mas ainda tem em casa as duas cunhadas de Ohio, irmãs da mulher dele, e veio aqui ver televisão. — Buck baixou a voz. — Não quero me meter, Curt, mas acho que esses caras são uns incompetentes.

—Para isso, eles vão servir. Têm que servir. Diga-lhes que quero relatórios regulares, também. Código D padrão. E antes de sair do tribunal, ligo por telefone fixo.

Curt lançou um derradeiro olhar quase angustiado para o Buick, e foi-se encaminhando de volta para o quartel, onde iria fazer a barba e se preparar para depor como testemunha. A tarde, estaria espetando traseiras de caminhões com alguns policiais do regimento G, à procura de cocaína, e esperando que ninguém resolvesse desengatilhar uma arma automática. Teria encontrado alguém para substituí-lo se houvesse tempo, mas não havia.

A vigilância do Buick coube a Soder e Santerre, e eles não se incomodaram. Os incompetentes nunca se incomodam. Ficaram fora do depósito, fumando, batendo papo, dando uma ou outra olhada no Buick (Santerre, muito jovem para saber o que esperar e, de qualquer forma, não durou muito na PEP), contando piadas e desfrutando o dia. Era um dia de junho tão simples e tão maravilhoso que mesmo um incompetente não podia deixar de desfrutá-lo. A certa altura, Buck Flanders rendeu Randy Santerre; pouco depois, Orville Garrett rendeu Chris Soder. Huddie apareceu para aquela olhada eventual. Às três horas, quando Sandy entrou para sentar o rabo na cadeira do sargento-chefe, Curt Wilcox finalmente voltou e rendeu Buck perto do galpão B. Longe de subir, a temperatura do galpão caíra mais seis graus, e policiais que não estavam de serviço começaram a engarrafar o estacionamento dos fundos com seus carros particulares. A notícia se espalhara. Código D.

Por volta de quatro da tarde, Matt Babicki meteu a cabeça na sala do sargento-chefe e disse a Sandy que estava perdendo o rádio.

—Muita estática, chefe. Mais do que nunca.

—Merda. — Sandy fechou os olhos, esfregou-os com o nó dos dedos, e desejou que Tony estivesse lá. Era a primeira vez que agia como sargento-chefe, e, embora o aumento temporário em seu contracheque no fim do mês sem dúvida seria satisfatório, essa provocação não era. — Problema com o raio daquele carro. Era só o que me faltava.

—Não leve a sério — disse Matt. — Vai soltar umas faíscas e tudo vai voltar ao normal. Inclusive o rádio. Não é o que sempre acontece?

É, era isso o que sempre acontecia. Sandy não estava, de fato, especialmente preocupado com o Buick. Mas e se alguém de patrulha tivesse problema enquanto as comunicações estavam ferradas? Alguém tendo que passar um 33 — Me ajude depressa — ou um 47 — Mande uma ambulância — ou o pior de tudo, um 10-99: Baixa de agente. Sandy tinha bem mais de uma dúzia de agentes na rua e, naquele momento, parecia que estava carregando todos eles nas costas.

—Olhe aqui, Matt. Pegue o meu carro, é a unidade 17, e leve-o para o sopé da colina. Lá não deve ter interferência. Chame todos os nossos que estejam nas estradas e diga que, provisoriamente, a base de atendimento é o 17. Código D.

—Ai, Sandy, Nossa! Não é meio…

—Agora não tenho tempo para suas frescuras — disse Sandy. Nunca se sentira tão impaciente com as preocupações do agente de comunicações Babicki como naquele momento. — Faça isso e não discuta.

—Mas não estarei aqui para ver…

—Não, provavelmente não estará. — O tom de voz de Sandy subira um pouco. — Esta é uma das coisas que você tem que botar na sua lista antes de mandá-la para o bispo.

Matt começara a dizer outra coisa, mas olhou melhor para o rosto de Sandy e sabiamente decidiu ficar calado. Dois minutos depois, Sandy o viu descer o morro ao volante da unidade 17.

— Ótimo — murmurou Sandy. — Fique aí um pouco, seu chatinho respondão.

Sandy foi para o galpão B, onde havia uma pequena multidão. Na maioria, eram policiais estaduais, mas havia gente da frota com aqueles macacões verdes sujos de graxa que eram seu uniforme não oficial. Após quatro anos de convivência com o Buick, ninguém estava propriamente com medo, mas assim mesmo, naquele dia, havia bastante nervosismo no grupo. Quando se via o termômetro baixar 11 graus num dia quente de verão, num ambiente onde o ar condicionado consistia numa ou em outra porta aberta, era difícil não achar que algo grande estava se armando.

Desde que voltara, Curt conseguira preparar uma série de experiências — todas as que teve tempo de organizar, supôs Sandy. No banco dianteiro do Buick, colocara uma caixa de tênis Nike com alguns grilos dentro. A gaiola de rãs estava no banco traseiro. Desta vez, continha só uma, mas uma gritadora, daquele tipo de rã-touro dos brejos de olhos amarelos esbugalhados. Levara também a jardineira de flores da janela da sala de Matt Babicki e metera-a no porta-malas. Por fim, mas não menos importante, levou Mister Dillon para passear ali, o fez rodear o carro na coleira, os 360 graus, só para ver o que iria acontecer. Orvie Garrett não gostou muito disso, mas Curt convenceu-o. Curt ainda era meio tosco, sem muita experiência, mas, quando se tratava do Buick,

era ladino como um jogador de bordo.

Nada aconteceu durante o passeio de D — desta vez —, mas era óbvio que o mascote do regimento preferiria estar em qualquer outro lugar. Puxava tanto a coleira que quase se enforcava, e caminhava de cabeça e rabo baixos, deixando escapar uma tosse seca de vez em quando. Olhou para o Buick, mas também olhava para todas as coisas ali, como se o que o incomodava tivesse se espalhado a partir do carro falso até contaminar o galpão inteiro.

Quando Curt tornou a levá-lo para fora e entregou a coleira a Orville, disse:

— Tem alguma coisa acontecendo, ele está sentindo e eu também. Mas não é como das outras vezes.

Viu Sandy e repetiu: não é como das outras vezes.

—Não — disse Sandy, e fez um gesto de cabeça afirmativo para Mister D. — Pelo menos, ele não está uivando.

—Ainda não — disse Orville. — Vamos, D, vamos voltar para o quartel. Você fez um bom trabalho. Vai ganhar um Bonz.

O que Orvie deu a Curt foi um olhar de censura. Mister Dillon ia trotando comportado ao lado do joelho direito do policial Garrett, que já não precisava da coleira para mantê-lo junto.

Por volta das 16h20, a tevê da sala de estar do andar de cima saiu do ar de repente. Às 16h40, a temperatura no galpão B havia caído para nove graus. Ás l6h50, Curtis Wilcox gritou:

— Está começando! Estou ouvindo!

Sandy entrara para ver como andava o atendimento (e encontrou a maior zoada, só um rugido de estática de meter medo), e já vinha voltando quando ouviu o grito de Curt. Estava no meio do estacionamento, tão cheio de carros particulares que parecia a feira beneficente ou o carnaval para crianças com distrofia muscular que fazem todo mês de julho, e saiu correndo, cortando o grupo de espectadores que espichavam o pescoço para olhar pela porta lateral, que, por incrível que pareça, ainda estava escancarada. E Curt encontrava-se ali, na frente dela. Saíam ondas de frio, mas ele parecia não sentir. Tinha os olhos arregalados e, quando virou-se para Sandy, parecia um homem sonhando.

— Está vendo? Sandy, está vendo?

Claro que estava: um clarão roxo cada vez mais forte derramava-se das janelas do carro, infiltrava-se pela fresta que delineava a tampa do porta-malas e escorria pelas laterais do Buick como se fosse um fino fluido radioativo. Dentro do carro, Sandy via claramente as formas dos bancos e o volante descomunal. Eram contornos, silhuetas. O resto da cabine estava imerso num frio brilho avermelhado, mais intenso que qualquer forno. O zumbido era forte e ficava mais forte. Deixava Sandy com dor de cabeça, quase desejando ser surdo. Não que ser surdo adiantasse alguma coisa, porque a pessoa parecia ouvir aquele som

não só com o ouvido, mas também com o corpo inteiro.

Sandy puxou Curt para a calçada e segurou a maçaneta, com a intenção de fechar a porta. Curt agarrou-o pelo pulso.

— Não, Sandy, não! Quero ver! Quero…

Sandy puxou a mão dele, sem delicadeza.

— Está maluco? Nisso, seguimos um procedimento, o raio de um procedimento. Você deve saber disso melhor do que ninguém! Ajudou a elaborá-lo, caramba!

Quando Sandy bateu a porta, impedindo que o Buick fosse visto diretamente, as pálpebras de Curtis tremeram, e ele estremeceu como um sonâmbulo acordando.

—Está certo — disse. — Está certo, chefe. Sinto muito.

—Tudo bem.

Sem achar de fato que estivesse. Porque o paspalho teria ficado ali à porta. Sandy não tinha a menor dúvida disso. Teria ficado ali e teria acabado frito, se fritura estivesse no programa da coisa.

— Preciso dos meus óculos de soldador — disse Curt. — Estão na mala do meu carro. Tenho uns sobressalentes, mas são escuríssimos. Uma caixa cheia. Quer um?

Sandy continuava com a sensação de que Curt não estava totalmente acordado, que só estava fingindo, como a pessoa finge quando o telefone toca no meio da noite.

—Claro, por que não? Mas vamos tomar cuidado, certo? Porque está parecendo que esse vai ser feio.

—Está parecendo que vai ser o máximol — disse, e a exuberância em sua voz, embora ligeiramente assustada, fez Sandy sentir-se um pouco melhor. Pelo menos Curt já não falava como sonâmbulo. — Mas está bem, mamãe, vamos obedecer ao procedimento e tomar o maior cuidado.

Correu para seu carro — não o patrulha, mas sim o particular, o Bel Air restaurado — e abriu a mala. Ainda estava remexendo nas caixas de material que guardava ali dentro quando o Buick explodiu.

Não explodiu literalmente, mas parecia não haver outra palavra para descrever o fenômeno. Os que assistiram jamais esqueceram, mas era incrível como falavam pouquíssimo sobre o assunto, mesmo entre eles, porque aparentemente não havia forma de expressar a grandiosidade terrível daquilo. A força. O máximo que conseguiam dizer era que escureceu o sol de junho e

pareceu deixar o galpão transparente, um fantasma de si mesmo. Não dava para entender como um simples vidro pudesse estar entre aquela luz e o mundo exterior. O brilho palpitante escoava pelas tábuas do galpão como água por uma gaze; a forma dos pregos destacava-se como os pontos de uma foto de jornal ou gotículas de sangue numa tatuagem recém-feita. Sandy ouviu Carl Brundage gritar: Dessa vez, vai explodir, vai mesmo! Atrás, no quartel, ouvia-se Mister Dillon uivando de terror.

— Mas ele ainda queria sair e pegar aquilo — disse depois Orville a Sandy. — Eu estava com ele na sala de cima, o mais longe possível do raio daquele galpão, mas não fazia a menor diferença. Ele sabia que aquilo estava ali. Ouvia, acho eu, ouvia o zumbido. E aí, viu a janela. Nossa! Se eu não tivesse sido rápido, se não tivesse agarrado o bicho na hora, acho que ele teria pulado, mesmo daquela altura toda. Me mijou todo e eu só fui perceber meia hora depois, de tão apavorado que eu estava.

Orville sacudiu a cabeça, a fisionomia carregada e pensativa.

— Nunca vi um cachorro assim. Nunca. Estava com o pelo todo arrepiado, a boca espumando e os olhos como se fossem explodir. Cruz-credo.

Curt, enquanto isso, voltou correndo com uma dúzia de óculos protetores. Os policiais os puseram, mas continuava sendo impossível olhar para o Buick; era impossível até chegar perto das janelas. E de novo havia aquele silêncio estranho quando todos eles tinham a sensação de que deveriam estar no meio de uma cacofonia, ouvindo trovoadas e deslizamentos de terra e erupções vulcânicas. Com as portas do galpão fechadas, nem sequer ouviam o zumbido (ao contrário de Mister D). Ouviam-se passos arrastados e alguém pigarreando e Mister Dillon uivando no quartel e Orvie Garrett mandando-o ficar calmo e o ruído do rádio afogado em estática de Matt Babicki, no atendimento, onde a janela (agora desprovida de sua jardineira, graças a Curt) ficara aberta. Mais nada.

Curt encaminhou-se para a porta de enrolar, cabeça baixa e mãos para cima. Por duas vezes, tentou levantar o rosto e olhar para dentro do galpão B, mas não conseguiu. A claridade era excessiva. Sandy agarrou-lhe o ombro.

— Pare de tentar olhar. Não dá. Pelo menos por enquanto. Você ia ficar sem olhos.

—O que é isso, Sandy? — murmurou. — Por Deus do céu, o que é?

Sandy só conseguiu sacudir a cabeça.

Durante a meia hora seguinte, o Buick encenou o espetáculo luminoso para arrasar com todos os outros, transformando o galpão B numa espécie de bola de fogo, dardejando linhas paralelas de luz por todas as janelas, lampejando sem parar, um vistoso forno de néon sem calor nem som. Se um cidadão comum tivesse aparecido ali naquela hora, Deus sabe o que poderia ter pensado ou a quem teria contado ou o quanto do que ele contasse convenceria a quem ele

tivesse contado, mas ninguém de fora apareceu. E às 17h30, os policiais do regimento D haviam começado a ver novamente lampejos individuais de luz, como se a fonte de alimentação do fenômeno tivesse começado a vacilar. Fez lembrar a Sandy uma motocicleta engasgando quando está com o tanque quase vazio.

Curt tornou a se aproximar das janelas, e embora tivesse que se abaixar cada vez que aquelas faíscas dardejavam, nos intervalos, conseguiu ver alguma coisa. Sandy juntou-se a ele, esquivando-se dos lampejos mais intensos {Deve parecer que estamos fazendo algum exercício de rotina esquisito, pensou), apertando os olhos e ofuscado apesar das três camadas de vidro polarizado dos óculos.

O Buick permanecia todo inteiro e aparentemente igual. A lona continuava embolada, sem ter sido chamuscada por nenhum fogo. As ferramentas de Arky pendiam tranquilamente da parede, e as pilhas de exemplares antigos da County American continuavam no canto do fundo amarradas com barbante. Bastaria um único fósforo de cozinha para transformar aquelas pilhas secas de notícias velhas em colunas de chamas, mas aquela luz arroxeada toda não queimara nem a pontinha de uma circular de Bradlee.

— Sandy, dá para ver algum dos espécimes?

Sandy fez que não com a cabeça, recuou e tirou os óculos que Curt lhe emprestara. Passou-os para Andy Colucci, que estava doido para olhar o interior do galpão, e voltou para o quartel. Afinal, pelo visto, o galpão B não iria explodir. E ele era o sargento-chefe, com um trabalho para fazer.

Na escada, parou e olhou para trás. Mesmo de óculos, Andy Colucci e os outros relutavam em se aproximar da carreira de janelas. Só havia uma exceção, que era Curtis Wilcox. Ele estava ali — grande como o diabo, diria a mãe de Sandy —, o mais perto possível e espichando-se para chegar mais perto ainda, os óculos encostados mesmo no vidro, apenas virando um pouco a cabeça cada vez que a coisa soltava uma faísca especialmente forte, o que ainda acontecia mais ou menos a cada 20 segundos.

Sandy pensou: Ele vai ficar sem olhos, ou pelo menos sem enxergar por uns tempos. Mas não. Parecia quase ter calculado os lampejos, entrando no seu ritmo. De onde estava Sandy, parecia que Curtis virava a cabeça para o lado um ou dois segundos antes de cada clarão. E quando vinha o clarão, por um momento, ele virava sua própria sombra exclamatória, um exótico dançarino imobilizado contra um grande pano de luz arroxeada. Vê-lo assim assustava. Para Sandy, era como observar algo que estava ali e ao mesmo tempo não estava, que era real mas não era, que era concreto e ao mesmo tempo uma miragem. Sandy depois acharia que, quando se tratava do Buick 8, era estranho como Curt e Mister Dillon se pareciam. Curt não estava uivando como o cão uivava na sala de estar, mas parecia assim mesmo estar em contato com o fenômeno, em sincronia. Dançando com ele: naquela hora como depois, era essa imagem que voltava a Sandy.

Dançando com ele.

Às 17h50, Sandy entrou em contato pelo rádio com Matt, que estava no pé do morro, e perguntou se havia alguma novidade. Matt respondeu que não não, vovó, foi o que Sandy ouviu em seu tom), e Sandy mandou-o voltar para a base. Quando chegou, Sandy lhe disse que, se ainda quisesse, podia atravessar o estacionamento e dar uma olhada no Velho 54. Matt foi correndo. Ao voltar, alguns minutos depois, parecia desapontado.

— Já o tinha visto fazer isso — disse, deixando Sandy refletir sobre quão broncos e ingratos eram os seres humanos, na grande maioria; com que rapidez seus sentidos se embotavam, tornando o maravilhoso banal. — O pessoal todo disse que deu um show uma hora atrás, mas ninguém conseguiu descrever.

Isso foi dito com um desdém que não surpreendeu Sandy. No mundo do agente de comunicações, tudo é descritível; a cartografia do mundo pode e deve ser traçada em códigos de dois algarismos.

— Bem, não olhe para mim — disse Sandy. — Mas posso lhe dizer uma coisa. Brilhava.

— Ah. Brilhava.

Matt lançou-lhe um olhar que dizia: Além de avó, uma avó fracassada. Depois tornou a entrar.

Às 19 horas, normalizara-se a recepção de tevê do regimento D (sempre uma consideração importante quando se está na estrada). As comunicações do atendimento voltaram ao normal. Mister Dillon comera sua costumeira tigela grande de Gravy Train e estava pela cozinha, andando atrás de restos, portanto, ele voltara ao normal. E quando Curt meteu a cabeça na sala do sargento-chefe às 19h45 para dizer a Sandy que queria entrar no galpão para ver seus espécimes, Sandy não conseguiu pensar em nenhum jeito de detê-lo. Sandy era o responsável pelo regimento D naquela noite, quanto a isso, não havia discussão, mas quando se tratava do Buick, Curt tinha tanta autoridade quanto ele, talvez até um pouco mais. Além disso, Curt já estava com o raio da corda amarela na cintura. O resto estava enrolado em cima do braço.

—Não é uma boa ideia — disse-lhe Sandy. Foi o mais próximo de um não a que conseguiu chegar.

—Asneira.

Era a palavra preferida de Curtis em 1983. Sandy odiava-a. Achava-a uma palavra besta.

Olhou por cima do ombro de Curt e viu que estavam sozinhos.

—Curtis — disse —, você tem sua mulher em casa e, da última vez que falamos sobre ela, você disse que talvez estivesse grávida. Isso mudou?

—Não, mas ela não foi ao…

—Então, mulher, você tem com certeza, e filho é quase certo que tenha. E se ela não estiver grávida agora, vai estar daqui a pouco. Isso é bom. Como tem que ser. O que eu não entendo é por que você arrisca perder tudo isso pelo raio desse Buick.

—Ora, Sandy, eu arrisco toda vez que entro no carro e saio para patrulhar. Toda vez que salto e me aproximo de um veículo. O mesmo se aplica a todo mundo que está nessa profissão.

—Isso é diferente e nós dois sabemos, então não me venha com essa discussão babaca de colégio. Não se lembra do que aconteceu com Ennis?

—Lembro — respondeu ele, e Sandy supunha que se lembrasse, mas Ennis Rafferty já desaparecera há quase quatro anos. Estava, de certa forma, tão desatualizado quanto as pilhas de County American no galpão B. E quanto a acontecimentos mais recentes? Bem, as rãs eram apenas rãs. Jimmy podia ter recebido o nome de um presidente, mas era apenas um gerbo. E Curtis estava usando a corda. Supostamente, a cor da faria tudo dar certo. Claro, pensou Sandy, e nenhum bebê de botas de asinha se afogou na piscina. Se dissesse isso a Curt, ele riria? Não. Porque Sandy estava na cadeira grande naquela noite, no papel de sargento-

—chefe, o símbolo visível da PEP. Mas Sandy achou que, assim mesmo, iria ver riso nos olhos de Curtis. Curtis se esquecera que a corda nunca fora testada, que se a força escondida no interior do Buick decidisse que o queria, poderia haver um único e derradeiro lampejo de luz arroxeada e nada mais senão um pedaço de corda amarela com uma laçada na ponta no chão de cimento; adeus, parceiro, vá com Deus, mais um gato curioso caçando satisfação no grande vazio. Mas Sandy não podia mandá-lo renunciar como mandara Matt Babicki descer o morro. Só o que podia fazer era discutir com ele, e não adiantava discutir com alguém com aqueles olhos atônitos e brilhantes de quem diz vamos jogar bingo. Podia-se causar muitos ressentimentos, mas nunca se conseguia convencer o outro de que se tinha razão.

—Quer que eu segure a outra ponta da corda? — perguntou-lhe Sandy. — Você entrou aqui querendo alguma coisa, e certamente não foi minha opinião.

—Você faria isso? — Abriu um sorriso. — Eu adoraria.

Sandy saiu com ele, levando a corda quase toda enrolada no braço e com Dicky-Duck Eliot atrás dele, pronto para segurá-lo pelas presilhas do cinto caso acontecesse alguma coisa e Sandy começasse a escorregar. O sargento-chefe interino, em pé na porta lateral do galpão B, sem fazer força, mas pronto para isso se algo engraçado acontecesse, mordendo o lábio inferior e respirando um pouquinho depressa demais. Seu pulso estava a mais ou menos 120 por minuto. Continuava sentindo o frio do galpão embora o termômetro tivesse voltado a subir; no galpão B, o início de verão fora revogado e o que se encontrava à porta era o frio úmido de um acampamento de caça, quando se chega em novembro, o fogão no meio da sala mais morto que um deus excomungado. O tempo se

arrastava. Sandy abriu a boca para perguntar a Curt se ele iria ficar lá dentro para sempre, depois olhou o relógio e viu que só haviam se passado 40 segundos. Disse então a Curt para que não rodeasse o Buick. Era bem capaz de enganchar a corda.

—E, Curtis, quando abrir a mala, fique longe!

—Recebido.

Falou num tom quase divertido, indulgente, como um garoto prometendo aos pais que não, não vai correr com o carro, não vai beber na festa, que vai prestar atenção nos outros, claro, pode deixar. Qualquer coisa para deixá-los felizes e poder se mandar de casa, e aí… Uauuu!

Abriu a porta do motorista do Buick e meteu a cabeça até depois do volante. Sandy tornou a se preparar para o puxão que esperava, o tranco. Deve ter transmitido a sensação, porque sentiu Dick agarrar as presilhas de seu cinto. Curt esticou bem os braços, depois ficou em pé segurando a caixa de sapato com os grilos dentro. Espiou pelos buracos.

—Parece que ainda estão todos lá dentro — disse, com uma voz meio desapontada.

— A gente imaginaria que fossem estar assados — disse Dicky-Duck. — Aquele fogo todo.

Mas não houvera fogo, só luz. Não havia um só chamuscado nas paredes do galpão, eles viam o ponteiro do termômetro parado em torno dos 15, e a escolha de não acreditar no número, com aquele frio úmido do galpão batendo na cara, não existia muito. Mesmo assim, Sandy sabia como Dicky-Duck se sentia. Quando persistia na cabeça o martelar do deslumbramento, e as últimas impressões das imagens ainda pareciam dançar na frente dos olhos, era difícil acreditar que uns grilos colocados no marco zero pudessem sair ilesos.

Mas tinham saído. Todos eles, como se viu. A rã também, só que seus olhos preto-amarelados haviam ficado velados e sem brilho. Estava ali, mas, quando saltava, ia de encontro à parede da jaula. Ficara cega.

Curt abriu a mala e afastou-se com o mesmo movimento, um movimento quase como um balé, conhecido de quase todos os policiais. Sandy preparou-se novamente na porta, segurando a corda frouxa com as duas mãos, pronto para o esticão. Dicky-Duck tornou a segurar firme as presilhas de seu cinto. E de novo não aconteceu nada.

Curt debruçou-se sobre a mala.

— Está frio aqui dentro — disse. Sua voz soava oca, estranhamente distante. — E sinto aquele cheiro, de repolho. E de hortelã. E… espere…

Sandy esperou. Quando nada aconteceu, gritou o nome de Curt.

—Acho que é sal — disse Curt. — Quase como o mar. Aqui é o centro, o

vórtice, bem aqui dentro da mala. Tenho certeza.

—Não quero saber se é a mina perdida do holandês — disse-lhe Sandy. — Quero que você saia daí. Já.

—Só um segundo.

Debruçou-se mais para dentro do porta-malas. Sandy quase esperava vê-lo arremessar-se à frente, como se algo o puxasse — a cena que, na cabeça de Curt Wilcox, era de chorar de rir. Talvez tenha pensado nisso, mas, no final, foi sensato. Simplesmente pegou a floreira de Matt Babicki e tirou-a dali. Virou-se e levantou-a para Sandy e Dicky poderem ver. As flores pareciam viçosas. Morreram dois dias depois, mas isso não tinha nada de sobrenatural; ficaram congeladas na mala do carro como certamente ficariam se Curtis as tivesse posto um pouco no congelador.

—Já acabou? — Sandy começava a parecer uma velha coroca falando, mas não dava para evitar.

— É, acho que sim.

Curtis parecia decepcionado. Sandy sobressaltou-se quando ele bateu o porta-malas do Buick, e os dedos de Dick se crisparam nas presilhas de seu cinto. Sandy imaginou que o velho Dicky-Duck estivera prestes a arrastá-lo de bunda para o estacionamento. Curt, enquanto isso, encaminhou-se lentamente para eles com a gaiola de rãs, a caixa de tênis e a jardineira nos braços. Sandy ia enrolando a corda à medida que ele andava para não deixá-lo tropeçar nela.

Quando tornaram a estar todos do lado de fora, Dicky pegou a gaiola e olhou espantado para a rã-touro cega.

— Isso bate tudo — disse.

Curt tirou o laço da cintura, depois se ajoelhou no asfalto e abriu a caixa de sapato. Havia mais quatro ou cinco policiais reunidos àquela altura. Os grilos pularam para fora quase no mesmo instante em que Curt tirou a tampa da caixa, mas antes Curtis e Sandy tiveram a oportunidade de tomar a presença. Oito, o número de cilindros do inútil motor do Buick. Oito, o mesmo número de grilos que entrou.

Curt pareceu enojado e decepcionado.

—Nada — disse. — No fim, tudo acaba não dando em nada. Se há alguma fórmula, um teorema do binômio, uma equação de quarto grau ou algo assim, eu não vejo.

—Então talvez seja melhor deixar para lá — disse Sandy.

Curt abaixou a cabeça e viu os grilos irem saltando pelo estacionamento, afastando-se cada vez mais uns dos outros, cada qual seguindo seu caminho, e nenhum teorema ou equação inventado por qualquer matemático que algum dia tenha existido poderia prever aonde qualquer um deles iria parar. Eram a Teoria

do Caos saltitando. Os óculos continuavam pendurados ao pescoço de Curtis em sua tira de elástico. Segurou-os um instante, depois olhou para Sandy. Tinha a boca tensa. A expressão de desapontamento desaparecera de seus olhos. Fora substituída pela outra, aquela meio atordoada de vamos jogar bingo até o dinheiro acabar.

— Não sei se estou pronto para fazer isso — disse. — Deve haver... Sandy deu-lhe uma chance de acabar de falar e, como ele não a aproveitasse, perguntou:

— Deve haver o quê?

Mas Curtis apenas balançou a cabeça, como se não pudesse dizer. Ou não quisesse.

Passaram-se três dias. Ficaram esperando outra coisa-morcego ou outro ciclone de folhas, mas não houve nada de imediato no rastro do espetáculo luminoso; o Buick estava sossegado. O setor da Pensilvânia correspondente ao regimento D estava tranquilo, especialmente no segundo turno, o que era absolutamente conveniente para Sandy Dearborn. Mais um dia, e ele teria dois dias de folga. Era a vez de Huddie comandar o espetáculo outra vez. Então, quando Sandy voltasse, Tony Schoondist estaria de novo na cadeira grande, onde era o lugar dele. A temperatura no galpão B ainda não se igualara à temperatura externa, mas estava chegando lá. Subira para quinze e pouco, e o regimento D acabara considerando que aí não havia perigo.

Nas primeiras 48 horas após o tremendo abalo luminoso, eles mantiveram uma pessoa ali dia e noite. Após as primeiras 24 horas sem nenhum incidente, alguns dos homens começaram a reclamar do trabalho extra, e Sandy não podia criticá-los muito. As horas extras não eram remuneradas, claro. Nem podiam ser. Como poderiam ter enviado a Scranton informes sobre horas extras por vigilância do galpão B? O que teriam escrito sob a rubrica motivo da atividade extra (especificar)?

Curt Wilcox não estava louco para abrir mão da vigilância dia e noite, mas compreendia a situação. Numa breve reunião, decidiram-se por uma semana de verificações ao acaso, a maioria delas a ser realizada pelos agentes Dearborn e Wilcox. E caso não ficasse satisfeito com essa combinação ao voltar da ensolarada Califórnia, Tony poderia mudá-la.

Então chegamos às oito horas de uma noite de verão por volta da época do solstício, o sol ainda não se pôs, mas está vermelho e gordo pousado nas Short Hills, projetando os últimos raios daquela luz comprida e saudosa. Sandy estava na sala, às voltas com a escala do fim de semana, sentindo-se então muito bem na cadeira grande. Às vezes, ele se imaginava ocupando-a de modo mais ou menos permanente, e aquela noite de verão era uma dessas vezes. Acho que dava para eu fazer esse trabalho: era o que lhe passava pela cabeça quando George Morgan vinha subindo a rampa de entrada a bordo da unidade D -11. Sandy fez um cumprimento com a mão para George e riu quando ele respondeu

com uma pequena continência batendo na aba do chapéu.

George estava de patrulha naquele turno, mas calhou de passar por ali, e entrou para abastecer. Nos anos 90, os guardas estaduais da Pensilvânia já não tinham esta opção, mas em 1983, ainda se podia botar gasolina em casa e poupar uns trocados para o estado. Ele pôs a bomba no automático lento e foi calmamente até o galpão B para dar uma olhada.

Lá dentro, havia uma luz acesa (sempre deixavam) e lá estava ele, o queridinho do regimento D, o Velho 54 ali sossegado com seus cromados brilhando, como se nunca tivesse comido um guarda estadual, cegado uma rã ou produzido um morcego anormal. George, a quem ainda faltavam alguns anos para cruzar a linha de chegada pessoal (duas latas de cerveja e depois a pistola na boca, enfiada bem para cima do palato mole, sem correr nenhum risco — quando um tira decide fazer isso, quase sempre consegue), estava na porta de enrolar como todos ficavam em um momento ou outro, adotando a postura que todos adotavam, meio frouxa, com as pernas abertas, como um observador que se posta na frente das obras da cidade, mãos nas cadeiras (pose A) ou cruzadas no peito (pose B) ou em concha protegendo os lados do rosto se o dia estivesse especialmente claro (pose C). Trata-se de uma postura que diz que o observador em questão é um homem com resposta para quase tudo, um especialista com muito tempo para discutir impostos ou política ou o corte de cabelo dos jovens.

George deu sua olhada e estava prestes a voltar quando, de repente, ouviu-se um baque surdo e pesado vindo lá de dentro. Seguiu-se uma pausa (longa o bastante, depois contou a Sandy, para ele pensar ter imaginado o barulho) e depois ouviu-se outro baque. George viu o meio da tampa do porta-malas do Buick ir para cima e para baixo, só uma vez, depressa. Dirigiu-se à porta lateral, tencionando entrar e investigar. Aí lembrou-se de que estava lidando com um carro que às vezes comia gente. Parou, olhou em volta procurando alguém — para dar apoio — e não viu ninguém. Quando se precisa, nunca há um tira por perto. Cogitou entrar no galpão sozinho, pensou em Ennis — quatro anos, e ainda não tinha chegado em casa para almoçar — e foi correndo para o quartel.
— Sandy, é melhor você vir. — George à porta esbaforido e com uma cara apavorada. — Acho que um desses idiotas pode ter trancado algum outro idiota na mala da porra daquele estorvo no galpão B. De brincadeira.

Sandy ficou olhando para ele, pasmo. Sem conseguir (ou talvez sem querer) acreditar que houvesse alguém, mesmo aquele cretino do Santerre, capaz de fazer uma coisa dessas. Só que sabia que havia. Sabia mais uma coisa, também — por incrível que pareça, em muitos casos, esses não tinham intenção de fazer mal.

George confundiu a surpresa do sargento-chefe com incredulidade.

—Posso estar enganado, mas, juro por Deus, não estou brincando com você. Algo está batendo na tampa da mala. De dentro. Pelo barulho, é com o punho. Eu já ia entrar lá sozinho, e mudei de ideia.

—Agiu bem — disse Sandy. — Vamos.

Saíram depressa, parando justo o suficiente para Sandy poder olhar na cozinha e berrar para a sala de estar do andar de cima. Ninguém. O quartel nunca ficava deserto, mas agora estava, e por quê? Porque nunca havia um policial por perto quando era preciso, era por isso. Herb Avery estava no atendimento naquela noite, já era alguém, e juntou-se a eles.

—Quer que eu chame alguém de patrulha, Sandy? Se você quiser, posso chamar.

—Não. — Sandy olhava em volta, tentando lembrar onde vira o rolo de corda pela última vez. No depósito, provavelmente. A menos que algum destrambelhado o tenha levado para casa pensando em içar algo para o andar de cima, o que seria normal. — Vamos, George.

Os dois atravessaram o estacionamento à luz vermelha do crepúsculo, suas sombras arrastando-se quase infinitas, e foram primeiro para a porta de enrolar para dar uma olhada. O Buick estava no mesmo lugar em que se encontrava desde que o velho Johnny Parker o rebocara em seu guincho (Johnny agora estava aposentado e passava as noites com um balão de oxigênio ao lado da cama — mas continuava fumando). O carro projetava sua própria sombra no chão de concreto.

Sandy começou a virar-se para procurar a corda no depósito, e exatamente nessa hora ouviu-se um novo baque. Foi forte, uniforme e sem ênfase. A tampa do porta-malas tremeu, subiu no meio por um momento, depois tornou a baixar. Pareceu a Sandy como se o Roadmaster realmente tivesse balançado um pouco nas molas.

— Olhe! Está vendo? — disse George.

Quando ia dizer mais alguma coisa, o fecho do porta-malas do Buick abriu, a tampa pulou nas dobradiças e o peixe caiu.

Claro, não era mais peixe do que a coisa-morcego era morcego, mas ambos viram logo que não era um ser feito para viver em terra firme. Do lado que estava à vista, não tinha uma guelra só, mas sim quatro: uma carreira de quatro talhos paralelos na pele, que tinha cor de prata oxidada. Possuía um rabo rasgado e membranoso. Saiu do porta-malas com um derradeiro espasmo de agonia. Sua parte inferior arqueou-se e dobrou-se, e Sandy viu como o bicho pôde ter provocado aqueles baques. Sim, isso estava bastante claro, mas como uma coisa daquele tamanho podia caber no porta-malas fechado do Buick era algo que estava além do entendimento deles. O que bateu no chão de concreto do galpão B com um chape molhado era do tamanho de um sofá.

George e Sandy se agarraram feito crianças e gritaram. Por um momento, eram crianças, sem mais nenhum pensamento adulto na cabeça. Dentro do quartel, Mister Dillon começou a latir.

Aquilo jazia ali no chão, tão peixe quanto um lobo é um bicho de estimação

doméstico, apesar de ser bastante parecido com um cachorro. E, em todo caso, este peixe só tinha de peixe os talhos arroxeados das guelras. Onde deveria haver uma cabeça de peixe — algo que pelo menos tivesse a normalidade estável de dois olhos e uma boca — havia uma massa nua e cheia de nós de coisas cor-de-rosa, finas e rígidas demais para serem tentáculos, grossas demais para serem pelos. Cada uma terminava com um nódulo preto, e a primeira ideia coerente de Sandy foi: Um camarão, a metade superior é de algum tipo de camarão e aquelas coisas pretas são os olhos.

— O que houve? — berrou alguém. — O que foi?

Sandy virou-se e viu Herb Avery na escada dos fundos. Tinha um olhar esgazeado e a Ruger na mão. Sandy abriu a boca e, a princípio, só saiu um chiadozinho encatarrado. Ao lado dele, George nem sequer se virará. Continuava olhando pela janela boquiaberto, com cara de idiota.

Sandy respirou fundo e tentou de novo. O que pretendia ser uma ordem firme saiu como um chiado fraco de quem levou um soco na barriga, mas já era alguma coisa.

—Está tudo bem, Herb, nos trinques. Volte lá para dentro.

—Então por que você…

—Entre! — Pronto, está melhorando um pouco, pensou Sandy. —

—Entre logo, Herb. E enfie isso no coldre.

Herb olhou para a pistola como se até então não tivesse percebido que a havia sacado. Meteu-a no coldre, olhou para Sandy como se querendo perguntar se ele tinha certeza. Sandy fez pequenos gestos de abanar com as mãos e pensou: Vovó Dearborn está mandando entrar, já!

Herb foi embora, berrando para Mister D parar de latir como um idiota.

Sandy virou de novo para George, que estava branco.

— Aquilo respirava, Sandy, ou tentava respirar. As guelras se mexiam e o lado subia e descia. Agora parou. — Seus olhos estavam arregalados, como os olhos de uma criança que sofreu um acidente de carro. — Acho que morreu. — Seus lábios tremiam. — Cara, espero que tenha morrido.

Sandy olhou para dentro. A princípio, tinha certeza de que George estava enganado: a coisa ainda vivia. Ainda respirava, ou tentava respirar. Então, percebeu o que estava vendo e disse a George para pegar a filmadora no depósito.

—E a co…

—Não vamos precisar da corda, porque não vamos entrar, por enquanto, mas vá pegar a câmera. O mais depressa possível.

George deu a volta pelo lado da garagem, mal conseguindo andar. O susto

deixara-o apatetado. Sandy tornou a olhar para dentro do galpão, com uma das mãos de cada lado do rosto para proteger-se da luz vermelha do poente. Havia movimento no galpão, de fato, mas não era um movimento de vida. Era o vapor subindo do flanco prateado da coisa e também dos talhos arroxeados de suas guelras. A coisa-morcego não se decompusera, mas as folhas sim, e depressa. Esta coisa começava a apodrecer como as folhas, e Sandy teve a sensação de que, uma vez engrenado, o processo seria rápido.

Mesmo estando do lado de fora, com a porta fechada entre ele e aquilo, dava para sentir o cheiro. Um fedor azedo e aquoso de repolho misturado com pepino e sal, o cheiro de um caldo que se daria a alguém que se quisesse deixar mais doente em vez de curado.

Saía mais vapor do flanco. Também gotejava do emaranhado de fios cor-de-rosa que pareciam lhe servir de cabeça. Sandy julgou ouvir um chiado fraco, mas sabia que poderia muito bem ser imaginação sua. Então apareceu nas escamas prateadas um corte preto, que começava na membrana rasgada do rabo e terminava na guelra posterior. Um fluido negro, provavelmente a mesma substância que Huddie e Arkie encontraram em volta do cadáver da coisa-morcego, começou a escorrer — a princípio lentamente, depois com um pouco mais de força. Sandy via um volume sinistro crescendo atrás do corte na pele. Não era nenhuma alucinação, como não era o chiado. O peixe estava fazendo algo mais radical do que se decompor; estava cedendo. Rendendo-se à mudança de pressão ou talvez à mudança geral, de todo o seu ambiente. Ele lembrou-se de algo que lera uma vez (ou talvez tenha visto na tevê, num documentário da National Geographic) sobre como algumas criaturas das profundezas do mar explodiam quando eram tiradas de seus habitats.

—George!— Berrava a plenos pulmões. — Ande logo, cacilda!

George voltou voando pela esquina do galpão, segurando o tripé no alto, na junção dos pés de alumínio. A lente da filmadora brilhava acima de seu punho, parecendo o olho de um bêbado naquela luz vermelha do poente.

—Não deu para desmontá-la do tripé — arfou. — Tem algum tipo de trava e não deu tempo para descobrir, ou vai ver que eu tentei girar o raio da coisa ao contrário…

—Não tem importância.

Sandy arrancou-lhe a filmadora. De qualquer forma, o tripé não era problema algum. Os pés estavam há anos regulados para a altura das janelas das duas portas de enrolar do galpão. O problema surgiu quando Sandy apertou o botão on e olhou pelo visor. Em vez de imagem, havia apenas letras vermelhas dizendo bateria baixa.

—Puta que pariu, porra! Volte, George. Olhe na prateleira ao lado da caixa de fitas virgens. Ali tem outra bateria. Traga-a.

—Mas eu quero ver…

—Não quero saber! Ande!

George foi correndo. Seu chapéu ficara de lado na cabeça, dando-lhe um estranho aspecto confiante. Sandy apertou o botão record no lado da câmera, sem saber o que teria, mas torcendo por alguma coisa. Quando olhou de novo pelo visor, porém, até as letras que diziam bateria baixa estavam sumindo.

Curt vai me matar, pensou.

Tornou a olhar pela janela do galpão a tempo de ver o pesadelo. A coisa arrebentou ao longo do flanco, extravasando não um filete, mas um jorro daquele pus preto. Derramou-se pelo chão como o refluxo de um cano entupido. Em seguida, veio um repugnante vômito de tripas: bolsas moles de uma gelatina vermelho-amarelada. A maioria delas estourou e começou a fumegar logo ao entrar em contato com o ar.

Sandy virou-se, tapando a boca com as costas da mão até ter certeza de que não iria vomitar, depois gritou:

— Herb! Se ainda quiser ver, sua chance é agora! Venha correndo!

Por que chamar Herb Avery para presenciar a cena fora a primeira coisa que lhe passou pela cabeça, Sandy não soube dizer depois. Na hora, porém, parecia uma ideia da maior sensatez. Se tivesse chamado sua falecida mãe, também não se surpreenderia. Às vezes, a cabeça da pessoa simplesmente ultrapassa seu controle racional e lógico. Naquele momento, ele queria Herb. Não se pode deixar o atendimento sem um responsável, é uma regra que, na polícia da zona rural, todo mundo conhece, a Célebre Automática. Mas as regras foram feitas para serem quebradas, e Herb nunca mais na vida tornaria a ver algo semelhante, ninguém veria, e se Sandy não podia filmar, pelo menos teria uma testemunha. Duas, se George voltasse a tempo.

Herb veio depressa, como se estivesse a vida inteira esperando na porta dos fundos, olhando pela tela, e atravessou correndo o estacionamento quase vazio naquela luz avermelhada. Parecia assustado e ao mesmo tempo sôfrego. Quando ele vinha chegando, George despontava a toda na esquina, acenando com uma bateria nova para a filmadora. Parecia um participante de torneio que acabou de ganhar o primeiro prêmio.

—Cacilda, que cheiro é esse? — perguntou Herb, tapando a boca e o nariz de modo que tudo depois de cacilda saiu abafado.

—O cheiro não é o pior — disse Sandy. — É melhor ir olhar enquanto é tempo.

Os dois olharam e proferiram gritos de repulsa quase idênticos. O peixe estourara de cima a baixo e estava murchando — afundando no líquido negro de seu próprio sangue estranho. De seu corpo e das entranhas que já haviam saído pelo talho aberto, subia uma fumaça branca. Era espessa como a que fumega de um monte de palha molhada. Cobria o Buick desde o porta-malas aberto, transformando o Velho 54 num fantasma de carro.

Se houvesse mais coisas para ver, talvez Sandy tivesse sido mais desajeitado com a câmera, quem sabe colocando a bateria ao contrário na primeira tentativa, ou mesmo, na pressa, derrubando tudo no chão e quebrando o equipamento. O fato de que, por mais depressa que ele agisse, haveria muito pouco para filmar teve um efeito calmante, e ele conseguiu encaixar a bateria no lugar certo de primeira. Quando tornou a olhar no visor, viu uma imagem nítida de quase nada: uma coisa anfíbia sumindo, algo que poderia ter sido um fabuloso monstro marinho isolado na terra ou apenas uma versão malcheirosa do gigante de Cardiff sobre um bloco escondido de gelo seco. Na fita, dá para ver nitidamente por talvez uns dez segundos o emaranhado cor-de-rosa que fazia as vezes de cabeça do anfíbio, e uma série de calombos vermelhos que derretiam rapidamente espalhados no sentido do comprimento; vê-se o que parece uma espuma do mar suja brotando do rabo da coisa e escorrendo pelo chão de concreto num filete preguiçoso. Então a criatura que se expeliu com um espasmo do porta-malas do Buick já praticamente se esvaiu, é apenas uma sombra na névoa. O próprio carro quase não aparece. Porém, mesmo na névoa, vê-se a mala aberta, e parece uma boca. Acheguem-se criancinhas, venham ver o crocodilo vivo.

George afastou-se, enjoado e sacudindo a cabeça.

Sandy tornou a pensar em Curtis, que, para variar, saíra assim que seu turno terminara. Ele e Michelle tinham grandes planos — jantar no Cracked Platter em Harrison, e depois ir ao cinema. A essa hora, já deviam ter acabado de jantar e estar no cinema. Qual? Havia três que ficavam perto. Se eles já tivessem filhos em vez de apenas um bebê em potencial, Sandy poderia ter ligado para a casa e perguntado à baby sitter. Mas teria ele dado este telefonema? Talvez não. Era bem provável que não, aliás. Curt começara a sossegar um pouco nos últimos 18 meses, e Sandy torcia para que continuasse assim. Ele ouvira Tony dizer mais de uma vez que quando se tratava da PEP (ou qualquer organização policial digna do nome), a melhor maneira de se avaliar uma pessoa era pela resposta sincera a uma única pergunta: como vão as coisas em casa? O trabalho, além de perigoso, era louco, cheio de oportunidades para ver as pessoas no que elas tinham de pior. A longo prazo, para fazê-lo bem, para fazê-lo honestamente, um tira precisava de uma âncora. Curt tinha Michelle, e agora o bebê (talvez). Seria melhor ele não voltar correndo para o quartel a menos que fosse imprescindível, sobretudo quando precisava mentir sobre o motivo. Uma mulher podia engolir apenas umas tantas histórias de raposas hidrófobas e mudanças inesperadas na escala de turnos. Ele ficaria furioso por não ter sido avisado, mais ainda quando visse aquela fita ferrada, mas Sandy resolveria essa parada. Não tinha jeito. E Tony teria voltado. Tony o ajudaria a resolver.

O dia seguinte foi fresco, com uma brisa fria. Eles levantaram as portas de enrolar do galpão B e deixaram o lugar arejando durante uma seis horas.

Depois, quatro policiais, encabeçados por Sandy e um policial Wilcox de semblante impassível, entraram com mangueiras. Limparam o concreto e

empurraram com a água os últimos pedaços podres do peixe para o capim alto atrás do galpão. Foi mesmo uma repetição da história do morcego, só que com mais sujeira e menos para mostrar no fim do dia. Acabou sendo mais uma história sobre Curtis e Sandy Dearborn do que sobre os despojos daquele grande peixe desconhecido.

Curt ficou mesmo furioso por não ter sido avisado, e os dois policiais tiveram uma discussão extremamente acalorada a respeito deste — e de outros assuntos —, depois que chegaram a um lugar onde não podiam ser ouvidos por ninguém do turno. Acabou sendo no estacionamento atrás do Tap, onde foram tomar uma cerveja quando terminou a operação faxina. No bar, apenas conversaram, mas uma vez na rua começaram a elevar a voz. Logo estavam os dois tentando falar ao mesmo tempo e, obviamente, isso levou à gritaria. Quase sempre leva.

Cara, não dá para acreditar que você não tenha me avisado.

Você não estava de serviço, tinha saído com a sua mulher e, além do mais, não havia nada para ver.

Eu gostaria que você tivesse deixado que eu decidisse.

Não tinha…

…decidisse que, Sandy…

…sempre! Tudo aconteceu…

Pelo menos você podia ter conseguido fazer um vídeo mais ou menos decente para o arquivo…

Você está falando do arquivo de quem, Curtis? Hã? De quem?

A essa altura, os dois estavam com os narizes quase se tocando, punhos cerrados, quase chegando às vias de fato. Sim, estavam mesmo prestes a chegar às vias de fato. Na vida, há momentos que não têm importância e há momentos decisivos — uns 12, talvez — em que tudo está num ponto de virada. Ali no estacionamento, querendo dar um murro no garoto que não era mais garoto, no novato que não era mais novato, Sandy viu que estava num desses momentos. Gostava de Curt, e Curt gostava dele. Haviam trabalhado juntos bem nos últimos anos. Mas, se aquele entrevero fosse adiante, tudo isso mudaria. Dependia do que dissesse em seguida.

— Aquilo fedia como uma cesta de visons.

Foi o que ele disse. Foi um comentário que veio do nada, ou pelo menos ele não podia detectar sua origem.

—Mesmo de fora.

—Como você conhece o cheiro de uma cesta de vison?.

—Curt começava a sorrir. Só um pouquinho.

—Pode chamar isso de licença poética.

Sandy também começava a sorrir, mas também só um pouquinho. Haviam tomado a direção certa, mas ainda não haviam saído da enrascada. Então Curtis perguntou:

—Fedia mais do que os sapatos daquela puta? A de Rocksburg?

Sandy começou a rir. Curt fez a mesma coisa. E, de repente, tinham vencido o momento decisivo.

—Vamos lá dentro — disse Curt. — Convido você para outra cerveja.

Sandy não queria outra cerveja, mas disse tudo bem. Porque agora não se tratava de cerveja; tratava-se de deixar a cagada para trás.

De novo lá dentro, sentados num reservado de canto, Curt disse:

—Eu meti as mãos naquela mala, Sandy. Dei pancadas no fundo dela.

—Eu também.

—E estive embaixo do carro numa prancha. Não é truque de mágico, como uma caixa com fundo falso.

—Mesmo se fosse, não foi nenhum coelho branco que saiu dali ontem.

Curt disse:

— Para desaparecerem, basta as coisas estarem perto. Mas quando aparecem elas sempre saem da mala. Concorda?

Sandy refletiu. Nenhum deles realmente viu a coisa-morcego sair do porta-malas do Buick, mas o porta-malas estava, de fato, aberto. Quanto às folhas, sim — Phil Candleton as vira sair num turbilhão.

— Concorda?

Seu tom de voz agora era impaciente, dizendo que Sandy tinha que concordar, era tão óbvio, cacilda.

— Parece provável, mas acho que ainda não temos provas suficientes para ter cem por cento de certeza — respondeu Sandy afinal. Sabia que essa afirmação o faria parecer a Curt irremediavelmente enfadonho, mas era o que achava. — Uma andorinha sozinha não faz verão. Já ouviu essa?

Curt esticou o beiço e bufou exasperado.

—Certo como dois e dois são quatro, já ouviu essa?.

—Curt…

Curt levantou as mãos como se para dizer, não, não, não precisavam voltar ao estacionamento e retomar a coisa de onde haviam deixado.

—Entendo seu argumento. Certo? Não concordo, mas entendo.

—Certo.

—Só me diga uma coisa: quando vamos ter o suficiente para tirar conclusões? Não sobre tudo, mas talvez sobre as coisas mais importantes. Tipo de onde vieram o morcego e o peixe, por exemplo. Se eu tivesse que me conformar com apenas uma resposta, provavelmente seria com essa.

—Provavelmente nunca.

Curt levantou as mãos para o teto de estanho manchado de fumo, e tornou a deixá-las cair na mesa com um baque.

— Ahh! Eu sabia que você ia dizer isso! Eu poderia estrangular você, Dearborn!

Olharam-se por cima da mesa, por cima das cervejas que nenhum dos dois queria, e Curt começou a rir. Sandy sorriu. E logo estava rindo também.

AGORA: SANDY

Ned me deteve aqui. Disse que queria ir lá dentro telefonar para a mãe. Dizer-lhe que estava bem, jantando no quartel com Sandy e Shirley e mais dois agentes. Contar-lhe mentiras, em outras palavras. Como seu pai havia feito antes dele.

— Não vão embora — disse da porta. — Não se arredem daí. Quando ele saiu, Huddie olhou para mim. Sua cara larga estava pensativa.

—Acha boa ideia contar isso tudo a ele, sargento?

—Ele vai querer ver aquelas fitas todas — disse Arky com tristeza.

—Estava bebendo uma soda limonada. — O filme do próprio inferno.

—Não sei se é boa ou má ideia — disse eu, bastante irritado. — Só sei que agora é meio tarde para recuar.

Então levantei e entrei.

Ned estava pondo o fone no gancho.

— Aonde vai? — perguntou.

Tinha o cenho franzido, e me lembrei do confronto que tive com o pai dele em frente ao Tap, o pé-sujo que se tornara o segundo lar de Eddie J. Naquela noite, Curt franzia o cenho exatamente do mesmo jeito.

— Só ao banheiro — eu disse. — Calma, Ned, você vai ter o que quer. O que houver, pelo menos. Mas precisa parar de ficar esperando a conclusão.

Entrei no banheiro e fechei a porta antes que ele tivesse tempo de responder. E mais ou menos os 15 segundos seguintes foram de puro alívio. Assim como cerveja, chá gelado é algo que não dá para comprar, só alugar. Quando tornei a sair, o banco dos fumantes estava vazio. Eles haviam ido para o galpão B e olhavam para dentro, cada um por sua própria janela na porta de enrolar que dá para os fundos do quartel, cada um naquela posição de observador que eu tão bem conhecia. Só que agora a coisa mudou na minha cabeça. É exatamente o contrário. Cada vez que vejo uma fila de curiosos junto a um tapume ou a cavaletes que bloqueiam o buraco de alguma escavação, a primeira coisa que me vem à cabeça é o galpão B e o Buick 8.

— Estão vendo aí dentro alguma coisa que vocês preferem a vocês mesmos? — gritei para eles.

Parecia que não. Arky foi o primeiro a voltar, seguido por Huddie e Shirley. Phil e Eddie demoraram um pouco mais, e o filho de Curt foi o último a voltar ao estacionamento do quartel. Tal pai, tal filho até nisso. Curtis também sempre se demorava mais na janela. Isto é, se tivesse tempo. Mas ele não arranjava tempo, porque nunca dava prioridade ao Buick. Se desse, certamente teria

chegado às vias de fato comigo naquela noite no Tap em vez de encontrar uma forma de rir e recuar. E encontramos porque uma briga nossa seria ruim para o regimento e, para ele, o regimento passava na frente de tudo — do Buick, da mulher, da família, quando teve família. Uma vez lhe perguntei qual era o seu maior orgulho na vida. Foi por volta de 1986, e imaginei que diria ser o filho. A resposta foi: O uniforme. Entendi isso e reagi bem, mas seria falso da minha parte não acrescentar que aquilo também me deixou um pouco horrorizado. Mas foi o que o salvou, sabe. O orgulho que tinha do trabalho que fazia e do uniforme que usava lhe dava equilíbrio, quando o Buick poderia fazer o contrário e levá-lo a uma loucura obsessiva. O trabalho também não o matou? Suponho que sim. Mas houve um intervalo de anos, de vários anos bons. E agora tinha aquele garoto, que estava aflito porque não tinha o trabalho para equilibrá-lo. A única coisa que tinha era um monte de perguntas, e a crença ingênua de que, só porque achava que precisava das respostas, essas respostas viriam. Asneira, seu pai talvez dissesse.

— A temperatura lá dentro baixou mais um pouquinho — disse Huddie quando tornamos a estar todos sentados. — Não deve ser nada, mas pode ser que aquilo ainda nos reserve umas surpresas. É melhor ficarmos de olho.

— O que aconteceu depois que você e meu pai quase saíram no braço? — perguntou Ned. — E não me venha também com histórias de chamadas e códigos. Eu já conheço essas coisas. Lembre-se que estou aprendendo a tocar o atendimento.

Mas o que o garoto estava aprendendo? Depois de um mês no cubículo, trabalhando com autorização oficial com o rádio, os computadores e os modems, o que sabia realmente? As chamadas e os códigos, sim, aprendia rápido e falava mesmo com voz de profissional quando atendia o telefone vermelho dizendo: Polícia estadual de Statler, regimento D, agente de comunicações Wilcox falando, em que posso ajudá-lo?, mas saberia que cada chamada e cada código são um elo de uma cadeia? Que há cadeias em toda parte, e cada elo era mais forte ou mais fraco que o anterior? Como esperar que um garoto, por mais esperto que fosse, soubesse isso? Numa citação truncada de Jacob Marley, estas são as cadeias que forjamos na vida. Nós as fazemos, usamos e às vezes compartilhamos. George Morgan não se matou mesmo na garagem de casa; apenas se enredou numa dessas cadeias e se enforcou. Mas não sem antes nos ter ajudado a cavar a sepultura de Mister Dillon num dia escaldante de verão, depois da explosão do caminhão-tanque em Poteenville.

Não havia chamada nem código para a permanência cada vez mais prolongada de Eddie Jacubois no Tap, nem para a traição de Andy Colucci à mulher, a descoberta de sua infidelidade e suas súplicas não atendidas por mais uma chance. Também não havia código para a saída de Matt Babicki, nem para a chegada de Shirley Pasternak. Há coisas que não têm explicação a menos que se admita um conhecimento daquelas cadeias, algumas feitas de amor e outras de puro acaso. Como Orville Garrett com um joelho no chão à beira da sepultura recém-aberta de Mister Dillon, chorando, pousando na terra a coleira de D e

dizendo: Perdão, parceiro, perdão.

E tudo isso era importante para minha história? Eu achava que sim. O garoto, obviamente, pensava diferente. Eu tentava lhe dar um contexto e ele repelia isso, assim como os pneus do Buick repeliam qualquer invasão — sim, até a menor lasquinha de cascalho, que não ficava presa nos frisos. Podia-se introduzi-la ali, mas em cinco, dez ou 15 segundos, tornava a cair. Tony tentara essa experiência; eu tentara; o pai deste menino tentara diversas vezes, muitas delas com a filmadora rodando. E agora, cá estava o próprio menino, vestido à paisana, sem um uniforme cinza para equilibrar o seu interesse no Buick, cá estava ele, repelindo até mesmo o milagre de oito cilindros indubitavelmente perigoso de seu pai, querendo ouvir o caso descontextualizado e fora da história, não encadeado e imaculado. Queria o que lhe convinha. Revoltado como estava, achava que tinha esse direito. Eu achava que ele estava errado, e até estava danado com ele, mas digo com toda a sinceridade que gostava dele, também. Era tão parecido com o pai. Até no olhar de vamos-jogar-bingo-com-o-dinheiro-do-contra-cheque.

— Não posso lhe contar a parte seguinte — eu disse. — Não vi. Virei-me para Huddie, Shirley, Eddie J. Nenhum deles parecia à vontade. Eddie evitava o meu olhar.

— O que vocês dizem, gente? — perguntei-lhes. — O agente de comunicações Wilcox não quer saber de chamadas nem códigos, só do caso.

Lancei a Ned um olhar irônico que ou ele não entendeu ou optou por não entender.

— Sandy, o que… — começou Ned, mas fiz-lhe um sinal com a mão como um guarda de trânsito.

Eu abrira a porta para isso. Provavelmente a abrira na primeira vez em que cheguei ao quartel e o vi cortando o gramado, e não o mandei para casa. Ele queria ouvir o caso. Ótimo. Vamos deixá-lo ouvir e encerrar o assunto.

— Esse menino está esperando. Qual de vocês vai ajudá-lo? E quero ouvir tudo. Eddie.

Ele deu um pulo como se eu tivesse lhe cutucado o rabo, e me olhou nervoso.

— Como se chamava o cara? O de botas de caubói e colar de nazista?

Eddie pestanejou, chocado. Seus olhos perguntavam se eu tinha certeza. Ninguém falava naquele cara. Pelo menos até agora. Às vezes falávamos do dia do caminhão-tanque, ríamos de como Herb e o sujeito haviam tentado fazer as pazes com Shirley colhendo um ramo de flores para ela lá nos fundos (isso foi justo antes de a merda bater no ventilador), mas não do cara de botas de caubói. Dele não. Nunca.

Mas agora íamos falar

—Leppler? Lippman? Lippier? Era algo assim, não?

—O nome dele era Brian Lippy — disse Eddie afinal. — Ele e eu já nos conhecíamos.

—E mesmo? — perguntei. — Eu não sabia.

Comecei a parte seguinte, mas Shirley Pasternak contou um bom pedaço da história (isto é, desde que entrou nela), falando com entusiasmo, olhando nos olhos de Ned e com a mão pousada na dele. Não me surpreendeu que tenha sido ela, nem que, depois de um tempo, Huddie tenha intervindo e começado a contar também, alternando com ela. O que me surpreendeu foi quando Eddie J começou a intervir… primeiro iluminando a história, depois focalizando fatos específicos. Eu lhe dissera para ficar por ali até ter algo a dizer, mas mesmo assim fiquei surpreso quando chegou sua vez e ele começou a falar. A princípio, falava baixo, com hesitação, mas, quando chegou na parte em que se descobria que o babaca do Lippy arrebentara a janela, passou a falar num tom firme e decidido como alguém que se lembrava de tudo e tomara a decisão de nada esconder. Falava sem olhar para Ned, para mim ou para qualquer um de nós. Era para o galpão que ele olhava, aquele que de vez em quando paria monstros.

ENTÃO: SANDY

No verão de 1988, o Buick 8 já era aceito como parte integrante da vida do regimento D, igual a qualquer outra. E por que não? Com tempo e uma boa dose de boa vontade, qualquer monstro pode se integrar em qualquer família. Foi o que sucedera nos nove anos desde o desaparecimento do homem da capa preta (O óleo está bom!) e de Ennis Rafferty.

O carro ainda dava seus espetáculos luminosos de vez em quando, e Curt e Tony continuavam a fazer experiências de vez em quando. Em 1984, Curtis experimentou uma filmadora que podia ser acionada por controle remoto dentro do Buick (nada aconteceu). Em 85, Tony tentou mais ou menos o mesmo com um gravador Wollensak último tipo (conseguiu um zumbido fraco e intermitente e o grasnido distante de alguns corvos, nada mais). Houve algumas outras experiências com animais vivos. Uns morreram, mas nenhum desapareceu.

Em geral, as coisas iam se assentando. Quando aconteciam, os espetáculos luminosos não chegavam aos pés dos primeiros (nem do colosso do de 1983, obviamente). O maior problema do regimento D naquela época foi causado por alguém que não sabia absolutamente nada sobre o Buick. Edith Hyams (também conhecida como o Dragão) continuava falando com a imprensa (isto é, quando a imprensa lhe dava ouvidos) sobre o desaparecimento do irmão. Continuava afirmando que não havia sido um desaparecimento normal (o que uma vez levou Sandy e Curt a refletirem sobre o que poderia ser um desaparecimento normal). E também continuava afirmando que os colegas de Ennis sabiam mais do que contavam. Naturalmente, estava absolutamente certa quanto a isso. Curt Wilcox disse mais de uma vez que, se o regimento D viesse a ter problemas sérios por causa do Buick, seria por culpa daquela mulher. Em público, porém, os colegas de Ennis continuavam a apoiá-la. Era a melhor garantia para eles, todos sabiam. Após uma das incursões de Edith à imprensa, Tony disse: Não liguem, meninos. O tempo está do nosso lado. Lembrem-se disso e continuem sorrindo. E tinha razão. Em meados dos anos 80, a maioria dos representantes da imprensa já não retornava as ligações dela. Até a WKML, a emissora independente presente em três condados, cujo noticiário das cinco costumava apresentar reportagens sobre aparições de um humanoide no bosque de Lassburg, e informações médicas obsequiosas como CÂNCER NO RESERVATÓRIO DE ÁGUA! A SUA SERÁ A PRÓXIMA CIDADE?, havia começado a perder o interesse em Edith.

Em outras três ocasiões, apareceram coisas no porta-malas do Buick. Uma vez, foi meia dúzia de grandes besouros verdes que não se pareciam com nenhum besouro jamais visto por ninguém do regimento D. Curt e Tony passaram uma tarde na Universidade de Horlicks, folheando pilhas de textos de entomologia e não encontraram nada parecido com aqueles insetos verdes. Na verdade, o próprio tom de verde era diferente de tudo que qualquer pessoa do regimento D já tivesse visto, embora ninguém soubesse explicar exatamente em

que era diferente. Carl Brundage chamou-o de verde dor de cabeça. Porque os bichos eram da cor das enxaquecas que ele às vezes tinha, disse. Quando apareceu, a meia dúzia toda estava morta. Ao se bater nas carapaças com o cabo de uma chave de fenda, obtinha-se o tipo de barulho que se obtém quando se bate com algo de metal num bloco de madeira.

—Quer tentar uma dissecação? — perguntou Tony a Curt.

—Você quer? — replicou Curt.

—Não especialmente.

Curt olhou para os besouros no porta-malas — quase todos de costas, com as patas para cima — e suspirou.

— Nem eu. Para quê?

Então, em vez de serem espetados num quadro de cortiça e dissecados enquanto a filmadora rodava, os insetos foram ensacados, etiquetados com a data (a linha na etiqueta para nome/posto do agente ficou em branco, claro) e guardados no porão naquele arquivo verde amassado. Permitir que os besouros alienígenas fizessem sua viagem do porta-malas do Buick para o arquivo verde sem serem examinados foi mais um passo de Curt no caminho da aceitação. Mas, às vezes, aquela antiga expressão fascinada ainda voltava a seus olhos. Tony ou Sandy o viam à porta de enrolar, olhando para dentro, e, quase sempre, estava lá aquela faísca. Na cabeça de Sandy, aquele passou a ser o olhar de Curtis, o gato louco, embora ele nunca tenha dito nada a ninguém, nem mesmo ao sargento. Os outros perderam interesse nas crias natimortas do Buick, mas o policial Wilcox nunca perdeu.

Para Curtis, a familiaridade jamais gerava desprezo.

Num dia frio de fevereiro de 1984, mais ou menos cinco meses depois do aparecimento dos insetos, Brian Cole meteu a cabeça na sala do sargento-chefe. Tony Schoondist estava em Scranton, tentando explicar por que não gastara toda a dotação orçamentária para 1983 (nada como um ou dois sargentos-chefes pão-duros para deixar o resto mal), e Sandy Dearborn estava ocupando a cadeira grande.

—Acho bom você ir dar uma voltinha até o galpão dos fundos, chefe — disse Brian. — Código D.

—Estamos falando de que tipo de código D, Bri?

—A mala está aberta.

—Tem certeza de que não abriu de repente? Não há fogos de artifício desde antes do Natal. Em geral…

—Em geral há fogos de artifício, eu sei. Mas a temperatura lá dentro andou muito baixa nesta última semana. Além do mais, estou vendo algo.

Isso fez Sandy se levantar. Sentia os dedos gordos do velho medo

agarrarem furtivamente seu coração e começarem a apertar. Outra sujeira para limpar. Provavelmente. Deus permita que não seja outro peixe, pensou. Nada que tenha de ser tirado com jatos de mangueira por homens usando máscaras.

— Acha que pode estar vivo? — perguntou Sandy. Tinha a impressão de que sua voz estava bastante calma, mas não se sentia especialmente calmo. — A coisa que você viu, parece…

— Parece uma espécie de planta arrancada pela raiz — disse Brian. — Uma parte está pendurada por cima do para-choque traseiro. Vou lhe dizer uma coisa, chefe, parece um pouco com um lírio da páscoa.

— Mande Matt chamar Curtis na patrulha. De qualquer forma, o turno dele está quase acabando.

Curt acusou o recebimento do código D, informou a Matt que se encontrava na rodovia Sawmill e que estaria de volta em 15 minutos. Isso dava tempo a Sandy de ir pegar o rolo de corda amarela no depósito e dar uma boa olhada no galpão B com um binóculo barato que ele também guardava no depósito. Concordou com Brian. A coisa pendurada no porta-malas, de um branco sujo e membranoso tirante a verde-escuro, parecia um lírio da páscoa. Dos que se veem uns cinco dias depois do feriado, murchos e quase mortos.

Curt apareceu, estacionou de qualquer maneira defronte da bomba de gasolina e foi correndo ter com Sandy, Brian, Huddie, Arky Arkanian e alguns outros que se encontravam diante das janelas do galpão com aquela pose de observador. Sandy passou-lhe o binóculo e Curt pegou-o. Ficou quase um minuto com ele, primeiro fazendo pequenos ajustes no foco, depois só olhando.

—Então? — perguntou Sandy quando ele finalmente terminou.

—Vou entrar — respondeu Curt, uma resposta que não surpreendeu Sandy nem um pouco; por que outro motivo ele se daria ao trabalho de ir pegar a corda? — E se a coisa não endoidar e tentar me morder, vou fazer fotos dela, filmá-la e ensacá-la. Só preciso de cinco minutos para me preparar.

Não precisou de tanto tempo. Saiu do quartel usando luvas cirúrgicas — que já estavam ficando conhecidas na PEP como luvas de AIDS —, uma bata de barbeiro, galochas de borracha e uma touca de banho no cabelo. Tinha uma Puff-Pak pendurada ao pescoço, uma pequena máscara de plástico para respirar com sua própria reserva de ar que dava para cinco minutos. Trazia uma câmera Polaroid na mão e um saco de lixo verde enfiado no cinto.

Huddie tirara a filmadora do tripé e agora a focalizava em Curt, que parecia três fantastique atravessando virilmente o estacionamento com sua touca de banho azul e suas galochas vermelhas (ainda mais quando Sandy lhe amarrou a corda amarela na cintura).

— Você está lindo! — gritou Huddie, olhando pela filmadora. — Acene para seus fãs fervorosos!

Curtis Wilcox acenou obediente. Alguns de seus fãs veriam esta fita nos dias subsequentes à sua morte repentina 17 anos depois, tentando não chorar ao mesmo tempo em que riam daquela sua simpática cara de bobo.

Da janela aberta do atendimento, quando ele passou, Matt cantou com uma voz de tenor surpreendentemente possante:

— Hug me… you sexy thing Kiss me… you sexy thing!

Curt levou tudo na esportiva, mas era uma coisa secundária para ele. As risadas de seus colegas eram como algo entreouvido em outra sala. Estava com aquele brilho nos olhos.

—Isso não é mesmo muito inteligente — disse Sandy apertando bem a corda na cintura de Curt. Mas sem muita esperança de fazê-lo mudar de ideia. — Devíamos esperar para ver o que vai acontecer. Garantir que é só isso, que não vem mais nada.

—Eu vou estar legal — disse Curt.

Seu tom era ausente; ele mal ouvia. Estava quase todo metido dentro da própria cabeça, repassando uma lista de coisas para fazer.

—Talvez — disse Sandy —, e talvez a gente esteja ficando um pouco descuidado com isso. — Sem saber se era mesmo verdade, mas querendo falar, para experimentar. — Estamos começando a acreditar que se nada nos aconteceu até agora, não vai acontecer mais. É assim que os tiras e os domadores de leão se dão mal.

—Estamos bem — disse Curt, e aí, parecendo não se dar conta da contradição, mandou os outros se afastarem.

Eles se afastaram, e ele pegou a filmadora de Huddie, colocou-a no tripé e pediu a Arky para abrir a porta. Arky apertou o botão do controle remoto que trazia pendurado no cinto e a porta subiu chocalhando nos trilhos.

Curt deixou a correia da Polaroid lhe escorregar até o cotovelo para pegar o tripé da filmadora, e entrou no galpão B. Ficou um instante entre a porta e o Buick, a mão enluvada tocando a máscara Puff-Pak que tinha sob o queixo, pronto para puxá-la imediatamente caso o ar estivesse tão empesteado quanto no dia do peixe.

— Não está ruim — disse. — Só um cheirinho de alguma coisa doce. Talvez seja um lírio da páscoa.

Não era. As flores em forma de trombeta — três delas — eram pálidas como mãos de cadáver, e quase translúcidas. Dentro de cada uma havia uma mancha de uma substância azul-escura que parecia geleia. Desta geleia, pendiam pequenas sementes. As hastes mais pareciam cortiça de árvore do que partes de uma planta em flor, apresentando uma rede de gretas e recortes nas superfícies verdes. Havia manchas marrons parecendo excrescências fungoides, alastrando-se. As hastes saíam juntas num bolo de terra preta cheio de raízes.

Quando se inclinou sobre isso (nenhum deles gostava de ver Curt debruçar-se assim sobre o porta-malas do carro, era o mesmo que ver uma pessoa meter a cabeça na boca de um urso), Curt disse que estava tornando a sentir o cheiro de repolho. Era fraco, mas inconfundível.

—E lhe digo uma coisa, Sandy, também cheira a sal. Eu sei. Passei muitos verões em Cape Cod, e não dá para não sentir.

—Não quero saber se cheira a trufa e caviar — respondeu Sandy. — Caia fora daí.

Curt riu —vovó Dearborn boba!—, mas recuou. Deixou a filmadora no tripé focalizada no porta-malas, ligou-a, e depois, pelo sim, pelo não, fez umas fotos Polaroid.

— Entre Sandy, confira.

Sandy refletiu sobre isso. Má ideia, péssima. Ideia idiota. Sem dúvida alguma. E uma vez que teve isso claro na cabeça, Sandy entregou a Huddie o rolo de corda e entrou. Olhou para as flores murchas no porta-malas do Buick (e para a pendurada na borda, a que Brian Cole vira) e não conseguiu evitar um pequeno estremecimento.

— Eu sei — disse Curt, baixando a voz para os policiais do lado de fora não ouvirem. — Só olhar já incomoda, não? É o equivalente visual de ouvir as unhas de uma pessoa raspando o quadro-negro.

Sandy fez que sim com a cabeça.

—Mas o que desencadeia essa reação? — perguntou Curt. — Não consigo identificar nada. Você consegue?

—Não. — Sandy passou a língua nos lábios, que estavam secos. — E acho que é porque está tudo junto. O branco é uma grande parte disso.

—O branco. A cor.

—É. Indecente. Feito barriga de sapo.

—Feito teias de aranha tecidas dentro de flores — disse Curt.

Os dois se olharam um instante, tentando sorrir e não se saindo muito bem. Poetas da polícia estadual, policial Frost e policial Sandburg. Depois estariam comparando o raio da coisa com um dia de verão. Mas era preciso tentar fazer isso, porque parecia que só se podia entender o que se via por um ato de reflexão mental semelhante à poesia.

Outros símiles, menos coerentes, chocavam-se e saracoteavam na cabeça de Sandy. Branco como uma hóstia na boca de uma mulher morta. Branco como uma afta embaixo da língua. Branco como a espuma da criação justo além do limite do universo, talvez.

— Essa planta vem de um lugar que nem dá para começar a entender —

disse Curt. — Dele, nossos sentidos não conseguem captar nada de fato. Falar sobre ela é piada: é como descrever um triângulo de quatro lados. Olhe Sandy. Está vendo?

Apontou com um dedo enluvado para uma mancha marrom bem embaixo de um dos cadáveres de lírio.

—Sim, estou vendo. Parece uma queimadura.

—E está aumentando. Todas as manchas estão. Fique olhando para a flor. — Era outra mancha marrom, alastrando-se enquanto olhavam para ela, abrindo um buraco que não parava de aumentar na frágil pele branca da flor. — Isso é decomposição. Não ocorre exatamente da mesma forma que com o morcego e o peixe, mas está ocorrendo, assim mesmo. Não?

Sandy fez que sim com a cabeça.

— Por favor, puxe o saco de lixo do meu cinto e abra.

Sandy fez isso. Curt meteu a mão dentro do porta-malas e pegou a planta por cima do bulbo cheio de raízes. Aí, chegou a eles um bafo daquele fedor de repolho aguado e pepino estragado. Sandy deu um passo atrás tapando a boca com a mão, tentando em vão prender um engulho.

— Deixe o saco aberto, pomba! — gritou Curt com uma voz abafada. Sandy achou que ele falava como uma pessoa que tinha acabado de dar um tapinha num baseado de primeira e queria reter a fumaça o máximo possível. — Nossa, que nojo tocar nisso! Mesmo de luvas!

Sandy manteve o saco aberto e sacudiu a borda.

— Depressa, então!

Curt jogou lá dentro o cadáver do lírio, e até o ruído que este fez ao cair no saco tinha algo de errado — como um sussurro áspero, algo sendo comprimido ininterruptamente entre duas tábuas e quase sufocando em silêncio. Nenhum dos símiles era correto, contudo cada um parecia iluminar brevemente o que, em essência, era incognoscível. Sandy Dearborn não podia expressar nem para si mesmo quão fundamentalmente repugnantes e aflitivos eram os cadáveres dos lírios. Como todos os abortos do Buick. Quem passasse muito tempo pensando neles corria um sério risco de enlouquecer de verdade.

Curt já ia limpar as mãos enluvadas na camisa, mas mudou de ideia. Debruçou-se sobre o porta-malas do Buick e energicamente esfregou as mãos no tapete do fundo. Então, tirou as luvas, fez sinal para que Sandy abrisse novamente o saco plástico e jogou-as lá dentro em cima do cadáver do lírio. Aquele cheiro tornou a sair, lembrando a Sandy o dia em que sua mãe, devorada por um câncer e com menos de uma semana de vida, arrotara em sua cara. Seu esforço instintivo porém fraco para bloquear essa lembrança antes que ela pudesse entrar plenamente em sua consciência foi inútil.

Por favor, que eu não vomite, pensou Sandy. Ah, não, por favor.

Curt verificou se as polaroides que trouxera continuavam enfiadas em seu cinto, aí bateu o porta-malas do Buick.

—Vamos dar o fora daqui, Sandy. O que diz?

—Digo que é a melhor ideia que você já teve esse ano todo.

Curt piscou para ele. Era a perfeita piscadela de malandro, só estragada por sua palidez e o suor lhe escorrendo pelas faces e pela testa.

— Como só estamos em fevereiro, não é dizer muito. Vamos.

Quatorze meses depois, em abril de 1985, o Buick produziu um tremor luminoso breve porém violento — o mais forte e mais brilhante desde o Ano do Peixe. A potência do evento contrariava a ideia de Curt e Tony de que a energia que emanava do Roadmaster estava se dissipando. Por outro lado, sua brevidade parecia defender esta ideia. No fim, era uma questão de escolha. Como sempre, aliás.

Dois dias após o tremor luminoso, com a temperatura no galpão B estabilizada em 15,5 graus, o porta-malas do Buick abriu-se, e lá de dentro pulou um pau vermelho, como se impelido por um jato de ar comprimido. Arky Arkanian estava no galpão quando isso aconteceu, pendurando sua cavadeira de volta na parede, e tomou um bruta susto. O pau vermelho bateu numa das vigas do teto, caiu com um estrondo no teto do Buick e rolou para o chão. Oi, forasteiro.

A novidade tinha uns 23 centímetros, era irregular, da grossura do pulso de um homem, com dois nós da madeira furados numa ponta. Foi Andy Colucci, olhando de binóculo cinco ou dez minutos depois, que determinou que os buracos eram olhos, e o que pareciam sulcos e gretas num lado da coisa era, na verdade, uma perna, talvez levantada em sua agonia final. Não era um pau, pensou Andy, mas sim alguma espécie de lagarto vermelho. E, como o peixe, o morcego e o lírio, já era.

Desta vez, era Tony Schoondist quem devia entrar e recolher o espécime, e naquela noite no Tap disse a vários policiais que foi um custo tocar naquilo.

— O raio da coisa me olhava — disse. — Pelo menos parecia. Morta ou não. — Serviu-se de um copo de cerveja e bebeu-o de um gole só. — Tomara que acabe nisso — disse. — Tomara mesmo.

Mas claro que não acabou.

É engraçado como um dia pode ficar marcado por pequenas coisas na cabeça da gente. Aquela sexta-feira de 1988 deve ter sido o pior dia da minha vida — passei seis meses sem dormir direito depois, e perdi quase 12 quilos porque não conseguia comer —, mas marco a data por uma coisa agradável. Foi o dia em que Herb Avery e Justin Islington me trouxeram o buquê de flores do campo. Justo antes que tudo endoidasse.

Aqueles dois estavam na minha lista negra. Estragaram minha saia de linho nova em folha, fazendo algazarra na cozinha. Eu não queria me meter naquilo, só ia pegar uma xícara de café. Não estava prestando atenção, e não é aí que costumam pegar a gente? Os homens, quero dizer. Eles passam algum tempo bonzinhos, então você relaxa, até é levada a pensar que não são malucos, e aí eles se mostram. Herb e Islington entraram na cozinha galopando feito dois cavalos, gritando sobre uma aposta qualquer. Justin socava a cabeça de Herb e gritava: Pague, seu filho de uma égua, pague! E Herb dizia: A gente só estava brincando, eu não aposto quando jogo cartas, me largue! Mas rindo, os dois. Feito malucos. Justin estava montado nas costas de Herb, as mãos em volta do pescoço dele, pretendendo estrangulá-lo. Herb tentava fazê-lo cair, nenhum dos dois olhando para mim ou se dando conta de que eu estava ali, ao lado da máquina de café com aquela saia nova em folha. Simplesmente a agente de comunicações Pasternak, sabe — parte dos móveis e utensílios.

— Cuidado, seus estabanados! — gritei, mas já era tarde. Eles me deram um encontrão antes que eu conseguisse pousar a xícara, e o café entornou todo em cima de mim. Na blusa, eu não liguei, era uma blusa velha, mas a saia era novinha em folha. E boa. Na véspera, à noite, eu tinha passado meia hora ajustando a bainha.

Dei um grito, e eles finalmente pararam com os empurrões e os socos. Justin ainda tinha uma perna enroscada no quadril de Herb e as mãos em volta de seu pescoço. Herb me olhava boquiaberto. Era um bom sujeito (quanto a Islington, eu não podia dizer nada; ele foi transferido para o regimento K em Media antes que eu tivesse podido conhecê-lo realmente), mas com a boca aberta daquele jeito Herb Avery parecia a idiotice em pessoa.

—Nossa, Shirley — disse. Sabe, ele falava como Arky, agora que estou pensando nisso (o mesmo sotaque, só que não tão acentuado). — Eu não vi você aí.

—Não me admira — disse eu —, com aquele outro tentando montar em você como se você fosse um cavalo no Derby de Kentucky, pomba.

—Você se queimou? — perguntou Justin.

—Me queimei, e como — respondi. — Essa saia custou 35 dólares na JC Penney, e é a primeira vez que a uso para trabalhar, e ela está estragada. E eu

estou queimada mesmo.

—Puxa vida, calma, a gente pede desculpas — disse Justin.

Teve até a cara de pau de falar com voz de ofendido. E isso foi outra coisa que já aprendi sobre os homens, com o perdão da filosofia. Se pedem desculpas, supõe-se que você se derreta toda, porque isso resolve tudo. Não importa que eles quebrem uma janela, explodam a lancha ou percam o dinheiro da poupança para a faculdade das crianças no blackjack em Atlantic City. É como se dissessem: Ei, eu pedi desculpas, você precisa fazer uma cena por causa disso?

—Shirley… — começou Herb.

—Agora não, gracinha, agora não — eu disse. — Vão embora daqui. Saiam da minha frente.

Enquanto isso, o policial Islington havia pegado um punhado de guardanapos no balcão e começava a limpar a frente da minha saia.

— Pare com isso! — eu disse, agarrando-lhe o pulso. — Está pensando que isso aqui é o quê? Convite à mão boba?

—Só pensei… se ainda não tivesse entranhado…

Perguntei-lhe se sua mãe tinha filhos vivos e ele saiu-se com Nossa, sé ê assim que você está se sentindo, todo ofendido.

— Faça um favor a si mesmo — disse eu —, e vá embora já. Antes de acabar com o raio dessa cafeteira como colar.

Eles saíram de fininho, e ficaram por um bom tempo longe de mim, Herb com cara de tacho e Justin Islington ainda com aquela cara perplexa e ofendida de: Eu já tinha pedido desculpas, o que quer mais?

Então, uma semana depois — em outras palavras, no dia em que a merda bateu no ventilador —, eles apareceram no atendimento às duas da tarde, Justin na frente com o buquê, e Herb atrás. Quase escondendo Justin, aparentemente, com medo que eu decidisse começar a atirar pesos de papel em cima deles.

Acontece que não sei guardar ressentimento por muito tempo. Quem me conhece sabe disso. Fico chateada um dia ou dois, depois passa. E aqueles dois eram bonitinhos, parecendo garotos que queriam pedir desculpas à professora por pintar o sete nos fundos da sala, durante a aula de estudos sociais. Isso é outra coisa que irrita nos homens: a capacidade que eles têm de, num piscar de olhos, deixar de ser uns estabanados barulhentos que se engalfinham em bares por qualquer dá cá aquela palha — resultados de beisebol, imagine só — e virar umas doçuras saídas de um quadro de Norman Rockwell. E quando você se dá conta, estão metidos ou tentando se meter nas suas calças.

Justin trazia o buquê. Eram apenas flores que eles haviam colhido no campo dos fundos do quartel. Margaridas, girassóis, esse tipo de flor. Até alguns dentes-de-leão, eu me lembro. E era isso também que tornava o presente tão singelo e

tocante. Se, em vez daquele buquê de criança, eles tivessem trazido rosas vermelhas de estufa, talvez eu tivesse ficado brava por mais tempo. Era uma saia boa, e eu odeio fazer bainha.

Justin Islington vinha na frente porque era boa-pinta. Tinha olhos azuis e cara de jogador de futebol americano, com uma mecha de cabelo castanho caída na testa para completar. A ideia era me amaciar e, de alguma forma, deu certo. Oferecendo-me as flores. Não é nada, professora. Havia até um envelopezinho branco no meio das flores.

— Shirley — disse Justin, bastante solene, mas com aquele brilhozinho nos olhos —, queremos fazer as pazes com você.

—É — disse Herb. — Odeio ver você brava com a gente.

—Eu também — disse Justin.

Eu não tinha muita certeza se este estava sendo sincero, mas achei que Herb estava mesmo, e isso me bastava.

—Tudo bem — disse eu, e peguei as flores. — Mas se vocês fizerem isso de novo…

—Não vamos fazer! — disse Herb. — Nunca!

Que é o que sempre dizem, claro. E também não venham me acusar de ser durona. Estou apenas sendo realista.

—Se fizerem, envesgo vocês com um soco. — Levantei a sobrancelha para Islington. — Eis uma coisa que sua mãe nunca deve ter lhe ensinado: desculpas não tiram mancha de café de saia branca.

—Não deixe de olhar dentro do envelope — disse Justin, ainda tentando me impressionar com aqueles seus olhos azuis.

Pousei o ramo na mesa e tirei o envelope do meio das margaridas.

— Não vai sair um rapé daí na minha cara ou alguma coisa assim? — perguntei a Herb. Eu estava brincando, mas ele balançou a cabeça compenetrado. Vê-lo daquele jeito levava a gente a se perguntar se ele era capaz de parar uma pessoa e multá-la por excesso de velocidade ou direção perigosa sem se sentir mal com isso. Mas, na estrada, os guardas estaduais são diferentes, é óbvio. Têm que ser.

Abri o envelope, esperando um cartãozinho Hallmark com outra versão de sinto muito, este em rimas floridas, mas, em vez disso, havia um papel dobrado. Tirei-o, desdobrei-o e vi que era um vale da JC Penney, em meu nome, no valor de 50 dólares.

—Ei, não — disse eu. De repente, me deu vontade de chorar. E, por falar nisso, esta é outra coisa que os homens têm: quando você está mais aborrecida com eles, são capazes de deixá-la de quatro com algum ato gratuito de generosidade e, de repente, em vez de brava, você fica com vergonha de si

mesma por ter pensado neles de maneira mesquinha e cínica. — Gente, não precisava…

—Precisava, sim — disse Justin. — Foi uma bobagem enorme ficar fazendo algazarra, na cozinha daquele jeito.

—Uma bobagem tremenda — disse Herb. Balançava a cabeça para cima e para baixo sem tirar os olhos de mim.

— Mas é demais! Islington disse:

—Não pelos nossos cálculos. Tivemos que incluir o fator chateação, entende, bem como a dor e o sofrimento…

—Eu não me queimei, aquele café só estava morno…

—É seu, Shirley — disse Herb, com muita firmeza. Não voltava a ser totalmente o tira da propaganda da Marlboro, mas estava quase chegando lá. — Está resolvido.

Estou muito contente que eles tenham feito isso, e nunca vou esquecer. É que o que aconteceu depois foi tão horrível. É bom ter alguma coisa que compense um pouco daquele horror, um ato de bondade normal como dois patetas pagando não só a saia que estragaram, mas também o incômodo e a exasperação. E me dando flores ainda por cima. Quando me lembro da outra parte, tento me lembrar daqueles dois. Especialmente das flores que colheram lá nos fundos.

Agradeci-lhes e eles foram lá para cima, provavelmente para jogar xadrez. Aqui costumava haver um torneio no fim de todos os verões, com o vencedor ganhando uma latrininha de bronze chamada Copa Scranton. Isso acabou depois que o tenente Schoondist se aposentou. Os dois me deixaram, com cara de homens que cumpriram seu dever. Acho que, de certa forma, cumpriram. Pelo menos, era a impressão que eu tinha, e eu podia fazer a minha parte comprando-lhes uma caixa de chocolates grande ou algo como umas luvas para o inverno com o troco do vale depois que comprasse uma saia nova. As luvas seriam um presente mais prático, mas talvez um pouco doméstico demais. Afinal de contas, eu era uma agente de comunicações, não uma chefe de lobinhos. Eles tinham mulheres para lhes comprar luvas.

Aquele raminho bobo da paz estava benfeito, havia até uns toques de verde para lhe dar aquele aspecto sofisticado de floricultura, mas eles se esqueceram de botar água. Arrumar flores e esquecer a água: coisa de homem. Peguei o vaso e, quando estava indo para a cozinha, George Stankowski entrou no rádio, tossindo e parecendo apavorado. Deixe-me dizer uma coisa que você pode arquivar junto com aquilo que considera as maiores verdades da vida: só uma coisa deixa um agente de comunicações mais apavorado do que ouvir um patrulheiro em campo falando no rádio com voz de apavorado. É comunicar um 29-99. O código 99 é Resposta geral solicitada. Código 29… você olha no livro e só vê uma palavra embaixo de 29. A palavra é catástrofe.

— Base, aqui é 14. Código 29-99, copiado? Dois-nove-nove-nove.

Botei o vaso com as flores silvestres na minha mesa, com muito cuidado. Neste momento, tive uma lembrança muito nítida: ouvir no rádio que John Lennon tinha morrido. Naquele dia, eu estava preparando o café da manhã para meu pai. Ia servi-lo e sair voando, porque estava atrasada para o colégio. Eu estava abraçada a uma tigela de vidro com ovos dentro. Batia os ovos com um batedor de arame. Quando o homem no rádio disse que Lennon havia sido baleado na cidade de Nova York, pousei a tigela de vidro com o mesmo cuidado com que acabara de pousar o vaso.

— Tony! — gritei, e, ao ouvir minha voz (ou o que havia nela), todo mundo interrompeu o que estava fazendo. No andar de cima, as conversas também foram interrompidas. — Tony, George Stankowski está com um 29-99!

E sem esperar, peguei o microfone e disse a George que eu tinha copiado, nos trinques, e voltava depois.

—Minha posição é estrada municipal 46, Poteenville — disse ele. Eu ouvia um crepitar inconstante no fundo de sua transmissão. Parecia fogo. A essa altura, Tony estava na porta, e Sandy Dearborn à paisana, com os sapatos de tira pendurados numa das mãos.

—Um caminhão-tanque bateu num ônibus escolar e está pegando fogo. É o caminhão que está pegando fogo, mas a frente do ônibus escolar está envolvida, copiado?

—Copiado — disse eu. Minha voz era calma, mas meus lábios estavam dormentes.

—É um caminhão-tanque de produtos químicos, Norco West, copiado?

—Norco West 14. — Escrevi no bloco ao lado do telefone vermelho em letras de fôrma. — Placas? — Eram os pequenos losangos com ícones simbolizando fogo, gás, radiação, e outras coisas gracinhas.

— Ah, não consigo ver as placas, tem muita fumaça, mas sai uma coisa branca que começa a pegar fogo ao escorrer pela vala e atravessar a estrada, copiado?

George tornava a tossir no microfone.

Tony me tomou o microfone. Bateu no meu ombro para dizer que eu estava me saindo bem, mas ele não suportava mais ficar ali ouvindo aquilo. Sandy calçava os sapatos. O resto do pessoal ia se dirigindo ao atendimento. Havia bastante gente, em vista da proximidade da troca de turno. Até Mister Dillon saíra da cozinha para ver qual era a razão daquele alvoroço.

—O problema é a escola — prosseguiu George quando conseguiu. — A do ensino fundamental de Poteenville fica a menos de 200 metros.

—As aulas só começam daqui a quase um mês, 14. Você…

— Pode ser, mas vejo crianças.

Atrás de mim, alguém murmurou:

— Agosto é o mês do artesanato ali. Minha irmã está dando aulas de cerâmica para crianças de nove e dez anos.

Lembro-me da aflição terrível que senti no peito quando ouvi isso.

—Não sei o que está vazando, mas o vento está para o outro lado — disse George quando pôde. — Para o lado da escola, repito, para o lado da escola. Copiado?

—Copiado, 14 — disse Tony. — Os bombeiros estão dando apoio?

—Negativo, mas ouço sirenes. — Mais tosse. — Quando isso aconteceu, eu estava praticamente em cima, deu para ouvir o choque, então fui o primeiro a chegar. O capim está pegando fogo e o fogo está indo para a escola. Vejo crianças no pátio, olhando. Ouço o alarme lá dentro, então devo imaginar que elas foram evacuadas. Não sei se os vapores já chegaram tão longe, mas, se não chegaram, vão chegar. Mande tudo, chefe. Este é um legítimo 29.

Tony:

— Há vítimas no ônibus, 14? Está vendo vítimas, câmbio?

Olhei o relógio. Eram quinze para as duas. Se tivéssemos sorte, o ônibus estaria chegando, não saindo — chegando para pegar as crianças e levá-las para casa com os potes e jarros que haviam feito.

— Parece que no ônibus só tem o motorista. Dá para vê-lo (ou talvez seja uma mulher) caído em cima do volante. E a metade que pegou fogo e eu deveria dizer que o motorista está morto, copiado?

— Copiado, 14 — disse Tony. — Pode chegar aonde estão os garotos?

Cof-cof-cof. Ele parecia mal.

—Positivo, base, há uma estrada de acesso paralela ao campo de futebol. Vai direto para o prédio, câmbio.

—Então se mande — disse Tony.

Ele nunca trabalhou tão bem quanto naquele dia, decidido como um general no campo de batalha. No final das contas, os vapores não eram tão tóxicos, e quase todo o fogo vinha do vazamento da gasolina, mas obviamente nenhum de nós sabia disso então. Ao que George Stankowski sabia, Tony acabara de assinar sua sentença de morte. E às vezes o trabalho é esse mesmo.

—Recebido, base, estou indo.

—Se estiverem se intoxicando com gás, esprema-os no seu carro. Ponha-os sentados no capô, na mala, no teto, pendurados nas barras de luzes. Leve o

máximo que conseguir, copiado?

—Copiado, base, 14 saindo.

Clique. Este último clique pareceu muito alto. Tony olhou em volta.

—29-99, vocês ouviram. Todas as unidades designadas rodando.

—Os que estão esperando para sair no turno das três, peguem luzes Kojak no almoxarifado e saiam nos seus carros particulares. Shirley, desvie todos os oficiais de patrulha que conseguir contatar.

—Sim, senhor. Devo começar a chamar os outros?

—Ainda não. Huddie Royer, cadê você?

—Aqui, sargento.

—Você apoia.

Não houve nenhum protesto dramático de Huddie por causa disso, nada sobre o quanto queria estar em campo com o resto da equipe combatendo as chamas e o gás venenoso, resgatando crianças. Disse apenas sim, senhor.

— Entre em contato com os bombeiros do condado de Pogus, descubra o que estão fazendo, descubra o que os de Lassburg e Statler estão fazendo e todos os outros que você lembrar.

— E a Norco West?

Tony não bateu na testa, mas quase.

— Ah, claro.

Depois encaminhou-se para a porta, com os outros atrás e Mister Dillon fechando a retaguarda. Huddie pegou-o pela coleira.

— Hoje não, garoto. Você fica comigo e com Shirley.

Mister D sentou-se imediatamente; era bem treinado. Mesmo assim, ficou de olho comprido vendo os homens saírem.

De repente, aquele lugar parecia muito vazio, só com nós dois ali, nós três, contando com D. Não que tivéssemos tempo de pensar nisso; havia muito o que fazer. Talvez eu tenha visto Mister Dillon se levantar e ir para a porta dos fundos, farejar a tela e soltar um ganido gutural. Acho que vi, de fato, mas talvez seja apenas uma percepção posterior. Se realmente vi, devo ter atribuído isso à decepção de ter sido deixado para trás. O que acho agora é que ele sentiu algo estranho acontecendo no galpão B. Acho que podia até estar tentando nos avisar.

Mas não tive tempo de dar atenção ao cachorro — nem para me levantar e trancá-lo na cozinha, onde ele poderia beber um pouco da sua água e sossegar. Quem me dera ter arranjado um tempinho; o pobre Mister D poderia ter vivido mais alguns anos. Mas claro que eu não sabia. A única coisa que eu sabia era que

eu tinha de descobrir quem estava na estrada e onde. Se fosse possível, tinha que desviá-los para oeste. E enquanto eu tratava disso, Huddie estava na sala do sargento-chefe, curvado sobre a mesa falando ao telefone com a intensidade de quem está fazendo o maior negócio da vida.

Localizei todos os meus agentes ativos menos a unidade 6, que estava quase chegando (Posição praticamente na base foi a última coisa que ouvi deles). George Morgan e Eddie Jacubois tinham uma entrega para fazer antes de partir para Poteenville. Só que, obviamente, a unidade 6 não chegou a Poteenville. Não, Eddie e George nunca chegaram a Poteenville.

É engraçado como a memória funciona. Não reconheci o cara que saltou daquela caminhonete Ford personalizada, pelo menos no primeiro momento. Para mim, era um punk como outro qualquer, com um crucifixo invertido como brinco e uma suástica de prata pendurada num cordão ao pescoço. Lembro dos adesivos. A gente aprende a ler os adesivos que as pessoas botam nos carros. Às vezes dizem muito. Pergunte a qualquer patrulheiro rodoviário, faço tudo que minhas vozezinhas mandam à esquerda do para-choque traseiro e como à moda amish à direita. O sujeito não se aguentava em pé, e provavelmente não era porque estivesse usando umas extravagantes botas de caubói de salto alto pespontadas. Os olhos vermelhos que olhavam de baixo daquela grenha preta me sugeriam que ele tinha tomado umas. O sangue em sua mão direita e salpicado na manga direita de sua camiseta sugeria que boa coisa não era. Meu palpite seria heroína sintética. Era o que mais tinha em nossa região naquela época. Depois viriam as anfetaminas. Agora é o ecstasy, e eu venderia essa merda barato, se me deixassem. Pelo menos é alegre. Acho também possível que ele estivesse cheirando gasolina — o que a garotada hoje chama de huffing. Mas acho que não o reconheci até que ele me dissesse:

— Ei, caramba, é o gordão do Eddie.

De repente, caiu a ficha. Brian Lippy. Fomos contemporâneos da escola de ensino médio de Statler, onde ele estava um ano na minha frente. Já se especializando em Venda Serviço de drogas. Agora cá estava ele de novo, na beira da estrada e balançando nos saltos altos de suas botas de caubói extravagantes, com o Cristo de cabeça para baixo pendurado na orelha, a cruz torcida nazista no pescoço e os adesivos cretinos no para-choque do carro.

— Oi, Brian, quer se afastar da caminhonete? — eu disse.

Quando digo que a caminhonete era personalizada, quero dizer que era uma daquelas grandes. Estava estacionada no acostamento de terra da Humboldt, a menos de dois quilômetros do cruzamento onde ficava o posto Jenny… só que naquele verão o Jenny já estava fechado havia dois ou três anos. Na verdade, a caminhonete estava quase na vala. Meu velho amigo Brian Lippy saíra da estrada quando George ligara as luzes, outro sinal de que não estava exatamente sóbrio.

Fiquei contente de ter George Morgan comigo naquele dia. Em geral, patrulhar sozinho não tem problema, mas, quando você se depara com um cara que vai dançando na estrada porque está espancando a pessoa que vai ao lado na caminhonete que ele está dirigindo, é bom ter um parceiro. Quanto à surra, nós vimos. Primeiro, quando Lippy nos ultrapassou e depois quando paramos atrás dele. O vulto do motorista abaixava e levantava o braço direito, o punho direito acertando repetidamente o lado da cabeça do vulto do carona, e ele ocupado demais para perceber que o tira estava chegando no seu cano de descarga até

George acender as luzes vermelhas. Não pare, pensei, que beleza! Em seguida, meu velho amigo Brian já tinha passado o acostamento e estava quase na vala, como se a vida inteira esperasse por isso, o que, em certa medida, deve ter esperado.

Se é maconha ou bolinha, não me preocupo muito. É como ecstasy. Eles dizem: Ei cara, qual é? Fiz alguma coisa errada? Amo você. Mas drogas como heroína sintética e feniciclidina deixam as pessoas piradas. Mesmo cheiradores de cola podem ficar doidões. Já vi. Depois, tinha o carona. Era uma mulher, e isso podia piorar um pouco as coisas. Ele podia ter sentado o sarrafo nela, mas isso não significava que ela não pudesse ser perigosa se nos visse algemando seu marciano preferido.

Enquanto isso, meu velho amigo Brian não estava se afastando da caminhonete como lhe solicitaram. Estava ali plantado, rindo para mim, e era um mistério como eu não o reconhecera de cara, porque na Statler ele era um daqueles garotos que infernizavam sua vida se você lhe chamasse a atenção. Especialmente se você fosse meio gorducho ou espinhento, e eu era as duas coisas. O Exército tirou o excesso de peso - é o único programa de dieta que conheço em que a pessoa é paga para participar -, e as espinhas passaram sozinhas como quase sempre acontece, mas no ensino médio de Statler eu era o pato desse cara sempre que ele estava a fim. Mais uma razão para eu estar feliz por ter George ali comigo. Se eu estivesse sozinho, meu velho amigo Bri poderia achar que eu ainda ficaria tremendo se ele me olhasse de cara feia. Quanto mais doidão estivesse, mais probabilidade tinha de achar isso.

— Senhor, afaste-se da caminhonete — disse George com sua voz neutra de patrulheiro. Quem o ouvisse falar com um cidadão qualquer na beira da estrada jamais acreditaria que ele era capaz de ficar rouco nas partidas da liga infantil de tanto gritar com os garotos para tocar no raio da bola e abaixar a cabeça enquanto corriam para as bases. Ou brincando com eles no banco antes da partida para relaxá-los um pouco.

Lippy nunca tinha arrancado a etiqueta de nenhuma das camisas de George na sala de estudos no quarto tempo, e talvez por isso tenha se afastado do carro quando George mandou. Olhando para as botas e perdendo o sorriso. Quando sujeitos como Brian Lippy perdem o sorriso, o que entra no lugar é uma carranca de pateta.

— O senhor vai trazer problema? — perguntou George. Não tinha sacado a pistola, mas estava com a mão na coronha. — Nesse caso, diga logo. Poupe a nós dois o desgosto.

Lippy não disse nada. Ficou só olhando para as botas.

—O nome dele é Brian? — perguntou-me George.

—Brian Lippy.

Eu olhava para a caminhonete. Pela janela traseira, eu via a mulher, ainda

sentada no meio, sem olhar para nós. Cabeça caída. Achei que talvez ele a tivesse deixado inconsciente. Aí, uma mão chegou à sua boca e da boca saiu uma baforada de fumaça de cigarro.

—Brian, quero saber se vamos ter algum problema. Agora, responda para que eu possa ouvi-lo, como um menino crescido.

—Depende — disse Brian, levantando o lábio superior para dar à palavra um bom tom de desprezo.

Dirigi-me para a caminhonete para fazer a minha parte do trabalho. Quando minha sombra passou pela ponta de suas botas, Brian deu um passo atrás, como se, em vez de sombra, fosse uma cobra. Ele tinha tomado umas, sim, e para mim, estava parecendo mais feniciclidina ou heroína sintética.

— Me dê sua carteira de motorista e o registro — disse George.

Brian não atendeu imediatamente. Olhava de novo para mim.

— ED-die JACK-you-BOYS [3] — disse, cantando as sílabas como seus amigos sempre faziam na escola, transformando o nome em piada. Mas na escola Statler ele não usava Cristos de cabeça para baixo nem suásticas nazistas; teria sido expulso se tentasse. De qualquer maneira, fiquei irritado quando ele disse meu nome assim. Era como se tivesse encontrado um interruptor velho, empoeirado e esquecido atrás de uma porta, mas ainda com corrente. Ainda quente.

Ele também sabia disso. Viu e começou a rir.

— O gordão do Eddie JACK-you-BOYS. Quantos garotos você comeu, Eddie? Quantos garotos comeu no vestiário? Ou você só se ajoelhava e chupava os paus? Até o acontecimento principal. Sr. Deixa Comigo.

— Quer calar a boca, Brian? — disse George. — Vai entrar mosca.

Tirou as algemas do cinto.

Brian Lippy viu-as e começou a perder o sorriso de novo.

— O que acha que vai fazer com isso?

— Se não me der seus documentos agora mesmo, vou botá-las em você, Brian. E se você resistir, posso lhe garantir duas coisas: um nariz quebrado e 18 meses em Castlemora por resistir à prisão. Pode ser mais, dependendo do juiz que lhe couber. Agora, o que acha?

Brian tirou a carteira do bolso traseiro. Era velha e sebosa, com o logotipo de algum grupo de rock — Judas Priest, acho eu — gravado de maneira canhestra. Provavelmente com a ponta de um ferro de soldar. Começou a passar os compartimentos com o dedo.

— Brian — eu disse.

Ele olhou.

— O nome é Jacubois, Brian. Um belo nome francês. E já não sou gordo há muito tempo.

— Vai voltar a engordar — disse. — Todo garoto que já foi gordo volta.

Caí na gargalhada. Foi mais forte que eu. Ele falava como um convidado simplório de talk show. Olhou furioso para mim, mas havia uma insegurança naquele olhar. Ele perdera a vantagem e sabia disso.

— Um segredinho — eu disse. — O ensino médio já acabou, meu amigo. Esta é sua vida real. Sei que para você é difícil de acreditar, mas é melhor se acostumar. Não é mais só ficar retido. Isso conta mesmo.

O que recebi foi uma espécie de olhar embasbacado de idiota. Ele não estava entendendo. Eles quase nunca entendem.

— Brian, quero ver seus documentos agora mesmo — disse George. — Ponha-os na minha mão.

Estendeu a mão com a palma para cima. Não muito sensato, poder-se-ia dizer, mas George Morgan era guarda estadual há muito tempo, e, a seu ver, esta situação agora estava bem encaminhada. Pelo menos bem o bastante para ele decidir que não precisava algemar meu velho amigo Brian só para lhe mostrar quem mandava.

Aproximei-me da caminhonete, olhando o relógio. Era só uma e meia da tarde. Fazia calor. Grilos cantando canções secas no capim à beira da estrada. Um ou outro carro passando, os motoristas reduzindo a marcha para ver bem. É sempre bom quando os tiras param alguém na estrada e não é a gente. Ganha-se o dia.

A mulher da caminhonete estava sentada com a perna esquerda encostada na alavanca de mudança Hurst cromada de Brian. Caras como Brian instalam-nas para poderem colar um adesivo Hurst na janela, é o que eu acho. Ao lado dos que dizem Fram e Pennzoil. Ela aparentava uns 20 anos e tinha cabelo castanho até os ombros, esticado e não muito limpo. Jeans e um top de alças. Sem sutiã. Gordas espinhas vermelhas nos ombros. Uma tatuagem num braço dizendo AC/DC e, no outro, BRIAN. MEU AMOR. Unhas pintadas de rosa bombom, mas todas roídas e descascadas. E sim, havia sangue. Sangue e ranho saindo-lhe do nariz. Mais sangue salpicado em suas maçãs do rosto como pintinhas de nascença. Mais ainda nos lábios cortados, no queixo e no top. Cabeça baixa de modo a que as mechas de seu cabelo lhe tapassem um pouco do rosto. Cigarro subindo e descendo, Marlboro ou Winston com certeza, naquela época, antes de subirem os preços e todo o pessoal da periferia passar para as marcas mais baratas. E se for Marlboro, é sempre o de caixinha. Já vi tanto disso. Às vezes há um bebê, e isso faz o cara andar na linha, mas em geral é o bebê que não vai ter sorte.

— Aqui — disse ela, levantando um pouco a coxa direita. Embaixo, havia

um papel, amarelo-canário. — O registro. Eu digo a ele para guardar o documento na carteira ou no porta-luvas, mas sempre acaba de um lado para o outro com o resto do lixo.

Ela não parecia doidona e não havia latas de cerveja nem garrafas de bebida alcoólica na cabine da caminhonete. Isso não quer dizer que ela estivesse sóbria, claro, mas já era alguma coisa. Também não parecia que ficaria agressiva, mas, obviamente, isso podia mudar. Depressa.

—Seu nome, senhora.

—Sandra.

—Sandra de quê?

—McCracken.

—Tem algum documento de identidade, Sra. McCracken?

—Tenho.

—Mostre, por favor.

Havia uma pochete de couro sintético no banco do lado dela. Ela abriu-a e começou a remexer seu conteúdo. Procurou com calma, e, com a cabeça inclinada sobre a pochete, não se via nada do seu rosto. Ainda se via sangue em seu top, mas não em sua cara; não se viam seus lábios inchados que lhe transformavam a boca numa ameixa cortada, nem a mancha roxa antiga já desbotando em volta de seu olho.

E às minhas costas:

— Nem fodendo eu entro aí. A troco de que você acha que tem o direito de me obrigar a entrar?

Olhei em volta. George segurava a porta aberta do carro. Um motorista de limusine não teria feito isso com mais cortesia. Só que o assento traseiro de uma limusine não tem portas que não podem ser abertas por dentro, vidros que não podem ser abaixados nem grade entre as partes dianteira e traseira. Nem, claro, aquele ranço de vômito. Eu nunca havia dirigido um carro-patrulha — bem, sem contar aqueles poucos dias depois que recebemos os Caprices — que não tivesse esse cheiro.

—Acho que tenho esse direito porque você está preso, Brian. Você

—ouviu eu acabar de ler seus direitos?

—Porra, por que, cara? Eu não estava em excesso de velocidade!

—É verdade, você estava muito ocupado batendo na sua amiga para realmente pisar fundo no acelerador, mas dirigia perigosamente, era uma ameaça aos outros. E tem a agressão. Não vamos esquecer. Então vá entrando.

—Cara, não dá para…

—Entre, Brian, senão encosto você no carro e o algemo. Com força, para doer.

—Quero ver você tentar fazer isso.

—Quer? — perguntou George, num tom quase muito baixo para ser ouvido mesmo naquele silêncio modorrento da tarde.

Brian Lippy viu duas coisas. A primeira era que George era capaz de fazer aquilo. A segunda era que George de certa forma queria fazer. E na frente de Sandra McCracken. Não era uma boa deixar sua piranha ver você algemado. Já bastava vê-lo sendo detido.

— Vocês vão ter notícias do meu advogado — disse Brian Lippy, e entrou na parte traseira do carro-patrulha.

George bateu a porta e olhou para mim.

—Vamos ter notícias do advogado dele.

—Você não acha isso chato? — disse eu.

A mulher cutucou meu braço com alguma coisa. Virei-me e vi que era o canto da carteira de motorista dela.

— Tome — disse.

Olhava para mim. Um segundo depois, já virava e tornava a remexer na bolsa, agora tirando dois lenços de papel, mas foi o bastante para eu me convencer de que ela estava mesmo sóbria. Morta por dentro, mas sóbria.

—Policial Jacubois, o motorista do veículo afirma que o registro está dentro da caminhonete — disse George.

—Sim, estou com ele.

George e eu nos encontramos ao lado do para-choque traseiro da picape com os adesivos ridículos — faço tudo que minhas vozezinhas mandam, COMO À moda amish —, e entreguei-lhe o registro.

—Ela vai? — perguntou ele em voz baixa.

—Não, eu disse.

—Tem certeza?

—Mais ou menos.

—Experimente — disse George, e voltou para o carro.

Meu antigo colega de colégio começou a gritar com ele assim que George meteu a cabeça pela janela do motorista para pegar o microfone. George ignorou-o e esticou o fio ao máximo para poder ficar ao sol.

— Base, aqui é 6, copiado?

Voltei para abrir a porta da picape. A mulher tinha apagado o cigarro no cinzeiro que transbordava e acendia um novo. Este ia para baixo e para cima. Do meio das duas mechas laterais de seu cabelo que quase se encontravam saíam as baforadas de fumaça.

— Sra. McCracken, vamos levar o Sr. Lippy para o nosso quartel, o regimento D, no alto. Gostaria que nos acompanhasse.

Ela fez que não com a cabeça e pôs-se a usar o lenço de papel. Abaixava a cabeça para o lenço em vez de levá-lo ao rosto, fechando mais ainda as cortinas do cabelo. A mão com o cigarro agora estava apoiada na perna da calça jeans, e o fumo subia reto.

— Gostaria que nos acompanhasse, Sra. McCracken.

Falei com a maior delicadeza possível, tentando parecer amigo e compreensivo, como se aquilo fosse só entre nós dois. É assim que os psicanalistas e terapeutas de família dizem que se deve fazer, mas o que eles sabem? Tenho ódio desses filhos da puta, esta é a verdade crua. Eles vêm da classe média cheirando a spray de cabelo e desodorante e nos falam de maus-tratos conjugais e baixa autoestima, mas não conhecem lugares como o condado de Lassburg, que acabou uma vez com o fim do carvão e de novo quando o grosso do aço foi para o Japão e a China. Será que uma mulher como Sandra McCracken já ouviu alguém falar em tom delicado, amigo e não agressivo? No passado remoto, talvez. Depois, acho que não. Se, por outro lado, eu a pegasse pelos cabelos, a fizesse olhar para mim e gritasse VOCÊ VEM! VOCÊ VEM E VAI DAR QUEIXA DELE POR AGRESSÃO! VOCÊ VEM, SUA PIRANHA ACABADA! SUA DADEIRA! VOCÊ VEM! SE VEM, PORRA! , poderia fazer alguma diferença. Talvez funcionasse. A gente tem que falar a língua deles. Os psicanalistas e os terapeutas não querem ouvir isso. Não querem acreditar que haja uma língua que não seja a deles.

Ela tornou a fazer que não com a cabeça. Sem olhar para mim. Fumando e sem olhar para mim.

—Gostaria que nos acompanhasse e apresentasse uma queixa por agressão contra o Sr. Lippy. A senhora tem que fazer isso, sabe. Quer dizer, nós o vimos lhe batendo, meu parceiro e eu estávamos bem atrás da senhora, e vimos bem.

—Não tenho nada — disse ela —, e vocês não podem me obrigar.

Continuava usando aquelas madeixas castanhas sebosas para esconder o rosto, mas assim mesmo falava num tom calmo, senhora de si. Sabia que não podíamos obrigá-la a dar queixa porque já passara por aquilo.

—Então quanto tempo quer aguentar isso? — perguntei-lhe.

Nada. A cabeça baixa. A cara escondida. O mesmo jeito de baixar a cabeça e esconder o rosto que tinha aos 12 anos quando a professora lhe fazia uma pergunta difícil em sala ou quando as outras meninas caçoavam dela, porque seus peitos começavam a despontar antes dos delas e isso a tornava uma

trepada gostosa. Garotas como ela usam cabelo comprido daquele jeito para isso, para se esconder. Mas saber disso não me fazia ter mais paciência com ela. Muito pelo contrário. Porque, sabe, nesse mundo, a pessoa tem que se cuidar. Especialmente se não for bonita.

— Sandra.

Um ligeiro movimento de ombros quando mudei para seu primeiro nome. Nada mais que isso. E puxa, elas me deixam louco. A facilidade com que se entregam. São como pássaros no chão.

— Sandra, olhe para mim.

Ela não queria, mas acabaria olhando. Estava acostumada a fazer o que os homens mandavam. Obedecer-lhes tornara-se um pouco o seu trabalho.

— Vire a cabeça e olhe para mim.

Ela virou a cabeça, mas manteve os olhos baixos. Continuava com a cara suja de sangue. Não era um rosto feio. Ela devia ser um pouquinho bonita quando não apanhava. Também não parecia tão idiota quanto se imaginaria que fosse. Tanto quanto queria ser.

—Eu gostaria de ir para casa — disse com uma voz fraca de criança. — Meu nariz sangrou e preciso me lavar.

—É, estou vendo. Por quê? Bateu numa porta? Aposto que foi isso, não foi?

—Isso mesmo. Uma porta. — Sua expressão nem sequer era de desafio. Não havia vestígio da atitude como à moda amish. Apenas esperava que aquilo acabasse. Esta conversa de beira de estrada não era a vida real. Apanhar era a vida real. Sorver o catarro, sangue e as lágrimas e engolir como xarope para tosse. — Eu ia andando pelo corredor para ir ao banheiro sem saber que Bri estava lá dentro, de repente, ele sai depressa, e a porta...

—Quanto tempo, Sandra?

—Quanto tempo o quê?

—Quanto tempo você vai engolir essa merda?

—Seus olhos se arregalaram um pouco. Nada mais.

—Até ele deixar você sem dente?

—Quero ir para casa.

—Se eu for averiguar no Statler Memorial, quantas vezes vou encontrar seu nome? Porque você bate em muita porta, não?

—Por que não me deixa em paz? Não estou incomodando o senhor.

—Até ele lhe quebrar a cabeça? Até matá-la?

—Quero ir para casa, seu guarda.

Eu gostaria de dizer Foi quando vi que a tinha perdido, mas seria mentira, porque não se pode perder o que nunca se teve. Ela ficaria ali até o inferno gelar ou até eu ficar bem puto para fazer alguma coisa da qual me arrependeria depois. Como bater nela. Porque estava com vontade de bater nela. Se eu fizesse isso, pelo menos ela saberia que eu estava ali.

Sempre levo um porta-cartões no bolso traseiro. Tirei-a, fui passando os cartões e encontrei o que queria.

— Essa mulher é da vila de Statler. Ela já falou com centenas de moças como você e ajudou muitas delas. Se precisar de aconselhamento gratuito, vai ter. Ela vai trabalhar isso com você. Certo?

Segurei o cartão na frente do rosto dela, com os dois primeiros dedos da mão direita. Como ela não o pegasse, joguei-o no banco. Então voltei ao carro-patrulha para pegar o registro. Brian Lippy estava sentado no meio do banco traseiro com o queixo abaixado até a gola da camiseta, fitando-me debaixo das sobrancelhas. Parecia um Napoleão maluco e esquentado.

—Teve sorte? — perguntou George.

—Não — respondi. — Ela ainda não se divertiu o bastante.

Levei o registro de volta para a caminhonete. Ela havia passado ao volante. O motor V-8 da caminhonete roncava. Ela havia apertado a embreagem e estava com a mão direita na alavanca de mudança. Unhas cor-de-rosa roídas contra o cromado. Se lugares como a Pensilvânia rural tivessem bandeiras, nelas podia-se pôr aquele símbolo. Ou talvez uma caixa de seis cervejas Iron City e um maço de Winstons.

—Guie com cuidado, Sra. McCracken — eu disse, entregando-lhe o papel amarelo.

—Sim — retrucou ela, e arrancou.

Com vontade de me dar uma resposta, mas sem ousar porque era bem treinada. A princípio, a caminhonete saiu aos trancos — ela não era tão boa como pensava com o câmbio manual —, e ela foi sacudindo junto. Para trás e para a frente, o cabelo voando. De repente, vi tudo de novo, ele de um lado para o outro na estrada, guiando uma de suas propriedades com uma das mãos e dando porrada na outra propriedade com a outra mão, e me embrulhou o estômago. Justo antes que ela finalmente passasse a segunda, uma coisa branca voou pela janela do lado do motorista. Era o cartão que eu lhe dera.

Voltei para o carro-patrulha, Brian continuava sentado com o queixo no peito, me olhando com aquela cara de Napoleão maluco por baixo das sobrancelhas. Ou talvez de Rasputin. Entrei do lado do carona, com muito calor e muito cansado. Só para completar as coisas, Brian começou a recitar do banco

de trás:

—O gordão do ED-die JACK-you-BOYS. Quantos garotos…

—Cale a boca — eu disse.

—Venha aqui atrás e me faça calar, gordão. Por que não vem aqui e tenta?

Só outro dia maravilhoso na PEP, em outras palavras. Às 19 horas, esse cara estaria de volta no buraco de merda que ele chamava de casa, tomando uma cerveja enquanto Vanna girava a Roda da Fortuna. Olhei o relógio — 13h44 — e peguei o microfone.

—Base, aqui é 6.

—Copiado, 6.

Shirley respondendo, calma como uma brisa fresca. Shirley prestes a receber suas flores de Islington e Avery. Na EM 46 em Poteenville, a uns 30 quilômetros da nossa posição, um caminhão-pipa da Norco West acabara de bater em um ônibus escolar, matando a motorista do ônibus, Sra. Esther Mayhew. George Stankowski estava perto o bastante para ouvir o impacto da colisão, então, quem diz que nunca há um policial por perto quando se precisa?

— Código 15 e 17-base, copiado?

Em outras palavras, babaca detido e estamos voltando.

—Positivo, 6, vocês têm um elemento detido ou o quê, câmbio?

—Um elemento, positivo.

—Aqui é o Gordão Um, câmbio e corto — disse Brian do banco traseiro.

Começou a rir — aquela risada alta e entrecortada do drogado veterano. Começou também a bater no chão com as botas de caubói. Íamos levar meia hora para voltar ao quartel. Imaginei que seria uma viagem longa.

Botei no gancho o telefone do sargento-chefe e fui quase correndo para o atendimento, onde Shirley continuava ocupadíssima, desviando os patrulheiros ativos para oeste.

—A Norco diz que é cloro líquido — contei-lhe. — Que alívio. Cloro é ruim, mas não costuma ser fatal.

—Eles têm certeza de que é isso? — perguntou Shirley.

—Noventa por cento. E o que têm na estrada para esses lados. A gente sempre vê esses caminhões indo para a estação de tratamento de água. Passe isso adiante, começando com George S. E o que está acontecendo com o cachorro, meu Deus do céu?

Mister Dillon estava na porta dos fundos, o focinho na base da tela, andando para cima e para baixo. Quase quicando de um lado para o outro, e dando uns ganidos guturais. Tinha as orelhas para trás. Enquanto eu olhava, ele focinhou a tela com tanta força que a deixou embarrigada. Então deu uma espécie de grito agudo, como se para dizer: Puxa, doeu.

— Sei lá — disse Shirley com voz de quem não tinha tempo para Mister Dillon.

Para falar a verdade, nem eu. Mas olhei para ele mais um pouco. Eu já vira cães de caça agirem daquele jeito quando farejavam algo grande por perto no bosque — um urso ou talvez um lobo cinzento. Mas não havia lobos nas Short Hills desde antes do Vietnã, e os ursos eram raríssimos. Não havia nada do outro lado da tela senão o estacionamento. E o galpão B, claro. Olhei para o relógio da porta da cozinha. Eram 14h12. Não me lembro de ter visto o quartel tão vazio.

—Unidade 14, unidade 14, aqui é base, copiado?

—George respondeu, ainda tossindo.

—Unidade 14.

—É cloro, 14, a Norco West quase garante. Cloro líquido. — Ela me olhou e fiz-lhe sinal de positivo com o polegar. — Irritante, mas não…

—Que alívio. — E cof, cof.

—Na escuta, 14.

—Talvez seja cloro, talvez não seja, base. Seja lá o que for, está pegando fogo e vindo para cá em grandes nuvens brancas. Estou no final da estrada de acesso, a que é paralela ao campo de futebol. Aquela garotada está tossindo mais do que eu, e vejo muita gente no chão, inclusive uma mulher. Há dois ônibus escolares estacionados na lateral. Vou tentar usar um deles para tirar

esse pessoal. Câmbio.

Peguei o microfone de Shirley.

— George, aqui é Huddie. A Norco diz que o fogo deve ser só a gasolina escorrendo por cima do cloro. Não deve haver perigo em levar as crianças a pé, câmbio?

O que veio em seguida foi a clássica resposta de George S, firme e impassível. Ele acabou ganhando uma daquelas menções por ter ido além do dever — do governador, acho eu —, e seu retrato saiu no jornal. Sua mulher enquadrou a menção e pendurou-a na parede da sala de jogos. Não sei bem se George entendeu o motivo de tanto alvoroço. Em sua cabeça, ele só estava fazendo o que pareceu prudente e racional. Se já existiu a pessoa certa, no lugar certo, foi George Stankowski naquele dia na escola do ensino fundamental de Poteenville.

— De ônibus é melhor — disse. — Mais rápido. Aqui é 14, estou 7.

Logo, logo, Shirley e eu esqueceríamos tudo sobre Poteenville por algum tempo; tínhamos nossas encrencas para resolver. Se quer saber, o policial George Stankowski, para entrar num daqueles ônibus que ele havia visto, quebrou a porta dobrável com uma pedra. Ligou o Blue Bird de 40 lugares com uma chave sobressalente que encontrou presa com fita adesiva atrás do quebra-sol do motorista e meteu lá dentro 24 crianças de olhos vermelhos que tossiam e choravam, mais duas professoras. Muitas das crianças ainda levavam os potes e os cinzeiros de cerâmica deformados que haviam feito naquela tarde. Três delas estavam inconscientes, uma por reação alérgica às emanações do cloro. As outras duas estavam apenas desmaiadas, por excesso de medo e nervosismo. Uma das professoras de artes, Rosellen Nevers, estava em pior situação - George a viu na calçada, deitada de lado, arfando e semi-inconsciente, enfiando na garganta uns dedos cada vez mais fracos. Tinha os olhos esbugalhados como gemas de ovos poché.

— É minha mãe — disse uma das meninas. Lágrimas jorravam-lhe dos olhos grandes e castanhos, mas ela não largava o vaso de barro que estava segurando nem o virou o suficiente para deixar cair a flor que colo cara lá dentro. — Ela tem asma.

George a esta altura estava ajoelhado ao lado da mulher, apoiando-lhe a cabeça no antebraço para manter as vias respiratórias o mais abertas possível. O cabelo dela caía no chão de concreto.

—Ela toma alguma coisa para asma, querida, quando tem um ata que forte assim?

—No bolso dela — disse a menina com o vaso. — Minha mãe vai morrer?

— Não — disse George.

Tirou o inalador Flovent do bolso da Sra. Nevers e disparou-lhe um bom jato

goela abaixo. Ela arfou, estremeceu e sentou-se.

George carregou-a nos braços para o ônibus, caminhando atrás das crianças que tossiam e choravam. Depositou Rosellen num banco ao lado da filha e sentou-se ao volante. Arrancou com o ônibus e atravessou aos solavancos o campo de futebol, passou por seu carro-patrulha e pegou o caminho de acesso. Ao entrar com o Blue Bird na estrada municipal 46, as crianças estavam cantando Rema, rema, rema remador. E foi assim que o policial George Stankowski tornou-se um autêntico herói, enquanto alguns de nós que havíamos ficado no quartel tentávamos não perder o juízo.

Nem a vida.

A última comunicação de George para a expedição foi 14, estou 7 — aqui é unidade 14, estou fora de serviço. Registrei isso, olhando o relógio para anotar a hora. Eram 14h23. Lembro-me bem desse detalhe, como me lembro de Huddie estar ao meu lado, apertando um pouco meu ombro — tentando me dizer que não iria haver problema com George e as crianças, mas sem falar com palavras, acho eu. Às 14h23, foi aí que começou o inferno. E digo isso no sentido mais literal possível.

Mister Dillon começou a latir. Não aquele latido profundo que ele costumava reservar para os veados que vinham explorar nosso campo dos fundos ou os guaxinins que se atreviam a vir fuçar a entrada, mas uma série de ganidos que eu nunca tinha ouvido antes. Era como se ele tivesse se enganchado em algo pontiagudo e não conseguisse se desvencilhar.

— O que foi, caramba? — disse Huddie.

D recuou cinco ou seis passos rígidos da porta de tela, um pouco como um cavalo de rodeio num número de laçar bezerros. Acho que eu sabia o que ia acontecer em seguida, e que Huddie também sabia, mas nenhum de nós conseguia acreditar. Mesmo se tivéssemos acreditado, não poderíamos tê-lo segurado. Apesar de ser um cachorro dócil, acho que Mister Dillon nos teria mordido se tivéssemos tentado. Continuava dando aqueles ganidos e, do canto da sua boca, começava a sair uma espuma.

Lembro-me de ter ficado ofuscada com o reflexo de uma luz. Pisquei e a luz se afastou de mim e correu pela parede toda. Era a unidade 6, Eddie e George chegando com o suspeito, mas mal registrei isso. Olhava para Mister Dillon.

Ele correu para a porta de tela e, enquanto corria, não hesitou um só instante. Nem sequer diminuiu a velocidade. Só abaixou a cabeça e atravessou para o outro lado, arrancando a porta do batente e arrastando-a com ele, ainda soltando aqueles ganidos que mais pareciam gritos. Ao mesmo tempo, senti um cheiro muito forte: água do mar e uma substância vegetal podre. Ouviu-se uma freada, uma buzinada e alguém exclamando:

— Cuidado! Cuidado!

Huddie correu para a porta e eu fui atrás dele.

Estávamos estragando o dia dele levando-o ao quartel. Nós o impedimos, pelo menos temporariamente, de espancar a namorada. Ele tinha que sentar no banco traseiro com as molas lhe espetando a bunda e aquelas botas extravagantes plantadas em nossos tapetes especiais à prova de vômito. Mas Brian estava nos fazendo pagar. Sobretudo a mim, mas obviamente George também tinha que escutá-lo.

Ele cantava sua versão do meu nome, depois batia ritmicamente com toda a força no chão os tacões compensados daquelas botas de merda. O efeito geral era algo semelhante a uma torcida de futebol. E o tempo todo, ele me fitava através da grade, cabeça baixa e olhinhos drogados brilhando — eu o via no espelho do quebra-sol.

—JACK-you-BOYS! — Tum-tuntum! — JACK-you-BOYS! — Tum-tuntum!

—Quer parar com isso, Brian? — pediu George. Estávamos chegando ao quartel. O quartel quase vazio; a essa altura, nós sabíamos o que estava acontecendo em Poteenville. Shirley nos informara de alguma coisa e o resto captamos da conversa das unidades convergentes. — Está me deixando com dor de ouvido.

Era todo o estímulo de que Brian precisava.

— JACK-you-BOYS! — TUM-TUNTUM!

Se batesse com mais força, era capaz de varar o chão do carro com os pés, mas George não se deu ao trabalho de tornar a lhe pedir que parasse.

Quando estão trancados na traseira de seu carro, a única coisa que esses tipos podem tentar fazer é azucriná-lo. Eu já tinha tido essa experiência, mas ouvir esse cretino que uma vez derrubou os livros que eu vinha carregando na cafeteria da escola, e me arrancava as etiquetas das costas da camisa na sala de estudos, cantando aquela velha versão odiosa do meu nome, cara, dava nervoso. Como uma viagem na máquina do tempo.

Eu não disse nada, mas tenho quase certeza de que George sabia. E quando pegou o microfone e avisou — posição praticamente na base foi o que disse —, vi que falava mais para mim do que para Shirley. Prenderíamos Brian na cadeira no canto dos marginais, ligaríamos a tevê, se ele quisesse, e passaríamos ao registro de ocorrência preliminar. Depois, rumaríamos para Poteenville, a menos que a situação lá melhorasse de repente. Shirley poderia ligar para o presídio do condado de Statler e avisar que íamos lhes mandar um de seus encrenqueiros preferidos. Enquanto isso, porém…

—JACK-you-BOYS! — Tum-tuntum! — JACK-you-BOYS!

Agora gritando tanto que tinha a cara vermelha e os tendões saltados no pescoço. Já não estava mais só implicando comigo; Brian passara a um autêntico

ataque de drogado. Que prazer seria ver-nos livres dele.

Subimos por Bookin's Hill, George dirigindo um pouco mais depressa do que o estritamente necessário, a caminho do regimento D no alto. George ligou a seta e entrou, talvez ainda um pouco acima da velocidade estritamente necessária. Lippy, percebendo que acabava o tempo que tinha para nos irritar, começou a sacudir a grade entre nós e ele, e a patear com aquelas suas botas de John Wayne.

— JACK-you-BOYS! — Tum-tuntum! Mexe-mexemexe!

Subimos a rampa de entrada em direção ao estacionamento dos fundos. George fez uma curva fechada à esquerda e virou a esquina do prédio, tencionando estacionar a unidade 6 com a traseira ao lado da escada dos fundos do quartel, para que pudéssemos levar logo nosso bom e velho Bri para cima sem confusão nem incômodo.

E, quando George dobrou a esquina, lá estava Mister Dillon bem na nossa frente.

— Cuidado, cuidado! — gritou George, não tenho como saber se para mim, para o cachorro ou possivelmente para si mesmo.

E pensando em tudo isso, é impressionante como foi parecido com o dia em que ele atropelou aquela mulher em Lassburg. Tão parecido que foi quase como um ensaio geral, mas com uma enorme diferença. Me pergunto se, nas últimas semanas antes de chupar o cano da pistola, ele se pegava toda hora pensando: Não atropelei o cachorro e atropelei a mulher. Talvez não, mas sei que, no lugar dele, eu pensaria isso. Não atropelei o cachorro e atropelei a mulher. Como você vai acreditar em Deus se foi desse jeito e não ao contrário?

George pisou no freio com os dois pés e calcou a buzina com a base da mão esquerda. Fui lançado para a frente. Meu cinto de três pontos travou. Havia cintos subabdominais no banco de trás, mas nosso preso não se dera ao trabalho de pôr nenhum — estava muito ocupado com o bordão Jacubois para se lembrar disso — e deu de cara na grade que ele segurava. Ouvi algo quebrar, um barulho como o de dedos estalando. Ouvi outra coisa ser esmagada. O estalo deve ter sido um de seus dedos e a esmagadura sem dúvida era seu nariz. Eu já ouvira essas coisas se partindo, e o barulho é sempre igual, como o de ossos de galinha sendo partidos. Ele deu um abafado grito de surpresa. Um jato de sangue, quente como um saco de água quente, aterrissou no ombro de meu uniforme.

Mister Dillon deve ter escapado de morrer ali por uns 30 centímetros, talvez apenas cinco, mas continuou correndo sem olhar uma só vez para nós, orelhas para trás coladas no crânio, ganindo e latindo, direto para o galpão B. Sua sombra corria ao lado dele no chão, negra e nítida.

— Ai, me machuquei! — gritou Brian pelo nariz tapado. — Estou todo ensanguentado, porra!

Em seguida começou a esbravejar contra a brutalidade da polícia.

George abriu a porta do lado do motorista. Eu fiquei sentado onde estava um instante, vendo D, esperando que ele parasse quando chegasse ao galpão. Não parou. Entrou com tudo na porta de enrolar, batendo com a cabeça. Caiu de lado e deu um grito. Até aquele dia, eu não sabia que cachorro gritava, mas grita. Não me pareceu um grito de dor, mas sim de frustração. Fiquei com os braços completamente arrepiados. D levantou e andou em círculos, como se caçando o próprio rabo. Fez isso duas vezes, sacudiu a cabeça como se para limpá-la, e tornou a chocar-se com a porta.

— Não, D!— gritou Huddie da entrada dos fundos. Shirley estava a seu lado, a mão levantada para proteger a vista. — Pare, D, obedeça, já.

A atenção que Mister D prestava neles era nula. Acho que também não prestaria em Orville Garrett, se ele lá estivesse naquele dia, e Orv era o que D tinha de mais parecido com um macho dominante. Ficou se jogando contra a porta de enrolar, latindo feito louco, emitindo mais um daqueles gritos atrozes de frustração cada vez que batia na superfície resistente. Na terceira vez, seu focinho deixou uma mancha de sangue na madeira pintada de branco.

Enquanto isso tudo acontecia, meu velho amigo Brian se acabava de tanto gritar.

— Me ajude, Jacubois, estou sangrando como a porra de um porco, onde essa besta do seu amigo aprendeu a dirigir, na porra da Sears? Me tire daqui, meu nariz, porra!

Ignorei-o e saltei do carro, com a intenção de perguntar a George se ele achava que D podia estar com raiva, mas, antes de abrir a boca, senti o fedor: aquele cheiro de água do mar e repolho velho e mais outra coisa, algo muitíssimo pior.

Mister D saiu correndo para a direita, em direção à esquina do galpão.

—Não, D, não! — gritou Shirley. Ela viu o que eu vi um segundo depois dela: a porta lateral, a que se abria com uma maçaneta normal em vez de enrolando em trilhos, estava uns centímetros aberta. Não sei se alguém, talvez Arky, a deixou assim

ARKY

Não fui eu, eu sempre fecho a porta. Se eu esquecesse, o velho sargento me faria um cu novo. Talvez Curt também. Eles queriam aquele lugar muito bem fechado.

Eram categóricos quanto a isso.

Ou talvez algo a tivesse aberto por dentro. Alguma força originada no Buick, acho que é disso que estou falando. Não sei se é o caso ou não; só sei que a porta estava aberta. Era de onde vinha o fedor pior, e era para onde ia Mister Dillon.

Shirley desceu a escada correndo com Huddie atrás, ambos aos gritos, mandando Mister D voltar. Ultrapassaram-nos. George correu atrás deles, e eu corri atrás de George.

Tinha havido um espetáculo luminoso do Buick dois ou três dias antes. Eu não vi, mas alguém que viu me contou, e a temperatura no galpão B andara baixa por quase uma semana. Não muito, só dois ou três graus. Em outras palavras, houve alguns sinais, mas nada realmente espetacular. Nada que o levasse a se levantar no meio da noite e escrever à mamãe contando a respeito. Nada que nos levasse a desconfiar do que encontramos ao entrar.

Shirley foi a primeira a entrar, gritando o nome de D... depois apenas gritando. Num segundo, Huddie gritava também. Mister Dillon latia num registro mais grave a essa altura, só que era uma mistura de latidos e grunhidos. É a voz de um cachorro para algo que está em cima de uma árvore ou encurralado. George Morgan gritou:

— Ai, meu Deus! Ai, minha Nossa Senhora! O que é isso?

Entrei no galpão, mas não fui muito longe. Shirley e Huddie estavam em pé um ao lado do outro, com George logo atrás. Tinham a passagem bem bloqueada. O cheiro era horrível - deixava nossos olhos lacrimejando e a garganta fechada -, mas eu mal notei.

O porta-malas do Buick estava aberto de novo. Atrás do carro, no fundo do galpão, havia um enrugado pesadelo amarelo com uma cabeça que não era cabeça, mas sim um emaranhado de fios cor-de-rosa, todos se mexendo. Embaixo, via-se mais carne amarela e enrugada. Era uma coisa muito alta, tinha no mínimo uns dois metros e dez. Alguns dos fios bateram numa das vigas do teto. Faziam um barulho esvoaçante, como mariposas chocando-se contra vidraças à noite, tentando chegar à luz que veem ou sentem atrás do vidro. Ainda ouço esse barulho. Às vezes, em sonhos.

Dentro do emaranhado feito por aquelas coisas cor-de-rosa que se mexiam, algo ficava abrindo e fechando na carne amarela. Algo redondo e preto. Podia ser uma boca. Podia estar tentando gritar. Não consigo descrever sobre o que se sustentava. É como se meu cérebro não conseguisse entender o que meus olhos viam. Não eram pernas, disso tenho certeza, e acho que podiam ser três em vez de duas. Terminavam em garras pretas e recurvadas. Nelas cresciam feixes de pelos crespos — acho que eram pelos, e acho que havia bichos pulando nos tufos, pequenos insetos como lêndeas ou pulgas. Do peito da coisa, pendia uma

cinzenta mangueira de carne que se contraía convulsivamente e era coberta de brilhantes rodelas de carne preta. Talvez fossem bolhas. Ou talvez, valha-me Deus, fossem os olhos daquilo.

Diante dessa aberração, estava nosso cachorro latindo e rosnando e espumando. Ele preparou-se para avançar sobre o monstro e este deu um guincho pelo buraco negro. A mangueira cinzenta tremia como um braço desossado ou uma perna de rã ao receber uma descarga elétrica. Gotas de algo escorreram da ponta para o chão do galpão. Logo começou a sair fumaça daquelas manchas, e vi que corroíam o concreto.

Mister D recuou um pouco ao ouvir o guincho, mas continuou latindo e rosnando, orelhas para trás grudadas no crânio, olhos esbugalhados. A coisa tornou a guinchar. Shirley gritou e tapou os ouvidos. Eu entendia o que a levava a fazer isso, mas acho que não adiantou muito. Parecia que esses guinchos não entravam na cabeça pelos ouvidos, mas antes pelo contrário: pareciam começar na cabeça e sair pelos ouvidos, escapando como vapor.

Tive vontade de dizer a Shirley para não fazer isso, para não tapar os ouvidos. Poderia ter uma embolia se guardasse aquele guincho horrível dentro dela, então ela baixou as mãos por si mesma. Huddie envolveu-a com o braço e ela

Senti Huddie me abraçar e peguei sua mão. Eu precisava fazer isso. Precisava ter algo humano para segurar. Da forma como Eddie conta, o primeiro produto vivo do Buick parece muito humano: tinha uma boca dentro de todas aquelas coisas cor-de-rosa que se mexiam, tinha um peito, tinha algo que lhe servia de olhos. Não estou dizendo que nada disso esteja errado, mas também não posso dizer que esteja certo. Não tenho certeza se chegamos a ver tudo, e certamente não vimos da forma como os agentes de polícia são treinados para olhar e ver. Aquela coisa era estranhíssima, não tinha nada a ver com nossa experiência nem tampouco com nossas referências. Era humanoide? Um pouco — pelo menos a percebemos assim. Era humana?. De forma alguma, não acredite nisso. Era inteligente, consciente? Não há como dizer ao certo, mas sim, creio que devia ser. Não que isso tivesse importância. Estávamos mais do que horrorizados com sua estranheza. Além do horror (ou talvez eu esteja dizendo dentro, como uma noz dentro da casca), havia ódio. Despertava um ódio dentro de mim, uma hostilidade, bem como medo e repugnância. As outras coisas haviam chegado mortas. Esta não, mas queríamos que estivesse. E como!

A segunda vez que guinchou, parecia olhar para nós. A mangueira do meio levantou como um braço estendido que talvez estivesse tentando sinalizar: Socorro, chame esse monstro que late.

Mister Dillon tornou a avançar. A coisa no canto guinchou uma terceira vez e recuou. Mais líquido lhe saía da tromba, ou braço ou pênis, ou lá o que fosse. Algumas gotas atingiram D, e seu pelo começou logo a fumegar. Ele soltou uma série de gritos de dor. Então, em vez de retroceder, pulou em cima do monstro.

Ele se moveu com uma velocidade fantástica, deslizando. Mister Dillon cravou os dentes numa prega de sua pele enrugada e frouxa, e aí aquilo sumiu, cambaleando junto à parede atrás do Buick, guinchando pelo buraco em sua pele amarela, agitando a mangueira para trás e para a frente. Um grude preto, como a substância que saíra do morcego e do peixe, gotejava de onde Mister D havia mordido.

O monstro bateu na porta de enrolar e guinchou de dor ou frustração ou as duas coisas. Aí Mister Dillon estava em cima dele, por trás. Deu um pulo e agarrou-o pelas pregas que pendiam daquilo que suponho que chamaríamos de costas. A carne rasgou com uma facilidade nojenta. Mister Dillon caiu no chão com as mandíbulas apertadas. Saiu mais pele do monstro, desenrolando-se como papel de parede solto. Uma baba preta… sangue… o que fosse… caiu na cara virada para cima de D. Ele uivou ao sentir esse contato, mas não soltou o que estava segurando, e até sacudiu a cabeça de um lado para o outro para rasgar mais, como um terrier com um rato nos dentes.

O monstro gritou e depois emitiu um som desarticulado que eram quase palavras. E sim, os gritos e os ruídos que pareciam palavras pareciam começar

no meio da nossa cabeça, quase como se fossem incubados ali. O monstro bateu na porta de enrolar com a tromba, como se pedindo que o deixassem sair, mas não tinha força.

Huddie sacara a arma. Houve um momento em que poderia ter acertado um tiro nos fios cor-de-rosa e no bolo amarelo embaixo deles, mas aí o monstro girou, ainda gemendo pelo buraco negro, e caiu em cima de Mister D. O membro cinzento que lhe saía do peito enrolou-se no pescoço de Mister D, e D começou a ganir e uivar de dor. Vi que começava a sair fumaça de onde aquilo o segurava, e dali a pouco senti cheiro de pelo queimado bem como de legumes podres e água do mar. O intruso estava jogado em cima de nosso cachorro, guinchando e se debatendo, as pernas {eram pernas) batendo na porta de enrolar e deixando manchas que pareciam de nicotina. E Mister Dillon dava longos uivos de agonia.

Huddie levantou a pistola. Agarrei-lhe o pulso e forcei a arma para baixo.

— Não, vai acertar D!

Então Eddie me empurrou ao passar, quase me derrubando. Encontrara um par de luvas de borracha nuns sacos ao lado da porta e calçara-as.

Você tem que entender que não me lembro de nada disso da forma como as pessoas normais se lembram das coisas. Para mim, isso é mais como a recordação do fim de um porre. Não foi Eddie Jacubois que pegou aquele par de luvas da pilha em cima dos sacos de adubo para gramado ao lado da porta. Foi algo sonhando que era Eddie Jacubois. Pelo menos, essa é a sensação que tenho agora. Acho que naquela época também.

Eu pensava em Mister Dillon? Rapaz, eu gostaria de achar que sim. É o máximo que posso dizer. Porque não consigo lembrar direito. O mais provável é que eu apenas quisesse calar aquela aberração amarela com seus guinchos, tirá-la de dentro da cabeça. Odiava-a ali dentro. Abominava-a. Tê-la ali era como estar sendo estuprado.

Mas eu devia pensar alguma coisa, sabe? Em algum nível, eu certamente pensava, porque calcei as luvas de borracha antes de pegar a picareta da parede. Lembro que as luvas eram azuis. Havia no mínimo uma dúzia de pares empilhados em cima daqueles sacos, de todas as cores do arco-íris, mas as que peguei eram azuis. Calcei-as depressa — tão depressa como os médicos daquela série Plantão médico. Aí peguei a picareta. Esbarrei com tanta força em Shirley ao passar que quase a derrubei. Acho que a teria derrubado se Huddie não a tivesse agarrado antes que ela caísse.

George gritou alguma coisa. Acho que foi Cuidado com o ácido. Não me lembro de ter tido medo nem, certamente, de ter me sentido corajoso. Só lembro de estar chocado e enojado. Como uma pessoa se sentiria ao acordar com uma sanguessuga na boca, sugando-lhe o sangue da língua. Uma vez eu disse isso a Curtis, e ele usou uma expressão que não vou esquecer nunca: o horror da transgressão. Era isso, o horror da transgressão.

Mister D, uivando e se debatendo e rosnando, tentando fugir; a coisa em cima dele, os fios cor-de-rosa que saíam da parte de cima daquilo agitando-se como algas numa onda; o cheiro de pelo queimado; o fedor de sal e repolho; a substância preta saindo das costas enrugadas da coisa, escorrendo como lama pelas rugas em sua pele amarela e pingando no chão; minha vontade de matá-la, apagá-la, fazê-la sumir do mundo: tudo isso remoinhava em minha cabeça — remoinhava mesmo, como se o choque do que encontramos no galpão B me tivesse batido os miolos, feito deles um purê e os incorporado depois a um ciclone que não tinha nada a ver com sanidade, nem loucura, nem trabalho de polícia, nem trabalho de segurança, nem Eddie Jacubois. Como já disse, eu me lembro, mas não da forma que as pessoas se lembram das coisas normais. E mais como um sonho. E ainda bem. Já é bastante ruim lembrar daquilo tudo. E não dá para não lembrar. Nem a bebida impede essa lembrança, apenas a afasta um pouco. E quando se para de beber, tudo volta correndo. Como acordar com uma sanguessuga na boca.

Cheguei à aberração, baixei a picareta e a ponta entrou no meio dela. Ela gritou e se jogou de costas na porta de enrolar. Mister Dillon ficou livre e recuou, arrastando a barriga no chão. Latia de raiva e uivava de dor, tudo misturado. Atrás da coleira, tinha uma queimadura no pelo. Metade de seu focinho estava chamuscado, como se o tivesse enfiado numa fogueira. Dali saíam pequenas espirais de fumaça.

O ser encostado na porta de enrolar levantou aquela mangueira cinzenta do peito e aquilo eram mesmo olhos incrustados nela. Olhavam para mim, e eu não aguentava. Girei a picareta, baixei a parte cortante. Ouviu-se um ruído de algo rasgando, e parte da mangueira rolou no chão de concreto. Também acertei a região do peito. Nuvens de uma substância cor-de-rosa semelhante a espuma de barbear saíram em turbilhão do buraco, como se sob pressão. Ao longo da tromba cinza — refiro-me à parte amputada — aqueles olhos giravam espasmodicamente, parecendo olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Deles saíram gotas claras de um líquido, o veneno daquilo, acho eu, e corroeram o concreto.

Então George estava a meu lado com uma pá, que ele enfiou no meio das gavinhas da cabeça da criatura. Enterrou-a até o cabo de freixo na pele amarela daquilo. A criatura gritou. Em minha cabeça, ouvi o grito tão alto que parecia que meus olhos iam saltar para fora das órbitas, como saltam os olhos de uma rã quando se agarra e se aperta seu corpo molengo.

Também calcei um par de luvas e peguei uma das outras ferramentas — acho que era um ancinho, mas não tenho bem certeza. Seja lá o que fosse, peguei, e fui ter com Eddie e George. Alguns segundos depois (ou um minuto, talvez, não sei, o tempo tinha perdido o significado), olhei em volta e Shirley também estava lá. Calçara suas luvas e pegara a cavadeira de Arky. Seu cabelo se soltara e lhe caía no rosto. Me fez lembrar Sheena, a rainha da selva.

Todos lembramos de calçar luvas, mas estávamos loucos. Completamente malucos. O aspecto daquilo, o barulho que fazia com aquela algaravia e aqueles guinchos, até a maneira de uivar e chorar de Mister D — tudo isso nos deixara loucos. Eu me esquecera do caminhão-pipa virado, de George Stankowski tentando enfiar as crianças no ônibus escolar e levá-las para um lugar seguro, e do jovem enfezado que Eddie e George Morgan haviam trazido. Acho que me esqueci até que havia qualquer outra coisa fora daquele pequeno galpão fedido. Eu gritava quando descia o ancinho no monstro, cravando-lhe várias vezes os dentes da ferramenta. Os outros também gritavam. Estávamos em volta do ser, surrando-o e cortando-o em pedacinhos; aos gritos, mandávamos que morresse, e ele não morria, parecia que não morreria nunca.

Se eu pudesse me esquecer de alguma coisa, de alguma parte desse episódio, seria disso: no final, justo antes de finalmente morrer, aquilo levantou o toco do membro do peito. O toco tremia como mão de velho.

Havia olhos no toco, a essa altura alguns pendendo de fios de tendão brilhantes. Talvez aqueles fios fossem nervos ópticos. Não sei. Seja como for, o toco levantou e, por um segundo, eu vi a mim mesmo no meio da minha cabeça. Vi a nós todos em pé numa roda olhando para baixo, parecendo assassinos ao lado da sepultura de sua vítima, e vi quão estranhos e estrangeiros éramos. Quão horríveis éramos. Naquele momento, senti a terrível confusão do monstro. Não seu medo, porque medo ele não tinha. Não sua inocência, porque inocente não era. Nem culpado, aliás. O que estava era confuso. Sabia onde estava? Acho que não. Sabia por que Mister Dillon o atacara e por que o estávamos matando? Sim, isso sabia. Fazíamos isso porque éramos muito diferentes, tão diferentes e tão horríveis que seus muitos olhos mal conseguiam nos ver, mal conseguiam se concentrar em nossas imagens, enquanto o rodeávamos gritando e cortando. Então, finalmente, parou de se mexer. O toco do membro que parecia uma tromba no peito tornou a ficar em repouso. Os olhos pararam de tremer e ficaram apenas fitando.

Eddie e George ofegavam um ao lado do outro. Shirley e eu estávamos em frente a eles — do outro lado daquele monstro — com Mister Dillon atrás, ofegando e gemendo. Shirley largou a cavadeira e, quando a ferramenta bateu no concreto, vi que um pedaço da carne amarela do monstro morto ficara preso nela como um torrão de terra doente. A cara de Shirley ficou branca como papel, não fosse por duas manchas muito vermelhas nas maçãs do rosto e outra

na garganta, qual sinal de nascença.

—Huddie — sussurrou.

—O quê? — perguntei.

Eu mal podia falar, tinha a garganta seca a esse ponto.

—Huddie!

—O quê, cacilda?

—A coisa tinha capacidade de pensar — ela sussurrou. Tinha os

—olhos arregalados e horrorizados, nadando em lágrimas. — Matamos um ser racional. Isso é assassinato.

—Eu não dou a mínima para o que seja. — disse George. — Mesmo

—que seja assassinato, de que adianta ficar pensando no assunto?

Gemendo — mas não com a mesma urgência de antes —-, Mister Dillon meteu-se entre mim e Shirley. Tinha grandes pelados no pescoço, nas costas e no peito, como se estivesse com sarna. A ponta de sua orelha parecia ter caído depois de queimada. Espichou o pescoço e farejou o cadáver da criatura que jazia ao lado da porta de enrolar.

—Pegue-o e tire-o daqui — disse George.

—Não, ele está bem — retruquei.

Ao cheirar o fino e agora imóvel emaranhado de gavinhas cor-de-rosa, Mister Dillon gemeu de novo. Então, levantou a perna e mijou no pedaço de tromba ou chifre ou lá o que fosse. Feito isso, recuou, ainda gemendo.

Ouvi um chiado fraco. O cheiro de repolho ficava mais forte, e a carne da criatura ia perdendo a cor amarela e ficando branca. Fios de vapor minúsculos e quase invisíveis começavam a subir. Era onde se localizava o pior do fedor, naquele vapor que subia. A criatura começara a se decompor, como o resto do que saíra.

— Shirley, volte para dentro — eu disse. — Você tem que cuidar de um 99.

Ela piscou depressa, como alguém acabando de voltar a si.

—O caminhão-tanque — disse. — George S. Ih, meu Deus, esqueci.

—Leve o cachorro com você — eu disse.

—Sim. Tudo bem. — Fez uma pausa. — E…?

Apontou para as ferramentas espalhadas pelo chão, as que usamos para matar a criatura quando ela estava encostada na porta, mutilada e gritando. Gritando o quê? Por clemência? Se nossas posições se invertessem, será que ela (ou outros de sua espécie) seria clemente conosco? Acho que não… mas claro que eu não seria, não? Porque é preciso primeiro passar uma noite, e mais outra,

depois um ano de noites e aí dez anos. Você precisa poder apagar a luz e ficar deitado no escuro. Precisa acreditar que só fez o que fariam com você. Precisa organizar as ideias porque sabe que só pode viver parte do tempo com as luzes acesas.

— Não sei, Shirley — eu disse. E o cheiro de repolho podre estava me deixando enjoado. — O que importa, porra, se não vai haver nenhum julgamento nem inquérito nem nada oficial. Vá lá para dentro. Você é a agente de comunicações da polícia. Então, comunique.

Ela fez que sim com a cabeça abruptamente.

— Vamos, Mister Dillon.

Eu não tinha certeza se D iria com ela, mas foi, caminhando obediente atrás de um dos sapatos marrons de salto baixo de Shirley. Continuava gemendo, porém, e justo antes de saírem pela porta lateral, estremeceu todo, como se tivesse se resfriado.

— Temos que sair também — disse George a Eddie. Começou a esfregar os olhos, viu que continuava de luvas e descalçou-as. — Temos que cuidar de um prisioneiro.

Eddie fez a mesma cara de surpresa que Shirley fez ao ser lembrada por mim de que precisava tratar da ocorrência de Poteenville.

—Esqueci completamente aquele tagarela filho da puta — disse. — Ouvi dizer que ele quebrou o nariz, George.

—É? — disse George. — Ah, que pena.

Eddie riu. Via-se que tentava se segurar, mas o sorriso se abria. Sempre acontece isso, mesmo nas piores circunstâncias. Especialmente nas piores circunstâncias.

—Vá — eu disse. — Cuide dele.

—Venha conosco — disse Eddie. — Você não devia ficar aqui sozinho.

—Por quê? A criatura está morta, não?

—Aquilo não está. — Eddie ergueu o queixo na direção do Buick. — O raio do falso carro é suspeito, e no mais alto grau. Não sente isso?

—Sinto alguma coisa — disse George. — Deve ser só a reação de lidar com aquela… — apontou para a criatura morta — sei lá o quê.

—Não — disse Eddie. — O que sente está vindo do raio do Buick, não daquela criatura morta. Respira, é o que eu acho. Seja lá o que for mesmo o carro, respira. Acho que é perigoso ficar aqui, Hud. Para todos nós.

—Você está exagerando.

—Exagerando uma ova. Ele respira. Ao expirar, botou para fora aquela

aberração de cabeça cor-de-rosa, assim como se pode botar meleca pelo nariz quando se espirra. Agora se prepara para inspirar. Estou sentindo, posso lhe dizer.

—Olhe — eu disse —, só quero dar uma olhada rápida, certo? Depois vou pegar a lona e cobrir… aquilo. — Apontei com o polegar para o que matamos. — Qualquer coisa mais complicada pode esperar por Tony e Curt. Eles são os especialistas.

Mas acalmá-lo era impossível. Estava ficando histérico.

—Você não pode deixá-los perto daquele carro falso depois que ele torna a inspirar. — Eddie olhou lugubremente para o Buick. — E é melhor se preparar para uma discussão sobre esse assunto. O sargento vai querer entrar, e Curt mais ainda, mas você não pode deixar. Porque…

—Eu sei — atalhei. — Ele está se preparando para inspirar, dá para sentir. Devíamos lhe arranjar um número 0900, Eddie. Você poderia ganhar uma fortuna lendo mãos por telefone.

—É, pode rir. Acha que Ennis Rafferty está rindo, onde quer que esteja? Lhe digo o que eu sei, goste você ou não. Ele respira. É o que andou fazendo o tempo todo. Dessa vez, quando inspirar, vai ser difícil. Vou lhe dizer uma coisa. Deixe George e eu lhe darmos uma mão com a lona. Nós três cobrimos a criatura e saímos juntos.

Aquilo não me pareceu boa ideia, embora eu não soubesse exatamente por quê.

—Eddie, eu posso fazer isso. Juro por Deus. Além disso, quero tirar algumas fotos do Sr. E.T. antes que ele apodreça e vire sopa de caranguejo.

—Chega — disse George. Estava ficando meio verde.

— Perdão. Saio já, já. Agora vão cuidar do assunto de vocês. Eddie fitava o Buick, com seus pneus de banda branca, seu porta-malas aberto, de modo que a traseira parecia a frente de um crocodilo.

— Odeio essa coisa — disse. — Por dois centavos…

George então se encaminhava para a porta, e Eddie acompanhou-o sem terminar de dizer o que faria por dois centavos. Não era difícil imaginar, de qualquer forma.

O cheiro da criatura apodrecendo piorava a cada minuto, e lembrei-me da máscara Puff-Pak que Curtis usara quando entrara para investigar a planta que parecia um lírio. Achei que ainda estava no depósito. Havia também uma câmera Polaroid, ou pelo menos, da última vez que olhei, havia.

Ouvi ao longe a voz de George chamando Shirley do estacionamento, perguntando-lhe se estava bem. Ela respondeu dizendo que sim. Um ou dois segundos depois, Eddie gritou PORRA!, a plenos pulmões. Parecia uma fera.

Imaginei que seu prisioneiro, provavelmente doidão e ainda por cima de nariz quebrado, vomitara no banco traseiro da unidade 6. Bem, e daí? Há coisas piores que um prisioneiro chamar o Raul no seu carro.

Uma vez, eu estava ajudando no local de uma colisão de três veículos em Patchin, colocando tochas na estrada, e tinha deixado preso no banco de trás de meu carro o motorista bêbado que provocara o acidente. Quando voltei, descobri que meu elemento havia tirado a camisa e cagado dentro. Depois usou uma das mangas como bisnaga — para entender o que estou tentando descrever, imagine um confeiteiro decorando um bolo — e escreveu seu nome nas janelas laterais traseiras. Tentava fazer o mesmo também com o vidro traseiro, só que faltou aquele seu glacê marrom especial. Quando lhe perguntei por que havia feito uma porcaria daquelas, ele me olhou enviesado com aquela arrogância que só um porrista de longa data tem e disse: É um mundo nojento, seu guarda.

Bem, não dei importância ao berreiro de Eddie e fui ao depósito onde guardávamos nossos suprimentos sem me dar ao trabalho de averiguar como ele estava. Eu tinha quase certeza de que não encontraria a máscara, mas ela continuava na prateleira, entre a caixa de fitas virgens e uma pilha de revistas Field Stream. Alguma alma organizada até a guardara dentro de uma bolsa plástica de provas para protegê-la do pó. Ao pegá-la, lembrei-me da cara de louco de Curt quando o vi pela primeira vez usando aquela novidade, com um avental de barbeiro de plástico, uma touca de banho azul e umas galochas vermelhas. Você está lindo, acene para seus fãs fervorosos, eu lhe dissera.

Coloquei a máscara na boca e no nariz, quase certo de que o que dela saísse seria irrespirável, mas era ar, sim — seco como pão de uma semana, mas sem mofo, se entende o que quero dizer. Melhor que o fedor do galpão, com certeza. Peguei a Polaroid velha do prego onde ela estava pendurada pela correia. Saí do depósito e acho — talvez seja apenas uma impressão que tive depois, sou o primeiro a admitir — que vi movimento. De relance. Mas não da área do galpão, porque era para onde eu olhava, foi mais uma coisa vista de rabo de olho. Algo no campo dos fundos. No capim alto. Devo ter pensado que fosse Mister Dillon, talvez rolando no chão, tentando se livrar do cheiro daquela coisa. Bem, não era. Mister Dillon não estava em condições de rolar coisa alguma naquela hora. Naquela hora, o pobre velho D estava ocupado morrendo.

Tornei a entrar no galpão, respirando através da máscara. E embora antes eu não tivesse sentido o que Eddie estava falando, dessa vez veio com clareza. Era como se alguns minutos fora do galpão me tivessem refrescado para aquilo, deixando-me mais em sintonia. O Buick não estava soltando faíscas arroxeadas nem brilhando nem zumbindo, estava ali quieto, mas nele havia uma animação que era inconfundível. Dava para senti-la quase encostando na pele, como uma brisa levíssima soprando os pelos do braço. E pensei… é loucura, mas pensei: E se o Buick não for outra coisa senão outra versão do que estou usando na cara? E se não for outra coisa senão uma máscara Puff-Pak? E se a coisa que a está usando expirou e agora seu peito está vazio, mas daqui a um ou dois segundos…

Mesmo com a Puff-Pak, o cheiro da criatura morta era suficiente para fazer meus olhos lacrimejarem. Brian Cole e Jackie O'Hara, dois dos melhores faz-tudo da lista na época, haviam instalado um ventilador de teto no ano anterior, e liguei-o ao passar.

Tirei três fotos, e o filme acabou — eu não averiguara a quantas andava o rolo. Burrice. Meti as fotos no bolso traseiro, pus a câmera no chão e fui tirar a lona. Ao me abaixar para pegá-la, me dei conta de que havia pegado a câmera, mas deixara para trás o rolo de corda amarela ao sair do depósito. Eu devia tê-lo pegado e passado o laço da ponta da corda em volta da cintura. Amarrado a outra ponta no gancho grande que Curtis pregara à esquerda da porta lateral do galpão B exatamente para essa finalidade. Mas não fiz isso. A corda era chamativa demais para passar despercebida, e eu não a notara. Engraçado, não? E lá estava eu onde eu não tinha nada que estar sozinho, mas estava. E sem nenhuma corda de segurança. Passara reto por uma, quem sabe porque algo queria que eu passasse reto. Havia um E.T. morto no chão e o ar estava impregnado de uma sensação desagradável e viva de alguma coisa se preparando. Acho que me passou pela cabeça que, se eu desaparecesse, minha mulher e a irmã de Ennis Rafferty poderiam se unir. Acho que posso ter rido disso. Não me lembro bem, mas me lembro de ter achado graça em alguma coisa. Do absurdo da situação em geral, talvez.

A coisa que matamos ficara inteiramente branca. Fumegava como gelo seco. Os olhos da parte cortada continuavam parecendo me fitar, embora àquela altura tivessem começado a derreter e escorrer. Eu nunca sentira tanto medo na vida, o medo de quem se vê numa situação em que realmente pode morrer e tem consciência disso. Aquela sensação de que havia algo prestes a respirar, a inspirar, era tão forte que me dava arrepios. Mas eu sorria, também. Um sorriso largo. Não chegava a rir, mas quase. Achando graça. Joguei a lona em cima do Sr. E.T. e fui saindo do galpão de costas.

Esqueci completamente a Polaroid. Larguei-a ali no chão. Estava quase na porta quando olhei para o Buick. E uma força me atraiu para ele. Tenho certeza de que foi a força dele Na verdade, não. Talvez tenha sido apenas o fascínio que as coisas mortais exercem sobre nós: a beira e a queda, como o cano de uma arma parece um olho a nos fitar se a viramos de um lado para o outro. Até a ponta de uma faca vai ficando diferente se for tarde e todo mundo na casa já estiver dormindo.

Mas tudo isso era abaixo do nível da consciência. No nível da consciência, eu acabara de decidir que não podia sair deixando o Buick com o porta-malas aberto. Parecia... sei lá, se preparando muito para respirar. Algo assim. Eu continuava sorrindo. Talvez até tenha rido um pouco.

Dei oito passos — talvez 12, acho que poderiam ter sido 12. Dizia a mim mesmo que não havia nada de imprudente no que eu estava fazendo, Eddie J era uma mãe confundindo sensações com fatos. Fui botar a mão na tampa do porta-malas. Minha intenção era batê-la e me mandar (ou pelo menos foi o que disse a

mim mesmo), mas aí olhei dentro da mala e disse uma dessas expressões que se diz quando se está surpreso, não me lembro qual, poderia ter sido Caramba, Puxa vida ou Macacos me mordam. Porque havia algo ali dentro, jazendo no tapete marrom do porta-malas. Parecia um rádio transistor do final dos anos 50 ou início dos 60. Via-se até o toco brilhante do que poderia ter sido uma antena despontando do objeto.

Meti a mão no porta-malas e peguei a engenhoca. Também dei uma boa risada por causa dela. Tinha a sensação de estar sonhando ou viajando com alguma droga. E o tempo todo eu sabia que aquilo se aproximava de mim, se preparava para me levar. Não sei se levou Ennis da mesma maneira, mas deve ter levado, sim. Eu estava na frente do porta-malas aberto, sem corda nem ninguém para me tirar dali, e algo se preparava para me puxar para dentro, para me tragar como fumaça de cigarro. E eu estava cagando. Só queria saber do que eu achara na mala.

Podia ser uma espécie de dispositivo de comunicação — era o que parecia —, mas podia ser algo completamente diferente: o lugar onde o monstro guardava seus remédios, um tipo de instrumento musical, quem sabe até uma arma. Era do tamanho de um maço de cigarros, mas muito mais pesado. Mais pesado inclusive que um rádio transistor ou um walkman. Não tinha dials, botões nem manetes. O material de que era feito não parecia metal nem plástico. Tinha uma textura fina, não exatamente desagradável, mas orgânica, como couro de vaca curtido. Toquei na vareta saliente, e ela encolheu para dentro de um buraco na parte de cima. Toquei no buraco e a vareta tornou a sair. Tornei a tocar na vareta e, desta vez, nada aconteceu. E não aconteceu mais. Embora nunca mais para o que chamávamos de rádio não tenha sido muito tempo; após uma ou duas semanas, sua superfície começou a furar e a se corroer. Estava numa bolsa de provas com fecho Ziploc, mas isso não adiantou. Um mês depois, o rádio parecia algo deixado ao tempo por 80 anos. E, na primavera seguinte, não era nada mais senão um punhado de fragmentos cinzentos no fundo de uma bolsa de plástico. A antena, se aquilo era antena, nunca mais se mexeu. Nem um milimetrozinho.

Lembrei-me de Shirley dizendo Matamos um ser racional, e George dizendo que aquilo era besteira. Só que não era. O morcego e o peixe não tinham vindo equipados com coisas parecidas com rádios transistores porque eram animais. O visitante de hoje — que fizemos em pedacinhos com ferramentas que tiramos dos ganchos da parede — era algo completamente diferente. Por mais abominável que nos parecesse, independentemente de quão instintivamente nós o — qual era a palavra? — repudiamos, Shirley estava certa: era um ser racional. Todavia, o matamos, destroçando-o no chão de concreto enquanto ele levantava o toco da tromba cortada em sinal de rendição, gritando pela clemência que devia saber que nunca lhe daríamos. Não podíamos dar. E isso não me horrorizou. O que me horrorizou foi uma visão de outra coisa. De Ennis Rafferty caindo no meio de outras criaturas assim, coisas com protuberâncias amarelas no lugar da cabeça embaixo de um emaranhado de fios cor-de-rosa

que podiam ser cabelo. Vi-o morrer embaixo daquelas trombas cheias de ácido e daquelas garras como ganchos se agitando, tentando gritar por clemência e sufocando com um ar irrespirável para ele. E, quando jazia morto diante dessas criaturas, morto e já começando a apodrecer, alguma delas sacara a pistola dele do coldre? Haviam ficado ali paradas olhando para aquilo sob um céu estranho de uma cor inimaginável? Tão perplexas com a arma quanto fiquei com o rádio? Alguma delas dissera Acabamos de matar um ser racional, ao que outra respondera Que besteira? E enquanto eu pensava essas coisas, pensava também que devia sair dali imediatamente. A menos que quisesse investigar pessoalmente essas perguntas. Então o que aconteceu depois? Eu nunca contei isso a ninguém, mas é melhor contar agora; parece bobagem chegar tão longe e depois ocultar os fatos.

Decidi entrar no porta-malas.

Eu me via fazendo isso. Haveria espaço de sobra; vocês sabem como eram grandes os porta-malas daqueles carros antigos. Quando eu era garoto, costumávamos brincar que Buicks, Cadillacs e Chryslers eram carros de mafiosos porque cabiam dois poloneses ou três carcamanos no porta-malas. Espaço de sobra. O velho Huddie Royer podia entrar, deitar de lado, levantar os braços e fechar a mala. Suavemente. Para fazer o mínimo de barulho. Então ele ficaria ali deitado no escuro, respirando ar seco da máscara Puff-Pak e segurando o rádio junto ao peito. Não haveria muito ar dentro do pequeno tanque, mas haveria o suficiente. O velho Huddie se limitaria a ficar ali encolhido sorrindo e aí… logo, logo…

Aconteceria algo interessante.

Não penso nisso há anos, a menos que estivesse no tipo de sonhos que, ao acordar, a pessoa não lembra, aqueles que só se sabe que foram ruins porque o coração palpita e a boca está seca e a língua parece um fusível queimado. A última vez que pensei conscientemente em estar ali na frente do porta-malas do Buick Roadmaster foi quando soube que George Morgan havia se suicidado. Pensei nele ali em sua garagem, sentado no chão, talvez ouvindo a garotada jogando beisebol no campo McClurg todo iluminado depois da esquina, e aí, terminada sua lata de cerveja, pegando a arma e olhando para ela. Talvez então já tivéssemos mudado para a Beretta, mas George conservava sua Ruger. Disse que ficava bem em sua mão. Pensei nele virando-a de um lado para o outro, olhando o olho do cano. Toda arma tem olho. Quem já viu uma sabe disso. Pensei nele botando o cano entre os dentes e sentindo a protuberância da mira no céu da boca. Sentindo o gosto de óleo. Talvez até enfiando a ponta da língua no cano, como se pode meter a língua na boca de um trompete quando se vai tocar. Sentado ali no canto da garagem, ainda sentindo o gosto daquela última lata de cerveja, e também do óleo e do aço, lambendo o buraco do cano, o olho de onde sai a bala a uma velocidade duas vezes maior do que a do som, sobre um colchão de gases quentes em expansão. Sentado ali sentindo o cheiro de grama grudada embaixo do cortador e de um pouco de gasolina derramada. Ouvindo a torcida da garotada no outro quarteirão. Pensando na sensação de

atropelar uma mulher com duas toneladas de carro-patrulha, do baque e da derrapagem, de ver gotas de sangue aparecerem no para-brisa como o início de uma maldição bíblica e de ouvir o chocalhar seco, como o de uma cabaça, de algo preso numa das rodas, que no final das contas era um dos pés do tênis da mulher. Pensei em tudo isso e acho que, para ele, foi assim, porque sei que, para mim, foi. Eu sabia que seria horrível, mas não liguei porque sabia que também seria engraçado. Por isso eu sorria. Não queria ir embora. Acho que George também não queria. No fim, quando a pessoa decide mesmo fazer aquilo, é como se apaixonar. É como a noite de núpcias. E eu havia decidido fazer.

Salvo pelo gongo, diz o ditado, mas eu fui salvo por um grito: o de Shirley. A princípio, foi apenas um guincho estridente, e aí vieram as palavras.

— Socorro! Por favor! Socorro! Por favor, me ajudem!

Foi como ser acordado de um transe. Dei dois passos para longe da mala do Buick, cambaleando como um bêbado, mal conseguindo acreditar no que estava prestes a acontecer. Então Shirley tornou a gritar e ouvi Eddie berrar:

— O que há com ele, George? O que aconteceu com ele?

Virei-me e saí correndo pela porta do galpão.

É, salvo pelo grito. Foi o meu caso.

Do lado de fora estava melhor, tanto que, ao ir correndo atrás de George, até parecia que aquilo tudo no galpão B havia sido um sonho. Naturalmente não havia monstros com fios cor-de-rosa saindo da cabeça, nem trombas com olhos, nem garras com tufos de pelo. A realidade era nosso elemento na traseira da unidade 6, aquele escroto jovial que bate em namorada, senhoras e senhores, uma salva de palmas para ele, Brian Lippy. Eu continuava com medo do Buick — um medo como nunca tivera antes nem tive depois em toda a vida — e estava convencido de que esse medo tinha uma justificativa perfeita, mas já não me lembrava qual era. O que era um alívio.

Corri mais para alcançar George.

—Ei, cara, talvez eu tenha exagerado um pouco lá dentro. Se exagerei…

—Merda — disse ele num tom neutro e revoltado, parando tão de repente que quase o atropelei. Ele estava à beira do estacionamento com as mãos na cintura e de punhos cerrados. — Olhe. — Então gritou: — Shirley! Você está bem?

—Estou ótima — respondeu ela. — Mas Mister D… ai, amor, o rádio está tocando. Tenho que atender.

—Isso não dói? — disse George em voz baixa.

Pus-me ao lado dele e vi por que ele estava nervoso. A janela traseira da direita do 6 fora completamente arrebentada, sem dúvida por um par de botas de caubói de salto compensado.

Dois ou três chutes não teriam feito isso, nem mesmo uma dúzia, talvez, mas demos tempo de sobra para meu antigo colega de colégio Brian ir para a cidade. O sol em mil cacos de vidro amontoados no asfalto produzia reflexos de fogo. De Monsieur Brian Lippy, propriamente dito, não havia nem sinal

— PORRA! — gritei, e cheguei mesmo a sacudir os punhos para a unidade 6.

Tínhamos um caminhão-tanque de produtos químicos pegando fogo no condado de Pogus, tínhamos um monstro morto apodrecendo no galpão dos fundos e agora tínhamos também um babaca neonazista que escapulira. Mais uma janela do carro-patrulha quebrada. Talvez você não ache isso muito, comparado com o resto, mas é porque nunca precisou preencher os formulários, começando com 24-A-24, Propriedade Danificada, PEP, e terminando com Informe Completo do Incidente, Preencha Todos os Campos Apropriados. Uma coisa que eu gostaria de saber é por que nunca temos uma série de dias bons só com uma coisa ruim. Porque nunca é assim, pelo menos pela experiência que tenho. Pela experiência que tenho, a merda vai sendo poupada até vir o dia em que você recebe tudo de uma vez. Aquele foi um desses dias. O pai de todos.

George foi se encaminhando para o 6. Eu ia ao lado dele. Ele se agachou, tirou o walkie-talkie do estojo da cintura, e remexeu os cacos de vidro com a antena de borracha. Então, pegou alguma coisa. Era o brinco de crucifixo de nosso amigo. Ele deve tê-lo perdido ao sair pela janela quebrada.

—Porra — repeti, mas num tom de voz mais baixo. — Aonde acha que ele foi?

—Bem, não está lá dentro com Shirley. O que é bom. Ou então?

—Pode ter descido a estrada, subido a estrada, atravessado a estrada, atravessado o campo dos fundos e ido para o bosque. Uma dessas opções. Escolha a que quiser. — Levantou-se e olhou para o assento traseiro vazio. — Isso pode ser chato, Eddie. Pode ser uma cagada daquelas. Você está sabendo, não?

Perder um prisioneiro era sempre ruim, mas Brian Lippy não era John Dillinger, e eu disse isso.

George sacudiu a cabeça como se não tivesse entendido.

— Não sabemos o que ele viu. Sabemos?

—Hã?

—Talvez nada — prosseguiu, e passou o sapato pelo vidro quebrado. Os cacos rangeram. Havia gotículas de sangue em alguns. — Talvez tenha se mandado para o outro lado que não o do galpão. Mas obviamente aí chegaria na estrada, e, por mais doidão que estivesse, não ia querer ir por esse caminho, porque algum tira chegando à base poderia vê-lo, um cara todo ensanguentado, cheio de cacos de vidro no cabelo, e prendê-lo de novo.

Eu estava lento naquele dia, reconheço. Ou talvez ainda estivesse em estado de choque.

— Não entendo o que você…

George olhava para baixo com os braços cruzados no peito. Continuava arrastando o pé para a frente e para trás nos cacos de vidro, mexendo-os como se fosse um ensopado.

—Se eu fosse ele, eu iria pelo campo dos fundos. Tentaria chegar à estrada pelo bosque, quem sabe me lavar num dos riachos dali, depois pedir uma carona. Mas e se alguma coisa me distraísse na hora da fuga? E se eu ouvisse um alvoroço vindo daquele galpão?

—Ai — disse eu. — Ai, meu Deus. Você não está achando que ele

—iria mesmo parar para ver o que a gente estava fazendo, está?

—Talvez não. Mas é uma possibilidade. A curiosidade é poderosa.

—Isso me fez pensar no que Curt gostava de dizer sobre o gato curioso.

—É, mas quem acreditaria nele?

—Se chegar a sair na American — disse George lentamente —, a irmã de Ennis talvez acredite. E seria um começo. Não?

—Merda — eu disse. Refleti. — É melhor mandar Shirley dar um alerta geral para procurarem Brian Lippy.

—Primeiro, vamos deixar ajeitarem um pouco a confusão em Poteenville. Aí, quando o sargento chegar aqui, contamos tudo a ele, inclusive o que Lippy pode ter visto, e lhe mostramos o que ficou no galpão B. Se Huddie tirou umas fotos mais ou menos decentes… — Olhou por cima do ombro. — Aliás, onde está Huddie? Já era para ele ter saído. Caramba, espero…

Ele chegou a dizer isso e aí Shirley começou a gritar:

— Socorro! Por favor! Socorro! Por favor, me ajudem!

Antes que qualquer um de nós pudesse dar um passo na direção do quartel, Mister Dillon saiu pelo buraco que já havia feito na porta de tela. Vinha trôpego como um bêbado, a cabeça baixa. De seu pelo saía fumaça, e, ao que parecia, de sua cabeça também, embora, a princípio, eu não conseguisse ver de onde vinha a fumaça. Minha primeira impressão foi que vinha do corpo todo. Ele pôs as patas dianteiras no primeiro dos três degraus que desciam da entrada dos fundos que dava para o estacionamento, perdeu o equilíbrio e caiu de lado. Ao cair, ficou estrebuchando a cabeça. Era assim que as pessoas se moviam naqueles filmes antigos de cinema mudo. Vi dois rolos de fumaça saindo-lhe das ventas. Isso me lembrou a mulher sentada na caminhonete de Lippy, a fumaça do cigarro subindo numa espiral que parecia desaparecer antes de chegar ao teto. Mais fumaça lhe saía dos olhos, que estavam de um branco estranho, franzido. Ele vomitou uma golfada de sangue fumegante, tecido meio dissolvido e coisas brancas triangulares. Depois de algum tempo, me dei conta de que eram seus dentes.

Havia um grande congestionamento de mensagens de rádio, mas nenhuma delas era dirigida à base. E por que seria, quando toda a ação estava ou na escola de Poteenville ou a caminho para lá? Fui informada de que George Stankowski finalmente levara as crianças para longe da fumaça. Os voluntários de Poteenville, com a ajuda dos carros de bombeiros do condado de Statler, controlavam o fogo no capim em vários pontos em volta da escola. Esse fogo fora provocado pela combustão do óleo diesel e não de algum produto químico inflamável. O caminhão-tanque transportava cloro líquido, já estava confirmado. Não era bom, mas nem de longe era tão ruim quanto poderia ter sido.

George me chamou de fora, querendo saber se eu estava bem. Achando muita gentileza dele, respondi que estava. Um ou dois segundos depois, Eddie disse um palavrão, irritado. Durante todo esse tempo, eu me sentia estranha, como alguém executando tarefas rotineiras depois de uma tremenda mudança.

Mister D estava de cabeça baixa na porta da expedição, gemendo para mim. Achei que as queimaduras em seu pelo lhe doíam. Havia mais queimaduras, pontilhados de queimaduras, de ambos os lados de seu focinho. Eu disse a mim mesma que alguém — Orv Garrett era a escolha lógica — deveria levá-lo ao veterinário quando as coisas se assentassem. Isso significaria inventar alguma história, provavelmente do barulho, explicando como ele se queimara.

— Quer um pouco d' água, garotão? — perguntei. — Aposto que quer, não?

Ele tornou a gemer, como se para dizer que a água era uma ótima ideia. Entrei na quitinete, peguei sua tigela, enchi-a na pia. Ouvia-o atrás de mim andando no linóleo, mas não me virei até ter acabado de encher a tigela.

— Tome sua...

Cheguei a dizer isso, aí olhei bem para ele e deixei a tigela cair no chão, molhando os tornozelos. Ele tremia todo — não como se sentisse frio, mas como se estivesse recebendo uma descarga elétrica. E lhe saía uma espuma dos dois lados do focinho.

Está com raiva, pensei. Não sei o que aquela coisa tinha, mas passou raiva para D.

Mas ele não tinha cara de estar hidrófobo, só confuso e sofrendo. Seus olhos pareciam me pedir para dar um jeito no que estava errado. Eu era a humana, eu mandava, devia ser capaz de dar um jeito.

— D? — eu disse. Apoiei um joelho no chão e estendi a mão para ele. Sei que isso parece idiota, perigoso, mas, na hora, achei que era o que eu devia fazer. — D, o que foi? O que houve? Coitado de você, o que foi?

Ele veio para mim, mas muito devagar, gemendo e tremendo a cada passo. Quando chegou perto, vi uma coisa terrível: pequenas gavinhas de fumaça

saíam-lhe das perfuraçõezinhas do focinho. Mais fumaça saía das queimaduras do pelo e da comissura dos olhos. Vi seus olhos começarem a clarear, como se uma névoa os cobrisse por dentro.

Pus a mão em sua cabeça. Ao sentir quão quente estava, dei um gritinho e puxei a mão, como se puxa quando se toca um queimador de fogão pensando que está desligado, e afinal não está. Mister D fez como se fosse me morder, mas acho que não tinha essa intenção; simplesmente não conseguia pensar em mais nada para fazer. Então deu meia-volta e saiu se arrastando da cozinha.

Levantei-me e, por um momento, vi tudo rodando. Se eu não tivesse me segurado na bancada, acho que teria caído. Então fui atrás dele (também vacilando um pouco) e disse:

— D? Volte, bichinho.

Ele havia chegado ao meio da sala. Virou-se uma vez para me olhar — para o som da minha voz —, e eu vi… vi fumaça saindo-lhe pela boca, pelo nariz e também pelas orelhas. Os lados de sua boca se arregaçaram e, por um segundo, parecia que ele ria para mim, como os cães fazem quando estão contentes. Aí, vomitou. Quase tudo que saiu não era comida, mas sim suas próprias entranhas. E fumegavam.

Foi aí que gritei.

— Socorro! Por favor! Socorro! Por favor, me ajudem!

Mister D afastou-se como se aquela gritaria toda estivesse ferindo suas pobres orelhas quentes, e seguiu em frente, trôpego. Devia ter visto o buraco na tela, ainda devia enxergar suficientemente para isso, porque rumou para lá e passou através dela.

Fui atrás dele, ainda gritando.

— O que há com ele, George?— gritei. Mister Dillon conseguira ficar em pé de novo. Estava virando lentamente, enquanto nuvens de fumaça cinzenta subiam de seu pelo e lhe saíam da boca. — O que aconteceu com ele? Shirley saiu, o rosto banhado em lágrimas.

— Ajude-o! — gritou. — Ele está queimando.

Huddie chegou então, esbaforido como se tivesse acabado de participar de uma corrida.

— O que houve?

Então viu. Mister Dillon tornara a cair. Aproximamo-nos dele cautelosamente por um lado. Shirley desceu os degraus da entrada pelo outro. Estava mais perto e chegou antes.

— Não toque nele! — disse George.

Shirley não lhe deu ouvidos e pôs a mão no pescoço de D, mas teve que tirá-la. Olhou para nós, os olhos cheios de lágrimas.

— Ele está em fogo por dentro — disse.

Gemendo, Mister Dillon tentou levantar-se de novo. Conseguiu pela metade, a metade dianteira, e começou a mover-se lentamente para o fundo do estacionamento, onde o Bel Air de Curt se encontrava estacionado ao lado do Toyota de Dicky-Duck Eliot. Nesse ponto, não podia deixar de estar cego; seus olhos eram apenas gelatina fervendo dentro das órbitas. Movia-se como se estivesse remando, puxando-se com as patas dianteiras e arrastando a bunda.

— Nossa — disse Huddie.

A essa altura, lágrimas escorriam pelo rosto de Shirley e sua voz estava tão embargada que era difícil entender o que ela dizia.

— Por favor, pelo amor de Deus, algum de vocês pode ajudá-lo?

Então tive uma imagem muito viva e muito nítida. Vi-me pegando a mangueira, que Arky sempre deixava embaixo da bica na lateral do prédio. Vi-me abrindo a torneira, depois correndo para Mister D e enfiando-lhe o bico frio de metal na boca, esguichando-lhe água pela chaminé que era sua garganta. Me vi apagando-o.

Mas George já se encaminhava para a ruína moribunda que fora o cão do quartel, sacando a pistola. D, enquanto isso, continuava remando maquinalmente em direção a um ponto qualquer entre o Bel Air de Curt e o Toyota de Dicky-Duck, movendo-se numa nuvem de fumaça cada vez mais cerrada. Me perguntei quanto tempo levaria para que o fogo interno irrompesse e ele se incendiasse como um daqueles bonzos suicidas que se viam na televisão

durante a Guerra do Vietnã.

George parou e levantou a pistola para que Shirley pudesse ver.

—E a única solução, querida. Não acha?

—Acho, rápido — disse ela, falando muito depressa.

Virei-me para Ned, que estava sentado de cabeça baixa e o cabelo caído para a frente. Peguei seu queixo e levantei-o para fazê-lo olhar para mim.

— Não podíamos fazer mais nada — eu disse. — Você entende, não?

Primeiro, ele ficou quieto, e me assustei. Depois, fez que sim com a cabeça.

Olhei para Sandy Dearborn, mas ele não me olhava. Olhava para o filho de Curtis, e poucas vezes o vi com uma expressão tão transtornada.

Então Eddie começou a falar de novo, e preparei-me para ouvir. É engraçado como o passado às vezes está perto. Às vezes é como se a gente pudesse esticar o braço e pegá-lo. Só que…

Só que, quem realmente tem vontade de fazer isso?

ENTÃO: EDDIE

No fim, acabou-se o melodrama. Só havia um guarda estadual de uniforme cinza com a sombra do chapéu grande protegendo os olhos, abaixando-se e estendendo a mão como se faz para consolar uma criança que chora. Ele encostou o cano de sua Ruger na orelha fumegante do cachorro e puxou o gatilho. Ouviu-se um estampido, e D caiu de lado, morto. Ainda saíam rolinhos de fumaça de seu pelo.

George guardou a arma no coldre e recuou. Aí tapou o rosto com as mãos e gritou alguma coisa. Não sei o que foi. Saiu abafado demais para entender. Huddie e eu fomos até ele. Shirley também. Nós o abraçamos. Estávamos no meio do estacionamento com a unidade 6 atrás, o galpão B à direita e nosso simpático cão do quartel que nunca fez mal a ninguém morto ali à nossa frente. Sentíamos o cheiro de sua carne assando e, sem uma palavra, chegamos mais para a direita, a sotavento, mais arrastando os pés do que andando porque ainda não estávamos preparados para nos largar. Não falamos. Esperamos para ver se ele realmente pegaria fogo como achamos que pegaria, mas parece que o fogo não o queria, ou quem sabe não podia usá-lo agora que ele estava morto. Ele inchou um pouco, e, de dentro dele, saiu um barulhinho sinistro, quase como o de um saco de papel estourando. Talvez fosse um de seus pulmões. De qualquer forma, depois disso, a fumaça começou a diminuir.

— Aquela coisa do Buick o envenenou, não? — perguntou Huddie. — Envenenou-o quando ele a mordeu.

— Envenenou porra nenhuma — eu disse. — Aquele sacana de pelo cor-de-rosa alvejou o bicho com uma bomba incendiaria. — Aí me lembrei de que Shirley estava ali, e ela não gostava daquele palavreado. — Me desculpe — eu disse.

Ela parecia não ter ouvido. Continuava olhando fixamente para Mister D ali no chão.

—O que fazemos agora? — perguntou. — Alguém tem alguma ideia?

—Eu não — disse George. — Você cobriu o negócio lá dentro, Huddie?

—Cobri.

—Tudo bem, já é alguma coisa. E como está a situação em Poteenville, Shirl?

—As crianças estão fora de perigo. Eles têm uma motorista de ônibus morta, mas, considerando o quanto a situação parecia feia a princípio, eu diria… — Calou-se, lábios tão contraídos que quase não apareciam, a garganta engolindo em seco. Então disse: — Com licença, gente.

Foi andando toda dura para a esquina do galpão tapando a boca com as costas da mão. Aguentou até sair da nossa vista — só víamos sua sombra. Aí,

ouviram-se três tossidos fortes. Ficamos os três calados ao lado do cadáver fumegante do cachorro, e ela voltou minutos depois, branca como cera e limpando a boca com um lenço de papel. E retomou do ponto em que havia interrompido. Era como se tivesse feito uma pausa para pigarre-ar ou matar uma mosca.

—Eu diria que foi um saldo bem baixo. A questão é saber qual é o saldo aqui.

—Chame Curt ou o sargento pelo rádio — disse George. — Curt serve, mas Tony é melhor porque é mais equilibrado quando se trata do Buick. Concordam?

Huddie e eu fizemos que sim com a cabeça. Shirley também.

— Diga-lhe que você tem um código D e queremos que ele venha o mais depressa possível. Precisa saber que não é uma emergência, mas também precisa saber que é quase isso. Diga ainda que talvez a gente tenha um Kubrick.

Essa era mais uma gíria peculiar (até onde eu sei) de nosso quartel. Um Kubrick é um 2001, e 2001 é um código da PEP para prisioneiro evadido. Eu já ouvira falar nessa expressão, mas nunca a ouvira sendo comunicada.

— Kubrick, positivo — disse Shirley. Parecia mais calma agora que tinha ordens. — Você…

Ouviu-se um grande estrondo. Shirley deu um gritinho e nós três nos viramos para o galpão, levando a mão à pistola. Então Huddie riu. A porta do galpão batera com o vento.

— Ande, Shirley — disse George. — Chame o sargento. Vamos fazer isso acontecer.

—E Brian Lippy? — perguntei. — Nada de ordem de busca?

Huddie suspirou. Tirou o chapéu. Esfregou a nuca. Olhou para o céu. Tornou a pôr o chapéu.

—Não sei — disse. — Mas se alguma for expedida, não terá sido por nenhum de nós. Isso é trabalho do sargento. É para isso que lhe pagam uma grana alta.

—Bem observado — disse George.

Agora que via que a responsabilidade iria passar para outro, parecia um pouco mais relaxado.

Shirley virou-se para ir para o quartel, aí olhou por cima do ombro.

—Cubram o cão, sim? — disse. — Coitado do Mister D. Ponham alguma coisa em cima dele. Me corta o coração vê-lo assim.

—Tudo bem — eu disse, e me encaminhei para o galpão.

—Eddie? — disse Huddie.

—Sim?

—No depósito tem um pedaço de lona de bom tamanho para isso.

—Use-a. Não entre no galpão.

—Por quê?

—Porque continua acontecendo alguma coisa com o Buick. E difícil dizer exatamente o que, mas se entrar ali, talvez você não saia.

—Tudo bem — eu disse. — Não precisa insistir.

Saí com a lona do depósito — era azul e fina, mas serviria — e fui cobrir o corpo de D. No caminho, parei na porta de enrolar e olhei para dentro do galpão, com uma mão de cada lado do rosto para tirar o reflexo.

Queria ver o termômetro; queria também me certificar de que meu velho colega de colégio Brian não estava rondando por ali. Não estava, e a temperatura pareceu ter subido um ou dois graus. Só uma coisa havia mudado na paisagem. O porta-malas estava fechado. O crocodilo fechara a boca.

AGORA: SANDY

Shirley, Huddie, Eddie: o som de suas vozes entrelaçadas me parecia estranhamente belo, como as vozes de personagens dizendo suas falas numa peça estranha. Eddie disse que o crocodilo havia fechado a boca e sua voz se calou. Esperei uma das outras entrarem e, como não entrasse nenhuma nem Eddie recomeçasse a falar, entendi que aquilo havia terminado. Mas Ned Wilcox, não. Ou talvez tivesse entendido, mas apenas não quisesse reconhecer.

— Então? — disse ele, de novo com aquele tom de impaciência mal disfarçada.

O que aconteceu quando vocês dissecaram a coisa-morcego? Me contem do peixe. Me contem tudo. Mas — isso é importante — me contem uma história, que tenha começo, meio e um fim onde tudo seja explicado. Porque mereço isso. Não venham me sacudir na cara o chocalho da ambiguidade de vocês. Não lhe dou espaço. Rejeito suas pretensões. Quero uma história.

Ele era jovem, o que explicava uma parte. Enfrentava algo que, como se diz, não era deste mundo, o que explicava outra parte… mas havia algo mais também, e não era bonito. Uma espécie de mania egoísta de fuçar tudo. E ele achava que era um direito seu. A gente mima as pessoas que sofreram um desgosto, já reparou? E elas se acostumam a serem tratadas assim.

— Então o quê? — perguntei.

Falei com minha voz menos animadora. Não que isso ajudasse.

— O que aconteceu quando o sargento Schoondist e meu pai voltaram? Vocês pegaram Brian Lippy? Ele viu? Contou? Puxa, vocês não podem parar aí!

Ele estava errado, podíamos parar onde quiséssemos, mas guardei este fato para mim mesmo (pelo menos por enquanto) e lhe disse que não, que nunca pegamos Brian Lippy. Brian Lippy continua até hoje sendo código Kubrick.

—Quem fez o relatório? — perguntou Ned. — Você, Eddie? Ou o agente Morgan?

—George — disse ele com um vestígio de um sorriso. — Ele sempre foi melhor nesse tipo de tarefa. Fez criação literária na faculdade. Dizia que qualquer tira estadual digno desse nome precisava saber as noções básicas da criação literária. Quando começamos a desmontar naquele dia, George foi quem nos segurou. Não foi, Huddie?

Huddie fez que sim com a cabeça.

Eddie levantou-se, pôs as mãos na base das costas e alongou-se até ouvirmos seus ossos estalarem.

— Tenho que ir para casa, gente. Talvez passe no Tap para tomar uma cerveja. Talvez duas. Depois de falar tanto, estou com a garganta seca, e só

refrigerante não resolve.

Ned olhou para ele com uma expressão de surpresa, raiva e censura.

— Você não pode ir embora assim! — exclamou. — Quero ouvir a história inteira!

E Eddie, que aos poucos ia perdendo a batalha para não voltar a ser o gordão do Eddie, disse o que sabíamos, o que todos sabíamos. Disse olhando Ned com olhos que não eram propriamente amigáveis.

— Você já ouviu, garoto. Só não sabe que ouviu.

Ned viu-o retirar-se e virou-se para nós. Só Shirley olhava para ele realmente com simpatia, e acho que esse seu sentimento era temperado por uma certa pena do menino.

—O que ele quer dizer com você já ouviu?

—Só faltaram algumas anedotas — eu disse —, e são apenas variações do mesmo tema. Tão interessantes quanto os grãos de milho não estourados que ficam no fundo de uma tigela de pipoca.

Quanto a Brian Lippy, o relatório que George escreveu dizia: 'Os agentes Morgan e Jacubois falaram com o elemento e constataram que o mesmo estava sóbrio. O elemento negou ter atacado a namorada, e o agente Jacubois verificou que a namorada confirmava sua declaração. O elemento foi então liberado.

—Mas Lippy arrebentou a janela do carro patrulha deles!

—Certo, e, dadas as circunstâncias, George e Eddie não podiam apresentar queixa por perdas e danos.

—Então?

—Então o dinheiro para trocar a janela deve ter vindo do fundo de contingências. O fundo de contingências do Buick 8, se quiser que eu seja mais preciso. Continuamos a guardá-lo no mesmo lugar de antes, uma lata de café na cozinha.

—É, foi dali que saiu — disse Arky. — A pobre lata de café levou uns bons baques com o passar dos anos. — Levantou-se e também esticou as costas. — Tenho que ir gente. Diferentemente de alguns de vocês, tenho amigos, o que nos talk shows vespertinos chamam de vida pessoal. Mas, antes de sair, quer saber alguma outra coisa, Neddie? Sobre aquele dia?

—Qualquer coisa que você quiser me contar.

—Enterraram D. E ao lado dele, enterraram as ferramentas que usaram naquela coisa que o envenenou. Uma delas era minha cavadeira, e não recebi nenhum ressarcimento da lata de café por isso!

—É que você não preencheu nenhuma G.M. para isso — disse Shirley. — Sei que a burocracia é um pé no saco, mas... — Encolheu os ombros como se

dissesse: As coisas são assim mesmo.

Arky a olhava desconfiado, franzindo o cenho.

—G.M.? Que tipo de formulário é esse?

—É sua guia de merda — disse-lhe Shirley, com uma cara seríssima. — A que se preenche todos os meses e se manda para o bispo. Nossa, nunca vi um sueco mais tapado. Não lhe ensinaram nada no Exército?

Arky agitou as mãos para ela, mas sorria. Já levara muita gozação naqueles anos todos, pode acreditar — aquele seu sotaque atraía.

—Ora essa!

—Você caiu direitinho, Arky — eu disse.

Eu também sorria, mas Ned, não. Parecia não entender que aquelas brincadeiras eram a nossa maneira de fazer as coisas voltarem ao normal.

— Onde você estava, Arky? — perguntou. — Onde estava enquanto isso tudo estava acontecendo?

A nossa frente, Eddie Jacubois ligou sua picape e os faróis se acenderam.

— De férias — disse Arky. — Na fazenda de meu irmão, em Wisconsin. Então essa foi uma cagada que outra pessoa teve que limpar. — Disse isso com grande satisfação.

Eddie passou, acenando para nós. Respondemos ao cumprimento, Ned acompanhou nosso gesto, mas continuava com um ar perturbado.

—Eu também tenho que ir andando — disse Phil. Jogou fora o toco do cigarro, levantou-se e subiu o cinto. — Garoto, deixe as coisas assim: seu pai era um agente excelente e um orgulho para o regimento D do quartel de Statler.

—Mas eu quero saber.

—Não importa o que você quer saber — disse-lhe Phil com gentileza. — Ele está morto, você não. Os fatos são estes, como dizia Joe Friday.

—Boa-noite, sargento.

—Boa-noite — eu disse, e fiquei olhando os dois, Arky e Phil, atravessarem juntos o estacionamento.

Àquela hora, o luar já era forte, o suficiente para eu ver que nenhum deles virou a cabeça para o lado do galpão B.

Ficamos então Huddie, Shirley e eu. Mais o garoto, claro. O filho de Curtis Wilcox, que viera cortar grama, varrer as folhas e tirar o excesso de neve quando estivesse frio demais para Arky sair; o filho de Curt, que largara o time de futebol e viera para cá a fim de tentar manter viva por um pouco mais de tempo a memória do pai. Lembro dele segurando a carta de aceitação da faculdade como um juiz segurando um placar nas Olimpíadas, e fiquei com

vergonha de estar irritado com ele, considerando tudo o que ele havia passado e o quanto perdera. Mas ele não era o único garoto do mundo que perdia o pai, e, pelo menos, tinha havido um enterro, e o nome de seu pai estava na placa comemorativa de mármore na frente do quartel, juntamente com os do cabo Brady Paul, do agente Albert Rizzo e do agente Samuel Stamson, morto nos anos 70 e às vezes conhecido na PEP como o Pistoleiro. Até a morte de Stamson, levávamos nossas armas no bagageiro do carro. Se a pessoa precisasse da pistola, bastava esticar o braço e pegar. O agente Stamson estava estacionado no acostamento da estrada, preenchendo uma multa de tráfego, quando seu carro levou uma batida por trás. O motorista estava bêbado e ia a uns 160 quando bateu. O carro-patrulha virou uma sanfona. O tanque de gasolina não explodiu, mas o agente Stamson foi decapitado pelo próprio bagageiro de armas. Desde 1974, levamos as pistolas embaixo do painel e, desde 1973, o nome de Stam Stamson figura na placa comemorativa. Na pedra, dizemos. Ennis Rafferty consta nos livros como desaparecido, de modo que não está na pedra. A história oficial do agente George Morgan é que ele morreu limpando a pistola (a mesma Ruger que pôs fim ao sofrimento de Mister Dillon), e, uma vez que não morreu em serviço, seu nome também não está na pedra. Não se vai para a pedra por morrer em consequência do trabalho; foi Tony Schoondist quem me chamou a atenção para isso ao me ver olhando os nomes. Talvez seja melhor, disse. Teríamos umas 12 placas dessas na frente do quartel.

Atualmente, o último nome na pedra é Curtis K. Wilcox. Julho de 2001. Em serviço. Não era bom ter o nome do pai gravado em granito quando o que se queria — se necessitava — era o pai, mas já era alguma coisa. O nome de Ennis também deveria estar gravado ali, para a jararaca da sua irmã poder vir olhar quando quisesse, mas não estava. E o que tinha ela? Fama de velha intratável e mais nada, o tipo de pessoa que se visse você em chamas na rua não mijaria em você para apagar o fogo. Há anos, era um espinho em nossa pele, e era impossível gostar dela, mas ter pena dela, não era. Ela acabara com menos ainda do que esse garoto, que, quando mais não fosse, sabia ao certo que seu pai estava morto, que nunca apareceria com um sorriso envergonhado e uma história estapafúrdia para explicar os bolsos vazios e aquele bronzeado de Tijuana, e por que doía horrores cada vez que ele tinha de tirar um pouquinho de água do joelho.

Eu não estava satisfeito com o trabalho da noite. Eu havia esperado que a verdade pudesse melhorar as coisas (a verdade liberta, disse alguém, provavelmente um idiota), mas desconfio que tenha piorado. A satisfação pode ter feito o gato ressuscitar, mas eu não via satisfação alguma na cara de Ned Wilcox. Só via uma espécie de curiosidade teimosa e cansada. De vez em quando, eu vira a mesma expressão no rosto de Curtis, em geral quando ele estava diante de uma das portas de enrolar do galpão B com aquela pose de observador — pernas abertas, testa no vidro, olhos meio apertados, boca pensativa. Mas o que se transmite no sangue é a cadeia mais forte de todas, não? O que é passado de uma geração à outra, boa notícia aqui, má notícia ali, desastre completo acolá.

Eu disse:

—Ao que se saiba, Brian Lippy simplesmente passou desta para melhor. Até pode ser verdade; nenhum de nós tem como assegurar o contrário. E não há mal que não traga algum bem; o desaparecimento dele pode ter salvado a vida da namorada.

—Duvido — resmungou Huddie. — Aposto que o outro que ela arranjou era igualzinho a Brian Lippy, só que com o cabelo de outra cor. Elas escolhem caras que batem nelas até deixá-las desfiguradas. É como se se definissem pelos hematomas no rosto e nos braços.

—Ela nunca deu parte do desaparecimento dele, essa é a verdade — disse Shirley. — Pela minha mesa, pelo menos, não passou nenhuma queixa, e vejo os relatórios da cidade e do condado, além dos nossos. Da família dele, também ninguém deu parte. Não sei o que aconteceu com a garota, mas ele era um caso típico de alguém que já foi tarde.

—Você não acredita que ele simplesmente tenha saído por aquela janela arrebentada e fugido, acredita? — perguntou Ned a Huddie. — Quer dizer, você estava lá.

—Não — disse Huddie —, para dizer a verdade, não. Mas o que eu acho não importa. A questão é essa que o sargento está a noite toda tentando lhe enfiar na cabeça: nós não sabemos.

Foi como se o garoto não o tivesse ouvido. Virou-se para mim.

—E meu pai, Sandy? Em relação a Brian Lippy, o que ele achava?

—Ele e Tony achavam que Brian tinha acabado no mesmo lugar que Ennis Rafferty e o gerbo Jimmy. Quanto ao cadáver da coisa que mataram naquele dia…

— A filha-da-puta apodreceu rápido — disse Shirley num tom brusco e terminante. — Há fotos e você pode vê-las o quanto quiser, mas a maioria é de algo que poderia ser qualquer coisa, inclusive um embuste completo. Não mostram o aspecto daquilo quando tentava fugir de Mister D, nem a rapidez com que se movia, nem a estridência com que gritava. Não mostram nada, na verdade. E também não podemos explicar para você entender. Está na cara. Sabe por que o passado é passado, meu querido?

Ned fez que não com a cabeça.

— Porque não funciona. — Olhou o interior de seu maço de cigarros, e o que viu ali deve tê-la deixado satisfeita porque balançou a cabeça afirmativamente, pôs o maço na bolsa e se levantou. — Vou para casa. Tenho dois gatos, e já devia ter dado de comer a eles há três horas.

Essa era Shirley — A Típica Garota Americana, Curt costumava chamá-la quando queria implicar um pouco com ela. Sem marido (tivera um, mal saíra do ensino médio), sem filhos, dois gatos e uns dez mil bichinhos Beanie Babies.

Como eu, era casada com o regimento D. Um clichê ambulante, em outras palavras, e quem não gostasse que se danasse.

— Shirl?

Ela se voltou para o triste chamado na voz de Ned.

—O quê, querido?

—Você gostava do meu pai?

Ela pôs as mãos em seus ombros, abaixou-se e sapecou um beijo na testa de Ned.

—Eu gostava muito dele, garoto. E gosto muito de você. Já lhe contamos tudo o que podíamos, e não foi fácil. Espero que ajude. — Fez uma pausa. — Espero que baste.

—Eu também — disse ele.

Shirley apertou com mais força os ombros do rapaz e se levantou.

—Hudson Royer, gostaria de acompanhar uma dama até o carro?

—Com todo o prazer — disse ele, e deu-lhe o braço. — Nos vemos amanhã, Sandy? Você ainda vai estar de serviço?

—Vou.

Ele e Shirley saíram. Ned e eu ficamos no banco vendo-os partir. Levantamos a mão quando passaram em seus respectivos carros — o New Yorker grande e velho de Huddie, Shirley em seu Subaru pequenino com o adesivo de para-choque dizendo meu carma atropelou meu dogma. Quando suas luzes traseiras sumiram ao dobrar a esquina do quartel, peguei meus cigarros e olhei dentro do maço. Sobrava um. Depois deste, eu pararia de fumar. Há pelo menos dez anos, eu me pregava essa mentira simpática.

— Não tem mesmo mais nada que você possa me contar? — perguntou Ned com uma voz sumida e desiludida.

—Não. Não daria nunca para fazer uma peça de teatro, daria? Não tem terceiro ato. Tony e seu pai fizeram mais umas experiências nos cinco anos seguintes, e finalmente puseram Bibi Roth a par do assunto. Como sempre, seu pai convenceu Tony e eu fui na onda. E tenho que lhe dizer a verdade: depois que Brian Lippy desapareceu e Mister Dillon morreu, eu era contra fazer qualquer coisa com o Buick além de vigiá-lo e rezar de vez em quando para que ele desmontasse ou voltasse para o lugar de onde veio. Ah, e matar qualquer coisa que saísse da mala e ainda estivesse bastante viva

—para ficar em pé e talvez correr pelo galpão procurando uma saída.

—Isso aconteceu alguma vez?

—Você diz algum outro E.T. de cabeça cor-de-rosa? Não.

—E Bibi? O que disse?

—Ele ouviu Tony e seu pai, deu mais uma olhada e foi embora. Disse que estava muito velho para lidar com algo tão fora de sua maneira de entender o mundo e seu funcionamento. Disse-lhes que pretendia apagar o Buick da memória e aconselhou-os a fazer o mesmo.

—Ai, pelo amor de Deus! Esse cara era um cientista? Nossa, ele deveria ter ficado fascinada.

—O cientista era seu pai — eu disse. — Amador, sim, mas um bom cientista. O que saiu do Buick e a curiosidade dele sobre o próprio Buick, essas coisas é que fizeram dele um cientista. Por exemplo, a dissecação da coisa-morcego. Aquilo foi uma loucura, mas também teve uma certa nobreza, como os Irmãos Wright decolando naquele aviãozinho colado. Bibi Roth, por outro lado… Bibi era um mecânico do microscópio. Às vezes, se intitulava assim, e com o maior orgulho. Era uma pessoa que zelosa e conscientemente reduzira sua visão exclusivamente a uma faixa de conhecimento, iluminando uma área pequena. Os mecânicos odeiam mistérios. Os cientistas, especialmente os amadores, os aceitam. Seu pai era duas pessoas ao mesmo tempo. Como tira, odiava mistérios. Como especialista no Roadmaster… bem, vamos dizer apenas que, quando era essa pessoa, seu pai era muito diferente.

— Que versão prefere?

Refleti.

— É o mesmo que um garoto perguntar aos pais de quem eles gostam mais, dele ou da irmã. Não é pergunta que se faça. Mas o Curt amador me assustava. Também assustava Tony um pouco.

O garoto ficou meditando sobre isso.

—Aconteceram mais algumas coisas — eu disse. — Em 1991, apareceu um pássaro com quatro asas.

—Quatro…!

—Isso mesmo. Voou um pouco, bateu numa das paredes e caiu morto.

—No outono de 1993, a mala abriu depois de um daqueles tremores luminosos e estava até a metade de terra. Curt quis deixar e ver o que iria acontecer, e, primeiro, Tony concordou, mas depois aquilo começou a feder. Eu não sabia que terra podia se decompor, mas acho que pode, se for do lugar certo. Então… é uma loucura, mas enterramos a terra. Acredita?

Ele fez que sim com a cabeça.

—E meu pai ficou de olho no lugar onde estava enterrada? Garanto

—que sim. Só para ver o que cresceria.

—Acho que ele esperava um daqueles lírios esquisitos.

—E teve sorte?

—Depende do que você considera sorte. Nada brotou, isso eu lhe digo. A terra do porta-malas não foi parar muito longe de onde havíamos enterrado Mister D e as ferramentas. Quanto ao monstro, o que não virou papa, queimamos no incinerador. O solo por cima da terra continua nu. Toda primavera, algumas coisas tentam nascer, mas até agora, nada vingou. Acho que, com o tempo, isso vai mudar.

Botei o último cigarro na boca e acendi-o.

— Mais ou menos um ano e meio depois do parto da terra, tivemos mais um lagarto-pau vermelho. Morto. Foi o último. Lá dentro, continua sendo zona de terremotos, mas, atualmente, a terra nunca treme tanto. Não dá para ficar perto do Buick sem tomar cuidado assim como não dá para ficar perto de um rifle velho sem tomar cuidado só porque a arma está enferrujada e com o cano entupido de sujeira, mas, com as devidas precauções, não deve ter perigo nenhum. E algum dia, seu pai acreditava nisso, Tony acreditava nisso e eu também acredito, aquele carro velho vai mesmo cair aos pedaços. De uma vez, como a maravilhosa carruagem de um cavalo daquele poema. {4}

Ele me olhou confuso, e vi que não sabia a que poema eu me referia. Vivemos numa época degradada. Então disse:

— Eu sinto.

Algo em seu tom de voz me assustou muito, e olhei para ele com dureza. Achei que continuava não aparentando os 18 anos que tinha. Era só um garoto e nada mais, sentado com os pés calçados de tênis cruzados e o rosto iluminado pela das estrelas.

— Sente? — perguntei.

— Sinto. Você não?

Imaginei que todos os policiais que passaram pelo regimento D ao longo dos anos haviam sentido a atração. Assim como quem mora à beira-mar acaba sentindo o movimento do oceano, e seu coração passa a bater no compasso das marés. Na maioria dos dias e das noites, não reparávamos nisso mais do que reparamos conscientemente em nosso nariz, um vulto na base de tudo o que vemos. Às vezes, porém, a atração era mais forte, e, de alguma forma, machucava.

— Tudo bem — disse eu —, digamos que sim. Huddie certamente sentia. O que acha que teria acontecido com ele naquele dia, se Shirley não tivesse gritado? O que acha que teria acontecido com ele se tivesse entrado na mala como disse que pretendia?

—Você nunca ouviu mesmo essa história antes, Sandy?

—Fiz que não com a cabeça.

—Mesmo assim, não parece muito surpreso.

—Já não me surpreende nada que tenha a ver com o Buick.

—Acha que ele pretendia mesmo fazer isso? Entrar na mala e fechar a tampa?

—Acho. Só que acho que ele não tinha nada a ver cora isso. E aquela

—força… aquela atração do carro. Na época, era mais forte, mas ainda existe.

Ele não respondeu. Ficou ali sentado, olhando para o galpão B.

—Você não respondeu à minha pergunta, Ned. O que acha que teria acontecido se ele tivesse entrado ali?

—Sei lá.

Uma resposta bastante sensata, suponho — uma resposta de criança, com certeza, criança diz isso dez vezes por dia —, mas, mesmo assim, não gostei. Ele tinha largado o time de futebol, mas parecia não ter esquecido tudo o que aprendera ali sobre driblar. Traguei uma fumaça que sabia a feno seco e soltei-a.

Não sabe.

—Não.

—Depois de Ennis e Jimmy e, provavelmente, Brian Lippy, você

—não sabe.

—Nem tudo vai para algum outro lugar, Sandy. Pense no outro gerbo, por exemplo. Rosalie ou Rosalynn ou que nome tivesse.

Suspirei.

— Pense o que quiser. Vou até o Country Way comer um cheeseburger.

Pode vir comigo, mas só se mudarmos de assunto.

Ele refletiu e fez que não com a cabeça.

—Acho que vou para casa. Pensar um pouco.

—Tudo bem, mas não fale de nenhum de seus pensamentos com

—sua mãe.

Ele fez uma cara de espanto quase cômica.

— Cruzes, não!

Ri e dei-lhe um tapa no ombro. As sombras haviam saído de seu rosto e de repente era possível gostar dele de novo. Quanto às suas perguntas e à sua insistência infantil em que a história deveria ter um fim e este deveria conter

algum tipo de resposta, o tempo poderia resolvê-las. Talvez eu tivesse esperado muito de minhas próprias respostas. As imitações da vida que vemos na tevê e no cinema passam a ideia de que a existência humana consiste em revelações e bruscas mudanças de atitude. Quando nos tornamos plenamente adultos, acho que, em algum nível, esta é uma ideia que acabamos aceitando. De vez em quando, esse tipo de coisa pode acontecer, mas acho que, em geral, é mentira. As mudanças ocorrem lentamente na vida. São como a respiração de meu sobrinho mais moço quando dorme profundamente; às vezes, tenho vontade de pôr a mão em seu peito para me assegurar de que continua vivo. Vista sob esse prisma, a ideia toda de gatos curiosos atingindo a satisfação parecia ligeiramente absurda. O mundo raramente termina suas conversas. Se 23 anos de convivência com o Buick 8 não me ensinaram mais nada, deviam ter-me ensinado isso. Neste momento, o filho de Curt parecia estar dando um passo rumo à recuperação. Talvez até dois. E, se para mim isso não bastava, é que eu tinha meus próprios problemas.

—Amanhã você vem, certo? — perguntei.

—Cedinho, sargento. Vamos começar tudo de novo.

—Então talvez seja melhor você deixar para pensar mais tarde e dormir um pouco.

—Acho que posso tentar. — Tocou minha mão rapidamente. — Obrigado, Sandy.

—Não tem de quê.

—Se fui chato em relação a alguma coisa…

—Não foi — disse eu.

Ele tinha sido, sim, mas acho que não pudera evitar. E, na idade dele, provavelmente eu teria sido muito mais chato. Vi-o caminhar para o Bel Air restaurado deixado por seu pai, um carro mais ou menos da mesma época que o de nosso galpão, mas muito menos animado. No meio do estacionamento, ele se deteve, olhando para o galpão B, e eu parei com o cigarro aceso na boca, olhando para ver o que ele faria.

Continuou em frente, em vez de ir até lá. Ótimo. Dei a última tragada em meu delicioso tubo de morte, pensei em esmagá-lo no asfalto e encontrei um lugar para ele na lata de guimbas, onde mais ou menos 200 guimbas haviam sido sepultadas em pé. Os outros podiam apagar seus cigarros no chão se quisessem — Arky os varreria sem reclamação —, mas era melhor eu não fazer isso. Eu era o sargento, o que sentava na cadeira grande.

Entrei no quartel. Stephanie Colucci estava no atendimento, tomando uma Coca e lendo uma revista. Ao me ver, pousou a Coca e alisou a saia em cima do joelho.

—Quais são as novas, querida? — perguntei.

—Nada de mais. As comunicações estão ficando mais claras, embora não tão depressa como ficam normalmente depois... de um desses. Já dá para acompanhar as coisas.

—Que coisas?

—9 está atendendo um carro incendiado na saída 9 da 1-87. Mac diz

—que o motorista é um vendedor que ia para Cleveland, aceso como um anúncio luminoso e negando-se a fazer o teste do bafômetro. 16 tem uma possibilidade de roubo na Ford de Statler. Jeff Cuttler, uma ocorrência de vandalismo na escola de ensino médio de Statler, mas está só ajudando, a polícia local está com esse caso.

—Só isso?

—Paul Loving está 10-98 para casa em seu carro-patrulha, o filho está com um ataque de asma.

—Você podia esquecer de pôr isso no relatório.

Steffie me olhou com um ar de censura, como se não precisasse que eu lhe dissesse isso.

—O que está acontecendo no galpão B?

—Nada — respondi. — Bem, nada de mais. Voltando ao normal. Vou sair. Se acontecer alguma coisa, avi... — Interrompi-me, meio horrorizado.

—Sandy? — disse ela. — Algum problema?

Se acontecer alguma coisa, avise a Tony Schoondist, eu já ia dizendo, como se não se tivessem passado 20 anos e o velho sargento não estivesse babando com a cabeça vazia diante de Nick at Nite num asilo de Statler.

—Não, nenhum — eu disse. — Se acontecer alguma coisa, avise a Frank Soderberg. É o turno dele.

—Muito bem, senhor. Boa-noite.

—Obrigado, Stefif, igualmente.

Quando saí, o Bel Air rodava lentamente para a rampa de acesso com um dos conjuntos de que Ned gosta — Wilco, ou talvez os Jayhawks — aos berros nos alto-falantes feitos de encomenda. Levantei a mão e ele devolveu o aceno. Com um sorriso. Meigo. Mais uma vez, custei a acreditar que ficara tão irritado com ele.

Fui até o galpão e assumi a posição de pernas abertas, aquela pose de observador que faz com que, de alguma forma, a pessoa se sinta um republicano, pronta para cobrir de desprezo os folgados que vivem da previdência e os estrangeiros que queimam bandeiras. Olhei para dentro. Lá estava ele, silencioso embaixo da luz do teto, projetando uma sombra como se fosse sensato, gordo e luxuoso com seus pneus de banda branca. Um volante que era muito maior do

que o normal. Um revestimento que repelia sujeira e regenerava os arranhões — agora isso acontecia mais devagar, mas ainda acontecia. O óleo está bom foi o que disse o homem antes de dobrar a esquina, foram suas últimas palavras a respeito, e ali continuava ele, como um objet d'art deixado numa galeria já fechada. Fiquei com os braços arrepiados e senti meus ovos encolhendo. Sentia aquele gosto de fiapo seco na boca que sinto quando sei que estou atolado na merda. Já passando da cintura e subindo, como dizia Ennis. Não zumbia nem brilhava, a temperatura estava novamente acima de 15, mas senti que me atraía, sussurrando para que eu entrasse para olhar. Podia me mostrar coisas, murmurava, especialmente agora que estávamos sozinhos. Vê-lo daquele jeito esclarecia uma coisa: eu me irritara com Ned porque sentia medo por ele. Claro. Vê-lo daquele jeito, sentir seu puxão com uma força de maré no meio da cabeça - latejando-me nas entranhas e no saco também - fazia tudo ficar mais fácil de entender. O Buick gerava monstros. Sim. Mas às vezes a pessoa continuava querendo ir até ele, como quando às vezes quer olhar da beira de um precipício ou olhar pelo cano da pistola e ver a boca do cano transformar-se num olho. Um olho que olha para ela, só para ela e para mais ninguém. Não havia sentido em tentar explicar racionalmente esses momentos, nem em tentar entender aquela atração neurótica; o melhor era afastar-se do precipício, guardar a arma no coldre, ir para longe do quartel. Para longe do galpão B. Até estar fora do alcance daquela voz sussurrante e sutil. Às vezes, fugir é uma reação perfeitamente aceitável.

Fiquei ali mais um pouco, porém sentindo aquele latejar na cabeça e em volta do coração, olhando o Buick Roadmaster azul-noite. Então recuei, respirei fundo o ar da noite e olhei para a lua até me sentir totalmente eu de novo. Em seguida, fui para o meu carro, entrei e parti.

O Country Way não estava lotado. Atualmente, nunca fica, nem mesmo nas noites de sexta-feira e sábado. Os restaurantes do Wal-Mart e do novo centro comercial de Statler estão matando os do centro, assim como o novo complexo de cinemas na 32 matou o velho Cine Gem do centro.

Como sempre, as pessoas me olharam quando entrei. Só que o que elas olham mesmo é para o uniforme, claro. Dois caras — um deles um ajudante do xerife, o outro o procurador do condado — me cumprimentaram e me apertaram a mão. O procurador me chamou para sentar com ele e a mulher, e eu disse não, obrigado, estava esperando alguém. A ideia de estar com gente, de ter que falar mais alguma coisa naquela noite (mesmo que fosse conversa fiada), me embrulhava o estômago.

Sentei-me num dos pequenos reservados nos fundos do salão principal, e Cynthia Garris chegou para tomar o meu pedido. Ela era uma loura bonitinha, de belos olhos grandes. Quando entrei, eu a vira preparando um sundae para alguém, e fiquei comovido ao reparar que, entre servir o sorvete e me trazer o cardápio, ela desabotoara o primeiro botão do uniforme, deixando à vista o coraçãozinho de prata que usava rente ao pescoço. Não sei se isso era para mim ou apenas outra reação ao uniforme. Esperei que fosse para mim.

—Oi, Sandy, aonde você tem ido agora? Ao Olive Garden? Ao Outback? Ao Macaroni Grille? A algum desses? — Fungou fingindo desdém.

—Não, ando comendo em casa. Qual é a especialidade do dia?

—Ensopado de frango, conchas recheadas com molho de carne, as duas coisas um pouco pesadas para uma noite como essa, na minha modesta opinião, e peixe frito. Por um dólar a mais, você come o que quiser. Já conhece o esquema.

—Acho que só vou comer um cheeseburger com uma Iron City para fazê-lo descer.

Ela anotou no bloco, depois ficou me olhando.

—Está se sentindo bem? Parece cansado.

—Eu estou cansado. Fora isso, estou ótimo. Viu alguém do regimento D hoje à noite?

—George Stankowski esteve aqui antes. Fora ele, só você, querido. Em matéria de tira, quero dizer. Bem, aqueles caras ali, mas... — Encolheu os ombros como se para dizer que aqueles caras não eram tiras de verdade. Concordei com ela, diga-se de passagem.

—Bem, se os ladrões chegarem, vou detê-los sozinho.

—Se derem 15 por cento de gorjeta, Herói, deixe que eles roubem — disse ela. — Vou buscar sua cerveja.

E lá foi ela, bundinha firme balançando embaixo do náilon branco.

Pete Quinland, o primeiro proprietário da espelunca, já se fora há muito, mas as minijukeboxes que ele instalara continuavam nas paredes dos reservados. As seleções ficavam numa espécie de catálogo, e havia plaquinhas de metal no alto para virar as páginas. Essas invenções antigas já não funcionavam, mas era difícil resistir à tentação de brincar com as plaquinhas, de virar as páginas e ler as canções nos pequenos rótulos cor-de-rosa. Mais ou menos a metade era do ídolo de Pete, o presidente do Conselho, músicas que faziam a pessoa estalar os dedos como Witchcraft e Luck Be a Lady Tonight. FRANK SINATRA, diziam os pequenos rótulos cor-de-rosa, e embaixo, em letras menores: The Nelson Riddle Orch. As outras eram daquelas músicas antigas de rock em que você nunca mais pensa, uma vez que elas saem das paradas; aquelas que parecem nunca serem tocadas nas emissoras de canções antigas, embora você ache que haveria espaço. Afinal de contas, quantas vezes se pode escutar Brandy (You're a Fine Girl) antes de começar a gritar? Folheei as páginas da. jukebox, procurando canções que uma moeda de 25 centavos não faria tocar. O tempo passa. Estando em silêncio, você pode ouvir seu passo arrastado e triste.

Se alguém lhe perguntar pelo Buick 8, diga que está apreendido. Foi o que disse o velho sargento na noite em que nos encontramos aqui na sala do fundo. Naquela hora, as garçonetes já haviam sido dispensadas e nos servíamos de

cerveja sozinhos, anotávamos a despesa e fazíamos as contas até o último centavo. Sistema de honra, por que não? Éramos homens honrados, cumprindo nosso dever da forma como nós o víamos. Ainda somos. Somos a Polícia Estadual da Pensilvânia, entende? Os verdadeiros guerreiros da estrada. Como Eddie costumava dizer — quando era mais moço e mais magro —, não é só um trabalho, é uma aventura, porra.

Virei uma página. Lá estava Heart of Glass, de BLONDIE.

Neste assunto, toda discrição é pouca. Mais palavras de sabedoria de Tony Schoondist, faladas enquanto as nuvens azuis da fumaça dos cigarros subiam para o teto. Naquela época, todo mundo fumava, menos Curt, talvez, e olhe o que aconteceu com ele. Sinatra cantava One for My Baby dos alto-falantes de cima, e das mesas chegava o cheiro doce de porco na brasa. O velho sargento acreditava nessa coisa de discrição, pelo menos no que dizia respeito ao Buick, até seu cérebro ter saído à francesa, primeiro apenas destacamentos de infantaria de neurônios fugindo na calada da noite, depois pelotões, depois regimentos inteiros em plena luz do dia. O que não está registrado não pode prejudicá-lo, disse-me ele uma vez - mais ou menos na época em que ficou claro que eu é que ficaria no lugar de Tony e sentaria em sua sala, ai, vovô, que cadeira grande você tem. Só que nesta noite eu não mantivera a discrição, não é? Contei tudo. Abri a boca e soltei a história toda. Com uma ajudinha dos meus amigos, como diz a música — with a little help from my friends. Contamos a um garoto que ainda estava perdido no parque de diversões da dor. Que estava cheio de uma curiosidade bastante natural apesar da dor. Um garoto perdido? Talvez. Na tevê, histórias como a de Ned têm final feliz, mas posso lhe dizer que a vida em Statler, Pensilvânia, não se parece porra nenhuma com The Hallmark Hall of Fame. Eu disse a mim mesmo que conhecia os riscos, mas agora me perguntava se isso era mesmo verdade. Porque nunca vamos para a frente achando que vamos fracassar, vamos? Não. Vamos para a frente porque achamos que vamos ganhar o raio do dia, e seis em cada dez vezes pisamos na ponta de um ancinho escondido no capim alto e o cabo levanta e pumba, bem no meio dos olhos.

O que aconteceu quando vocês dissecaram o morcego. Me contem do peixe.

Cá estava Pledging My Love, de JOHNNY ACE.

Desprezando todos os esforços que fiz — que fizemos — para sugerir que essa aula não era sobre aprender, mas sim sobre abrir mão. Só avançar com ímpeto. Foi surpresa ele não nos ter lido os direitos, porque não tinha sido aquilo tanto um interrogatório quanto histórias dos velhos tempos quando seu pai era vivo? Jovem e vivo?

Eu continuava enjoado. Podia beber a cerveja que Cynthia estava trazendo, o gás até podia ajudar, mas comer um cheeseburger? Acho que não. A noite em que Curtis dissecara a coisa-morcego fora há anos, mas eu pensava nela agora. Em como ele dissera Mentes investigativas querem saber e enfiara o escalpelo

no olho do bicho. O olho fizera um barulho de estourar e caíra, rolando da órbita como uma lágrima negra. Tony e eu havíamos gritado, e como eu iria comer um cheeseburger agora, me lembrando disso? Chega, isso não tem sentido, dissera eu, mas ele não ligou. O pai era tão insistente quanto o filho. Vamos ver a barriga e acabou-se, dissera, só que nunca acabou. Furava, sondava, investigava, e o Buick o matara em retribuição à sua dedicação.

Perguntei a mim mesmo se o garoto sabia disso. Se entendia que o Buick Roadmaster 8 matara seu pai assim como Huddie, George, Eddie, Shirley e Mister Dillon haviam matado o monstro guinchento que havia saído da mala do carro em 1988.

Cá estava Billy Dont Be a Hero, de BO DONALDSON AND THE HEYWOODS. Sumida das listas e de nossos corações.

Me conte do morcego, me conte do peixe, me conte do E. T. de fios cor-de-rosa à guisa de cabelo, da coisa racional, da coisa que apareceu com algo que lembrava um rádio. Me conte do meu pai, também, porque tenho que aceitá-lo. Claro, vejo sua vida em minha cara e seu fantasma em meus olhos cada vez que me posto diante do espelho para fazer a barba. Me conte tudo… mas não me diga que não há resposta. Não se atreva. Não aceito isso.

— O óleo está bom — murmurei, e virei um pouco mais depressa as chapinhas de metal da minijukebox do reservado. Minha testa suava. Meu enjoo piorara. Quem me dera poder achar que fosse gripe, ou, quem sabe, intoxicação alimentar, mas não era nada disso e eu sabia. — O óleo está do caralho.

Cá estava Indiana Wants Me e Green-Eyed Lady e Love Is Blue. Músicas que, de alguma maneira, escorreram por entre as frestas. Surfer Joe, dos Surfaris.

Me conte tudo, me diga as respostas, me diga a única resposta.

O garoto fora claro sobre o que queria, justiça lhe seja feita. Pedira com o egoísmo puro e transparente dos perdidos e enlutados.

Menos uma vez.

Começara a perguntar por uma coisa do passado… aí, mudara de ideia. O que era? Tateei e senti que a danada dava um jeito de não se deixar pegar. Quando isso acontece, não adianta perseguir. Temos que nos afastar e deixar a lembrança voltar a nós por livre e espontânea vontade.

Passei as páginas da jukebox para. a frente e para trás. Pequenas etiquetas cor-de-rosa como línguas.

Polk Salad Annie, de TONY JOE WHITE e Me conte do Ano do Peixe.

When, de THE KALIN TWINS e Me conte da reunião que tiveram, me conte tudo, me conte tudo menos a única coisa capaz de acenar uma bandeira vermelha em sua cabeça desconfiada de tira…

— Chegou sua cerveja… — começou Cynthia Garris, mas teve a respiração

cortada.

Tirei os olhos das chapinhas de metal (as páginas passando para trás e para a frente embaixo do vidro quase haviam me hipnotizado). Ela me olhava entre fascinada e horrorizada.

—Sandy… você está com febre, amor? Porque está suando em bicas.

Foi aí que me veio tudo. Ao lhe contar sobre o piquenique do Dia do Trabalho de 1979. Quanto mais falávamos, mais bebíamos, dissera Phil Candleton. Passei dois dias com dor de cabeça.

— Sandy?

Cynthia ali em pé com uma garrafa de I. C. e um copo. Cynthia com o último botão do uniforme desabotoado para me mostrar seu coração. Por assim dizer. Estava, mas não estava ali. Estava há anos de distância de onde eu me encontrava naquela hora.

Tanta conversa e nenhuma conclusão, eu dissera, e a conversa tomara outro rumo — o da fazenda O'Day, entre outras coisas — até que, de repente, o garoto perguntara… começara a perguntar…

Sandy, naquele dia no piquenique, algum de vocês falou de…

E deixou a pergunta no ar.

— Algum de vocês falou de destruir aquilo — eu disse. — Foi a pergunta que ele não terminou de fazer. — Olhei para a cara apavorada e preocupada de Cynthia Garris. — Ele começou a perguntar e não terminou.

Será que eu achara que a sessão de histórias havia terminado e que o filho de Curt iria para casa? Que desistiria com tanta facilidade? Depois de ter feito uns dois quilômetros na estrada, cruzei com uns faróis indo na direção oposta. Voltando para o quartel a uma boa velocidade, mas sem passar muito do limite permitido. Será que atrás dos faróis estava o Bel Air de Curt Wilcox, com o filho de Curt Wilcox ao volante? Será que voltara assim que viu que tínhamos ido embora?

Achei que sim.

Peguei a garrafa de Iron City da bandeja de Cynthia, vendo meu braço esticar e minha mão pegar o gargalo como a gente vê a si mesmo nos sonhos. Senti nos dentes a boca fria do gargalo da garrafa e pensei em George Morgan em sua garagem, sentado no chão, sentindo o cheiro da grama cortada embaixo do cortador. Aquele cheiro verde gostoso. Bebi a cerveja toda. Então me levantei e pus uma nota de dez na bandeja de Cynthia.

— Sandy?

— Não vai dar para ficar para comer — disse eu. — Esqueci uma coisa no quartel.

Eu tinha uma luz Kojak a bateria no porta-luvas do meu carro particular e botei-a no teto tão logo saí da cidade, dirigindo a 130, fiando-me na luz vermelha para tirar do caminho quem estivesse na frente. Não havia muita gente. As pessoas do oeste da Pensilvânia em geral voltam para casa cedo nos dias úteis. Eram só seis quilômetros até o quartel, mas a viagem pareceu levar uma hora. Eu pensava em como eu ficava aflito cada vez que a irmã de Ennis — o Dragão — entrava no quartel, embaixo daquela cabeleira escandalosa tingida com hena parecendo um monte de feno. Eu pensava Saia daí, está perto demais. E nem gostava dela. Quão pior seria ter que encarar Michelle Wilcox, especialmente se estivesse com as gêmeas!

Subi depressa demais a rampa de acesso, assim como Eddie e George haviam feito uns 12 anos antes, querendo se livrar daquele prisioneiro desagradável a fim de poderem seguir para Poteenville, onde parecia que metade do mundo estava em chamas. Os nomes de músicas antigas — I Met Him on a Sunday, Ballroom Blitz, Sugar Sugar — dançavam absurdamente em minha cabeça. Era bobagem, mas melhor do que me perguntar o que eu faria se o Bel Air estivesse de volta, mas vazio; o que eu faria se Ned Wilcox tivesse desaparecido da face da Terra.

O Bel Air estava de volta, como eu sabia que estaria. Ned o estacionara onde antes estivera a picape de Arky. E estava vazio. Vi isso logo que meus faróis bateram nele. Os títulos de música me saíram da cabeça. O que os substituiu foi um frio estado de alerta, do tipo que vem sozinho, mãos vazias e sem planos, pronto para improvisar.

O Buick se apossara do filho de Curt. Na mesma hora em que estávamos sentados com ele, velando seu pai à nossa moda e tentando ser seu amigo, o carro avançou e se apoderou dele. Se ainda restava uma chance de resgatá-lo, melhor seria eu não estragá-la pensando demais.

Steff, provavelmente preocupada ao ver uma Kojak sozinha em vez de uma carreira de luzes de teto, pôs a cabeça de fora pela porta dos fundos.

— Quem é? Quem está aí?

—Sou eu, Steff. — Saltei do carro, deixando-o estacionado ali mesmo, com a luz vermelha piscando no teto em cima do banco do motorista. Se viesse alguém por trás, pelo menos não bateria na traseira. — Volte

—para dentro.

—O que houve?

—Nada.

— Foi o que ele disse.

Apontou para o Bel Air e entrou.

Fui correndo para a porta de enrolar do galpão B naquela luz intermitente — muitos momentos estressantes da minha vida foram iluminados por pisca-

piscas. Um cidadão comum parado ou ultrapassado por pisca-piscas sempre se assusta. Não tem ideia do efeito que essas mesmas luzes às vezes provocam em nós. E do que já vimos iluminado por elas.

Sempre deixávamos uma luz acesa no galpão, mas agora, lá dentro, estava mais claro do que com a luz noturna, e a porta lateral estava aberta. Pensei em desviar até ela, mas fiquei onde estava. Primeiro de tudo, queria dar uma olhada no campo de jogo.

O que eu tinha mais medo de ver não era nada mais senão o Buick. Ao olhar para dentro, descobri algo que dava mais medo ainda. O garoto estava sentado ao volante grande demais do Roadmaster com o peito afundado. No lugar da camisa, só havia uma ruína ensanguentada. Minhas pernas começaram a bambear, aí percebi que o que eu estava vendo, afinal de contas, não era sangue. Vai ver que não era. A forma era muito regular. Bem embaixo da gola redonda de sua camiseta azul, havia uma linha reta vermelha… e quinas… ângulos retos.

Não, não era sangue.

O bujão de gasolina que Arky tinha para o cortador de grama.

Ned mexeu-se atrás do volante e uma de suas mãos apareceu. Segurava uma Beretta. Será que andara passeando com a arma do pai na mala do Bel Air? Talvez mesmo no porta-luvas?

Decidi que não importava. Ele estava sentado naquela armadilha mortal com gasolina e uma pistola. Ou cura ou mata, pensei. Nunca me passou pela cabeça que ele poderia tentar as duas coisas ao mesmo tempo.

Ele não me viu. Devia ter visto — de onde estava sentado, minha cara branca assustada tomando toda uma daquelas janelas escuras devia ser bem visível — e devia ter visto também o pulsar da luz vermelha que eu colara no teto do carro. Também não viu. Estava tão hipnotizado quanto Huddie ao resolver entrar na mala do Buick e fechar a tampa. Mesmo de fora, dava para notar. Aquela pulsação de maré. Aquela vivacidade. Nela, havia até palavras. Suponho tê-las inventado a meu bel-prazer, mas isso pouco importa porque era o pulsar que as fazia sair, o latejar que todos nós havíamos sentido desde o começo em volta do Buick. Um latejar que alguns de nós — entre os quais, o pai desse garoto — haviam sentido com mais força que outros.

Entre ou fique do lado de fora, disse-me a voz em minha cabeça, e falou com uma indiferença total, de arrepiar. Vou levar um ou dois, depois vou dormir. Só mais essa maldade antes de terminar de vez. Um ou dois, não importa quem.

Ergui os olhos para o termômetro redondo montado na viga. O ponteiro vermelho estava em 16 antes de eu ir para o Country Way, mas agora caíra para 14. Enquanto olhava, quase o vi baixando para níveis ainda mais frios, e de repente, me bateu uma lembrança tão viva que assustava.

Isso fora no banco dos fumantes. Eu fumava, e Curt só estava sentado. O banco dos fumantes fora ganhando uma importância singular naqueles seis anos,

desde que fora proibido o fumo no quartel. Era aonde íamos para comparar anotações sobre os casos de que tratávamos, para resolver conflitos de horário, para refletir sobre os planos de aposentadoria e seguro. Foi no banco dos fumantes que Carl Brundage me contou que a mulher o estava largando e levando as crianças. Sua voz não tremia, mas as lágrimas lhe escorriam pelo rosto enquanto ele falava. Tony estava sentado entre mim e Curt (Cristo entre os dois ladrões, dissera ele com um sorriso sardônico), quando disse que iria me indicar para o cargo de sargento-chefe que vagaria com sua aposentadoria. Se eu quisesse, claro. O brilho em seus olhos dizendo que ele sabia muito bem que eu queria. Curtis e eu fizemos que sim com a cabeça, sem falar muito. E foi no banco dos fumantes que Curt e eu tivemos nossa última discussão sobre o Buick 8. Quanto tempo antes de sua morte fora isso? Fiquei arrepiado ao me dar conta de que podia ter sido no mesmo dia. Decerto isso explicaria por que a nitidez da lembrança me parecera tão terrível.

Aquilo pensa?, perguntara Curt. Eu me lembrava do sol forte da manhã em seu rosto e — acho eu — de um copo descartável de café em sua mão. Observa e pensa, espera uma oportunidade, escolhe o momento?

Tenho quase certeza que não, respondera eu, mas ficara aflito. Porque quase cobre uma área enorme, não? Talvez a única palavra na língua mais abrangente seja se.

Mas guardou seu maior espetáculo de terror para uma hora em que não houvesse quase ninguém aqui, dissera o pai de Ned. Pensativo. Deixando de lado o café para poder ficar girando o Stetson nas mãos, um velho hábito seu. Se eu tivesse razão a respeito do dia, faltavam menos de cinco horas para aquele chapéu lhe ser arrancado da cabeça e lançado todo ensanguentado no mato, onde posteriormente seria achado entre invólucros do McDonald's e latas vazias de Coca-Cola. Como se eu soubesse. Como se aquele carro fosse capaz de pensar. Observar. Aguardar.

Eu rira. Era uma daquelas risadinhas bruscas bastante sem graça. Disse a ele que ele estava encucado com aquele assunto. Disse: A próxima coisa que você vai me dizer é que ele mandou um raio ou sei lá o quê, para fazer aquele caminhão-tanque da Norco bater no ônibus escolar naquele dia.

Ele não deu uma resposta verbal, mas seus olhos me fizeram uma pergunta. Como sabe que não mandou?

Então, fiz a pergunta do garoto. Perguntei…

Um alarme disparou em minha cabeça, muito indistinto e muito profundo. Afastei-me da janela e tapei o rosto cora as mãos, como se me julgasse capaz de bloquear aquela dor montante simplesmente bloqueando a visão do Buick. E a visão de Ned, tão branco e perdido atrás do volante exagerado. O Buick se apossara dele e agora, rapidamente, se apossara de mim. Tentara me distrair com um monte de velhas lembranças inúteis. Se conscientemente esperara ou não a oportunidade de pegar Ned, não importava. O importante era que a

temperatura ali dentro baixava depressa, quase despencava, e, se eu pretendia fazer alguma coisa, aquele era o momento.

Talvez seja melhor buscar um reforço para isso, sussurrou a voz em minha cabeça. Parecia minha própria voz, mas não era. Pode ser alguém do quartel. Se fosse você, eu iria ver. Não que tenha importância para mim. O que me importa é fazer mais uma maldade antes que eu durma. E mais ou menos só isso que me importa. E por quê? Porque posso, ora... só por isso.

O reforço parecia uma boa ideia. Deus sabe como me apavorava a perspectiva de entrar sozinho no galpão B e me aproximar do Buick naquele estado em que se encontrava. O que me fez ir em frente foi saber que eu causara isso. Eu é que abrira a caixa de Pandora.

Corri ao depósito, sem parar na porta lateral apesar de ter sentido um cheiro de gasolina bem intenso. Eu sabia o que ele havia feito. Só restava saber quanta gasolina ele derramara embaixo do carro e quanta guardara no bujão.

A porta do depósito estava trancada a cadeado. Durante anos, ficara aberta, com o arco de aço apenas passado no ferrolho para a porta não abrir com o vento. Naquela noite, o cadeado também estava aberto. Juro que é verdade. Lá fora, não havia uma claridade de meio-dia, mas a porta lateral deixava passar luz suficiente para se ver bem o cadeado. Então, quando eu ia pegá-lo, a barra de aço entrou no orifício do corpo da fechadura com um clique apenas audível. Eu vi... e também senti. Por um momento, a pulsação em minha cabeça ficou mais aguda e concentrada. Foi como cortar a respiração quando se faz um esforço.

Tenho dois chaveiros: um com as chaves de tira e um com as pessoais. No oficial, havia umas 20, e usei um truque que eu aprendera há muito tempo com Tony Schoondist. Deixei as chaves caírem na palma da mão de qualquer maneira, como no jogo de pega-varetas, depois toquei-as sem olhar. Nem sempre funciona, mas dessa vez funcionou, talvez porque a chave do cadeado do depósito fosse menor do que todas as outras menos a de meu armário lá embaixo, e a chave do armário tivesse uma cabeça quadrada.

Ouvi o zumbido começar, baixinho. Era fraco, como o barulho de um motor enterrado, mas dava para ouvir.

Peguei a chave que meus dedos haviam encontrado e enfiei-a no cadeado. A barra de aço saltou. Tirei o cadeado do ferrolho e joguei-o no chão. Aí, abri a porta do depósito e entrei.

O quartinho guardava aquele calor parado e explosivo que só se encontra em sótãos, galpões e cubículos que passam muito tempo fechados em época de calor. Ninguém ia muito lá, mas as coisas que se haviam acumulado com os anos (à exceção de tinta e solvente, artigos inflamáveis que tiveram a prudência de retirar) continuavam no mesmo lugar. Dava para vê-las naquela meia-luz. Pilhas de revistas, na maioria, dessas que homem lê (as mulheres pensam que gostamos de ver mulher pelada, mas acho que, sobretudo, gostamos de

ferramentas). A cadeira da cozinha com o assento remendado com fita adesiva. O rádio de polícia barato da Radio Shack. A filmadora, sem dúvida com a bateria gasta, na mesma prateleira ao lado da velha caixa de fitas virgens. Numa parede, havia um adesivo de para-choque: APOIE OS DEFICIENTES MENTAIS, CONVIDE UM AGENTE DO FBI PARA ALMOÇAR. Eu sentia o cheiro de pó. Em minha cabeça, a pulsação que era a voz do Buick ficava cada vez mais forte.

Na parede, havia uma lâmpada pendurada e um interruptor, mas nem sequer experimentei-os. Imaginei que a lâmpada estaria queimada, ou que o interruptor teria energia suficiente para me dar um choque de derrubar.

A porta fechou atrás de mim, cortando a luz do luar. Isso era impossível, porque, quando ficava solta, a porta sempre abria para fora. Todos sabíamos disso. Por isso deixávamos o cadeado passado no ferrolho. Hoje, porém, o impossível estava a preço de banana. A força que habitava o Buick me queria no escuro. Talvez achasse que, no escuro, eu iria mais devagar.

Não aconteceu isso. Eu já vira o que eu precisava: o rolo de corda amarela, ainda pendurado na parede embaixo do adesivo galhofeiro e ao lado de um esquecido conjunto de cabos de chupeta. Também vi outra coisa. Algo que Curt Wilcox pusera na prateleira junto da filmadora pouco depois da aparição do E.T. dos fios cor-de-rosa.

Peguei isso que eu vi, enfiei no bolso traseiro e tirei o rolo de corda pendurado na parede. Então, me mandei. Um vulto escuro pairava à minha frente, e quase dei um grito. Por um momento de loucura, tive certeza de que era o homem da capa e do chapéu pretos, o da orelha disforme e sotaque de Boris Badinoff. Quando o bicho-papão falou, porém, o sotaque era puro Lawrence Welk.

— O raio daquele garoto voltou — suspirou Arky. — Já estava na metade do caminho de casa e aí, cacilda, dei meia-volta. Eu sabia, não sei como. Simplesmente…

Interrompi aí, disse-lhe que ficasse longe de mim e voltei correndo, dobrando a esquina do galpão B com o rolo de corda no braço.

— Não entre ali, sargento! — disse Arky. Acho que devia estar tentando gritar, mas o medo não o deixava ir muito longe em termos de volume. — Ele derramou gasolina e está armado. Eu vi.

Parei ao lado da porta, tirei a corda do braço e comecei a amarrar a ponta no gancho robusto que havia ali, e dei o rolo a Arky.

—Sandy, você está sentindo? — perguntou. — E o rádio encrencou de novo; só tem estática, ouvi Steff xingando pela janela.

—Não tem importância. Amarre a ponta da corda. Use o gancho.

—Hã?

—Você ouviu.

Eu estava segurando a laçada na ponta da corda, e passei-a pelas pernas, puxando-a até a cintura, e ajustei-a. Era um nó corrediço, amarrado pelo próprio Curt, e prendeu com facilidade.

— Sargento, você não pode fazer isso.

Arky tentou me agarrar pelo ombro, mas sem força alguma.

—Amarre e segure — eu disse. — Não entre, aconteça o que acontecer. Se... — Mas eu não ia dizer Se desaparecermos. Não queria ouvir essas palavras saírem da minha boca. — Se acontecer alguma coisa, diga a Steff para emitir um código D assim que a estática passar.

—Puxa vida! Você está maluco? Não está sentindo?

—Estou — eu disse, e entrei.

Fui sacudindo a corda para que não embaraçasse. Sentia-me como um mergulhador descendo a profundezas desconhecidas, vigiando a mangueira de ar não por achar realmente que adiantasse, mas porque pelo menos era alguma coisa para fazer, para não pensar no que podia estar nadando no escuro, onde sua luz não chegava.

O Buick 8, nosso segredinho, gordo e luxuoso sentado naqueles pneus de banda branca, zumbia do fundo das cavidades de seu ser. A pulsação era mais forte que o zumbido e, agora que eu estava mesmo lá dentro, notei que interrompia seus tímidos esforços para não me deixar entrar. Em vez de empurrar com sua mão invisível, puxava.

O garoto estava sentado ao volante com o bujão de gasolina no colo, as faces e a testa brancas, a pele esticada e brilhante nessas regiões. Enquanto eu me aproximava dele, sua cabeça girou com uma lentidão de robô, e ele olhou para mim. Seus olhos eram arregalados e escuros. Tinham aquele olhar estupidamente sereno dos profundamente drogados, ou dos tragicamente feridos. A única emoção que permanecia em seus olhos era uma imensa teimosia cansada, aquela insistência adolescente em afirmar que devia haver uma resposta e ele precisava conhecê-la. Tinha direito. E, obviamente, fora isso que o Buick usara. O que usara contra ele.

—Ned.

—Se eu fosse você, eu sairia daqui, sargento — disse articulando bem as sílabas, muito devagar. — Não há muito tempo. Está chegando. Parecem passos.

E tinha razão. De repente, senti uma onda de horror. O zumbido talvez fosse de algum tipo de maquinismo. A pulsação era quase certamente uma espécie de telepatia. Isso era outra coisa. Uma terceira coisa.

Algo vinha chegando.

— Ned, por favor. Você não pode entender o que é essa coisa e certamente

não pode matá-la. Só vai conseguir ser sugado como pó num aspirador de pó. E assim, sua mãe e suas irmãs vão ficar sozinhas. É isso o que quer, deixá-las sozinhas com mil perguntas que ninguém pode responder? Mal posso acreditar que o garoto que chegou aqui procurando o pai com tanto afinco pode ser tão egoísta.

Essas palavras fizeram algo tremer em seus olhos, como os olhos de alguém que está profundamente concentrado e ouve um barulho forte na quadra ao lado. E então serenaram de novo.

— O raio desse carro matou meu pai — disse.

Falou com calma. Até com paciência.

Eu não ia discutir isso.

—Tudo bem, pode ser que sim. Vai ver que num certo sentido é tão culpado da morte de seu pai quanto Bradley Roach. Mas isso quer dizer também que pode matá-lo? O que é isso, Ned? Pague um e leve dois?

—Vou matá-lo - disse ele, e por fim aparecia algo em seus olhos, perturbando a serenidade da superfície. Era mais que raiva. Pareceu-me uma espécie de loucura. Ele ergueu as mãos. Numa delas, tinha a pistola. Na outra, segurava um maçarico. - Antes que me sugue, vou botar fogo no raio desse cargueiro. Assim, a porta desse lado nunca mais vai abrir. Esse é o primeiro passo. - Falava com a arrogância temível e inconsciente da juventude, convencido de que sua ideia não ocorrera a ninguém antes dele. - E se eu sobreviver à experiência, vou matar o que estiver esperando do outro lado. É o segundo passo.

— O que estiver esperando? — Percebi a atrocidade de suas afirmações e fiquei estarrecido. — Ai, Ned! Ó meu Deus!

Agora a pulsação era mais forte. O zumbido também. Eu sentia encostar na minha pele o frio anormal que marcava os períodos de atividade do Buick. E vi luz arroxeada surgindo no ar bem acima do volante enorme e logo passando a escorregar por sua superfície. Vinha, estava vindo. Há dez anos, já teria chegado. Talvez até em cinco. Agora demorava mais um pouco.

—Acha que vai ter uma festa de boas-vindas, Ned? Espera que eles mandem o excelentíssimo presidente do Povo dos Peles Amarelas e Cabelos Rosa ou quem sabe o imperador do Universo Alternativo para cumprimentá-lo e lhe entregar as chaves da cidade? Acha que se dariam ao trabalho? Para quê? Por um garoto incapaz de aceitar o fato de que seu pai morrera e continuar a tocar em frente a vida?

—Cale a boca!

—Sabe o que acho?

—Não me interessa o que você acha!

—Acho que a última coisa que você vai ver será um monte de nada antes de morrer sufocado com o que eles respiram lá.

Um lampejo de dúvida tornou a passar por seus olhos. Uma parte dele queria dar uma de George Morgan e acabar com aquilo. Mas também havia a outra parte, que talvez não desse mais tanta importância à Pitt, mas continuava com vontade de viver. E acima dessas duas, acima e abaixo e em volta, amarrando tudo, havia a pulsação e a voz chamando de mansinho. Nem sequer era sedutora. Apenas arrastava a pessoa.

— Sargento, saia daí! — gritou Arky.

Ignorei-o e continuei olhando para o filho de Curt.

— Ned, use a cabeça que o trouxe até aqui. Por favor.

Sem gritar com ele, mas falando mais alto para a minha voz sobrepor-se ao zumbido cada vez mais forte. E, ao mesmo tempo, toquei no que havia posto no bolso traseiro.

— Essa res na qual você está sentado pode estar viva, mas mesmo assim não merece o seu tempo. Não vê que não é muito diferente de uma planta carnívora? Não dá para se vingar dessa coisa, não vale a pena. Ela não tem cérebro.

Sua boca começou a tremer. Era ura começo, mas pedi a Deus que ele largasse a pistola, ou pelo menos a abaixasse. E havia o maçarico. Não era tão perigoso quanto a automática, mas era bastante nocivo. Junto à porta do motorista do Buick, eu pisava na gasolina, e as emanações eram suficientemente fortes para fazer meus olhos chorarem. O clarão arroxeado começara a tecer preguiçosos fios de luz pelos comandos do painel fajuto e a encher o velocímetro, deixando-o parecido com uma bolha em um nível de carpinteiro.

—Isso matou meu pai!— gritou com uma voz infantil, mas não era a mim que se dirigia. Não conseguia encontrar um alvo para seus gritos, e era exatamente isso que o matava.

—Não, Ned. Olhe, se essa coisa pudesse rir, estaria rindo agora. Ela não pegou o pai da forma que queria, não como pegou Ennis e Brian Lippy, mas agora tem uma chance do diabo com o filho. Se Curt sabe disso, se puder ver, deve estar gritando na cova. Tudo o que ele temia, tudo o que lutou para impedir. Tudo se repetindo. Com seu próprio filho.

—Pare, pare!

Lágrimas brotavam em seus olhos.

Abaixei-me, aproximando o rosto daquele clarão arroxeado, do frio crescente. Aproximei o rosto do de Ned, onde a resistência finalmente desmoronava. Só faltava mais um golpe. Tirei do bolso traseiro a lata que pegara no depósito, segurei-a contra a perna e disse:

—Ele deve estar ouvindo isso rir, Ned, deve saber que é tarde demais…

—Não!

—…não há nada que ele possa fazer. Absolutamente nada.

Levantou as mãos para tapar as orelhas, a pistola na esquerda, o maçarico na direita, o bujão de gasolina equilibrado entre as coxas, uma névoa lavanda anuviando-lhe as pernas para baixo das canelas, o clarão subindo como água num poço, e isso não era grande coisa - eu não o desequilibrara tão completamente quanto gostaria -, mas teria de servir. Tirei a tampa da lata aerossol com o polegar, tive apenas uma fração de segundo para me perguntar se ainda tinha pressão depois de tantos anos sem uso na prateleira do depósito, e disparei na cara dele.

Ned deu um uivo de surpresa e dor ao receber o jato nos olhos e no nariz. Seu dedo apertou o gatilho da Beretta do pai. A detonação foi ensurdecedora dentro do galpão.

— Cacilda! — ouvi Arky gritar em meio à zoada em meus ouvidos.

Agarrei o puxador da porta, e, aí, o trinco baixou sozinho, igual à barra do cadeado na porta do depósito. Meti o braço pela janela aberta, cerrei o punho e dei um murro na lateral do bujão de gasolina. O recipiente voou do colo em convulsão do garoto, caiu na luz arroxeada que subia do chão do carro e desapareceu. Tive uma sensação momentânea do tombo, como o que as coisas levam quando são jogadas do alto. A pistola disparou de novo, e senti o vento da bala. Não passou muito perto — ele atirava às cegas para o teto do Buick, provavelmente sem ter consciência de estar atirando —, mas quando se sente o deslocamento do ar à passagem de uma bala é sinal de que ela passou perto demais.

Tateei por dentro a porta do Buick, acabei encontrando o puxador interno e puxei. Se não levantasse, não sei o que eu faria depois — ele era muito grande e muito pesado para ser puxado pela janela —, mas levantou, e a porta abriu. Aí, subiu um lampejo arroxeado de onde era o chão do Buick, a mala abriu ruidosamente, e começou a verdadeira puxada. Sugado como pó num aspirador de pó, eu dissera, mas sem saber da missa a metade. De repente, aquele latejar montante se acelerou, transformando-se num martelar feroz e arrítmico, como ondas precursoras de um maremoto que destruirá tudo. A sensação era de um vento de dentro para fora que parecia puxar em vez de empurrar, que queria sugar os olhos das órbitas e arrancar a pele da cara; no entanto, na minha cabeça, não se movia um fio de cabelo.

Ned gritou. Suas mãos baixaram de repente, como se ele tivesse cordas invisíveis amarradas nos pulsos e alguém as estivesse puxando de baixo. Começou a afundar no assento, só que este já não estava exatamente ali. Ia sumindo, dissolvendo-se naquela bolha tempestuosa de luz violeta ascendente. Agarrei-o pelas axilas, puxei e recuei aos tropeções, primeiro um passo, depois outro. Lutando com a tração incrível da força que tentava me puxar para a

goela arroxeada que fora o interior do Buick. Caí de costas com Ned por cima. Fiquei com as pernas das calças empapadas de gasolina.

— Puxe! — gritei para Arky.

Dei impulso com os pés, tentando me arrastar para longe do Buick e da luz que se derramava dele. Meus pés não encontravam ponto de apoio. Escorregavam na gasolina.

Ned levou um tranco, sendo puxado com tanta força em direção à porta aberta do motorista que quase me foi arrancado das mãos. Ao mesmo tempo, senti a corda me apertar a cintura. Fomos puxados abruptamente para trás enquanto eu ajeitava as mãos no peito de Ned. Ele continuava segurando a pistola, mas vi seu braço esticar à frente e a arma voar de sua mão. Foi engolida pela palpitante luz arroxeada da cabine do carro, e tive a impressão de tê-la ouvido disparar duas vezes, sozinha, enquanto desaparecia. Ao mesmo tempo, a força da sucção à nossa volta pareceu diminuir um pouco. Talvez a conta para conseguirmos fugir se saíssemos já, se nos limitássemos a sair de cena pela esquerda sem vacilar.

—Puxe! — gritei para Arky.

—Chefe, estou puxando com toda a…

—Puxe com mais forçai

Houve outro tranco furioso, um que me deixou sem ar quando o nó corrediço de Curtis me apertou a barriga. Depois tentei ficar em pé e ao mesmo tempo recuar aos tropeções ainda segurando o garoto na minha frente. Ele arfava, os olhos fechados de tão inchados, como os olhos de um lutador que passou 12 rounds apanhando. Acho que não viu o que aconteceu depois.

O interior do Buick desaparecera, esvaziado pela luz arroxeada. Acabava de abrir-se um conduto indescritível e incognoscível. Eu olhava através de uma goela infecta para outro mundo. Quase estive ali paralisado tempo suficiente para que a sucção tornasse a me segurar e me tragar — tragar a nós dois —, mas aí Arky deu um berro estridente:

— Socorro, Steff!. Pelo amor de Deus! Corra aqui e me ajude!

Ela deve ter feito isso, também, porque uns dois segundos depois Ned e eu fomos puxados para trás como dois peixes bem ferrados.

Tornei a cair e bati com a cabeça, consciente de que a pulsação e o zumbido se haviam fundido, transformando-se num uivo que parecia me abrir um buraco no cérebro. O Buick começara a piscar como um anúncio luminoso, e um enxame de besouros verdes foi despejado do porta-malas ardente. Os insetos batiam no chão, corriam um pouco e morriam. A sucção tornou a puxar, e começamos a nos mover outra vez em direção ao Buick. Era como estar preso numa corrente de fundo fortíssima. Para trás e para a frente, para trás e para a

frente.

— Me ajude!— gritei no ouvido de Ned. — Você precisa me ajudar, senão a gente vai entrar bem!

O que eu pensava nessa hora era que provavelmente iríamos entrar bem com ou sem a ajuda dele.

Ele estava cego, mas não surdo, e decidiu que queria viver. Apoiou os pés calçados de tênis no chão de cimento e deu um impulso com todas as forças, respingando a gasolina com os calcanhares que escorregavam. Ao mesmo tempo, Arky e Stephanie Colucci deram outro puxão forte na corda. Recuamos de supetão quase um metro e meio em direção à porta, mas logo a corrente de fundo começava a puxar de novo. Consegui passar uma ponta da corda em volta do peito de Ned, amarrando-o a mim para o bem ou para o mal. Depois, tornamos a ser puxados, o Buick recuperando todo o terreno que ganháramos e mais. Puxava-nos lentamente, mas com uma persistência terrível. Eu sentia no peito uma pressão claustrofóbica que me deixava sem ar. Em parte, era por estar enrolado na corda. Em parte, pela sensação de estar sendo beliscado, apalpado e sacudido por uma gigantesca mão invisível. Eu não queria ir parar no lugar que eu vira, mas, se nos aproximássemos mais do carro, eu iria. Quanto mais perto chegávamos, mais forte era a atração. Logo arrebentaria a corda de náilon amarela. Nós dois sairíamos voando, ainda amarrados. Para dentro daquela nojenta goela arroxeada e do que havia para a frente.

— Ultima chance! — gritei. — Puxem no três! Um… dois… TRÊS!

Arky e Stephanie, que estavam ombro a ombro justo do lado de fora da porta, deram tudo o que podiam. Ned e eu empurramos com os pés. Voamos para trás, dessa vez, direto até a porta antes que aquela força nos agarrasse mais uma vez, puxando de forma tão inexorável como o ímã puxa a limalha de ferro. Rodei para o lado.

—Ned, o marco da porta! Agarre o marco da porta!

—Ele esticou o braço todo, sem olhar. Sua mão tateou.

—A sua direita, garoto! — gritou Steff. — Sua direita

Ele encontrou a ombreira e agarrou. Atrás de nós, o Buick soltou mais um gigantesco clarão arroxeado, e senti que a atração subia mais um grau. Era como uma gravidade nova e medonha. A corda em volta do meu peito virará uma cinta de aço e eu não conseguia respirar nem um pingo de ar puro. Sentia os olhos inchando e os dentes palpitando nas gengivas. Parecia que minhas tripas estavam na base da minha garganta, amarradas num nó. A pulsação me enchia o cérebro, destruindo o pensamento consciente. Comecei a escorregar de novo para o Buick com os saltos dos sapatos derrapando no cimento. Logo, eu estaria deslizando e depois, voando, como um pássaro sugado por uma turbina de jato. E quando eu fosse, o garoto iria comigo, provavelmente com farpas da ombreira

da porta espetadas embaixo das unhas. Ele teria que vir comigo. Minha metáfora sobre as cadeias tornara-se realidade literal.

— Sandy, segure minha mão!

Estiquei o pescoço para olhar e não fiquei propriamente surpreso ao ver Huddie Royer — e atrás dele, Eddie. Eles haviam voltado. Demoraram um pouco mais que Arky, mas voltaram. E não porque Steff também lhes houvesse transmitido um código D. Eles estavam em seus carros particulares, e as comunicações radiofônicas de nosso quartel estavam ferradas, pelo menos por enquanto. Não, eles simplesmente… vieram.

Huddie estava ajoelhado na porta, segurando com a mão para não ser sugado. Seu cabelo não se mexia nem sua camisa se enrugava, mas assim mesmo ele cambaleava como uma pessoa em pleno vendaval. Eddie estava atrás dele, de cócoras, olhando por cima do ombro esquerdo de Huddie. Provavelmente segurando o cinto de Huddie, embora não desse para eu ver isso. A mão livre de Huddie estava estendida para mim, e agarrei-a como um afogado. Eu me sentia como um afogado.

— Agora puxem, caramba — grunhiu Huddie para Arky e Eddie e Steff Colucci. A luz arroxeada do Buick piscava em seus olhos. — Até arrebentarem.

Talvez não tenham chegado a esse ponto, mas puxaram com força e fomos lançados porta afora como uma rolha voando da garrafa, aterrissando uns por cima dos outros, com Huddie por baixo. Ned ofegava, a cara apoiada em meu colo, a pele da face e da testa em brasa. Eu sentia o molhado de suas lágrimas.

—Ai, sargento, nossa, tire o cotovelo do meu nariz! — gritou Huddie com uma furiosa voz abafada.

—Feche a porta! — gritou Steff. — Depressa, antes que saia alguma coisa ruim.

Não havia nada senão uns besouros inofensivos de carapaça verde, mas, assim mesmo, ela estava certa. Porque a luz era bastante ruim. Aqueles lampejos de luz arroxeada.

Ainda estávamos embolados no chão, com braços imprensados por joelhos, pés espremidos embaixo de troncos. Eddie, que não sei como se enredara na corda como Ned, gritava para Arky que a corda estava enrolada em seu pescoço e o enforcava. Steff, ajoelhada ao lado dele, tentava meter os dedos embaixo das voltas amarelas da corda, enquanto Ned ofegava e se debatia contra mim. Não havia ninguém para fechar a porta, mas ela bateu e virei a cabeça num ângulo que só o puro pânico permitiria. De repente eu tinha a certeza de que fora um deles, que havia passado sem ser visto e agora estava ali fora, quem sabe atrás de uma pequena recompensa pela morte daquele tantos anos atrás. E o vi, uma sombra na lateral pintada de branco do galpão. Então, a sombra se moveu, seu dono se adiantou e vi as curvas de um busto e um quadril de mulher naquela meia-luz.

— Estava na metade do caminho de casa e tive um pressentimento — disse Shirley com uma voz trêmula. — Um pressentimento muito ruim. Decidi que os gatos podiam esperar mais um pouco. Pare de se agitar, Ned, assim você piora tudo.

Ned parou imediatamente. Ela se abaixou e, com um movimento habilidoso, libertou Eddie do laço em volta de seu pescoço.

— Pronto, neném — disse, e aí suas pernas falharam.

Shirley Pasternak caiu estatelada no asfalto e começou a chorar.

Levamos Ned para o quartel e lavamos seus olhos na cozinha. Tinha a pele em volta inchada e vermelha, e os olhos muito injetados de sangue, mas disse que estava enxergando bem. Quando Huddie ergueu dois dedos, o garoto disse que eram dois. Quando ergueu quatro, idem.

— Desculpe — disse com uma voz rouca e embargada. — Não sei por que fiz isso. Aliás, sei, eu queria, mas agora não… hoje à noite não…

— Shh — disse Shirley. Pegou mais água na pia e lavou os olhos dele. — Não fale.

Mas não dava para fazê-lo calar.

— Eu queria ir para casa. Pensar, como eu tinha dito. — Seus olhos inchados e injetadíssimos de sangue me olharam e desapareceram quando Shirley trouxe outra mão cheia de água quente. — Quando me dei conta, eu estava de novo aqui, e a única coisa que me lembro de ter pensado foi tenho que fazer isso hoje à noite, tenho que acabar com isso de uma vez por todas. Depois…

Só que ele não sabia o que acontecera depois; todo o resto era um borrão para ele. Ele não disse isso claramente, nem precisava. Eu nem precisava ver isso em seus olhos perplexos injetados de sangue. Já o vira, sentado ao volante do Roadmaster com o bujão de gasolina no colo, muito branco, parecendo chapado e perdido.

— Aquilo se apoderou de você — eu disse. — Sempre exerceu uma espécie de atração, só que nunca pôde aplicá-la em ninguém como em você. Quando o chamou, no entanto, nós também ouvimos. Cada um à sua maneira. De qualquer forma, você não tem culpa, Ned. Se alguém tem, sou eu.

Ele se endireitou ao lado da pia, tateou, pegou meus braços. Seu rosto pingava e seu cabelo estava colado na testa. Na verdade, ele estava engraçado. Como numa comédia pastelão.

Steff, que estivera olhando o galpão da porta dos fundos do quartel, veio até nós.

—Está apagando de novo. Já.

—Fiz que sim com a cabeça.

—Perdeu a oportunidade. Talvez tenha sido a última.

—De fazer maldade — disse Ned. — E o que queria. Ouvi na minha cabeça. Ou, sei lá, vai ver que simplesmente inventei essa parte.

—Se inventou — eu disse —, eu também inventei. Mas pode ser que essa noite houvesse outra coisa além da maldade.

Antes que eu pudesse terminar de falar, Huddie saiu do banheiro com um kit de primeiros socorros. Pousou-o na bancada, abriu-o e pegou um pote de pomada.

— Passe isso em volta dos olhos, Ned. Se entrar um pouco lá dentro, não se preocupe. Você nem vai notar.

Ficamos ali, vendo-o passar a pomada em volta dos olhos em círculos que brilhavam sob as luzes fluorescentes da cozinha. Quando ele terminou, Shirley perguntou-lhe se havia melhorado. Ele fez que sim com a cabeça.

— Então vamos de novo lá fora — eu disse. — Ainda tenho outra coisa para lhe contar. Teria contado antes, mas a verdade é que só tinha pensado nisso de passagem até ver você sentado no raio daquele carro. Deve ter vindo à tona com o choque.

Shirley me olhou com o cenho franzido. Nunca fora mãe, mas foi uma severidade de mãe que vi em seu semblante.

—Hoje não — disse ela. — Não vê que esse garoto já está farto? Um de vocês precisa levá-lo para casa e inventar alguma desculpa para a mãe dele, ela sempre acreditava na de Curtis, e espero que acredite na de vocês, se conseguirem concordar sobre os detalhes, e botá-lo na cama.

—Sinto muito, mas acho que isso não pode esperar — eu disse.

Ela me olhou muito séria e deve ter visto que pelo menos eu acreditava no que estava dizendo. Então fomos todos de novo para o banco dos fumantes, e, enquanto assistíamos ao fim dos fogos de artifício do galpão — o segundo espetáculo da noite, embora este não fosse grande coisa, pelo menos agora —, contei a Ned mais uma história dos velhos tempos. Esta eu via como se vê uma cena numa peça, dois personagens num palco praticamente vazio, dois personagens sob um único refletor muito forte, dois homens sentados.

ENTÃO: CURTIS

Dois homens sentados no banco de fumantes à luz de um sol de verão e um deles morrerá em breve - em se tratando de nossas vidas humanas, há um nó corrediço na ponta de cada cadeia e Curtis quase chegou ao seu. O almoço será sua última refeição, mas nenhum dos dois sabe disso. Este homem condenado vê o outro acender um cigarro e fica com vontade de acender um também, mas parou de fumar. Sai caro, como Michelle vivia reclamando com ele, mas sobretudo era a vontade de ver os filhos crescerem. Ele quer vê-los formados, quer ver a cor do cabelo dos netos. Tem também planos de aposentadoria, ele e Michelle conversam muito sobre esse assunto, sobre a motocasa que os levará para o Oeste onde pode ser que acabem se estabelecendo, mas ele vai se aposentar antes disso, e sozinho. Quanto a fumar, ele não precisava abrir mão desse prazer, mas não dá para saber esse tipo de coisa. Enquanto isso, o sol de verão está agradável. Mais tarde, o dia vai ser quente, um dia quente para se morrer, mas agora está agradável, e aquilo ali do outro lado está calmo. Passa cada vez mais tempo sossegado. Os tremores luminosos, quando acontecem, são mais moderados. Aquilo vem perdendo força, é o que acha o policial condenado. Mas às vezes Curtis ainda sente o coração do Buick batendo, e seu chamado silencioso, e sabe que é bom ficar de olho. Este é seu trabalho; ele rejeitou qualquer oportunidade de promoção para dedicar-se a ele. Foi seu parceiro que o Buick levou, mas ele vê que, de alguma forma, também ficou com tudo o que tinha que ficar de Curtis Wilcox. Curt nunca se trancou em seu porta-malas, como Huddie Royer quase fez uma vez em 1988, e o Buick nunca o comeu vivo como é provável que tenha comido Brian Lippy, mas assim mesmo apossou-se dele. Não lhe sai da cabeça. Ele ouve seus murmúrios como um pescador ouve o murmúrio do mar mesmo quando está dormindo. E um murmúrio é uma voz, e uma coisa com uma voz pode... Ele se vira para Sandy Dearborn e pergunta:

— Ele pensa? Observa, pensa, espera a oportunidade?Dearborn — pelas costas, os veteranos ainda o chamam de sargento novo — não precisa perguntar a quem seu amigo está se referindo. Quando se trata daquilo no galpão B, todos eles pensam igual, e às vezes Curtis acha que até quem foi transferido do D ou trocou o trabalho na PEP por outro mais seguro sente seu chamado; às vezes acha que ficaram todos marcados por aquilo, como os amish com aquelas roupas e aquelas calças pretas, ou você depois que o padre lhe suja a testa na quarta-feira de cinzas, ou os presos acorrentados juntos numa estrada cavando uma vala sem fim.

—Agora, tenho quase certeza que não — diz o sargento novo.

—Mesmo assim, guardou seu maior espetáculo de terror para uma hora em que não houvesse quase ninguém aqui — diz o homem que parou de fumar para ver os filhos crescerem e lhe darem netos. — Como se soubesse. Como se pudesse pensar. E observar. E esperar.

O sargento novo ri — um som de graça que contém só uma pitada de

desdém.

— Você está caducando com isso, Curt. Daqui a pouco vai me dizer que mandou um raio ou sei lá o que para fazer aquele caminhão-tanque da Norco bater no ônibus escolar.

O patrulheiro Wilcox pousou seu café no banco para poder tirar o chapéu, um chapéu grande, Stetson. Começa a girá-lo entre as mãos, um velho hábito seu. Numa diagonal de onde estão sentados, Dicky-Duck Eliot para na bomba de gasolina e começa a encher o D-12, coisa que não poderão fazer por muito mais tempo. Ele os vê no banco e acena. Eles acenam de volta, mas o homem do chapéu — o Stetson cinza de guarda estadual e que acabará o turno no mato com as latas de refrigerante e os invólucros de fast-food — quase não tira os olhos do sargento novo. Seus olhos estão perguntando se podem não considerar aquilo, se podem não considerar qualquer coisa.

O sargento, irritado com isso, diz:

— Então por que não lhe damos um fim? Acabamos com o assunto? Por que não o rebocamos para o campo dos fundos, derramamos gasolina nele até sair pela janela e ateamos fogo?

Curtis olha para ele com uma tranquilidade que não consegue esconder seu choque.

—Talvez seja a coisa mais perigosa que poderíamos fazer com ele — diz. — Talvez até seja o que ele quer que a gente faça. O que foi enviado para nos levar a fazer. Quantos garotos perderam os dedos ao bater com uma pedra em algo que acharam no mato e não sabiam que era um detonador?

—Não é a mesma coisa.

—Como sabe que não? Como sabe?

E o sargento novo, que mais tarde pensará: O meu chapéu é que deveria ter ido parar todo ensanguentado na beira da estrada, não consegue dizer nada. Parece quase inconveniente discordar dele e, além do mais, quem sabe? Talvez tenha razão. As crianças arrebentam mesmo os dedos com detonadores ou matam os irmãozinhos com armas que encontraram na escrivaninha dos pais ou botam fogo na casa com algum acendedor velho encontrado na garagem. Porque não sabem com que estão brincando.

—Imagine — diz o homem girando o Stetson nas mãos — que o 8 seja uma espécie de válvula. Como a dos reguladores dos balões de ar comprimido dos mergulhadores. Às vezes, puxa o ar e, às vezes, solta, dando ou recebendo conforme a vontade do usuário. Mas o que faz é sempre limitado pela válvula.

—Sim, mas...

—Mas pode ser de outra maneira. Imagine que respira como alguém que

está no fundo de um pântano e usa um caniço oco para sugar o ar sem ser visto.

—Tudo bem, mas…

De uma maneira ou de outra, tudo entra e sai em respirações curtas, — têm que ser curtas, porque o canal por onde passam é pequeno. Talvez a coisa que esteja usando a válvula ou o caniço tenha entrado numa espécie de estado suspensivo, como o sono ou a hipnose, de modo que pode sobreviver respirando tão pouco. E imagine que venha um desavisado e jogue no pântano uma carga de dinamite suficiente para drená-lo e assim o caniço já não seja necessário. Ou, pensando em termos de válvula, que a arrebente. Você correria esse risco? O de dar a essa coisa todo o ar de que ela necessita?

—Não — diz o sargento novo com uma voz sumida.

—Curtis diz:

—Uma vez, Buck Flanders e Andy Colucci decidiram fazer isso mesmo.

—Que barbaridade você está dizendo!

— Barbaridade, nada — retruca Curtis sereno. — Andy disse que se dois guardas estaduais não pudessem causar um pequeno incêndio de viatura sem ser punidos, era melhor devolver os distintivos. Tinham até um plano. Iam botar a culpa na tinta e no solvente do depósito. Combustão espontânea, puf, acabou. E além do mais, disse Buck, quem iria chamar os bombeiros? É só um galpão velho com uma charanga Buick dentro, meu Deus.

O sargento novo não consegue dizer nada. Está espantado demais.

—Acho que o carro pode ter falado com eles — diz Curt.

—Falado. — O sargento novo está tentando entender alguma coisa. — Falado com eles.

—É. — Curt põe o chapéu na cabeça (o que sempre chamam de chapéu grande) e prende a correia na nuca como se faz quando o tempo esquenta e ajusta a aba só pelo tato. Então, diz para o velho amigo: — Você pode dizer que ele nunca tenha falado com você, Sandy?

O sargento novo abre a boca para dizer que claro que não, mas os olhos do outro estão grudados nos seus, e sérios. O sargento-chefe acaba ficando calado.

— Não. Porque ele fala. Com você, comigo, com todos nós. Com Huddie é que falou mais alto no dia em que saiu aquele monstro, mas nós ouvimos até quando ele sussurra. Não? E ele fala o tempo todo. Mesmo dormindo. Então é importante não escutar.

Curt se levanta.

—Só vigiar. Esse é o nosso trabalho e agora eu sei disso. Se ele tem que respirar muito tempo por aquela válvula, ou aquele caniço, ou o que for, vai acabar sufocado. Asfixiado. Morto. E talvez nem ligue. Talvez morra mais ou

menos dormindo. Se ninguém o provocar, claro. O que basicamente significa ficar fora do alcance dele. Mas significa também deixá-lo em paz.

Curt vai embora, a vida lhe fugindo sob os pés como areia sem que nenhum dos dois tenha conhecimento. Então ele para e olha de novo para o amigo. Não eram contemporâneos desde novatos, mas cresceram juntos no trabalho e agora não poderiam estar mais integrados nele. Uma vez, quando estava bêbado, o sargento velho definiu a polícia como gente boa fazendo trabalhos ruins.

— Sandy.

Sandy lhe lança um olhar de o que foi agora?.

—Meu filho está jogando na liga juvenil, já lhe contei?

—Só umas 20 vezes.

—O treinador tem um filhinho de uns três anos. E semana passada,

—quando fui à cidade pegar Ned, vi-o apoiado num joelho, jogando bola com o

—garotinho. E fiquei apaixonado de novo pelo meu filho, Sandy. Como da primeira vez em que o peguei nos braços, enroladinho numa manta. Não é

—engraçado?

Sandy não acha muita graça. O que acha é que talvez o mundo não precise de nenhuma outra verdade sobre os homens além desta.

— O treinador tinha dado uniformes aos garotos, e Ned estava vestido com o dele, apoiado num joelho, jogando a bola para o garotinho sem levantar o braço, e juro que foi a coisa mais imaculada e mais pura que um céu de verão já viu.

Aí, ele diz

AGORA: SANDY

Houve um lampejo amarelado no galpão, tão fraco que era quase lilás. Depois escureceu… veio outro lampejo… escureceu de novo… e não clareou mais.

— Terminou? — perguntou Huddie, e respondeu à própria pergunta: — É, acho que sim.

Ned não fez caso.

—O quê? — perguntou-me. — O que ele disse então?

—O que qualquer homem diz quando as coisas vão bem em casa — respondi. — Disse que era um homem de sorte.

Steff fora embora para tratar de seu microfone e de sua tela de computador, mas os outros continuavam ali. Ned não prestava atenção em nenhum deles. Seus olhos inchados e vermelhos não desgrudavam de mim.

—Ele disse mais alguma coisa?

—Disse que na semana anterior você tinha feito dois home runs contra o Rocksburg Railroad, e que acenou para ele depois do segundo, quando estava na terceira base. Ele gostou. Ria quando me contou. Disse que, no seu pior dia, você enxergava melhor a bola do que ele no melhor. Disse também que você precisava começar a lançar bolas baixas se quisesse jogar a sério na terceira base.

O garoto baixou os olhos e começou a fazer um esforço violento. Olhamos para o outro lado, para deixá-lo mais à vontade. Afinal, falou:

— Ele me disse para nunca largar de mão as coisas, mas foi o que ele fez com aquele carro. A porra daquele 8. Largou de mão.

Eu disse:

—Ele fez uma escolha. Há uma diferença.

—Ele ponderou isso, e fez que sim com a cabeça.

—Tudo bem.

—Arky disse:

—Dessa vez, vou mesmo para casa. — Mas antes de ir, fez algo que nunca esqueceremos: abaixou-se e deu um beijo no rosto inchado de Ned. Fiquei impressionado com a ternura do gesto. — Boa-noite, garoto.

—Boa-noite, Arky.

Nós o vimos partir naquela picape lata-velha, e Huddie disse:

—Vou levar Ned para casa no Chevy dele. Quem quer ir atrás da gente e me trazer de volta aqui para eu pegar meu carro?

—Eu — disse Eddie. — Mas espero do lado de fora enquanto você entra com ele. Se Michelle Wilcox virar uma bomba atômica, quero estar longe da área atingida pela chuva radioativa.

—Não vai ter problema — disse-lhe Ned. — Vou dizer que vi a lata na prateleira, peguei-a para ver o que era e fiz a burrice de disparar o jato na cara. Gostei. Tinha a virtude da simplicidade. Era exatamente o tipo da história que o pai do garoto teria contado. Ned suspirou.

—O ruim é que amanhã à primeira hora vou estar sentado na cadeira do optometrista na vila de Statler.

—Não vai lhe fazer mal — disse Shirley. Beijou-o também, no canto da boca. — Boa-noite, meninos. Desta vez todo mundo vai embora e ninguém volta.

—Amém — disse Huddie, e ficamos vendo Shirley se afastar.

Ela devia ter uns 45 anos, mas havia muita coisa para olhar quando ela punha a retaguarda em movimento. Até ao luar. {Especialmente ao luar.)

E lá foi ela passando de carro por nós, um adeusinho ligeiro e depois mais nada, só os faróis traseiros.

Escuridão no galpão B. Sem faróis traseiros. Nem fogos de artifício. A atividade estava encerrada por aquela noite e um dia se encerraria de vez. Mas ainda não. Bem lá no fundo da cabeça, eu ainda sentia sua pulsação sonolenta, um sussurro de maré que, se você quisesse, poderia ser palavras.

O que eu havia visto.

O que eu vira quando puxava o garoto cegado pelo aerossol.

—Quer vir, Sandy, com a gente? — perguntou Huddie.

—Acho que não. Vou ficar aqui mais um pouco e depois vou para casa. Se houver algum problema com Michelle, diga para ela me ligar. Para cá ou para casa, tanto faz.

—Não vai ter problema nenhum com minha mãe — disse Ned.

—E com você? — perguntei. — Vai ter mais algum?

—Ele hesitou, depois disse:

—Não sei.

Em alguns aspectos, achei que essa foi a melhor resposta que ele poderia

ter dado. Era preciso reconhecer sua honestidade.

Foram embora. Huddie e Ned foram para o Bel Air, e Eddie foi para seu carro depois de parar ao lado do meu para tirar a luz Kojak do teto e jogá-la dentro.

Ned parou ao lado do para-choque traseiro de seu carro e virou-se para mim.

—Sandy?

—O quê?

—Ele não tinha nenhuma ideia da origem do Buick? Do que era?

—De quem era o homem da capa preta? Algum de vocês tinha?

—Não. A gente teorizava de vez em quando, mas ninguém jamais teve uma ideia que parecesse ser verdade, ou chegar perto da verdade. Jackie O'Hara provavelmente acertou quando disse que o Buick era como uma peça que não encaixava mais no quebra-cabeça. Você mexe com ela, leva-a de um lado para o outro, experimenta-a em todos os lugares e, um dia, você a vira e vê que o verso é vermelho e o verso de todas as peças de seu quebra-cabeça são verdes. Está acompanhando esse raciocínio?

—Não — disse ele.

—Pois então pense a respeito — eu disse —, porque vai ter que

—conviver com a ideia.

—E como devo fazer isso?

Não havia raiva em sua voz. Sua raiva se consumira. Agora ele só queria instruções. Ótimo.

—

—Você não sabe de onde veio nem para onde vai, sabe? — perguntei-lhe. — Mas convive com isso. Não fique esbravejando muito contra esse fato. Não passe mais de uma hora por dia sacudindo os punhos para o céu maldizendo Deus.

—Mas…

—Há Buicks em toda parte — eu disse.

Steff foi lá fora depois que eles partiram e me ofereceu um café. Eu lhe disse não, obrigado. Perguntei se tinha um cigarro. Ela me olhou com afetação — quase escandalizada — e me lembrou de que eu não fumava. Como se fosse sua cabine de pedágio, com o letreiro dizendo DESVIO OBRIGATÓRIO PARA TODOS OS BUICK ROADMASTERS A PARTIR DESTE PONTO. Puxa, quem dera que vivêssemos nesse mundo. Quem dera.

—Vai para casa? — perguntou.

—Daqui a pouco.

Ela entrou. Fiquei sozinho no banco dos fumantes. Eu tinha cigarros no carro, pelo menos meio maço no porta-luvas, mas levantar parecia um esforço muito grande, pelo menos por ora. Quando afinal me levantei, achei que mais valia ir andando. Poderia fumar um cigarro no caminho para casa e comer alguma coisa na frente da televisão quando chegasse - o Country Way já estaria fechado, e eu duvidava que Cynthia Garris quisesse ver minha cara por ali tão cedo. Há pouco, eu lhe dera um bruta susto. Mas o medo dela não chegava aos pés do meu quando a ficha afinal caiu e me dei conta do que Ned com certeza estava planejando fazer. E meu medo então era só uma sombra do pavor que senti ao olhar para aquele clarão arroxeado com o garoto cego nos braços e aquele tum-tumtum nos meus ouvidos, um som como o ruído de passos chegando. Eu olhava ao mesmo tempo como que para dentro de um poço e para um avião subindo... como se minha visão tivesse sido dividida por algum dispositivo prismático. Fora como olhar por um periscópio forrado de relâmpagos. O que vi era muito vivo - nunca vou esquecer - e estranhamente fabuloso. Capim amarelo, com as pontas escuras, cobria uma encosta pedregosa à minha frente e de repente acabava na beira de um precipício. Besouros de carapaças verdes alvoroçavam-se no capim, e, de um lado, havia uma moita daqueles lírios cerosos. Eu não conseguira ver o fundo do precipício, mas via o céu. Era de um roxo congestionado pavoroso, carregado de nuvens e relâmpagos. Um céu pré-histórico por onde circulavam coisas voadoras em bandos. Pássaros talvez. Ou morcegos como o que Curt dissecara. Estavam longe demais para eu ter certeza. E tudo isso aconteceu muito depressa, é bom lembrar. Acho que havia um oceano no fundo daquele precipício, mas não sei de onde me vem essa ideia - talvez do peixe que pulou da mala do carro naquela vez. Ou do cheiro de sal. Em volta do Roadmaster sempre havia aquele vago cheiro de sal que fazia chorar.

No capim amarelo perto de onde terminava minha janela (supondo que fosse uma janela), havia um adorno prateado numa corrente fina: a suástica de Brian Lippy. Anos ao relento a haviam escurecido. Um pouco adiante, havia uma bota de caubói, daquelas extravagantes, toda pespontada e com salto compensado. Quase todo o couro estava coberto por um musgo cinza-escuro que parecia teia de aranha. Havia um rasgão de um lado da bota formando uma boca irregular por onde eu via um brilho amarelo de osso. Sem carne: 20 anos naquele ar cáustico a teriam decomposto, embora eu duvide que a ausência de carne se devesse apenas à decomposição. O que acho é que o antigo colega de colégio de Eddie J foi comido. Provavelmente vivo. E gritando, se conseguisse bastante ar para isso.

E mais duas coisas, perto do extremo superior de minha janela momentânea. A primeira era um chapéu, também coberto de placas felpudas daquele musgo cinza-escuro, que crescera por toda a aba e também no vinco da copa. O chapéu não era exatamente o que usamos hoje, o uniforme mudou um pouco desde os anos 70, mas era um Stetson da PEP, sim. O chapéu grande. Não

voara porque alguém ou alguma coisa o havia pregado no chão com uma estaca de madeira cheia de farpas. Como se o assassino de Ennis Rafferty tivesse ficado com medo do intruso alienígena, mesmo depois de morto o intruso, e tivesse ficado uma estaca no artigo mais impressionante de sua roupa para ter certeza de que não se levantaria e ficaria zanzando de noite como um vampiro faminto.

Perto do chapéu, enferrujada e quase escondida pelo mato, estava sua arma. Não a Beretta automática que atualmente portamos, mas sim a Ruger. Do tipo que Charles Morgan usara. Ennis também usara a sua para se suicidar? Ou vira alguma coisa vindo e morreu atirando nela? A arma chegara a disparar?

Não havia como dizer, e antes que eu pudesse olhar melhor, Arky gritara para Steff pedindo socorro e eu fora puxado para trás de repente com Ned em meus braços feito um boneco grande. Não vi mais nada, mas pelo menos uma pergunta foi respondida. Eles tinham ido parar lá mesmo, tanto Ennis Rafferty quanto Brian Lippy.

Onde quer que fosse lá.

Levantei-me do banco e fui pela última vez ao galpão. E lá estava ele, azul-noite e não exatamente como devia estar, fazendo sombra como se fosse saudável. O óleo está bom, dissera a Bradley Roach o homem da capa preta, e sumira, deixando para trás aquele estranho cartão de visita de aço.

A certa altura, durante a última e desenxabida tempestade luminosa, o porta-malas tornara a se fechar. Havia uns 12 besouros mortos espalhados pelo chão. Nós os limparíamos amanhã. Não tinha sentido guardá-los, nem fotografá-los, nem nada disso. Já não nos dávamos a esse trabalho. Dois caras iriam queimá-los no incinerador dos fundos. Eu delegaria essa tarefa. Sentar na cadeira grande também envolve delegar tarefas e, no fim, a gente acaba gostando. Dar merda a este e doce ao outro. Eles podem reclamar? Não. Podem botar isso na guia de merda e entregar ao bispo? Sim. Pelo bem que isso faz.

— Vamos esperar mais que você — eu disse à coisa no galpão. — Podemos esperar.

Ela ficou só ali com seus pneus de banda branca e, bem lá dentro da minha cabeça, ouvi a pulsação murmurar: Talvez.

… e talvez não.

MAIS TARDE

Os obituários são recatados, não? É. A camisa sempre metida para dentro, a saia abaixo do joelho. Morreu inesperadamente. Poderia ser qualquer coisa desde infarto na latrina até apunhalado no quarto por um ladrão. Mas os tiras quase sempre sabem a verdade. Nem sempre a gente quer saber, especialmente quando é um dos nossos, mas sabe. Porque a maioria das vezes somos os primeiros a chegar, com nossas luzes vermelhas acesas e os walkie-talkies em nossos cintos emitindo um chiado que ao cidadão comum parece uma algaravia. Para a maioria das pessoas que morrem inesperadamente, somos as primeiras caras que seus olhos abertos não podem ver. Quando Tony Schoondist nos disse que ia se aposentar, lembro que pensei: Ótimo, que ótimo, ele já está ficando velho. Para não dizer meio lento de raciocínio. Agora, no ano de 2006, eu é que estou me preparando para pendurar as chuteiras e provavelmente alguns de meus colegas mais novos estão pensando a mesma coisa: ele está velho e meio devagar. Mas, basicamente, eu me sinto igualzinho a antes, cheio de energia, pronto para trabalhar dois turnos não importa quando. A maioria dos dias, quando reparo no cabelo grisalho que agora predomina sobre o preto e no quanto há de testa para baixo da nascente do cabelo, acho que é um equívoco, um erro administrativo que acabará sendo retificado quando for levado ao conhecimento das autoridades competentes. Acho impossível que um homem que ainda se sente totalmente com 25 anos possa ter tanta cara de 50. Depois vem um período ruim e sei que não é nenhum erro, só o tempo caminhando, com seu passo arrastado e triste. Mas terá havido momento pior do que ver Ned atrás do volante do Buick Roadmaster 8? Sim. Houve um.

Shirley estava de serviço quando entrou a ligação: um acidente na RE 32, perto do cruzamento com a Humboldt. Onde era o velho posto Jenny, em outras palavras. A cara de Shirley estava branca como cera quando ela apareceu na porta da minha sala.

—O que é? — perguntei. — O que houve com você?

—Sandy… o homem que ligou disse que o veículo era um Chevrolet

—antigo, vermelho e branco. Diz que o motorista morreu. — Engoliu em

—seco. — Ficou em pedaços. É o que disse.

Não liguei para essa parte, mas ligaria depois, quando tive que olhar para aquilo. Para ele.

—O Chevrolet… sabe o modelo?

—Não perguntei. Não deu, Sandy. — Seus olhos estavam rasos d'água. — Não me atrevi. Mas quantos Chevrolets vermelhos e brancos você acha que há no condado de Statler?

Fui para o local do acidente com Phil Candleton, rezando para que o Chevy acidentado fosse um Malibu ou um Biscayne, qualquer coisa menos um Bel Air, com placa personalizada MY 57. Mas era.

— Porra — disse Phil num tom de voz baixo, desanimado.

Ele batera na mureta da ponte de cimento sobre o riacho Redfern, a menos de cinco minutos a pé do local em que o Buick 8 aparecera e onde Curtis morrera. O Bel Air tinha cintos de segurança, mas ele estava sem. Também não havia marcas de derrapagem.

— Minha Nossa Senhora — disse Phil. — Isto não está certo.

Não estava certo e não era acidente. Embora, no obituário, onde as camisas são metidas para dentro das calças e as saias ficam discretamente abaixo do joelho, só constasse que ele morrera inesperadamente, o que era verdade. Se era.

A essa altura, os curiosos já haviam começado a aparecer, diminuindo a velocidade para olhar o que jazia de cara no chão na estreita passarela da ponte. Acho que um idiota chegou a fazer uma foto. Eu quis correr atrás dele e fazê-lo engolir sua maquininha descartável de merda.

— Ponha uns sinais de desvio — eu disse a Phil. — Você e Carl.

Desvie o tráfego pela estrada municipal. Vou cobri-lo. Cruzes, que horror! Meu Deus! Quem vai contar para a mãe dele?

Phil não olhava para mim. Nós dois sabíamos quem iria contar para a mãe dele. Mais tarde, fiz das tripas coração e me desincumbi da pior tarefa que a cadeira grande acarreta. Depois fui para o Country Way com Shirley, Huddie, Phil e George Stankowski. Eles, eu não sei, mas eu não perdi tempo; o velho Sandy foi logo enchendo a cara.

Só tenho duas lembranças claras daquela noite. A primeira é de tentar explicar a Shirley quão estranhas eram as jukeboxes do Country Way, como todas as canções eram exatamente aquelas em que você nunca mais tinha pensado até ver seus nomes de novo ali. Ela não entendeu.

Minha outra lembrança é de ir ao banheiro vomitar. Depois, enquanto jogava água fria na cara, me olhei num dos espelhos irregulares de aço. E tive certeza de que a cara de envelhecimento que vi ali me olhando não era erro nenhum. O erro era acreditar que o cara de 25 anos que parecia viver em meu cérebro era real.

Lembrei de Huddie gritando: Sandy, segure minha mão! Aí nós dois, Ned e eu, caímos no chão, a salvo com os outros. Pensando nisso, comecei a chorar.

Morreu inesperadamente, essa merda fica bem na County American, mas os tiras sabem a verdade. Limpamos as cagadas e sempre sabemos a verdade.

Todos os que não estavam de serviço foram ao enterro, claro. Ele foi um dos nossos. Quando terminou, George Stankowski levou em casa a mãe e as duas irmãs do falecido, e eu voltei para o quartel com Shirley. Perguntei se ela iria à recepção — o que um irlandês chamaria de velório, imagino — e ela fez que não com a cabeça.

— Odeio essas coisas.

Então fumamos um último cigarro lá fora no banco dos fumantes, olhando ociosamente o jovem agente que espiava o Buick. Ele estava com aquela postura de pernas abertas, aquela mesma postura casual que adotávamos quando olhávamos para dentro do galpão B. O século havia mudado, mas o resto continuava mais ou menos na mesma.

— Que injustiça — disse Shirley. — Um rapaz tão moço…

—

—Do que você está falando? — perguntei-lhe. — Eddie J tinha

—quarenta e tantos anos, pelo amor de Deus… talvez 50. Acho que as irmãs

—dele já são sessentonas. A mãe tem quase 80!

—Você sabe do que estou falando. Ele era muito moço para isso.

—George Morgan também — retruquei.

—Foi o…? — E indicou com a cabeça o galpão B.

—Acho que não. Foi a vida que levava. Ele se esforçou de verdade para parar de beber. Isso foi logo depois que comprou de Ned o Bel Air velho de Curt. Eddie sempre gostara daquele carro, sabe, e não dava para Ned tê-lo na Pitt, pelo menos no primeiro ano. Teria ficado parado na entrada da garagem da casa dele…

—…e Ned precisava do dinheiro.

—Sem pai para ajudar em casa e indo para a faculdade? Precisava de cada tostão. Então, quando Eddie lhe perguntou, ele respondeu logo que sim. Eddie pagou 3.500 dólares…

—Três mil e duzentos — disse Shirley com a segurança de que sabe mesmo.

—Três e duzentos, três e quinhentos, o que for. A questão é que, na minha opinião, Eddie via a compra como uma nova página que ele devia virar. Parou de ir ao Tap e começou a frequentar as reuniões dos AA. Foi a parte boa. Para Eddie, a parte boa durou quase dois anos.

Do outro lado do estacionamento, o agente que estivera olhando para dentro do galpão B virou-se, nos viu e veio andando em nossa direção. Senti uma comichão nos braços. De uniforme cinza, o garoto — que na verdade já não era

mais garoto — era impressionantemente igual a seu falecido pai. Isso não tem nada de extraordinário, suponho. É simples genética, uma correspondência que está no sangue. O que a tornava sinistra era o chapéu grande. Ele o segurava, girando-o sem parar.

— Eddie teve a recaída na época em que aquele ali decidiu que não era feito para a universidade — disse eu.

Ned Wilcox largou a Pitt e voltou para Statler. Durante um ano, fez o trabalho de Arky, que já havia se aposentado e voltado para Michigan, onde todo mundo sem dúvida falava como ele (uma ideia assustadora). Ao completar 21 anos, Ned se inscreveu e fez as provas. Agora, aos 22, lá estava ele. Oi, novato.

No meio do estacionamento, o filho de Curt parou e olhou de novo para o galpão, ainda girando o Stetson nas mãos.

— Ele tem boa-pinta, não? — murmurou Shirley.

Fiz aquela minha cara de sargento — meio desligado e meio desdenhoso.

— Relativamente em ordem. Shirley, sabe o quanto a mãe dele estrilou quando descobriu o que ele tinha em mente?

Shirley riu e apagou o cigarro.

—Estrilou mais quando descobriu que ele estava com a ideia de vender o Bel Air do pai para Eddie Jacubois, pelo menos foi o que Ned me contou. Ora, Sandy, ela já devia saber que isso ia acontecer. Devia. Foi casada com um, pombas. E provavelmente sabia que o lugar dele era aqui. Eddie, por outro lado, qual era o lugar dele? Por que não conseguia parar de beber? De vez?

—É a eterna pergunta — disse eu. — Dizem que é uma doença, como câncer e diabetes. Talvez seja mesmo.

Eddie começara a chegar ao trabalho com bafo de álcool, e ninguém lhe deu cobertura por muito tempo; a situação era seriíssima. Quando se negou a se tratar e tirar quatro semanas de licença, para se internar no centro de reabilitação recomendado pela PEP a seus agentes atingidos pelo problema, pôde optar: desligar-se sem alarde ou ser demitido com alarde. Eddie se desligara, com metade da aposentadoria que teria recebido se tivesse conseguido se aguentar no emprego por mais três anos — no fim, os benefícios se acumulam mesmo. E eu não entendia esse desfecho mais do que Shirley — por que ele não parará? Com esse tipo de incentivo, por que não dissera: Passo três anos com sede, aí penduro as chuteiras e tomo um banho de álcool? Eu não sabia.

O Tap de fato virou o segundo lar de Eddie. Isto é, junto com o Bel Air. Ele o manteve polido por fora e imaculadamente limpo por dentro até o dia em que bateu na mureta de uma ponte perto do riacho Redfern a uns 130 por hora. Tinha carradas de razão para fazer isso — não era feliz —, mas tive que me

perguntar se não havia razões mais próximas. Tive que me perguntar especificamente se, no final, ele ouvira aquela pulsação, aquele murmúrio de maré que é como uma voz no meio da cabeça.

Faça isso, sim, Eddie, vá em frente, por que não? Não resta muita coisa, certo? O que resta está bastante desgastado. Basta pisar um pouco mais fundo no acelerador e dar uma guinada para a direita. Mande brasa. Faça uma travessurazinha para seus colegas limparem.

Lembrei-me da noite em que estávamos sentados neste mesmo banco, quando o rapaz para quem eu olhava tinha quatro anos menos e ouvia embevecido Eddie contar sobre a ocasião em que parará a picape de Brian Lippy. O garoto ouvia Eddie contar sobre quando tentaram convencer a namorada de Lippy a tomar uma atitude, antes que o namorado a deixasse irreconhecível ou até a matasse. Eddie acabou não rindo por último, claro. Que eu saiba, a garota da cara ensanguentada é a única daquele quarteto do acostamento que ainda está viva. É, ela anda por aí. Eu já não saio muito para patrulhar, mas o nome e a foto dela às vezes aparecem na minha mesa, e cada foto está mais próxima da bruxa de nariz quebrado e bafo de cerveja que dá por um maço de cigarros que ela vai se tornar se não acontecer um milagre. Tinha um monte de antecedentes por dirigir embriagada, uma entrada no hospital com fratura de braço e quadril após uma queda na escada. Imagino que alguém parecido com Brian Lippy deve lhe ter dado uma ajuda nessa escada, não acha? Porque elas sempre escolhem gente da mesma laia. Ela tem dois ou três filhos que precisou entregar para alguém criar. Portanto, sim, ela anda por aí, mas vive? Se responder que sim, tenho de lhe dizer que talvez George Morgan e Eddie J tomaram a decisão certa.

—Vou me mandar — disse Shirley, levantando-se. — Não aguento mais brincadeira por hoje. Você está bem?

—Estou — respondi.

—Ei, ele voltou naquela noite, não? É um fato.

Ela não precisava ser mais específica. Fiz que sim com a cabeça, sorrindo.

— Eddie era um bom sujeito — disse Shirley. — Talvez não conseguisse largar a bebida sozinho, mas não havia ninguém melhor do que ele.

Não, pensei, vendo-a ir ao encontro de Ned e os dois conversarem um pouco. Acho que você é ainda melhor do que ele, Shirl.

Ela deu um beijinho no rosto de Ned. Apoiou a mão em seu ombro e ficou na ponta dos pés para fazer isso. Depois, foi para o seu carro. Ned veio até onde eu estava.

—

—Você está bem? — perguntou.

—Estou ótimo.

—E o enterro...?

—Ora, porra, foi um enterro. Já vi melhores e piores. Ainda bem

—que o caixão estava fechado.

—Sandy, posso lhe mostrar uma coisa? Ali? — Indicou o galpão B

—com um gesto de cabeça.

—Claro — levantei-me. — A temperatura está caindo?

Se estivesse, era novidade. Há dois anos a temperatura interna não baixava mais de três graus em relação à externa. Dezesseis meses desde o último espetáculo luminoso, que, por sua vez, não passara de oito ou nove lampejos desmaiados.

—Não — disse ele.

—A mala está aberta?

—Fechada como um tambor.

—Então o quê?

—Vou lhe mostrar.

Lancei-lhe um olhar penetrante, saindo pela primeira vez de meus pensamentos para poder registrar quão excitado ele estava. Então, com sentimentos decididamente divididos — sendo curiosidade e apreensão os predominantes, suponho —, atravessei o estacionamento com o filho de meu velho amigo. Ele assumiu aquela sua pose de observador diante de uma janela e eu a minha ao lado.

A princípio, não vi nada de anormal; o Buick encontrava-se estacionado no chão de concreto como se encontrava há mais ou menos um quarto de século. Não havia luzes piscando nem exibições exóticas. O ponteiro vermelho do termômetro mantinha-se na marca trivial dos 23 graus.

— Então? — perguntei.

Ned riu, encantado.

—Está aí na sua cara e você não vê! Perfeito! A princípio, eu também não vi. Sabia que alguma coisa tinha mudado, mas não podia dizer o quê.

—Do que está falando?

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Não senhor, sargento, não senhor. Nada disso. O chefe é você; também é o único tira dos três daquela época que ainda está aqui. Está na sua frente, então

procure.

Tornei a olhar para dentro, primeiro apertando os olhos, depois pondo uma das mãos de cada lado do rosto para tirar o reflexo, aquele velho gesto. Ajudou, mas o que eu estava vendo? Alguma coisa, sim, ele tinha razão sobre isso, mas o quê? O que mudara?

Lembrei-me daquela noite no Country Way, passando para trás e para a frente as páginas da jukebox que não funcionava, tentando separar a pergunta mais importante, que foi a que Ned decidira não fazer. Ela quase viera, depois tornara a fugir timidamente. Quando isso acontecia, não adiantava insistir. Eu era dessa opinião antes e agora também.

Portanto, em vez de continuar examinando o 8 com meu olhar de tira, desfoquei a visão e deixei a mente passear. Obviamente, ela foi para os títulos de músicas antigas, aquelas que parece que nem as emissoras especializadas na hora da saudade tocam, uma vez passada a breve temporada de sua popularidade. Society's Child e Pictures of Matchstick Men e Quick Joey Small e...

... e caiu a ficha, lá estava. Como ele dissera, estava bem na minha frente. Por um momento, me faltou ar.

Havia uma rachadura no para-brisa.

Um fino raio prateado cortando em ziguezague de cima a baixo o vidro do lado do motorista.

Ned bateu em meu ombro.

— Pronto, Sherlock, eu sabia que você chegaria lá. Afinal de contas, está bem aí na sua cara.

Virei-me para ele, comecei a falar, e tornei a virar para me certificar de que havia visto o que imaginara ter visto. Havia. A rachadura parecia a trajetória congelada de uma gota de mercúrio.

—Quando aconteceu? — perguntei-lhe. — Sabe?

—Mais ou menos a cada 48 horas tiro uma foto polaroide — disse. — Vou ver para me certificar, mas aposto o que você quiser que na última foto que tirei não aparecia nenhuma rachadura. Então, isso aconteceu entre a noite de quarta-feira e a tarde de sexta às... — Olhou o relógio, e me abriu um sorriso. — Às quatro e quinze.

—

—Pode até ter acontecido durante o enterro de Eddie — eu disse.

—É, pode.

Ficamos olhando para dentro mais um pouco, calados. Então Ned disse:

—Li o poema que você mencionou. The Wonderful One-Hoss Shay.

—Leu?

— Hã-hã. É ótimo. Bem engraçado.

Afastei-me da janela e olhei para ele.

— Agora vai acontecer depressa, como no poema — disse ele. — A próxima coisa vai ser um pneu furar… ou cair o silencioso… ou alguma peça de cromo. Sabe quando está ao lado de um lago gelado em março ou no início de abril e ouve o gelo rachar?

Fiz que sim com a cabeça.

— Vai ser assim.

Seus olhos estavam acesos, e me ocorreu uma ideia curiosa: era a primeira vez que eu via Ned Wilcox feliz de verdade, desde que seu pai morrera.

—Você acha?

—Acho. Só que o barulho, em vez de gelo quebrando, será de raios e vidro rachando. Os tiras farão fila nessas janelas como fizeram nos velhos tempos… mas desta vez será para ver coisas entortarem e quebrarem, e se soltarem e caírem. Até o carro se desmantelar todo. Eles vão se perguntar se não vai haver mais um lampejo final, como a flor chinesa no final de um espetáculo de fogos de artifício no Quatro de Julho.

—Acha que vai?

—Acho que os fogos de artifício acabaram. Acho que vamos ouvir um último estrondo metálico e aí as peças podem ser levadas para ser prensadas em sucata.

—Tem certeza?

—Ora — disse ele, e sorriu. — Certeza não se pode ter. Aprendi isso com você e Shirley e Phil e Arky e Huddie. — Fez uma pausa. — E Eddie J. Mas vou ficar de olho. E mais cedo ou mais tarde… — Ele levantou a mão, olhou-a, cerrou o punho e voltou para a janela. — Mais cedo ou mais tarde.

Tornei a virar para a minha janela, pondo uma das mãos de cada lado do rosto para tirar o reflexo. Olhei para a coisa que parecia um Buick Roadmaster 8. O garoto estava absolutamente certo.

Mais cedo ou mais tarde.

Bangor, Maine
Boston, Massachusetts
Naples, Flórida
Lovell, Maine

Osprey, Flórida
3 de abril de 1999 — 20 de março de 2002.

Nota do autor

De vez em quando, caem ideias no meu colo — suponho que isso aconteça com todo escritor —, mas, com O Buick 8, foi o inverso, de uma forma que quase chega a ser cômica: eu é que caí em cima de uma ideia. Isso é digno de nota, acho eu.

Minha mulher e eu passamos o inverno de 1999 em Longboat Key, na Flórida, onde arrematei o esboço final de uma novela (The Girl Who Loved Tom Gordori) e não escrevi quase mais nada de interessante. Nem tinha planos de escrever na primavera daquele ano.

No final de março, Tabby voltou de avião da Flórida para o Maine. Eu fui de carro. Odeio andar de avião, adoro dirigir, e, além do mais, eu tinha um caminhão de móveis, livros, guitarras, componentes de computador, roupas e papéis para transportar. No segundo ou terceiro dia de viagem, eu estava no oeste da Pensilvânia. Precisava abastecer o carro e deixei a auto-estrada numa saída rural. Perto do acesso, encontrei um posto Conoco. Havia um frentista de verdade que realmente abastecia o tanque. Até me deu uns dedos de prosa sofrivelmente agradável sem cobrar mais.

Deixei-o fazendo o serviço dele e fui ao banheiro fazer o meu. Quando terminei, dei a volta pelos fundos do posto. Ali encontrei um barranco bastante abrupto cheio de peças de automóvel e um riacho agitado embaixo. Havia ainda uma boa quantidade de neve no chão, em faixas e placas sujas. Desci um pouco o barranco para ver melhor a água e escorreguei. Deslizei uns três metros antes de agarrar uma peça qualquer enferrujada e conseguir parar. Se não conseguisse, poderia ter acabado dentro d'água. E aí? Tudo pode acontecer, como se diz.

Paguei ao frentista (ao que me conste, ele não soube do meu percalço) e voltei para a auto-estrada. Dirigi pensando na escorregadela, pergun-tando-me o que teria acontecido se eu tivesse ido parar no riacho (que, com todo aquele caudal de primavera, era, pelo menos temporariamente, um rio). Quanto tempo meu caminhão de móveis da Flórida e nossas roupas coloridas poderia ter passado junto às bombas antes que o frentista ficasse nervoso? Quem ele teria chamado? Quanto tempo depois teriam me achado se eu tivesse me afogado?

Esse pequeno incidente aconteceu por volta das dez da manhã. À tarde, eu estava em Nova York. E a essa altura, eu já tinha bem esboçada na cabeça a história que você acabou de ler. Já disse em meu livro sobre o ofício de escrever que os primeiros esboços são apenas sobre a trama; se há um significado, deve vir depois, e brotar naturalmente da própria narrativa. Esta história tornou-se — suponho — uma meditação sobre o que os acontecimentos da vida têm de essencialmente indecifrável, e como é impossível encontrar neles um significado coerente. A primeira versão foi escrita em dois meses. Então, percebi que criara para mim mesmo uma série de problemas escrevendo sobre duas coisas sobre as quais eu nada sabia: o oeste da Pensilvânia e a Polícia Estadual da Pensilvânia.

Antes de abordar qualquer dessas preocupações, sofri meu próprio acidente de carro e minha vida mudou radicalmente. De fato, tive a sorte de sair do verão de 1999 com vida. Passou-se mais de um ano sem eu sequer pensar nesta história, quanto mais trabalhar nela.

A coincidência de ter escrito um livro cheio de sinistros acidentes automobilísticos antes de sofrer o meu não me passara despercebida, mas tentei não lhe dar muita importância. Certamente não acho que haja nada de premonitório nas semelhanças entre o que acontece com Curtis Wilcox em O Buick 8 e o que me aconteceu na vida real (primeiro, porque sobrevivi). Posso afirmar em primeira mão, porém, que minha imaginação criou quase tudo: como Curtis, perdi as moedas e o relógio. O boné que eu usava depois foi encontrado na mata, pelo menos a uns 20 metros do ponto de impacto. Mas não mudei nada no curso de minha história para refletir o que me aconteceu; quase tudo que eu queria já estava na primeira versão completa. A imaginação é uma arma poderosa.

Nunca me passou pela cabeça trazer para o Maine a ação de O Buick 8, embora o Maine seja o lugar que eu mais conheça (e ame). Parei num posto na Pensilvânia, caí sentado na Pensilvânia, tive a ideia na Pensilvânia. Achei que a narrativa resultante deveria ficar na Pensilvânia, apesar dos inconvenientes que isso apresentava. Não que também não houvesse recompensas. Primeiro, acabei situando minha cidade ficcional de Statler perto de Rocksburg, a cidade que serve de cenário para o brilhante seriado de K. C. Constantine sobre o chefe de polícia de cidadezinha de interior Mario Balzic. Se nunca leu nenhuma dessas histórias, você deveria fazer esse favor a si mesmo. As histórias do chefe Balzic e sua família são como A família Soprano virado do avesso e são contadas do ponto de vista da polícia. O oeste da Pensilvânia também é a terra dos amish, cujo estilo de vida eu queria explorar um pouco mais a fundo.

Este livro nunca poderia ter sido terminado sem a ajuda do policial Lucien Southard da Polícia Estadual da Pensilvânia. Lou leu o manuscrito, conseguiu não rir demais de suas muitas barbaridades e escreveu-me oito páginas de notas e correções que não fariam feio em nenhum manual para escritores (em primeiro lugar, o agente Southard foi ensinado a escrever em letra de fôrma grande e bem legível). Levou-me a vários quartéis da PEP, apresentou-me a três agentes de comunicações que tiveram a amabi-lidade de me mostrar o que fazem e como (para começar, investigaram a placa da minha picape Dodge — é um alívio dizer que saiu limpa, sem mandado de apreensão), e demonstrou todo tipo de equipamento da polícia estadual. O mais informativo e mais paciente desses agentes de comunicação foi Theresa M. Maker — obrigado, Theresa, por sua gentileza.

Mais importante ainda, Lou e alguns colegas seus me levaram para almoçar num restaurante da região amish, onde comemos sanduíches gigantescos e tomamos jarras de chá gelado. Eles me regalaram com uma hora de histórias sobre a vida de guarda estadual. Algumas delas eram engraçadas, outras, horríveis, e outras ainda conseguiam ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Nem todas entraram no Buick 8, mas algumas, sim, sob uma forma convenientemente ficcional. Tratavam-me como amigo, e não andavam muito depressa, o que achei bom. Na época, eu ainda saltitava apoiado numa muleta.

Obrigado, Lou — e obrigado a todos os policiais do quartel Butler —, por me ajudarem a manter na Pensilvânia meu livro da Pensilvânia. Muito mais importante ainda, obrigado por me ajudarem a entender exatamente o que fazem os guardas estaduais, e o preço que pagam para fazê-lo bem.

Susan Moldow e Nan Graham, a Dupla Dinâmica da Scribner, não me deixariam encerrar esta nota sem mencionar que algumas — hum! — liberdades foram tomadas com o Buick da capa do livro {5}. Os GM-ófilos provavelmente vão notar que esse modelo Oito é muitos anos mais velho que o Buick da história. Perguntaram-me se essa pequena traição me incomodou, e respondi que absolutamente não. O que me incomoda, especialmente quando é tarde e não consigo dormir, é aquela grade igual a uma boca desdenhosa. Quase parece pronta para engolir alguém, não? Talvez eu. Ou você, meu caro Leitor Fiel.

Talvez você.

Stephen King, 29 de maio de 2002

STEPHEN KING é um dos autores de maior sucesso em todo o mundo. Seus livros são publicados e admirados em mais de 40 países. Ele vive em Bangor, no Maine, com sua esposa, a romancista Tabitha King.

Versão ePub: AZ

[1] Cachorro-xerife, personagem de desenho animado. (N. da T.)

[2] A canção de Bob Dylan chama-se From a Buick 6 (N. do E.)

[3] Trocadilho com a pronúncia do nome Jacubois: Jack you boys, que poderia significar Vou comer vocês, garotos. (N. da T.)

[4] Menção ao poema americano The Wonderful One-Hoss Shay, de Oliver Wendell Holmes. (N. do E.)

[5] Referência à capa americana (N. do E.)